



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL  
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

MARCIA CRISTINA HERNÁNDEZ BRIONES

**“EL OLVIDO ESTÁ LLENO DE MEMORIA”  
ESTUDO DE CASO DO SÍTIO DE CONSCIÊNCIA  
VILLA GRIMALDI COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO:  
A DIDÁTICA DOS DIREITOS HUMANOS  
E A CULTURA DA MEMÓRIA**

Prof. Dr. Jacques Alkalai Wainberg  
Orientador

Porto Alegre  
2015

MARCIA CRISTINA HERNÁNDEZ BRIONES

**“EL OLVIDO ESTÁ LLENO DE MEMORIA”  
ESTUDO DE CASO DO SÍTIO DE CONSCIÊNCIA VILLA GRIMALDI  
COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO: A DIDÁTICA DOS DIREITOS HUMANOS  
E A CULTURA DA MEMÓRIA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação Social (Linha de pesquisa: práticas profissionais e processos sociopolíticos nas mídias e na comunicação das organizações), do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Orientador: Prof. Dr. Jacques Alkalai Wainberg

Porto Alegre  
2015

H557o Hernández Briones, Marcia Cristina  
"El olvido esta lleno de memoria" estudo de caso do sitio de  
consciência Villa Grimaldi como meio de comunicação: a didática  
dos direitos humanos e a cultura da memória / Marcia Cristina  
Hernández Briones. – Porto Alegre, 2015.  
250 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Comunicação Social,  
PUCRS.  
Orientação: Prof. Dr. Jacques Alkalai Wainberg

1. Comunicação Social. 2. Direitos Humanos. 3 Memória. I.  
Wainberg, Jacques Alkalai . II. Título.

CDD 301.2

Ficha Catalográfica elaborada por  
Sabrina Vicari  
CRB 10/1594

MARCIA CRISTINA HERNÁNDEZ BRIONES

**“EL OLVIDO ESTÁ LLENO DE MEMORIA”  
ESTUDO DE CASO DO SÍTIO DE CONSCIÊNCIA VILLA GRIMALDI  
COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO: A DIDÁTICA DOS DIREITOS HUMANOS  
E A CULTURA DA MEMÓRIA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação Social (Linha de pesquisa: práticas profissionais e processos sociopolíticos nas mídias e na comunicação das organizações), do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Aprovada em 29 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

---

Orientador: Prof. Dr. Jacques Alkalai Wainberg (PPGCOM-PUCRS)

---

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva (PPGCOM-PUCRS)

---

Prof. Dr. José Carlos Moreira da Silva Filho (PPGCC-PUCRS)

*Dedicado a mis sobrinos  
Leonardo, Pedro Enrique,  
Helena Carolina e Maria Eduarda.*

## AGRADECIMENTOS

Os dois anos intensos de estudo não teriam proporcionado tanto fortalecimento e conhecimento sem a presença de alguns. Primeiramente, agradeço aos amigos e colegas que motivaram cada passo durante o mestrado e sempre estiveram presentes nas discussões, trocas de ideias, nos momentos de dificuldades e surto coletivo: Ale Zadinello, Fê Nascimento, Jana Gamba, Jeff Kozenieski, Keila Reis, Lê Castilhos, Pati Strelow, Rica Cunha, e aos integrantes do GEISC - Grupo de Estudos sobre Imaginário, Sociedade e Cultura, em especial à amiga Camila Kieling. Aos colegas do Programa de Pós-graduação em História, com destaque aos amigos Dani Garces, Alexandre Barcelos e Saul Estevam: obrigada por me receberem tão bem e pelos proveitosos momentos de discussões!

Agradeço aos meus pais, Jaime e Isabel, que me proporcionam há 32 anos momentos diários de aprendizado. Se por algum motivo vocês sentem orgulho da filha que sou, é porque cresci tendo orgulho dos pais que tenho. À minha família do Brasil: Claudio, por ser um importante aliado ao conversar sobre as realidades no mundo, em especial sobre o Chile, e também ao Roberto, Simone, Doris e Davi: sem os questionamentos de vocês, não observaria com tanta veemência os contrastes na sociedade e não teria feito a mim certas indagações sobre as minhas crenças e ideologias, que ajudaram a compor esta dissertação. Meu carinho e gratidão!

Agradeço a toda minha família chilena, *abuela*, primos, tios, em especial ao Tio Jaime, pela companhia constante, e às minhas tias: Mónica, Cristina e Eliana, por todo o exemplo, apoio, amor e carinho que recebo mesmo à distância.

A todos os amigos que compreenderam a ausência e vibraram com cada vitória. É impossível citar a todos, mas registro aqui: Aline Pirosprou, Ana Neri Nascimento, Daniel Laguna, Diego Martinelli, Djalma Melo, Elba Abreu, Fabi Altíssimo, Gabi Tachini, Ju Patrucco, Juliana Rosinha, Letícia Cardoso, Letícia Flores, Marden Müller, Mariana Spader, Renata Matos e Roberta Grudzinski. Cada pequeno encontro com vocês, cada conversa, carregou toda a energia necessária para seguir adiante. Ao Zé Parra Palumbo, pelas conversas norteadoras do *Quai* à lancharia da PUCSP. À Yathy Ferreira, pela amizade incondicional que não conhece fronteiras, mas conhece gratidão, orgulho, apoio e fraternidade. A amizade de todos vocês me fortaleceu em cada momento desta construção.

Minha gratidão aos professores que admiro e foram essenciais na minha formação como mestre: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Núncia Santoro de Constantino (*In memoriam*), Prof. Dr. Helder Gordim da Silveira, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Peixoto de Moura, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Carolina Escosteguy, Prof. Dr. Antônio Hohlfeldt, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dóris Fagundes Haussen e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leda Lísia Franciosi Portal.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Virginia Ávila, pelas importantes contribuições e participação fundamental na minha banca de qualificação. À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cleusa Scroferneker, que sempre me acompanhou e incentivou, desde a graduação. Ao Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, pelo apoio no tema por mim escolhido e avaliação nas bancas deste mestrado. Ao Prof. Dr. José Carlos Moreira da Silva Filho, pelo exemplo sobre o fortalecimento da memória, inspiração na luta pelos direitos humanos e participação na banca de defesa desta dissertação.

Agradeço especialmente ao meu orientador, Prof. Dr. Jacques Alkalai Wainberg, por ter acreditado no meu potencial, alegrar-se com cada pequena vitória durante esta caminhada, impulsionar o meu crescimento individual como pesquisadora e pelas (des) orientações, sempre produtivas, que renderam a descoberta de muitas hipóteses e problemas de pesquisa. Além de ter recebido orientações para o mestrado, tive o privilégio de receber como bônus orientações para a vida. Não foi fácil, mas a bagagem que levo com teus ensinamentos compensa tudo. Minha eterna amizade.

Esta pesquisa foi possível graças ao forte apoio da minha família no Chile, em especial aos meus primos Ceci, Pipe e Martín Hernández, que foram incríveis em todos os momentos da minha estada no país. Em quase um mês de pesquisa de campo não poderia ter uma recepção melhor que a que tive. Agradeço imensamente a todos os *compañeros y compañeras* da Villa Grimaldi: Agustina, Anahí, Ana Isabel, Bárbara, Carola, Daniel, Felipe, Juan, Karen, Lucho, Maeva, Miguel, Patty Allende, Patty Pérez, Roberto e Omar. Sem o apoio de vocês este trabalho não seria o mesmo. Aproveito para agradecer à Kátia Felipini Neves, coordenadora do Memorial da Resistência de São Paulo, que me apoiou desde meu primeiro olhar para os memoriais como objeto de pesquisa.

Meu muito obrigada à equipe do PPGCOM e da FAMECOS. À CAPES e ao governo federal brasileiro pela bolsa de estudos, sem a qual esta pós-graduação não seria realizada. Espero que este incentivo chegue ao máximo de pessoas, que possam ter a oportunidade de amadurecer, estudar, ensinar e melhorar este mundo.

*La memoria del corazón elimina  
los malos recuerdos y magnifica  
los buenos, y gracias a ese artificio,  
logramos sobrellevar el pasado.*

*Gabriel García Márquez*



## RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo realizar um estudo de recepção do sítio de consciência *Corporación Parque por la paz Villa Grimaldi*. Este lugar de memória é tratado nesta investigação como um meio de comunicação, já que se propõe não só a informar como a educar as novas gerações sobre os crimes contra a humanidade ocorridos em consequência do golpe militar do Chile. O principal problema de pesquisa é compreender como este sítio de consciência é utilizado pelos contemporâneos como meio de comunicação e como ele funciona em favor da educação dos direitos humanos. Seu objeto é construído na interface de vários temas, mas principalmente o tratamento da memória e a didática dos direitos humanos. Este estudo visa analisar a recepção de 30 visitantes à Villa Grimaldi através de entrevistas semiestruturadas. As tabelas e quadros comparativos que resultam da formatação do *display* dos materiais e das respostas dadas pelos visitantes ao nosso questionário permitem a oferta de uma tipologia de categorias de conteúdos, tomando por base a metodologia de Análise Textual Discursiva (MORAES, 2011). O trabalho descreve o conceito de sítio de consciência (valendo-se de outros exemplos como suporte), a pedagogia do memorial e os recursos humanos e tecnológicos utilizados (por entender-se que servem de suporte para o presente estudo de caso), bem como o formato do memorial – como um lugar apto a divulgar mensagens que possam ser decodificadas pelos receptores/visitantes. Serão consideradas teorias que endossam a ideia do sítio de consciência como meio de comunicação. Entre elas, o situacionismo (interacionismo simbólico) e a Teoria do Meio, como proposto por Joshua Meyrowitz. Autores como Andreas Huyssen (2007, 2000, 1997), Marshall McLuhan (1964), Tunbridge & Ashworth (1996), Maurice Halbwachs (1950) e Pierre Nora (2011) serão considerados, entre outros. A união de ambos referenciais contempla os tópicos abordados pelos espaços de memória, e permite um estudo de caso com a finalidade de notar o sítio de consciência como meio de comunicação.

**Palavras-chave:** Sítios de Consciência. Comunicação. Villa Grimaldi. Direitos Humanos. Memória.

## ABSTRACT

The present thesis aims to develop a reception theory of the site of conscience *Corporación Parque por la paz Villa Grimaldi*. This place of memory is approached here as a mean of communication, since it intends not only to inform but also educate new generations about crimes against humanity that occurred due to Chile's military coup. The main research problem is understanding how this site of conscience is used today as a mean of communication and how it works in favor of human rights education. The object is built on the interface of many subjects, but specially the treatment of memory and didactics of human rights. Its purpose is to analyze the reception of 30 visitors to Villa Grimaldi, through semistructured interviews. Charts and comparative tables resulting from the display formatting of materials and answers given by the visitors allow the offering of a typology of contents categories, based on the methodology of Discursive Textual Analysis (MORAES, 2011). The paper describes the memorial pedagogy and human and technological resources used (for it sees them as support for the present case study), as well as the memorial format – as a place able to spread messages that could be decoded by receptors/visitors. Theories emphasizing the idea of sites of conscience as means of communication will be considered. Among them, situationism (symbolic interactionism) and the Medium Theory, as stated by Joshua Meyrowitz. Authors such as Andreas Huyssen (2007, 2000, 1997), Marshall McLuhan (1964), Tunbridge & Ashworth (1996), Maurice Halbwachs (1950) and Pierre Nora (2011) will be approached, among others. The joining of both referentials contemplate topics brought up by spaces of memory and it allows a case study with the purpose of recognizing a site of conscience as a mean of communication.

**Keywords:** Sites of conscience. Communication. Villa Grimaldi. Human Rights. Memory.

## RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo realizar un estudio de recepción del sitio de conciencia Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi. Este lugar de memoria es tratado en este estudio como un medio de comunicación, ya que propone no solamente a informar pero a educar a las nuevas generaciones sobre los crímenes contra la humanidad que se produjeron como consecuencia del golpe militar en Chile. El problema principal de la investigación es entender cómo este "sitio de conciencia" es utilizado por los contemporáneos como medio de comunicación y la forma en que trabaja a favor de la educación en derechos humanos. Su objetivo se basa en la interfaz de varios temas, pero sobre todo el tratamiento de la memoria y la enseñanza de los derechos humanos. Su busca es analizar la recepción de 30 visitantes de la Villa Grimaldi a través de entrevistas semi-estructuradas. Las tablas y cuadros comparativos que resultan del formato de visualización de los materiales y las respuestas dadas por los visitantes a nuestro cuestionario permite la provisión de una tipología de categorías de contenido que construyen en la metodología del Análisis Textual Discursiva (MORAES, 2011). El trabajo también describe la pedagogía del memorial y los recursos humanos y tecnológicos utilizados (por comprender que ellos sirven como soporte para el estudio del caso), así como el formato del memorial - como un lugar apto a difundir mensajes que pueden ser decodificados por los receptores / los visitantes. Serán consideradas teorías que respalden la idea de "sitio de conciencia" como un medio de comunicación. Entre ellas, el *Situacionismo* (interacción simbólica) y la Teoría del Medio, según lo propuesto por Joshua Meyrowitz. Autores como Andreas Huyssen (2007, 2000, 1997), Marshall McLuhan (1964) Maurice Halbwachs (1950), Michel Pollak (1992, 1989), Paul Ricoeur (2000) y Pierre Nora (2011), se tendrán en cuenta, entre otros. La unión de ambas referencias cubre los temas tratados por los espacios de memoria, y permite un estudio de caso con el fin de observar el sitio de la conciencia como un medio de comunicación.

**Palabras clave:** Sitios de Conciencia. Comunicación. Villa Grimaldi. Derechos Humanos. Memoria.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Celas no Memorial da Resistência .....	27
Figura 2 – Linha do tempo no Memorial da Resistência. ....	27
Figura 3 – <i>Terror Háza Múzeum</i> .....	28
Figura 4 – O soldado desconhecido .....	33
Figura 5 – <i>Homenaje a la compañera desconocida</i> . ....	34
Figura 6 – Setor multimedia .....	37
Figura 7 – <i>6 milliards d'autres</i> .....	38
Figura 8 – <i>Memorial de víctimas de la ditadura</i> - MMDH. ....	39
Figura 9 – Mausoléu de Victor Jara.....	40
Figura 10 – <i>Memorial del Detenido Desaparecido y del Ejecutado Político</i> .....	41
Figura 11 – <i>Memorial to the Murdered Jews of Europe</i> .....	42
Figura 12 – <i>Imperial War Museum e The Holocaust Exhibition</i> .....	43
Figura 13 – <i>Casa Museo La Chascona</i> .....	44
Figura 14 – <i>Campo de Prisioneros Chacabuco</i> .....	45
Figura 15 – Entrada para o acampamento dos presos antes / atual .....	46
Figura 16 – Arquibancadas do <i>Estadio Nacional</i> .....	47
Figura 17 – Plano do primeiro andar de Londres 38 .....	49
Figura 18 – Paralelepípedos com velas em homenagem no 11 de setembro.....	50
Figura 19 – <i>The Hall of Remembrance</i> - Timothy Hursley .....	51
Figura 20 – <i>The Women's Group</i> de Willi Lammert, 1996.....	52
Figura 21 – Os Pilares da Constituição .....	53
Figura 22 – Identificação das árvores mantidas até o momento .....	56
Figura 23 – Ombú com 150 anos. ....	57
Figura 24 – Extrato de venda da Villa Grimaldi a Manuel Contreras.....	58
Figura 25 – Las “Casas Corvi” - Reconstrução .....	60
Figura 26 – Las “Casas Corvi” – Ilustração realizada por ex-detido e detalhe da abertura.....	61
Figura 27 – Las “Casas Corvi” - Interior .....	61
Figura 28 – La Torre – Reconstrução.....	62
Figura 29 – La Torre – Ilustrações realizadas por ex-detido. ....	62
Figura 30 – Las “Casas Chile” .....	63
Figura 31 – Placa Antigo estacionamento .....	64
Figura 32 – Placa Celas para mulheres detidas.....	65
Figura 33 – Placa <i>Sala de tortura</i> .....	67
Figura 34 – Placa <i>Lugar de torturas</i> .....	68
Figura 35 – Placa <i>Nunca más</i> . ....	70
Figura 36 – Recuperação (detalhe do portão principal) .....	72
Figura 37 – Padre José Aldunate na recuperação de Villa Grimaldi .....	73
Figura 38 – Portão fechado definitivamente em 22 de março de 1997 .....	73
Figura 39 – Fachada <i>Parque por la Paz Villa Grimaldi</i> .....	74
Figura 40 – Essência do projeto: um lugar marcado .....	75
Figura 41 – Fonte central. ....	75
Figura 42 – Escultura com escombros da Villa .....	76
Figura 43 – Placa escultura antigo acesso.....	77
Figura 44 – Mapa Aéreo Parque por la Paz Villa Grimaldi. ....	78
Figura 45 – Placa indicativa entrada .....	79
Figura 46 – Placa monumento nacional .....	80

Figura 47 – Placa <i>Casona</i> .....	81
Figura 48 – Escadas encontradas em 2006.....	81
Figura 49 – <i>La Maqueta</i> .....	82
Figura 50 – Placa antigo acesso.....	82
Figura 51 – Celas de tortura.....	83
Figura 52 – <i>Pátio de los abedules</i> e reconstrução do muro.....	84
Figura 53 – Placa <i>Pátio de los abedules</i> .....	84
Figura 54 – <i>Pátio de los Abedules</i> .....	85
Figura 55 – <i>Muro de los nombres</i> .....	86
Figura 56 – Detalhes do <i>Muro de los nombres</i> .....	87
Figura 57 – <i>Jardín de Rosas</i> .....	88
Figura 58 – <i>La Torre</i> .....	89
Figura 59 – Organograma da Junta Militar de Governo.....	90
Figura 60 – Placa <i>Laboratório Fotográfico de la DINA</i> .....	91
Figura 61 – <i>Sala de la Memoria</i> .....	91
Figura 62 – Poema na parede da <i>Sala de la Memoria</i> .....	91
Figura 63 – <i>Velaria</i> .....	92
Figura 64 – Antigo portão, antigo estacionamento e velaria.....	93
Figura 65 – Placa piscina.....	93
Figura 66 – Piscina.....	94
Figura 67 – Homenagens.....	94
Figura 68 – Memoriais de Partidos Políticos.....	95
Figura 69 – Monumento <i>Rieles Baía de Quintero</i> .....	96
Figura 70 – Monumento <i>Rieles Baía de Quintero</i> - interior.....	96
Figura 71 – Placas informativas no Monumento <i>Rieles Baía de Quintero</i> .....	97
Figura 72 – Material de apoio às visitas temáticas.....	102
Gráfico 1 – Visitas ao parque em 2013.....	103
Gráfico 2 – Diagrama do museu cibernético.....	107
Gráfico 3 – Relações e Interações.....	114
Figura 73 – Choque de forças.....	120
Gráfico 4 – Acompanhamento nas visitas.....	131
Gráfico 5 – Duração da visita.....	131
Gráfico 6 – Vezes que visitou Villa Grimaldi.....	132
Quadro 1 – Visita.....	133
Quadro 2 – Sítio de Consciência.....	142
Quadro 3 – Intenção.....	147
Quadro 4 – Comunicação.....	154
Figura 74 – Fotos nas homenagens dos partidos políticos.....	160

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Recursos Humanos em 2015. ....	98
Tabela 2 – Comparativo temporal do museu.....	115
Tabela 3 – Perfil Idade x Gênero dos visitantes .....	128
Tabela 4 – Nacionalidade dos visitantes. ....	129
Tabela 5 – Atividades dos visitantes .....	130
Tabela 6 – Motivos .....	137
Tabela 7 – Pré-conceitos .....	139
Tabela 8 – Pós-conceitos.....	140
Tabela 9 – Experiência.....	141
Tabela 10 – Conceitos .....	144
Tabela 11 – Lugares mais citados visitados pelos entrevistados .....	145
Tabela 12 – Lugares visitados citados uma vez pelos entrevistados .....	146
Tabela 13 – Propósito .....	151
Tabela 14 – Ponto principal.....	152
Tabela 15 – Opinião sobre Direitos Humanos.....	153
Tabela 16 – Transmissão .....	156
Tabela 17 – Comunicação.....	157

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

BIM - *Brigada de Inteligencia Metropolitana*

CODEPU - *Corporación de Promoción y Defensa de los Derechos del Pueblo*

CNI - *Central Nacional de Informaciones*

DEOPS - *Departamento Estadual de Ordem Política e Social*

DINA - *Dirección de Inteligencia Nacional*

DH - *Direitos Humanos*

DUDH - *Declarao Universal dos Direitos Humanos*

ELN - *Ejército de Liberación Nacional*

EUA - *Estados Unidos da América*

IBRAM - *Instituto Brasileiro de Museus*

ICOM - *International Council of Museums*

LCC - *Liga Comunista Chilena*

MAPU - *Movimiento Popular de Acción Unitaria*

MIR - *Movimiento de Izquierda Revolucionaria*

MMDH - *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos*

ONU - *Organizao das Naoes Unidas*

PC - *Partido Comunista*

PS - *Partido Socialista*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>2 MEMÓRIA E COMUNICAÇÃO</b> .....	19
2.1 SÍTIOS DE CONSCIÊNCIA.....	21
<b>2.1.1 Composição e lugares de memória</b> .....	22
2.1.1.1 Memorial da Resistência de São Paulo .....	26
2.1.1.2 <i>Terror Háza Múzeum</i> .....	28
2.2 A CULTURA DA MEMÓRIA .....	29
2.3 SÍTIOS DE CONSCIÊNCIA: CONTEXTOS E PERSPECTIVAS.....	38
<b>2.3.1 Museo de la Memoria y los Derechos Humanos</b> .....	39
<b>2.3.2 Cementerio General</b> .....	40
<b>2.3.3 Memorial to the Murdered Jews of Europe</b> .....	41
<b>2.3.4 Imperial War Museum</b> .....	43
<b>2.3.5 Casa Museo La Chascona</b> .....	44
<b>2.3.6 Campo de Prisioneros Chacabuco</b> .....	45
<b>2.3.7 Dachau Memorial Camp</b> .....	46
<b>2.3.8 Estadio Nacional</b> .....	47
<b>2.3.9 Londres 38 Espacio de Memorias</b> .....	48
<b>2.3.10 United States Holocaust Memorial Museum</b> .....	50
<b>2.3.11 Ravensbrück</b> .....	52
<b>2.3.12 Apartheid Museum</b> .....	53
<b>3 ESTUDO DE CASO: SITIO DE CONSCIÊNCIA CORPORACIÓN PARQUE POR LA PAZ VILLA GRIMALDI</b> .....	55
3.1 <i>PARAÍSO DE VILLA GRIMALDI</i> .....	55
3.2 <i>CUARTEL TERRANOVA</i> .....	57
3.3 <i>PARQUE POR LA PAZ VILLA GRIMALDI</i> .....	70
<b>3.3.1 Percorrendo o parque</b> .....	78
<b>3.3.2 Recursos humanos, administração e serviços</b> .....	98
3.3.2.1 Museu Parque .....	99
3.3.2.2 Comunicação .....	100
3.3.2.3 Educação, extensão e redes .....	101
<b>4 SÍTIOS DE CONSCIÊNCIA COMO MEIOS DE COMUNICAÇÃO</b> .....	104
4.1 COMUNICAÇÃO ATIVA PARA OS DIREITOS HUMANOS.....	104
4.2 EXTENSÕES DA MENTE .....	111
4.3 TEORIA DO MEIO E INTERACIONISMO SIMBÓLICO .....	112



<b>5 DIREITOS HUMANOS</b> .....	116
5.1 CRIMES CONTRA A HUMANIDADE .....	116
5.2 EVENTOS TRAUMÁTICOS .....	118
<b>5.2.1 Perseguição de grupos sociais, raciais ou étnicos</b> .....	121
<b>5.2.2 Categorias extremas de genocídio</b> .....	121
<b>5.2.3 Provenientes da guerra e seus contextos</b> .....	123
5.3 A CONSCIÊNCIA A FAVOR DOS DIREITOS HUMANOS.....	124
<b>6 A PESQUISA DE CAMPO: ESTUDO DE RECEPÇÃO</b> .....	126
6.1 SÍNTESE, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS CONTEÚDOS.....	127
<b>6.1.1 Perfil dos entrevistados</b> .....	128
<b>6.1.2 Detalhes da visita</b> .....	130
<b>6.1.3 Unidades X grupos</b> .....	132
6.1.3.1 Visita.....	133
6.1.3.2 Sítios de consciência.....	142
6.1.3.3 Intenção.....	147
6.1.3.4 Comunicação .....	154
6.2 OBSERVAÇÃO LIVRE E ANOTAÇÕES DE CAMPO .....	159
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	162
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	166
<b>OBRAS CONSULTADAS</b> .....	176
<b>APÊNDICES</b> .....	178
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido .....	179
APÊNDICE B – Roteiro das entrevistas .....	181
APÊNDICE C – Relatório de autorização da pesquisa de campo.....	183
APÊNDICE D – Transcrições das entrevistas com a equipe.....	187
APÊNDICE E – Transcrições das entrevistas com os visitantes.....	202
<b>ANEXOS</b> .....	242
ANEXO A – Villa Grimaldi na Comisión Valech.....	243
ANEXO B – Villa Grimaldi na Comisión Rettig .....	244
ANEXO C – Declaração Universal dos Direitos Humanos .....	246

## 1 INTRODUÇÃO

O vislumbre para esta pesquisa começa ainda no término da graduação em Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas, concluída em 2010, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com a produção da monografia *Os dilemas da comunicação intercultural: estudo de casos de refugiados do golpe militar chileno*, realizado sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Me. Susana Gib Azevedo.

A motivação para associar os temas de memória e dos direitos humanos nesta dissertação vem do interesse pessoal da autora em integrar as teorias da comunicação com um tema de pesquisa que envolve também vários campos das ciências humanas e sociais.

Essa busca teve início em 2009, durante o intercâmbio acadêmico realizado na *Universidade Católica Portuguesa*, oportunidade na qual a autora visitou museus, monumentos e memoriais construídos na Europa. Pode então observar o impacto emocional causado pelos mesmos nos visitantes. Surgiu então a curiosidade a respeito do vínculo existente entre o indivíduo e o registro de memória.

Em seguida, a autora realizou estudos em Etnologia na *Université Paris Descartes*, com o *mémoire L'identité des fils des refugies du coup d'etat chilien: immigration, hybridation culturelle et mémoire*. Esse conhecimento de contextos de outras sociedades contemporâneas e primitivas – nas quais se cultuam rituais que violam os direitos humanos, entre eles o *generocídio*, a mutilação e a perseguição religiosa – ajudou a relacionar o tema da comunicação e o “sítio de consciência”, este considerado aqui como um meio de comunicação e de educação. Em 2013, a autora visitou o *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos (MMDH)* em Santiago do Chile, acompanhada por um dos entrevistados no trabalho de conclusão de graduação, ex-presos políticos. Ficou então claro então o desejo da autora realizar este estudo sobre os memoriais e os direitos humanos. Cabe assinalar ainda que além da descendência e nacionalidade chilena, pessoas muito próximas à autora foram impactadas pelas consequências do golpe militar de 1973. Este fato esclarece o elemento emocional que ajuda a explicar esta jornada de estudos.

Alguns outros eventos promovidos por organizações e governos interessados no esclarecimento dos fatos também fazem parte da trajetória de consolidação deste projeto de pesquisa. Foram eles o *Diálogos Trasandinos – Chile / Brasil: Memoria*,

*Justicia, Verdad y Cultura em las Transiciones Democráticas*, realizado no MMDH no Chile, em 2013, e o congresso internacional *Memória: Alicerce da Justiça de Transição e dos Direitos Humanos*, em novembro de 2014 em São Paulo, que reuniu ativistas de todo o mundo em prol do fortalecimento da memória.

Portanto, esta dissertação almeja contribuir à compreensão do papel da memorialização na sociedade democrática. Especificamente, quer estudar o memorial *Corporación Parque por la paz Villa Grimaldi* sendo este aqui considerado como um instrumento educacional, pedagógico e informativo. O seu principal problema de pesquisa é compreender como este “sítio de consciência” é utilizado ou consumido pelos contemporâneos. Por decorrência, e considerando seu papel educativo, o sítio é enquadrado neste estudo como meio de comunicação que visa educar os visitantes sobre os direitos humanos.

O início deste trabalho é dado pelas conexões entre memória e comunicação, apresentando uma definição de Sítio de Consciência, uma reflexão sobre a Cultura da Memória e embasada em exemplos, a seção apresenta os contextos e perspectivas dos espaços de memória.

No capítulo seguinte está a apresentação do estudo de caso do Sítio de Consciência *Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi*, construído com base nas informações obtidas pela autora através de diferentes visitas (guiada, audioguiada e presencial), de entrevistas com a equipe de trabalho no local e de pesquisa documental.

O quarto capítulo apresenta o argumento de que os sítios de consciência podem ser tratados como um meio de comunicação. Para tanto se faz uso de conceitos originados nas áreas da comunicação, museologia, turismo, consumo e memória. O conceito de meio de comunicação como extensão do homem aqui elaborado (MCLUHAN, 1967, 1964) é utilizado para denominar os sítios de consciência como extensões da mente. A Teoria do Meio e o Interacionismo Simbólico são igualmente úteis à decifração do viés comunicacional de tais ambientes como apresentado por Joshua Meyrowitz.

O capítulo seguinte, denominado “Direitos Humanos” disserta sobre os crimes contra a humanidade e o poder da ideologia, como exposto por Mészáros (1989). Faz uso ainda dos conceitos de “evento traumático” (TUNBRIDGE; ASHWORTH, 1996), e categoriza, segundo os mesmos, os tipos de eventos traumáticos mencionados nesta pesquisa.

O sexto capítulo apresenta o estudo de recepção com base nos dados coletados com 30 visitantes a este local. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com esta amostra. Elas resultaram na formatação de quadros comparativos e sínteses realizadas com base no que ensina a Análise Textual Discursiva (MORAES, 2011). As entrevistas foram realizadas no local, no período de 5 a 27 de fevereiro de 2015, com a autorização da equipe administrativa do memorial.

Este estudo também descreve a pedagogia do memorial. Como forma de apoio ao estudo de caso sob enfoque qualitativo, além das entrevistas de recepção com os visitantes, da visita guiada acompanhada da responsável pela ação educativa do memorial e das informações obtidas nos materiais do sítio de consciência, contribuíram à elaboração da pesquisa entrevistas com os realizadores. Nessa investigação surgiram as intenções das ações do memorial, experiência profissional, contexto histórico e os recursos humanos e tecnológicos utilizados.

As principais fontes teóricas consideradas no estudo são principalmente Andreas Huyssen (2007, 2000, 1997), Maurice Halbwachs (1950), Michel Pollak (1992, 1989), Paul Ricœur (2000) e Pierre Nora (2011), Tunbridge & Ashworth (1996) e Joshua Meyrowitz (2001, 1994, 1993, 1985).

## 2 MEMÓRIA E COMUNICAÇÃO

A fim de entender a relação entre memória e comunicação, o capítulo 2 apresenta, em 2.1, uma definição de Sítio de Consciência; em 2.2, há uma reflexão sobre A Cultura da Memória; em 2.3, a seção apresenta os contextos e perspectivas dos Sítios de Consciência. Também serão trabalhados, ao longo deste capítulo, os conceitos enfocados na memória segundo Andreas Huyssen (2007, 2000, 1997), Maurice Halbwachs (1950), Michael Pollak (1992, 1989), Paul Ricœur (2000) e Pierre Nora (2011), entre outros autores de referência.

A memória histórica explica a criação de lugares de memória cujo objetivo é a recordação e através dela a educação. Este é o caso da *Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi*. Segundo a *International Coalition of Sites of Conscience*<sup>1</sup>, as ações envolvendo os usos da memória fazem uso das mais diferentes técnicas.

A iniciativa de memória é qualquer esforço de uma comunidade, ou grupo para recordar publicamente um evento ou uma série de eventos da história. As iniciativas de memória podem variar desde o arquivamento de atividades comemorativas e os trabalhos de documentação, até uma ampla gama de processos criativos coletivos, tais como histórias orais, mapeamento do corpo e muito mais. Muitas iniciativas de memória não são “oficiais”, ou seja, elas não são financiadas ou autorizadas por entidades do Estado (SITES, 2014).

No caso da *Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi*, as comunidades geograficamente próximas constituíram uma união, chamada de “*Asamblea de Derechos Humanos del Distrito de La Reina y Peñalolén*”. Essa organização impulsionou a recuperação do lugar de memória após detectar que o outrora centro de detenção havia sido abandonado e contava, ilegalmente, com a presença de trabalhadores e máquinas de uma empresa de construção. Esse movimento de protesto contra a ditadura iniciou, no Chile, em 1982, principalmente nos bairros mais populares (ARELLANO, 2015).

Lugares de memória como esse concretizam-se como lugares importantes para os que viveram os eventos e para os que querem conhecer o passado em uma

---

<sup>1</sup> A *International Coalition of Sites of Conscience* (Coalizão Internacional dos Sítios de Consciência) é a única rede mundial dedicada à transformação dos lugares que preservam o passado em espaços dinâmicos que promovem a ação cívica das lutas atuais pelos direitos humanos e por justiça. Disponível em: <<http://www.sitesofconscience.org/pt-br/sobre-nos>>. Acesso em: 21 out. 2014.

dinâmica diferente da apresentada por outros meios. Um “sítio de consciência” também resulta de recortes narrativos, fontes privilegiadas e pontos de vista sobre as ocorrências traumáticas do passado. Visitar um local de memória permite proporcionar ao visitante uma pausa no presente, algo que lhe autoriza refletir sobre o futuro compreendendo o passado.

Nora (2008) fala da era da comemoração. Quando se celebra um aniversário, se evoca a lembrança do dia do nascimento, do casamento. São rituais que marcam as passagens da vida do indivíduo na sociedade. Para esse autor, é impossível estar fora do radar comemorativo. A promoção da cultura da memória afirma que a lembrança dos fatos passados não é apenas uma imagem mental das testemunhas, mas um forte argumento para estabelecer a educação pessoal e social.

O desejo de lembrar é universal. Comunidades do mundo inteiro procuram lembrar publicamente de acontecimentos do passado – seja através das comemorações anuais, como o Dia em Memória ao Holocausto, da construção de memoriais como o Memorial dos Veteranos do Vietnã, ou preservando lugares onde eventos significativos ocorreram, como a Praça da Paz Celestial. Tais esforços são frequentemente projetados para evocar uma reação específica ou conjunto de reações, incluindo o reconhecimento público do evento ou das pessoas representadas, reflexão pessoal, luto ou educação cívica (SITES, 2014).

Para Pollak (1992, p. 1), os *lieux de mémoire* consistem em uma estrutura educativa que faz vínculos entre o lugar de memória, sua atmosfera e a memória política, neste caso, a relacionada com a repressão da ditadura militar chilena. O autor alerta para problemas dessa ligação, a existente entre a abordagem histórica e a identidade social. A memória é seletiva, diz ele, e as captações das memórias individuais e coletivas, através da história oral, possuem limitações quanto à sua interpretação.

Os “sítios de consciência” que tratam de “eventos traumáticos” exemplificam este tipo de enquadramento seletivo. Ao compor um repertório de contextos e perspectivas que ajudam a explicar os formatos dos espaços de memória, cabe mencionar também outros sítios de consciência visitados igualmente pela autora. Foi o caso do *Memorial da Resistência* de São Paulo dedicado à memória da resistência contra a repressão política no Brasil. Sua sede é o prédio do antigo Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS). Outro exemplo é o *Terror Háza Múzeum* localizado em Budapest/Hungria. Trata-se de um sítio de

memória que reconstrói os momentos de aflição vividos pelos afetados pelos regimes comunista e fascista na Hungria no século XX.

É importante enfatizar que a *Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi* é o primeiro lugar de memória relacionado a violações aos direitos humanos recuperado na América do Sul, e, portanto, é referência para muitos países.

Este "espaço para a memória e educação em direitos humanos", como o definem seus promotores, está inspirado em experiências semelhantes no mundo, como a Casa de Anne Frank, em Amsterdã; o Centro de História da Resistência e da Deportação, em Lyon, na França, e o memorial da Casa de Conferência de Wansee, em Berlim. Também se baseia no que é o Museu do Holocausto em Jerusalém e Houston, nos Estados Unidos, bem como a Fundação Memória Histórica e Social e o Museu da Memória de Rosário, na Argentina, e Recuperação da Memória Sobrevivente, de El Salvador (AVENDANO, 2005).

Em sua formatação, Roberto Fuertes (2015), coordenador da área de museu da *Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi*, explica que “o que se aspirava era ter como exemplo alguns museus e lugares de memória na Europa, principalmente os relacionados com o Holocausto, e impulsionar vertentes que projetariam a *Corporación* desde [a perspectiva] do olhar de um museu”<sup>2</sup>.

## 2.1 SÍTIOS DE CONSCIÊNCIA<sup>3</sup>

A definição de “sítios de consciência” é dada pela *International Coalition of Sites of Conscience*. Para a coalizão, “qualquer memorial, museu, local histórico, iniciativa de memória ou organização não governamental que se comprometer com esses princípios de funcionamento definidos é um Local de Consciência” (SITES, 2014). Esses lugares promovem valores humanitários e democráticos e oportunizam a participação pública. Ele se refere a estruturação dedicada aos fenômenos mnemônicos, tais como monumentos, museus, símbolos, eventos e instituições,

---

<sup>2</sup> Lo que se aspiraba era tomar como ejemplo algunos museos y sitios de memoria de Europa, principalmente relacionados con holocausto e impulsar líneas que proyectaran a la corporación desde la mirada del museo (FUERTES, 2015).

<sup>3</sup> Tendo em vista as diferentes nomenclaturas encontradas, vale lembrar que a palavra “Sítio” é sinônimo de “local”, “espaço” ou “lugar”. Assim, este trabalho também considera essas expressões sinônimas.

proporcionando uma observação crítica sobre o que é e o que se tornou a materialização da memória.

Fuertes (2015) explica que os museus estão sendo repensados e reinventados assim como o próprio conceito de patrimônio. Este autor explica que o projeto do *Parque por la Paz* surgiu no contexto desta revisão conceitual da qual derivou também a nomenclatura “museu de sítio”. Ele leva em conta a estrutura arqueológica existente, os testemunhos e a história do lugar o que o distingue de um local no qual simplesmente se expõe objetos ou obras.

### 2.1.1 Composição e lugares de memória

Um lugar de memória existe no mesmo sítio geográfico onde outrora ocorreu um evento significativo para a história da sociedade. A adaptação do espaço normalmente recebe uma estrutura pedagógica que visa homenagear e educar. Já o memorial não precisa necessariamente ser um lugar de memória. Nem sempre o evento tema do memorial estará ligado a um crime contra a humanidade, podendo ser, por exemplo, um espaço em homenagem a um personagem público importante para aquela comunidade, localizado onde, por algum motivo, aquela presença deve ser “imortalizada”. Nora (1993) enfatiza que os memoriais também

podem tratar-se de um monumento, um museu, um personagem, um arquivo, ou ainda, de um símbolo, de um evento ou de uma instituição. Porém, nem tudo se caracteriza como lugar de memória. Para isso, esses territórios devem possuir uma “vontade de memória” e demonstrar, na sua origem, um propósito memorialista que garanta sua identidade, o que os constitui é um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobre determinação recíproca (NORA, 1993 *apud* OLIVEIRA, M., 2012, p. 192).

Existe uma diferença entre um memorial e um lugar de memória, como explicita o mesmo autor: a aspiração e a intenção da lembrança do lugar de memória devem partir de sua origem. Se o lugar de memória não é desenvolvido e adaptado como memorial para o fim pedagógico, dotado de uma estrutura didática, ele nada mais será que uma estrutura de concreto, ou um terreno bruto, mas terá sim sua aura simbólica. Sempre que a ideia da lembrança for plena, estará se falando de um lugar de memória. Ou seja, se a referência for um campo de



concentração, ele é um lugar de memória e por consequência, um sítio de consciência. Se falarmos de um museu de memória, ele é um *espaço* de memória e um sítio de consciência. Logo, todo lugar de memória é um sítio de consciência, mas nem todos os sítios de consciência são lugares de memória.

O processo de criação de monumentos públicos. Memoriais públicos são representações físicas ou virtuais ou atividades comemorativas que dizem respeito aos eventos do passado e estão localizados em espaços públicos ou que são acessíveis ao público (SITES, 2014).

Portanto, para constituir um memorial como lugar de memória é preciso contar com os devidos recursos museológicos. No caso da *Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi* a coleta de depoimentos dos sobreviventes foi essencial para a reconstrução da memória. Na prática, esses testemunhos, que hoje compõem o repertório do “*Archivo Oral*” – um setor de registros de histórias de vida dos sobreviventes do *Cuartel Terranova* –, foram fundamentais para revelar os detalhes dos acontecimentos e até mesmo identificar e penalizar os torturadores. Esse processo de materialização da memória é chamado de memorialização.

O conjunto de materiais que compõe um sítio de consciência - a reconstrução dos espaços, a exposição dos pertences pessoais, a reprodução da maquete do lugar na época - vem tanto do produto da memória coletiva. Halbwachs (1950) apresenta a diferença entre “memória histórica”, como a que reconstrói os dados do presente projetados sobre o passado reinventado, e a “memória coletiva”, a que recompõe o passado.

Maurice Halbwachs considera que a memória coletiva é um conjunto de lembranças ativadas pelo filtro do presente. Elas constituem um patrimônio que, vivenciado por um grupo de pessoas, se atualiza no momento de cada rememoração (ORTIZ, 1998, p. 189).

Para Antônio Damasio (CORDOVIL, 1999), chefe do departamento de neurologia da Universidade de Iowa, "a memória não é uma espécie de arquivo com fichas que podem ser consultadas a qualquer momento. Toda vez que evocamos uma recordação, corremos o risco de introduzir fatos novos no acontecimento original". Portanto, um mesmo evento histórico pode ser lembrado de diferentes formas em diversas ocasiões pelo depoente, trazendo mais ou menos detalhes. Um

relato de um evento traumático pode se resumir a uma frase ou ser descrito em muitas páginas. O eixo principal da lembrança, o fato em si, se mantém, mas, ao relatar, o indivíduo pode ser influenciado por emoção, clima ou disposição, entre outros aspectos, que são algumas das variáveis que podem enriquecer ou não o depoimento da testemunha. A chegada do passado através das lembranças de cada indivíduo constrói uma rememoração. Assim, o fato pode ser recontado de diversas formas por outros indivíduos, ainda que estejam em um mesmo grupo de pessoas:

(...) o depoimento da testemunha só tem sentido em relação a um grupo do qual esta faz parte, porque pressupõe um evento real vivido outrora em comum e, através desse evento, depende do contexto de referência no qual atualmente sua duração se localiza no ponto de encontro de duas séries diferentes e às vezes divergentes: a que liga aos aspectos vivos e materiais da lembrança, a que reconstrói o que é apenas passado (HALBWACHS, 1950, p. 12).

O registro de um acontecimento passado em uma sociedade, onde cada indivíduo tem suas lembranças, é também o que trata a memória coletiva. Essas informações sobre o ocorrido, ainda presentes na memória do depoente, são rememoradas de forma particular por cada um, conforme suas referências cronológicas e seu contexto emocional. Para Halbwachs (1950), cada depoimento endossa o outro por trazer detalhes específicos, através da lembrança de cada indivíduo, os quais se conectam em pontos de referência.

A lembrança, para Halbwachs, é reconhecimento e reconstrução. É reconhecimento, na medida em que porta o "sentimento do já visto". É reconstrução, principalmente em dois sentidos: por um lado, porque não é uma repetição linear de acontecimentos e vivências do passado, mas sim um resgate destes acontecimentos e vivências no contexto de um quadro de preocupações e interesses atuais; por outro, porque é diferenciada, destacada da massa de acontecimentos e vivências evocáveis e localizada num tempo, num espaço e num conjunto de relações sociais (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 289).

A composição resultante dos depoimentos de testemunhas, seja um texto, seja um memorial, é uma materialização do relato, uma forma de registrar as lembranças para a posterioridade.

Em termos dinâmicos, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo, na medida em que necessita de uma comunidade

afetiva, forjada no "entreter-se internamente com pessoas" característico das relações nos grupos de referência. Esta comunidade afetiva é o que permite atualizar uma identificação com a mentalidade do grupo no passado e retomar o hábito e o poder de pensar e lembrar como membro do grupo (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 289).

A afirmativa de que a lembrança individual vem de um processo coletivo é a validação do pensamento de que a memória, ainda que vista de forma individualizada, evoca a coletividade e precisa dela quando trata do pertencimento a um grupo. Ricœur (2000) comenta a obra de Halbwachs (1950), *A Memória Coletiva*, a respeito da individualidade e da coletividade da memória:

(...) o passo dado em *A Memória Coletiva* consiste em desimplicar a referência à memória coletiva do próprio trabalho da memória pessoal, enquanto se recorda de suas lembranças (...), mas é preciso dizer primeiro que é a partir de uma análise sutil da experiência individual de pertencer a um grupo, e na base do ensino recebido dos outros, que a memória individual toma posse de si mesma (p. 130).

O vigor das lembranças apresentadas pelos indivíduos pode mostrar que a memória mantém um grupo de referência que, ao ser expresso, dá consistência ao que é lembrado – “grupo do qual o indivíduo já fez parte e com o qual estabeleceu uma comunidade de pensamentos, identificou-se e con-fundiu seu passado” (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 288). A violência gerada nesses eventos causa um estresse pós-traumático transgeracional, como se a memória e o sentimento de fato fossem herdados geneticamente.

Junto à memorização, está presente a emoção, que, para a psicologia coletiva, é algo inerente à lembrança.

Somente a psicologia coletiva é capaz de mostrar como motivações, aspirações, estados emocionais e sensações reflexivas estão conectadas a representações coletivas armazenadas na memória, que é o foco das mais elevadas capacidades mentais (MARCEL; MUCCHIELLI, 2008, p. 141, tradução nossa) <sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Only collective psychology is able to show how motives, aspirations, emotional states, and reflective sensations are connected to collective representations stored in the memory, which is the focal point of the higher faculties of the mind (MARCEL; MUCCHIELLI, 2008, p. 141).

Cada grupo social acaba desenvolvendo uma memória comum e cria uma memória coletiva que se estabelece na consciência individual através da cultura, doutrinação e educação.

O propósito memorialista aliado à “era da comemoração” descrita por Nora (1993) transforma os lugares de memória em espaços de memória. Além dos exemplos já citados é possível referir ainda o antigo centro clandestino de tortura, o “Dopinha”, situado em Porto Alegre na Rua Santo Antônio, nº 600. Ele foi tombado no Dia Internacional dos Direitos Humanos de 2014 (10 de dezembro), mesmo dia da entrega do relatório da Comissão Nacional da Verdade (CNV) à presidente Dilma Rousseff. A ideia dos ativistas e das organizações envolvidas é que se faça, com apoio da prefeitura e do governo do estado do Rio Grande do Sul, um memorial para preservar e difundir a memória da resistência à ditadura militar brasileira (1964-1985)<sup>5</sup>.

#### 2.1.1.1 Memorial da Resistência de São Paulo

O Memorial da Resistência de São Paulo é uma instituição dedicada à preservação da memória da resistência e da repressão política do Brasil republicano (1889 à atualidade). Ele utiliza parte do edifício que foi sede, durante o período de 1940 a 1983, do Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo – Deops/SP. O Memorial da Resistência é vinculado à Pinacoteca do Estado de São Paulo. É um museu público e sem fins lucrativos. Desde 2005, ele é administrado pela Associação Pinacoteca Arte e Cultura<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Comitê Carlos de Ré. **Carta do Comitê Carlos de Ré da Memória, Verdade e Justiça pela Construção de um Centro de Memória Viva da Resistência Latino-Americana na antiga sede do Dopinha**. Disponível em: <<https://comitedaverdadeportoalegre.wordpress.com/campanhas>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

<sup>6</sup> MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.memorialdaresistencia.sp.org.br>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

Figura 1 – Celas no Memorial da Resistência



Fonte: A autora (2014).

Figura 2 – Linha do tempo no Memorial da Resistência



Fonte: A autora (2014).

Este espaço é também um lugar de memória, pois nele ocorreram atrocidades. No espaço hoje chamado de “Memorial da Liberdade” há quatro celas vazias e um corredor que permitia os prisioneiros para apanhar sol. “Cada uma das

celas é um anti-lugar, uma referência permanente à memória dos mortos e desaparecidos políticos” (BRUNO, 2009, p. 42).

Entre os pontos comuns observados entre este e outros sítios de consciência, estão a inserção de flores (cravos), de uma maquete que simula a distribuição da planta na época, uma linha do tempo e a iluminação mais suave, bem como o silêncio e, por vezes, ausência de elementos, dando lugar a um espaço vazio que convida à reflexão.

### 2.1.1.2 *Terror Háza Múzeum*

Museus podem também configurar um lugar de memória. O *Terror Háza Múzeum* é um sítio de consciência localizado em Budapeste, com exposições relacionadas aos regimes ditatoriais fascista e comunista na Hungria do século XX.

Figura 3 – *Terror Háza Múzeum*



Fonte: A autora (2012).

O espaço é também um memorial dedicado às vítimas destes regimes, incluindo os detidos, os interrogados, os torturados ou mortos no prédio. Diversas salas mostram desde publicações da época até centros de detenção e tortura. Estes são pontos comuns com outros sítios de consciência, assim como o mural com as fotos das vítimas (figura 3), as velas, a iluminação e as reconstruções de refúgios, dentre outros.

## 2.2 A CULTURA DA MEMÓRIA

Andreas Huyssen (2000) sustenta que vivemos hoje uma epidemia de cultura da memória. Cada caso sempre será único em sua história. O caso do genocídio dos judeus pelos nazistas, por exemplo, é peculiar e seus elementos não devem ser atribuídos a outras ocorrências similares. Cada memória possui sua carga de emoções e de história. Logo os eventos históricos podem e devem ser explorados especificamente, algo que lhes permite realizar uma reconstrução do evento passado.

A cultura da memória tem diferentes intensidades em diferentes partes do mundo, e as lutas por um futuro melhor, evidentemente, não desapareceram. Mas, para mim, um dos aspectos mais interessantes da globalização cultural tem sido o deslocamento transnacional do discurso da memória do Holocausto para contextos completamente diferentes e implausíveis na América Latina, África e Ásia. A legitimidade política, ao que parece, tem de ser garantida, cada vez mais, pelo modo como lidamos com nossos passados nacionais do que pelas formas de imaginarmos o futuro (MOREIRA, 2011, p. 332).

Moreira (2011) diz que é preciso consultar o passado para idealizar uma sociedade justa. Isso significa dizer que se a cultura da memória está em voga significa que a reconstrução do passado é importante para a tentativa de uma sociedade mais consciente.

A ascensão da “cultura da memória”, desde os anos 1980, é sobre-determinada por uma multiplicidade de fatores, incluindo eventos políticos, como o fim das ditaduras na América Latina, a queda do muro de Berlim, o colapso da União Soviética e o fim do regime de *apartheid*, bem como o crescente foco cultural nas histórias de minorias e políticas de identidade. A reciclagem e exploração pela indústria cultural de tópicos relacionados à memória contribuem para a expansão de preocupações relativas à memória na esfera pública (MOREIRA, 2011, p. 331).

Existe uma preocupação para que os crimes contra a humanidade não se repitam, sendo esta a missão de muitos memoriais. A presença de temas relativos à memória tem sido frequentemente reforçada pela indústria cultural, em um momento

em que as investigações de crimes contra a humanidade ocorridas há décadas, estão sendo reabertas. É o caso das comissões da verdade, que,

desde o Chile até a Libéria, têm recomendado a memorialização como uma forma de reconhecer as verdades sobre o que aconteceu, de homenagear as vítimas e de fornecer às pessoas espaços e meios para construir um entendimento compartilhado do passado e uma visão futura de superação (SITES, 2014).

No Chile, a fim de investigar o ocorrido, foi realizada a *Comisión Nacional sobre Prisión Política y Tortura*, presidida pelo bispo Sergio Valech (e, portanto, chamada de "Comissão Valech"). Essa comissão foi criada para identificar as pessoas que sofreram prisão e torturas por razões políticas, tanto por parte de agentes do Estado ou pessoas ao seu serviço, no período de 11 de setembro de 1973 a 10 de março de 1990, durante a ditadura militar de Augusto Pinochet. Em 18 de agosto de 2011, a Comissão – presidida por María Luisa Sepúlveda depois da morte de Valech, em 24 de novembro de 2010 – apresentou um segundo relatório no qual o Chile reconhece oficialmente um total de 40.018 vítimas, entre eles 3065 mortos e desaparecidos (DÉLANO, 2011). Grande parte da história de Villa Grimaldi está relatada no relatório da *Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación*.

A memorialização é o oposto do esquecimento. Assim, o trabalho investigativo da busca pela verdade não se basta apenas pela oralidade dos depoimentos. O apoio nessa forma de recontar uma história está na materialização e, por consequência, na imortalização da memória através de monumentos, memoriais e museus. Para que não ocorra o temido esquecimento, a vontade coletiva de voltar ao passado e atar os elos do tempo rompidos pelo evento traumático mantém presente uma certeza do que não deve se repetir.

(...) tentamos combater este medo e o perigo do esquecimento com estratégias de sobrevivência e rememoração pública e privada. O enfoque sobre a memória é energizado subliminarmente pelo desejo de nos ancorar em um mundo caracterizado por uma crescente instabilidade do tempo e pelo fraturamento do espaço vivido (HUYSEN, 2000, p. 20).

A rememoração pública é a partilhada em sociedade, como no caso das instalações dos espaços de memória; Seu objetivo é manter acesa a lembrança do ocorrido através do compartilhamento da memória individual para o grupo,



promovendo aos envolvidos cura e fortalecimento e, aos que se engajam ao tema proposto, conhecimento social.

Segundo a *International Coalition of Sites of Conscience*, diversos países estão envolvidos com as iniciativas de memorialização. Na Argentina, há o trabalho de arquivamento e documentação do *Memoria Abierta*<sup>7</sup>; em Bangladesh, o *Liberation War Museum* promove a compilação de histórias orais, testemunhos e arquivos. Ambos são importantes ferramentas de memorialização ao fornecer provas em comissões da verdade e em outros processos judiciais. No Brasil, a rememoração visa, para Wainberg (2010) “acelerar a superação da amnésia coletiva brasileira do período” (p. 53). Assim como existe a memória coletiva, há também o efeito contrário promovido pelo tempo e em grupo: o esquecimento.

A cultura da memória atenta para a divisão das opiniões. Enquanto uma parte se sensibiliza com as lembranças pelos vitimados em tais eventos, outra parte ignora ou por vezes justifica os crimes ocorridos contra a humanidade, promovendo a mesma reconstrução histórica voltada para o lado oposto, elaborando “narrativas históricas revisadas, para marginalizar histórias e experiências pessoais, ou para celebrar a “justiça dos vencedores” (SITES, 2014).

O constrangimento pela situação de silêncio “imposto” na bibliografia e em outras manifestações culturais aos vencedores (os militares) e da prevalência da versão dos derrotados (a esquerda) em 1964 tinha sido manifestada pelos simpatizantes do regime militar ainda nos anos 1980. Foi esta a razão que levou as Forças Armadas brasileiras a produzir sua versão dos fatos numa obra de 953 páginas, mas que não seria publicada por editora comercial alguma do país. Visava dar uma resposta ao livro *Brasil: nunca mais*, publicado pela Arquidiocese de São Paulo, com relatos de tortura e assassinato de presos políticos ocorridos durante o regime militar (WAINBERG, 2010, p. 52).

Michael Pollak (1989) diz que o uso da história oral é uma ferramenta para reconstrução de memórias subterrâneas importantes, principalmente nos casos de minorias, excluídos e marginalizados.

Cabe recordar o fato já mencionado de que todo sítio de consciência é um memorial, mas nem todo memorial é um sítio de consciência. No sítio de

---

<sup>7</sup> Memoria Abierta. Ação coordenada de organizações argentinas de direitos humanos. Trabalha para aumentar o nível de informação e consciência social do terrorismo de Estado e para enriquecer da cultura democrática. Disponível em: <[http://www.memoriaabierta.org.ar/quienes\\_somos.html](http://www.memoriaabierta.org.ar/quienes_somos.html)>. Acesso em: 19 out. 2014.

consciência, a memória tem uma experiência territorial ou simbólica. Dentro do lugar de memória *Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi* existem vários memoriais, entre eles placas e monumentos. Portanto, o conceito sítio de consciência envolve muito mais do que o lugar onde aconteceram os eventos traumáticos. Podem ser também espaços institucionais, criados ou adaptados com o objetivo maior de criar consciência. Nora (1993) reforça a ideia do sítio de consciência ao afirmar que

sem essa vontade, os lugares de memória são lugares de história. Lembrando que memória e história não são sinônimas e que as mesmas se opõem em tudo, sendo que:  
A memória é a vida, sempre alcançada pelos grupos viventes (...), ela está em evolução permanente (...), inconsciente das suas deformações sucessivas (...). A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta daquilo que não é mais (...). A memória é um absoluto e a história não conhece outra coisa que não o relativo (NORA, 1993, p. 9).

A intenção do monumento enquanto um sítio de consciência não é apenas servir de artefato estético. Para Rowntree e Conley (1980), os monumentos são propositalmente carregados de contextos políticos e sociais, capazes de simbolizar a complexidade de um evento ou personagem ao qual ele se refere.

Segundo Corrêa (2005),

estátuas, templos, memoriais e outras formas simbólicas grandiosas são representações materiais de eventos passados, que compõem a paisagem de certos espaços públicos da cidade. São intencionalmente dotados de sentido político, comunicando mensagens associadas à celebração, à contestação ou à memorialização, visando ao presente e ao futuro.

Um exemplo de monumento é “O Soldado Desconhecido” (como no *Arc de Triomphe* – Paris/França), uma forma de homenagear a todos os soldados mortos em determinadas guerras (figura 4).

Figura 4 – O soldado desconhecido



Fonte: A autora (2011).

A descrição do site dos Monumentos Nacionais Franceses descreve que a intenção da homenagem é

honrar os soldados mortos pela pátria: a ideia de honrar um soldado que simbolize os mortos pela pátria surge em 1916 durante a Primeira Guerra Mundial. No dia seguinte ao armistício de 11 de Novembro de 1918 que pôs fim ao conflito, a Câmara dos deputados e o Senado decidem unanimemente introduzir no Pantheon os restos mortais de um soldado não identificado. Porém, as associações de ex-combatentes recusam o Pantheon e preferem que este morto emblemático da Primeira Guerra Mundial seja honrado no Arco do Triunfo (MONUMENTOS...).

Mao TseTung, ao se referir a um soldado do exército vermelho morto, proclamou: “Todos os homens devem morrer, mas a morte pode variar em seu significado. O antigo escritor chinês Szuma Chien disse, *apesar de a morte recair sobre todos os homens da mesma forma, ela pode ser mais pesada que o Monte Tai ou mais leve que uma pena...*” (CHANG-TAI HUNG, 2011, p. 213, tradução nossa)<sup>8</sup>.

A reflexão sobre o significado da morte está, segundo essa citação, relacionada com a forma de morrer. Ao perder a vida lutando por um ideal, existe uma carga de honra que acompanha o ritual da morte, em que, por vezes, o personagem recebe monumentos e memoriais.

<sup>8</sup> All men must die, but death can vary in its significance. The ancient Chinese writer Szuma Chien said, *Though death befalls all men alike, it may be weightier than Mount Tai or lighter than a feather...* (CHANG-TAI HUNG, 2011, p. 213).

O anonimato não impede a rememoração, tampouco a homenagem. Entre os vários memoriais que a *Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi* abriga, está a “Homenaje a la compañera desconocida” (figura 5), situada no Jardim de Rosas, espaço dedicado para as mulheres sequestradas e assassinadas em decorrência da repressão durante o período militar no Chile.

Figura 5 – *Homenaje a la compañera desconocida*



Fonte: A autora (2015).

Neste jardim, as placas junto às rosas sustentam os nomes das vítimas já identificadas. Porém, como as investigações são contínuas, devido ao ocultamento de provas que ocorreu principalmente nos últimos anos do regime militar chileno, existem mulheres detidas desaparecidas ou executadas políticas que jamais foram ou serão identificadas. Essa homenagem é ampla, talvez impessoal, porém significativa e simbólica, pois relembra os esforços que foram feitos injustamente para apagar a verdade, relembra os ideais pelos quais aquelas mulheres entregaram as suas vidas em tempos em que poucos ousaram sustentar suas ideologias perante os militares.

Como sistema de comunicação, o museu depende, então, da linguagem não verbal dos objetos e dos fenômenos observáveis. Ele é, antes de tudo, uma linguagem visual que pode se tornar uma linguagem audível ou tátil. Seu poder de comunicação é tão intenso que, eticamente, sua utilização deve ser uma prioridade para os profissionais de museus (CAMERON, 1968 *apud* DESVALLÉES e MAIRESSE, 2013, p. 36).

A fenomenologia é importante para o processo de materialização da memória, ou seja, para transformar um resgate histórico coletivo – um fenômeno – em um símbolo. Assim se estabelece a relação do processo de criação de significado com a memória (memorização, coleta de informações, exploração da memória como fonte) e com o processo de simbolização (materialização, apresentação, musealização): “só aquilo que já decorreu pode ser simbolizado” (SCHUTZ, 1982, p. 67 *apud* CORREIA, 2005, p. 106).

É possível perceber que a promoção da cultura da memória histórica, em especial a referente a fatos traumáticos, dissemina-se na sociedade através de documentários, memoriais, oficinas ou museus. As datas significativas em relação aos eventos sempre trazem essa temática à tona: em 2014, o Golpe Militar Brasileiro de 1964 completou 50 anos; recentemente, em 2013, o Golpe Militar Chileno completou 40 anos; a queda das Torres Gêmeas aconteceu há mais de uma década. São eventos e datas que, pelos seus significados e simbolismos, estimulam a memória dos sobreviventes e evocam a das novas gerações.

(...) importa jamais esquecer que, por analogia apenas, é em relação à consciência individual e à sua memória que se considera a memória coletiva como uma coletânea de rastros deixados pelos acontecimentos que afetaram o curso da história dos grupos envolvidos, e que lhes reconhece o poder de encenar essas lembranças comuns por ocasião de festas, ritos, celebrações públicas (RICŒUR, 2000, p. 129).

A ideia da materialização da memória é importante para promover a compreensão e a consciência a respeito de fenômenos passados. Para Schutz (1982), “a esfera da experiência pura permanece inacessível ao nosso pensamento simbolicamente estruturado” (p. 67 *apud* CORREIA, 2005, p. 106). Essa afirmação implica na questão cognitiva do ser humano. Ao mencionar o pensamento estruturado, Schutz (1982) sugere que a esfera da experiência, como um evento passado, caso seja codificada através de símbolos, estará na mesma sintonia do pensamento humano e, assim, poderá ser compreendida. Conforme Correia (2005), “toda a experiência de que nos tornamos conscientes é condicionada e relacionada simbolicamente” (p. 106), o que conecta a consciência à recuperação de lugares de memória como museus de sítio.

No processo de materialização, os espaços de memória recebem, além das suas mostras permanentes, exposições com temas afins ao assunto do local. Essas exposições são movimentos permanentes ou temporários, itinerantes ou não, cujo assunto se soma ao repertório dos sítios de consciência. O conteúdo ofertado em uma exibição é o resultado de uma coleta de objetos e de pesquisa intensa de informações. Essas exposições proporcionam ao público, em um mesmo espaço físico, peças inéditas ou coleções/composições temáticas que instigarão um interesse pelo assunto, chegando até mesmo a ampliar a busca por conhecimento específico sobre o tema tratado.

Para tanto, o ambiente é organizado didaticamente para despertar o interesse do público e a mídia é preparada para a exposição (sinalização, projeções, imagens). Essa ideia também está presente na propaganda, que pode ser uma forma de atrair o visitante à exibição. Para obter o alcance desejado, é inevitável que seja feito o mapeamento dos públicos, no intuito de direcionar desde a estrutura e temática da exposição até a promoção da mesma. Uma exposição é resultado de seleção de objetos estéticos e de documentos ou seus substitutos, os quais estabelecerão uma conexão com o visitante, acrescentarão informação, e, sendo assim, consolida-se como um meio de comunicação.

A intenção das exposições é de apresentar, reunidas, peças exclusivas ao público. Com o passar do tempo, os espaços museológicos e de exposições, em geral, apresentam ao público objetos ambientados em seu contexto, seja qual for o tipo de exposição (artística, científica, comercial, histórica, etc.). Os avaliadores medem os resultados obtidos: importa saber como conduzir o público a uma compreensão da exposição. Como o público a aborda? Ele compreende o que lhe está sendo exposto? Se tratará de como o homem se apropria do espaço (MARIANI-ROUSSET, 2002, p. 1, tradução nossa)<sup>9</sup>.

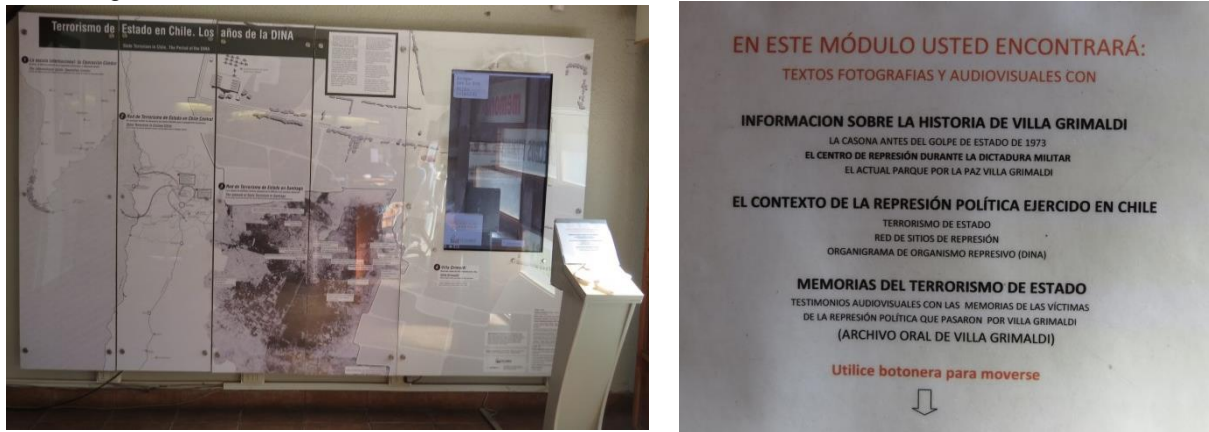
Alguns recursos digitais já fazem parte dessas exposições, como terminais de computadores com conteúdo multimídia, vídeos e outras interatividades. Na

---

<sup>9</sup> La vocation des expositions est de présenter, *réunies*, des pièces que le public ne pourrait voir sinon. Depuis quelques années, les espaces muséaux (et d'expositions en général) présentent au public des objets "mis en scène", et ceci quelle que soit la nature de l'exposition (artistique, scientifique, commerciale, historique, etc.). Des évaluateurs travaillent sur les résultats obtenus: il importe de savoir comment amener le public à une compréhension de l'exposition. De quelle manière ledit public l'aborde-t-il? Perçoit-il ce qui est mis à sa disposition? Il s'agira [...] de comprendre comment l'homme s'approprie l'espace (MARIANI-ROUSSET, 2002, p. 1).

*Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi* existe um equipamento ligado a uma tela (figura 6) na qual é possível realizar uma visita virtual ao sitio de consciência.

Figura 6 – Setor multimedia



Fonte: A autora (2015).

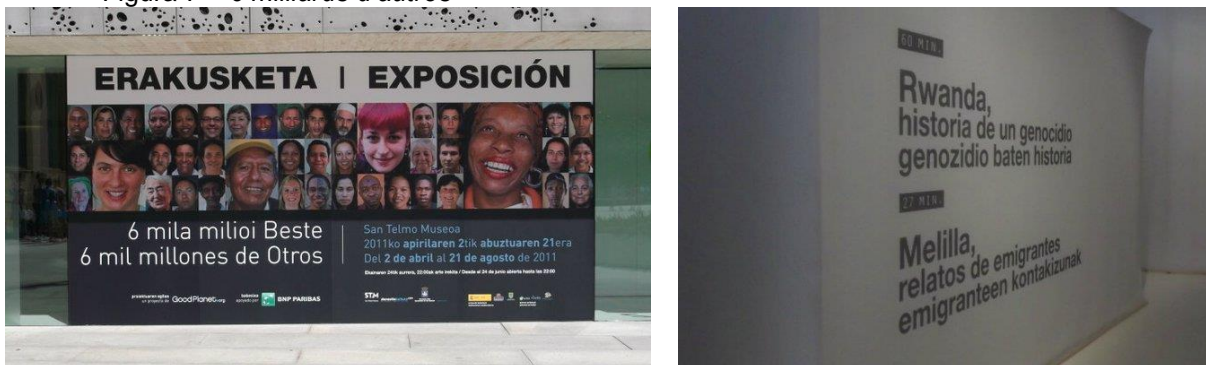
A visita a uma exposição implica um deslocamento temporal, a ação de explorar um ambiente onde não há concorrência com outra atividade simultânea. O visitante vive o tema exposto integralmente.

A alternância das exposições itinerantes nos museus e memoriais é de grande valia para o público que retorna ao sitio de consciência, pois isso acrescenta dinamismo ao lugar, além de agregar temáticas e didáticas que coexistem no eixo da exibição principal do lugar de memória.

Por vezes, a própria exibição confere ao museu tradicional um ambiente voltado à reflexão e à conscientização. Exemplo é a exposição intitulada *6 milliards d'autres*, que, após outubro de 2011, com a população mundial estimada em 7 bilhões de pessoas<sup>10</sup>, passou a chamar-se *7 milliards d'autres*. Trata-se de um projeto realizado pela Fundação Good Planet, através de Yann Arthus Bertrand (fotógrafo, jornalista e ambientalista francês), na qual pessoas de diferentes lugares do mundo falam sobre vida e sentimentos.

<sup>10</sup> De acordo com estimativas da ONU, a população mundial chegou a 5 bilhões em 11 de julho de 1987, e atingiu a marca de 6 bilhões de pessoas em 12 de outubro de 1999. Agora, 10 anos depois, ela é estimada em aproximadamente 7 bilhões. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-em-acao/a-onu-e-a-populacao-mundial/>>. Acesso em: 15 maio 2013.

Figura 7 – 6 milliards d'autres



Fonte: A autora (2011).

O projeto de Bertrand envolveu entrevistas com pessoas dos lugares mais remotos do planeta. A exposição é um projeto da ONG Good Planet. Seu objetivo é o de promover o desenvolvimento sustentável, e, para sua realização, foram coletados relatos a respeito de doze assuntos, a saber: família; lembranças e sonhos de infância; provas; medos e choros; o sentido da vida e a felicidade; Ruanda e Melilla – Genocídio e Emigração; estar em seu país e deixá-lo; histórias de amor e fazer durar o amor; mulheres; diferenças; o perdão e “testemunhas” do clima. O projeto acontece tanto presencialmente como pela internet, e os vídeos componentes da mostra são disponibilizados no canal do *YouTube* da Fundação Good Planet, os quais estão em constante ampliação de temas e depoimentos.

As temáticas abordadas pela exibição, como os genocídios, torna este projeto uma parte importante para a conscientização dos direitos humanos no mundo.

### 2.3 SÍTIOS DE CONSCIÊNCIA: CONTEXTOS E PERSPECTIVAS

A fim de ilustrar este trabalho, de complementar a pesquisa teórica e a pesquisa documental e empírica, a seguir serão apresentados exemplos citados pelos entrevistados como sítios de consciência visitados. Ao delimitar a escolha dos sítios de consciência incluídos neste tópico, foram selecionados aqueles que foram mencionados por mais de um entrevistado.



### 2.3.1 *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos*<sup>11</sup>

O *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos* é fundamental no apoio à história de Villa Grimaldi, justamente por oferecer dados importantes sobre o período da ditadura militar no Chile. O museu foi inaugurado em janeiro de 2010 e dispõe de diversos documentos, vídeos, objetos e arquivos que relembram a resistência, o exílio e a resiliência dos envolvidos no golpe militar de 1973.

Figura 8 – *Memorial de víctimas de la ditadura - MMDH*



Fonte: Site oficial *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos*

Mesmo não configurando um lugar de memória, por não estar alocado exatamente em um sítio que outrora fora de resistência, esse museu apresenta uma vasta compilação de materiais e informações. Em uma área ampla, de grande visibilidade, localiza-se o “Memorial de víctimas de la ditadura”, com fotos, nomes e histórias dos mortos e desaparecidos, além de velas artificiais como um símbolo da lembrança. Dessa forma, o local promove uma cultura de respeito pela dignidade das pessoas. O espaço ainda conta com ambientes para exposições temporárias e auditório onde, frequentemente, são realizados eventos científicos e educativos.

---

<sup>11</sup> MUSEO DE LA MEMORIA Y LOS DERECHOS HUMANOS. Santiago de Chile: Ograma, 2011.

### 2.3.2 Cementerio General<sup>12</sup>

O *Cementerio General* foi inaugurado por Bernardo O'Higgins em dezembro de 1821. Ele possui 86 hectares e foi pensado para ser um *Pantheón*, um lugar sagrado para que os chilenos pudessem homenagear os personagens importantes da história do país. É um cemitério laico, onde os que não têm recursos ou não são seguidores do catolicismo podem sepultar seus mortos. Entre os dois milhões de pessoas que ali estão enterradas, estão Eduardo Frei, presidente do Chile entre 1964 e 1970, Salvador Allende, presidente entre 1970 e 1973, Violeta Parra, artista chilena, fundadora da música popular chilena, e Victor Jara, músico e ativista político chileno.

Figura 9 – Mausoléu de Victor Jara



Fonte: CODOCEO (2012).

Inaugurado em 26 de Fevereiro de 1994, o *Memorial del Detenido Desaparecido y del Ejecutado Político*, localizado no *Cementerio General* de Santiago, representa 3.079 vítimas de violações dos direitos humanos em todo o Chile e foi instalado como o início do processo de justiça no país. É considerado um museu ao ar livre com patrimônio e valor cultural inestimável.

<sup>12</sup> AMORÓS, Mario. **Chile: la Memoria como fuerza de la Historia**. 2004. Disponível em: <<http://www.memoriando.com/zip/memoriaam.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2015.  
CODOCEO, Francisca. *Guía Urbana de Santiago: Cementerio General*. 05 jun 2012. Plataforma Urbana. Disponível em: <<http://www.plataformaurbana.cl/archive/2012/06/05/guia-urbana-de-santiago-cementerio-general>>. Acesso em: 26 mar. 2015.  
CEMENTERIO GENERAL. Disponível em: <<http://www.cementeriogeneral.cl>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

Figura 10 – *Memorial del Detenido Desaparecido y del Ejecutado Político*



Fonte: CODOCEO (2012).

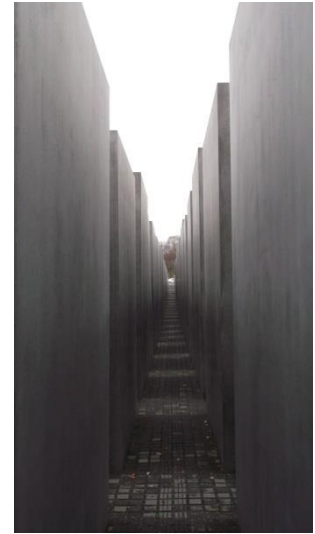
Todos os anos chegam até este memorial amigos e familiares dos que foram torturados durante a ditadura e até mesmo aqueles que não sabem as causas da morte. No mural com os nomes das vítimas está a frase de Raúl Zurita, poeta chileno: “*Todo mi amor está aquí y se ha quedado pegado a las rocas, al mar, a las montañas*”.

### **2.3.3 Memorial to the Murdered Jews of Europe<sup>13</sup>**

O Memorial aos Judeus Mortos da Europa, também conhecido por Memorial do Holocausto, é um espaço em Berlim dedicado às vítimas judias do Holocausto, projetado pelo arquiteto Peter Eisenman e pela *Buro Happold Engineering*. Consiste em uma área de 19.000m<sup>2</sup> coberta com 2.711 blocos de concreto, parecendo com um campo ondulado de pedras. Os blocos são de 2,38m de comprimento por 0,95m de largura e altura variada desde 0,2m até 4,8m. De acordo com o projeto, os blocos são desenhados para produzir uma intranquilidade, um clima de confusão, e a escultura ajuda a representar um sistema supostamente ordenado, mas que perdeu o contato com a razão humana.

<sup>13</sup> MEMORIAL TO THE MURDERED JEWS OF EUROPE. Disponível em: <<http://www.stiftung-denkmal.de/en/home.html>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

Figura 11 – *Memorial to the Murdered Jews of Europe*



Fonte: A autora (2012).

São analogias artísticas que remetem aos fatos traumáticos com os quais se relacionam desde que a sensibilidade do visitante permita desenvolver essa e outras interpretações. Um panfleto turístico oficial impresso em 2005 pela *Fundação para o Memorial* afirma que o projeto representa uma aproximação radical ao conceito tradicional de um memorial, em parte porque não foi usado nenhum simbolismo. Um anexo subterrâneo chamado de "Local de Informação" guarda os nomes de todas as vítimas judias conhecidas do Holocausto, conseguidos através do museu israelense *Yad Vashem*.

A construção do memorial teve início em 1º de abril de 2003 e foi concluída em 15 de dezembro de 2004. Foi inaugurado em 10 de maio de 2005 e aberto ao público em 12 de maio do mesmo ano. Está localizado a uma quadra ao sul do Portão de Brandemburgo, perto da *Potsdamer Platz*, em Berlim, numa distância que pode ser vista do parlamento federal alemão. O custo da construção foi de aproximadamente 25 milhões de euros.

Os recursos similares a outros sítios de consciência são o uso massivo do concreto, o paradoxo entre vazio e o repleto, além da área dedicada ao exercício didático e histórico do holocausto, apresentado através de vídeos contendo depoimentos, de objetos e de espaços dinâmicos.

### 2.3.4 Imperial War Museum<sup>14</sup>

O *Imperial War Museum* (IWM) atualmente é parte de um grupo de cinco museus situados em diversos pontos do Reino Unido. Ele foi inaugurado em 1917 e conta, desde 2000, com dois setores em especial: um totalmente voltado ao Holocausto, chamado “*The Holocaust Exhibition*”; e outro voltado aos genocídios, “*Crimes against humanity: an exploration of genocide and ethnic violence*”, aberto ao público em 2002.

Figura 12 – *Imperial War Museum e The Holocaust Exhibition*



Fonte: A autora (2012).

O IWM também mostra como foram as guerras para as crianças, apresentando a reconstrução de uma casa dos anos 1940, equipada com jaulas abaixo da mesa de jantar, para proteção das bombas, e máscaras com a aparência “suavizada”, com referências a personagens infantis da época.

<sup>14</sup> IWM London. Disponível em: <<http://www.iwm.org.uk/visits/iwm-london>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

### 2.3.5 Casa Museo La Chascona<sup>15</sup>

A *Casa Museo La Chascona*, localizada no bairro *Bellavista*, aos pés do monte *San Cristóbal*, em Santiago, começou a ser construída por Pablo Neruda em 1953, para Matilde Urrutia, e, em sua homenagem, batizou a residência de “La Chascona”, apelido dado por ele devido ao cabelo despenteado da amada.

Figura 13 – Casa Museo La Chascona



Fonte: Fundación Pablo Neruda.

Com a morte de Neruda, em 23 de setembro de 1973, dias depois do início do golpe militar chileno, “La Chascona” foi alvo de vandalismo por partidários de Augusto Pinochet. Ainda assim, foi nessa casa que o poeta foi velado. Sua esposa morou ali até sua morte, em 1985, e, após essa data, tornou-se uma casa museu destinada a divulgar a história de vida de Pablo Neruda.

---

<sup>15</sup> FUNDACIÓN PABLO NERUDA. **Casa Museo La Chascona**. Disponível em: <<http://www.fundacionneruda.org/es/galeria-chascona>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

### 2.3.6 Campo de Prisioneros Chacabuco<sup>16</sup>

O *Campo de Prisioneros Chacabuco* foi um campo de concentração chileno para presos políticos criado em novembro de 1973, pouco depois do Golpe de Estado liderado por Augusto Pinochet. Localizado a cerca de 110 km de Antofagasta, no meio do deserto do Atacama, esse campo ficava na *Oficina Salitrera Chacabuco*. Até meados de 1938 fora um povoado, mas, abandonado desde então, era utilizado para práticas militares.

Figura 14 – *Campo de Prisioneros Chacabuco*



Fonte: FLORES-TOLEDO (2012).

De novembro de 1973 a abril de 1975, foi utilizado como centro de detenção, exclusivamente para homens, tendo recebido mais de mil presos políticos.

Conforme a placa da *Corporación Museo del Salitre*, “em 1971 a ex *Oficina Salitrera Chacabuco* foi declarada Monumento Nacional, na categoria de Monumento Histórico, como uma maneira de preservar esta enorme testemunha viva do que foi o desenvolvimento industrial do salitre no Chile e o modo de vida da época” (FLORES-TOLEDO, 2012, tradução nossa)<sup>17</sup>.

<sup>16</sup> MEMORIA VIVA. **Campamento de Prisioneros "Chacabuco"**. Antofagasta; II Región. Disponível em: <[http://www.memoriaviva.com/Centros/02Region/campamento\\_de\\_prisioneros\\_chacabuco.htm](http://www.memoriaviva.com/Centros/02Region/campamento_de_prisioneros_chacabuco.htm)>. Acesso em: 26 mar. 2015.

FLORES-TOLEDO, Cristián. **Chacabuco**: El campo de Prisioneros Políticos más grande de Chile. 10 Septiembre 2012. Disponível em: <<http://www.diarioantofagasta.cl/el-pais/14756>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

<sup>17</sup> En 1971 la ex Oficina Salitrera Chacabuco fue declarada Monumento Nacional, en la categoría de Monumento Histórico, como una forma de preservar este enorme testimonio vivo de lo que fue el desarrollo industrial del salitre en Chile y el modo de vida de la época (FLORES-TOLEDO, 2012).

### 2.3.7 Dachau Memorial Camp<sup>18</sup>

Após a nomeação de Adolph Hitler como chanceler do Reich, em 22 de março de 1933, foi criado um campo de concentração para prisioneiros políticos em uma antiga fábrica de pólvora próxima a cidade de Dachau, cerca de cinco quilômetros ao norte de Munique, no sul da Alemanha.

Esse campo serviu de modelo para outros campos de concentração e mais tarde foi a "escola da violência" dos homens da SS que mantinham o poder do lugar. Durante os doze anos de sua existência, mais de duzentas mil pessoas de toda a Europa foram presas nesse local e em vários outros campos ligados a esse, dos quais 41.500 foram mortas até que, no dia 29 de abril de 1945, as tropas norte-americanas libertaram os sobreviventes.

O *Dachau Memorial Camp* foi criado em 1965, sob os terrenos deste campo de concentração por iniciativa dos sobreviventes, que se uniram para formar o "Comitê Internacional de Dachau". O governo do estado da Baviera concedeu apoio financeiro.

Figura 15 – Entrada para o acampamento dos presos antes / atual



Fonte: DACHAU CONCENTRATION CAMP.

O espaço foi configurado como um lugar de memória. Foram conservados vários edifícios originais da época do campo de concentração (o *Jourhaus*, o edifício da intendência, o bunker, o crematório e as guaritas), dois quartéis foram reconstruídos e se demarcou a fundação dos outros quartéis para saber onde eles estavam. Além disso, foi feito um monumento exprobratório no centro da antiga praça de revista, assim como vários espaços de memória destinados principalmente para fins religiosos.

<sup>18</sup> DACHAU CONCENTRATION CAMP. Disponível em: <<https://www.kz-gedenkstaette-dachau.de>>. Acesso em: 30 mar. 2015.



### 2.3.8 Estadio Nacional<sup>19</sup>

O *Estadio Nacional*, em Santiago, no Chile, foi o maior campo de prisioneiros do país durante a ditadura do general Augusto Pinochet. Estima-se que quarenta mil pessoas passaram por ali entre setembro e dezembro de 1973. Em 20 de outubro de 2003, a área foi declarada monumento histórico, incluindo sete locais de proteção especial, como as dependências do estádio: *Memorial acceso Grecia, Camarín Norte, Piscina, Escotilla Nº 8, Camarín Nº 3, Memorial Puerta Oriente, Camino de la Memoria, Caracolas, Túnel*.

Em locais escuros e frios, como o *coliseo, court central, velódromo, piscina, vestiários ou escotilhas*, todos, sem nenhum tipo de adaptação para ser uma instituição de detenção, foram presos homens, mulheres e crianças, chilenos e estrangeiros de 38 países, líderes sindicais, militantes e simpatizantes de partidos democráticos de esquerda, estudantes, funcionários públicos, trabalhadores de indústrias, bem como pessoas das próprias forças armadas e da polícia que não apoiaram o golpe.

Figura 16 – Arquibancadas do *Estadio Nacional*



Fonte: ESTADIO NACIONAL.

O projeto “Estadio Nacional Memória Nacional” não tem a intenção de alterar a atual utilização do estádio, mas adicionar uma missão educacional de lugar de memória, às atividades esportivas e culturais já existentes.

---

<sup>19</sup> ESTADIO NACIONAL. Disponível em: <<http://www.estadionacionalmemorianacional.cl>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

### 2.3.9 Londres 38 Espacio de Memorias<sup>20</sup>

A história de Londres 38, que fez deste local um lugar de memória, começa em setembro de 1973, quando a ditadura desapropria o imóvel de Jose Gutierrez e outros, que o tinham adquirido em nome do Partido Socialista. O centro de repressão e extermínio *funcionou* de setembro de 1973 a setembro de 1974.

Conhecido no jargão militar como *Cuartel Yucatán*, este centro de detenção foi o primeiro elo de uma cadeia de recintos de detenção na Região Metropolitana de Santiago, que incluiu outros três centros clandestinos - Villa Grimaldi, José Domingo Cañas e o localizado na Rua Irán n°3037. Ele foi usado pela *Dirección de Inteligencia Nacional* (DINA) em sua ofensiva repressiva contra o *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* (MIR) e outras organizações da esquerda chilena, como, mais tarde, o Partido Socialista (PS) e o Partido Comunista (PC).

O *Londres 38 Espacio de Memorias* foi construído através da análise de testemunhos, fotografias e dados sobre o imóvel, permitindo a identificação do lugar através dos elementos específicos do sítio de consciência.

Dada a importância e a repetição nos depoimentos, podemos verificar que duas características são fundamentais:

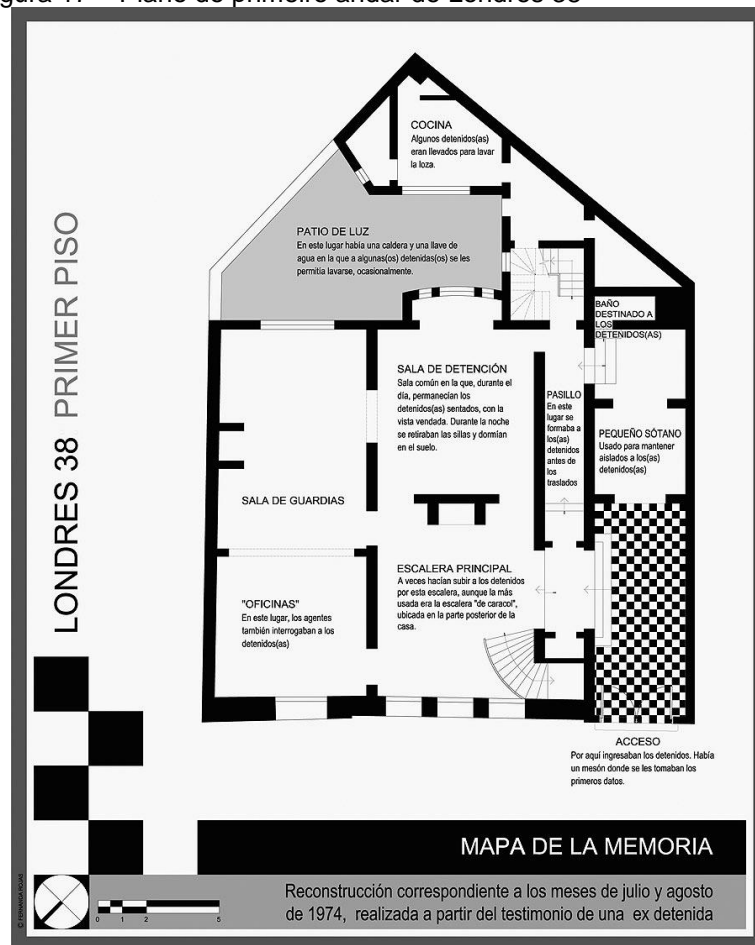
1. Os azulejos pretos e brancos, localizados na entrada da propriedade são recorrentes nos testemunhos de sobreviventes: "Y a través de la cinta adhesiva en los ojos pudo ver las baldosas blanco y negro y un mesón a la entrada donde mujeres jóvenes hacían preguntas de rigor".

2. O número "38" foi substituído pelo número 40, em uma tentativa de dissimulação e de esquecimento.

---

<sup>20</sup> LONDRES 38 ESPACIO DE MEMORIAS. Disponível em: <<http://www.londres38.cl>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

Figura 17 – Plano do primeiro andar de Londres 38



Fonte: LONDRES 38 ESPACIO DE MEMORIAS.

Através da recuperação desses elementos e da combinação de vários tipos de suportes de memória articulados pela arquitetura e pelo espaço urbano, em Londres 38, foi definido um trajeto que passa por três intervenções gerais:

1. A colonização do espaço público. Isto é verificado no pavimento da *Calle Londres*, a partir de *Alameda* até o imóvel, e de lá para *Calle Paris*, através da inserção de placas de mármore branco e placas de granito preto, no meio dos paralelepípedos na rua. Essa intervenção faz alusão aos azulejos pretos e brancos, e, ao mesmo tempo, obriga a fixação do olhar para o chão, gesto que o detento era obrigado a realizar por causa da venda sobre os olhos.

Figura 18 – Paralelepípedos com velas em homenagem no 11 de setembro



Fonte: LONDRES 38 ESPACIO DE MEMORIAS.

2. A designação do local: Na calçada em frente de Londres 38 estão 94 placas de ferro fundido, com as gravações dos nomes das pessoas assassinadas ou detidas desaparecidas que passaram por ali, incluindo idade e militância nos casos em que é possível identificar.

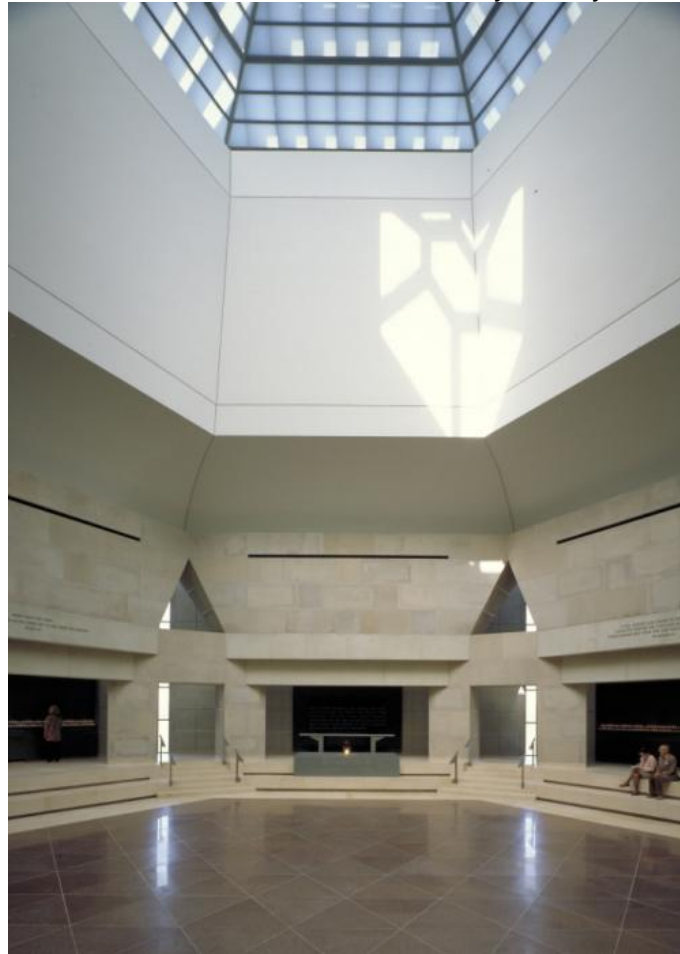
3. O nome do lugar: Como uma maneira de devolver a identidade que foi apagada da casa sem excluir a tentativa de ocultação, sobre o número 40, será instalado o número 38 original. O projeto inclui a manutenção da fachada com ambos os números como uma forma de mostrar a tentativa de ocultamento. A execução desta última intervenção ainda está em projeto.

### **2.3.10 *United States Holocaust Memorial Museum*<sup>21</sup>**

Como materialização da memória dos sobreviventes e vítimas do holocausto, o *United States Holocaust Memorial Museum (USHMM)*, em Washington, nos EUA, inspira cidadãos e líderes em todo o mundo a enfrentar o ódio, a impedir o genocídio e a promover a dignidade humana.

<sup>21</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Disponível em: <<http://www.ushmm.org>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

Figura 19 – *The Hall of Remembrance* - Timothy Hursley



Fonte: USHMM.

A Exposição Permanente do USHMM ocupa a maioria do espaço do Museu, que começa no quarto piso e termina no segundo andar. A visita sugere uma história cronológica do Holocausto. O trajeto inicia nos anos 1933 a 1940, incidindo sobre a exclusão dos judeus da sociedade europeia, com a Segunda Guerra Mundial e a invasão de Polônia pelos nazistas. O terceiro piso abrange os anos 1940 a 1945, enfocando o plano nazista de remover a população judia de todos os territórios ocupados pela Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. O segundo andar apresenta a resistência judaica sob o regime nazista, o resgate, a libertação e os anos do pós-guerra. O final da exposição é um filme com testemunhos de sobreviventes do Holocausto, que é executado continuamente.

### 2.3.11 Ravensbrück<sup>22</sup>

"Assim como Auschwitz foi a capital do crime contra os judeus, Ravensbrück foi a capital do crime contra as mulheres" (Sarah Helm *In*: BBC Brasil, 2015).

O campo de concentração Ravensbrück foi um centro de detenção e extermínio localizado na Alemanha, ao norte de Berlim, na localidade de Ravensbrück, município de Brandemburgo. Foi um dos primeiros a serem abertos, em 1939, e o último a ser liberado, em 1945. Ao final da Segunda Guerra Mundial, cerca de 130 mil mulheres haviam passado por Ravensbrück, entre elas judias, ciganas, doentes mentais, prostitutas e ativistas europeias. Entre 30 mil e 50 mil morreram de fome, de exaustão, em decorrência de testes científicos, de frio ou pelos tiros e pelo gás administrados pelos guardas nazistas.

Figura 20 – *The Women's Group* de Willi Lammert, 1996



Fonte: MEMORIAL MUSEUMS.

Dentro do campo as detidas eram forçadas a trabalhar com produção de trabalhos manuais, como costuras e artesanatos. Após o fechamento do campo de concentração, foi inaugurado, em 12 de setembro de 1959, o “Lugar nacional de memória e comemoração de Ravensbrück”, com uma parte das antigas instalações do campo de concentração, como o crematório, as celas e uma parte do muro com cerca de 4m de altura. Nos anos 80, a direção do lugar de memória concebeu a

<sup>22</sup> BBC Brasil. **O esquecido campo de concentração nazista só para mulheres.** 27 jan. 2015. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/01/150126\\_campo\\_concentracao\\_mulheres\\_cc](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/01/150126_campo_concentracao_mulheres_cc)>. Acesso em: 30 mar. 2015.  
RAVENSBRÜCK - MAHN-UND GEDENKSTÄTTE. Disponível em: <<http://www.ravensbrueck.de>>. Acesso em: 30 mar. 2015.  
MEMORIAL MUSEUMS. Disponível em: <<http://www.memorialmuseums.org/eng/staettens/view/228/Ravensbruck-Memorial>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

“exposição das nações” nas celas, onde cada país envolvido podia criar espaços de homenagem de forma independente. A sede do antigo comando das SS, usada até 1977 pelo exército soviético, recebeu, em 1984, o “Museu da luta da resistência antifascista”, que é, até hoje, uma exposição permanente do sítio de consciência.

### 2.3.12 Apartheid Museum<sup>23</sup>

Situado em Johannesburgo, na África do Sul, o espaço, construído em 2001, relembra a história do regime de segregação racial que vigorou de 1948 a 1994 na África do Sul. O museu foi montado e organizado por uma equipe multidisciplinar de curadores, cineastas, historiadores e designers. Ele oferece à comunidade internacional uma experiência sul-africana única, pois, com uma área de sete hectares, é um excelente exemplo de design, utilização do espaço e de paisagem local.

Figura 21 – Os Pilares da Constituição



Fonte: APARTHEID MUSEUM

Os sete pilares, com palavras-chave inscritas, fora do prédio, imediatamente remetem ao espaço de reflexão que é o memorial. São sete valores fundamentais que são representados nos primeiros passos dos visitantes na chegada ao museu: a democracia, a igualdade, a reconciliação, a diversidade, responsabilidade, respeito e liberdade.

A série de 22 áreas com exposições individuais leva o visitante por uma viagem emocional e dramática que conta a história de um sistema sancionado

<sup>23</sup> APARTHEID MUSEUM. Disponível em: <<http://www.apartheidmuseum.org>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

exclusivamente com base na discriminação racial. As exposições são de trechos de filmes, fotografias, painéis de texto e artefatos que ilustram os acontecimentos e histórias que fazem parte do apartheid.

“El museo es una institución indispensable de la memoria de los pueblos” (MARTÍN BARBERO, 2011).

Essa afirmação de Martín Barbero, utilizada como início da conclusão desta seção conduz-nos a uma resposta essencial. As temáticas reunidas pelos sítios de consciência são cada vez mais relevantes para o aprendizado do “ser” humano. Neste breve apanhado de informações sobre museus de sítio, memoriais, monumentos e exposições é possível perceber a formatação, bem como o tratamento que os lugares de memória recebem em diferentes partes do mundo. Algumas vezes são encarados como uma opção de entretenimento para o turismo, muitas vezes como uma poderosa ferramenta para o desenvolvimento social. Quando a sociedade se mobiliza em favor da sua memória como patrimônio, o museu se torna capaz de concretizar e agregar experiências de forma sistêmica, envolvendo a comunidade.



### 3 ESTUDO DE CASO: SITIO DE CONSCIÊNCIA CORPORACIÓN PARQUE POR LA PAZ VILLA GRIMALDI

Este capítulo apresenta o estudo de caso do sitio de consciência *Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi*. A história desse lugar se divide em três momentos, os quais são devidamente explorados em três seções, a saber: *Paraíso de Villa Grimaldi*, em 3.1, *Cuartel Terranova*, em 3.2 e *Parque por la Paz Villa Grimaldi*, em 3.3. As informações foram obtidas pela autora através de diferentes visitas (guiada, audioguiada, presencial), de entrevistas com a equipe de trabalho no local e de pesquisa documental.

É importante destacar que o lugar onde hoje é a *Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi* foi um dos maiores centros de detenção, sequestro e tortura clandestinos durante o regime militar chileno. Ele está localizado nas encostas do monte de Peñalolén, na cidade de Santiago de Chile<sup>24</sup>. Situado na Avenida José Arrieta número 8401, foi um espaço utilizado pela *Dirección de Inteligencia Nacional* (DINA), a polícia secreta do ditador Augusto Pinochet, em meados de 1973.

#### 3.1 PARAÍSO DE VILLA GRIMALDI

A fase aqui denominada *Paraíso de Villa Grimaldi* compreende o período anterior ao golpe militar de 1973. É fundamental descrever essa história para estruturar os anos posteriores a ela. A casa foi construída no início do século XX e funcionava como sede administrativa das terras de José Arrieta, um empresário uruguaio que chegou ao Chile em 1844, proprietário de grandes terrenos onde hoje se localiza a comunidade de Peñalolén. Na ocasião, o acesso era através de vias de chão batido e estas terras eram consideradas como região metropolitana de Santiago, por estarem nos arredores do centro da cidade. Hoje a comunidade de Peñalolén e de La Reina estão incorporadas à capital do Chile.

Na década de 1940, iniciou-se um loteamento com o objetivo de revender os sítios. Entre eles havia um grande terreno que compreendia um hectare onde ficava a casa da administração. Em 1964, esse terreno e a casa foram adquiridos por

---

<sup>24</sup> MEMORIA VIVA. Disponível em: <[http://www.memoriaviva.com/Centros/00Metropolitana/villa\\_grimaldi.htm](http://www.memoriaviva.com/Centros/00Metropolitana/villa_grimaldi.htm)>. Acesso em 23 nov. 2014.  
VILLA GRIMALDI. Disponível em: <<http://villagrimaldi.cl>>. Acesso em 23 nov. 2014.

Emilio Vassallo Rojas, irmão de um embaixador do Chile na Itália durante o governo do Presidente Salvador Allende. Foi ele que nomeou o lugar como “Paraíso de Villa Grimaldi”, em alusão às vilas italianas, com seus belos jardins, fontes de água, esculturas e pela composição do ambiente perfeito – Paraíso.

Figura 22 – Identificação das árvores mantidas até o momento



Fonte: A autora (2015).

O Paraíso de Villa Grimaldi tornou-se um espaço de lazer onde funcionava um restaurante de luxo, frequentado pela elite intelectual e por artistas da época, bem como representantes da *Unidad Popular*. Com uma vasta área verde, era composto por árvores, identificadas com placas (figura 22), inclusive com um exemplar de um grande ombú de aproximadamente 150 anos, preservado até hoje (figura 23).

Figura 23 – Ombú com 150 anos



Fonte: A autora (2015).

A área de recreação continha também uma piscina e diversas fontes de água, que também eram parte do encanto do lugar para Emilio Vassallo. O lugar onde hoje se localiza o memorial às mulheres vítimas da repressão, um roseiral, era um dos orgulhos do então proprietário.

### 3.2 CUARTEL TERRANOVA

Conforme as diretrizes do golpe militar de Pinochet, os integrantes das forças armadas deveriam procurar incessantemente aos que eles chamavam de “traidores da pátria”. Essas pessoas a quem eles se referiam como imensamente perigosos, “terroristas” e “comedores de crianças”, entre outros termos, nada mais eram do que jovens com uma média de 20 anos, em sua maioria estudantes, trabalhadores e militantes que apoiavam o governo socialista de Salvador Allende e acreditavam na revolução como uma luta pela justiça social. Sendo assim, por vezes integravam a *Unidad Popular*, UP, o *Movimiento de Izquierda Revolucionaria*, MIR, o Partido Comunista, PC, ou o Partido Socialista, PS. Todo o exército militar chileno foi envolvido nessa busca, e os líderes desse golpe começaram a designar lugares estratégicos como centros de detenção, a fim de ocultar da população as barbáries que planejavam cometer.

Atendendo a esses quesitos, o então coronel do exército Manuel Contreras Sepúlveda se apropriou do Paraíso de Villa Grimaldi a contragosto de Emilio

Vassallo, que nada pôde fazer para manter sua propriedade (figura 24). Por ser um lugar cercado por muros altos e relativamente isolado da cidade, além da proximidade com o Aeródromo de Tobalaba e com o Comando de Telecomunicações do Exército – de onde Augusto Pinochet comandou o golpe de estado que teve início em 11 de setembro de 1973 –, o espaço foi empossado como sede militar e centro de detenção.

Figura 24 – Extrato de venda da Villa Grimaldi a Manuel Contreras

Eº 8.-  
Ocho Escudos

1973-74 FN.

1 PROMESA DE CONTRAVENTA.

2

3 DIRECCION DE INTELIGENCIA NACIONAL

4

5 A

6 VASSALLO ROJAS, EMILIO.

7

8 FS. 481.

9

10

11 EN SANTIAGO DE CHILE, el día veintisis de Junio de mil no-

12 vecientos setenta y cuatro, ante mi, EDUARDO GONZALEZ ABBOTT,

13 Notario Público de este Departamento y los testigos cuyos nom-

14 bres al final se expresarán, comparecen: don EMILIO VASSALLO

15 ROJAS, chileno, casado con doña Nolfia Muñoz Bella, comerciante

16 domiciliado en Santiago, calle San Antonio cuatrocientos die-

17 ciocho, Departamento novecientos tres, cédula de identidad nú-

18 mero un millón once mil seiscientos cinco del Gabinete de San-

19 tiago; como promotiente vendedor; y don MANUEL CONTRERAS SE-

20 PULVEDA, Coronel de Ejército, chileno, casado, carnet de iden-

21 tidad número cincuenta y seis mil seiscientos noventa y tres

22 del Gabinete de San Antonio, domiciliado en esta ciudad, calle

23 Marcoleta número noventa y seis, en su carácter de Director

24 y representante legal de la Dirección de Inteligencia Nacional,

25 Institución Fiscal de Derecho Público, cuyo respectivo Decre- ✓

26 to Ley de creación se encuentra en transición, quienes por ✓

27 si, y en la representación que invisten; mayores de edad, quie-

28 nes acreditaron su identidad con las cédulas citadas y expo-

29 nen: PRIMERO.- Don Emilio Vassallo Rojas, es dueño del inmu-

30 ble ubicado en Avenida Arrieta sin número, de la Comuna de

Fonte: A autora (2015).

Nesse momento iniciou a primeira fase da repressão em Villa Grimaldi, entre os anos de 1973 a 1977. O lugar foi renomeado pelos militares como *Cuartel Terranova*. Esse período foi regido pela *Dirección de Inteligencia Nacional* (DINA).

Entre 1978 e 1990, o lugar esteve sob o controle da *Central Nacional de Inteligencia* (CNI).

Pelo que se sabe, através de relatos, em 1973 começaram a chegar os detidos, entre eles o primeiro sequestrado político, um dos fundadores do MIR, Patricio Munita Castillo, irmão de um dos visitantes entrevistados para esta pesquisa. A partir de 1974, a DINA instalou-se na casa principal e ali começou a funcionar a *Brigada de Inteligencia Metropolitana* (BIM), departamento encarregado pela repressão na cidade de Santiago.

Transformado em centro clandestino de sequestro e tortura após o golpe, foi o local onde aproximadamente 4.500 pessoas foram detidas, sendo que 236 pessoas foram ali executadas ou vistas pela última vez. Destes, 22 homens, mulheres e crianças foram reconhecidos como “executados políticos” e 214 permanecem até hoje como “detidos desaparecidos”<sup>25</sup>.

De todos os quartéis usados temporariamente pela DINA, existe o consenso de que o "*cuartel Terranova*" (nome militar) ou "*Villa Grimaldi*" (nome civil) foi o mais emblemático, tendo o maior tamanho físico, por haver ali hospedado oficiais da *Brigada de Inteligencia Metropolitana* (BIM, autoridade executiva máxima voltada à "operações" em Santiago e no país), por ter sido o quartel com o maior número de detidos, torturados e o maior número de assassinados e desaparecidos" (Comisión de Proyectos "*Villa Grimaldi: Centro de Conferencias y Parque por la Paz*" In: SALAZAR, 2013, p. 97, tradução nossa)<sup>26</sup>.

As equipes de operações da BIM enviavam ao *Cuartel Terranova* os presos para passarem pelos primeiros interrogatórios após a detenção, onde eram mantidos em lugares preparados para a prática da tortura, além das condições desumanas em que eram alojados. Com o passar do tempo, o número de detentos foi aumentando, e, com eles, também os lugares para confinamento. Como cada recinto possuía características específicas, como serão explicadas a seguir, os responsáveis pelo

<sup>25</sup> Tradução livre das expressões em espanhol utilizadas de acordo com a didática da Corporación Parque por La Paz Villa Grimaldi: Detenido desaparecido / Ejecutado político.

<sup>26</sup> De todos los cuarteles utilizados transitoriamente por la DINA, hay consenso en que el "*cuartel Terranova*" (nombre militar) o "*Villa Grimaldi*" (nombre civil), fue el más emblemático, por ser el de mayor tamaño físico, por haber albergado allí a los oficiales de la *Brigada de Inteligencia Metropolitana* (BIM, máxima autoridad ejecutiva en materia de "operaciones" en Santiago y en el país), por haber sido el cuartel con el mayor número de detenidos, de torturados y el mayor número de asesinados y desaparecidos ("*Villa Grimaldi: Centro de Conferencias y Parque por la Paz*" In: SALAZAR, 2013, p. 97).

centro de detenção decidiam quem ficava onde, de acordo com as informações que queriam extrair dos presos.

### 3.2.1 As celas - breve caracterização dos recintos de Villa Grimaldi

Para a identificação do lugar, devido à demolição e à posição das ruínas, os depoimentos dos sobreviventes ajudaram a reconstruir a história de Villa Grimaldi e podemos afirmar que foram fundamentais para isso. Mesmo privados da visão essas pessoas descreveram os sons dos pássaros, dos caminhões, as vozes, o ruído dos portões, os barulhos de chaves, o som do caminhar na terra e nos pedregulhos, além dos cheiros das flores e dos companheiros. Tudo isso permitiu que se identificassem diferentes lugares nos breves momentos em que eram retirados do cárcere; somando-se a isso, a sensação de frescor que experimentavam ao poderem se apoiar nos azulejos do muro próximo às celas, o que os ajudava a aguentar o calor seco dos meses de verão.

Figura 25 – Las “Casas Corvi” - Reconstrução



Fonte: A autora (2015).

Os relatos descrevem três tipos de celas:

- *Casas Corvi* (figuras 25, 26 e 27). Nome dado pela DINA para debochar do plano de moradia da UP – *Corporación de la Vivienda*. Em geral, nele ficavam quatro pessoas. Era uma espécie de jaula de madeira, com 1,80m de altura e 1m<sup>2</sup> de área. Para poder descansar, os detidos precisavam se revezar: enquanto dois sentavam no chão e dois ficavam em pé (figura 26).

As celas não tinham nenhum tipo de iluminação, ventilação ou limpeza. Se os militares não permitissem, os detidos deveriam fazer ali mesmo as suas necessidades. O único contato com o exterior nas *Casas Corvi* e nas *Casas Chile* era um pequeno furo na porta (figura 26). No verão, eram obrigados a aguentar as altas temperaturas, que em Santiago, beiram os 40°C.

Figura 26 – Las “Casas Corvi” – Ilustração realizada por ex-detido e detalhe da abertura



Fonte: A Autora (2015).

Acredita-se que este era o lugar onde ficavam os presos que estavam sendo submetidos ao regime mais intenso de interrogatórios e torturas, permanecendo vendados e amarrados.

Figura 27 – Las “Casas Corvi” - Interior



Fonte: A autora (2015).

- *La Torre* (figura 28). Era uma construção onde ficava a caixa d'água, nos tempos do Paraíso de Villa Grimaldi. O lugar contava com três andares. No ponto mais alto, ficava um guarda que observava todo o *Cuartel Terranova*. No segundo e terceiro andares foram construídos mais ou menos dez pequenos espaços para clausura, chamados de “*Conejeras*”, medindo 70x70cm de largura e profundidade e até 2m de altura, com uma portinhola na parte de baixo, por onde os presos precisavam entrar abaixados (figura 29). No primeiro andar ficava a sala de tortura.

Figura 28 – La Torre – Reconstrução



Fonte: A Autora (2015).

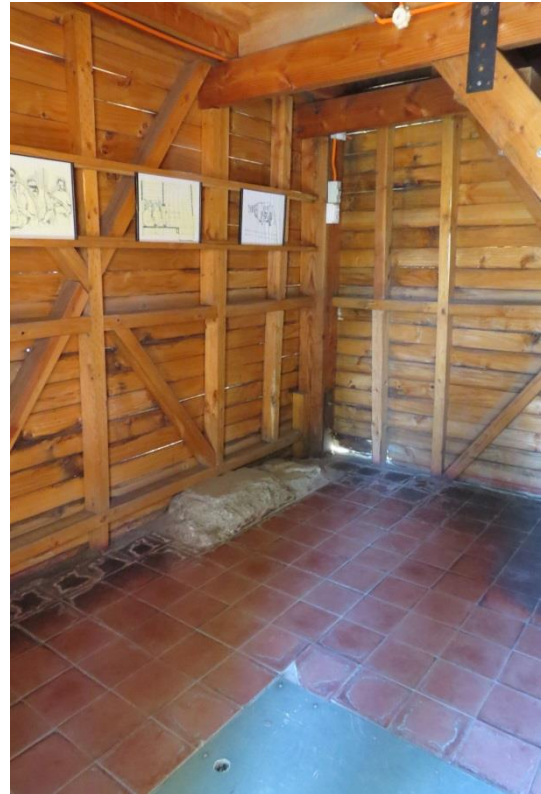
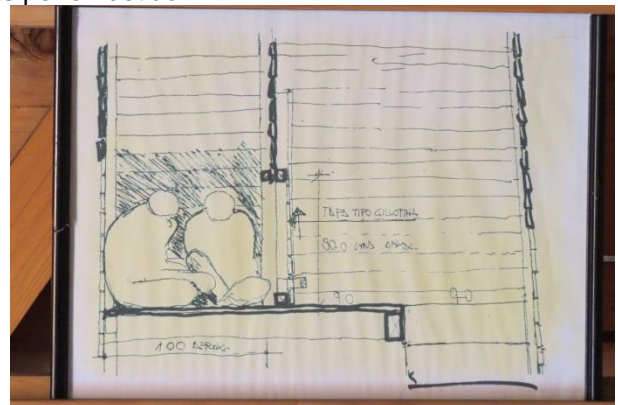
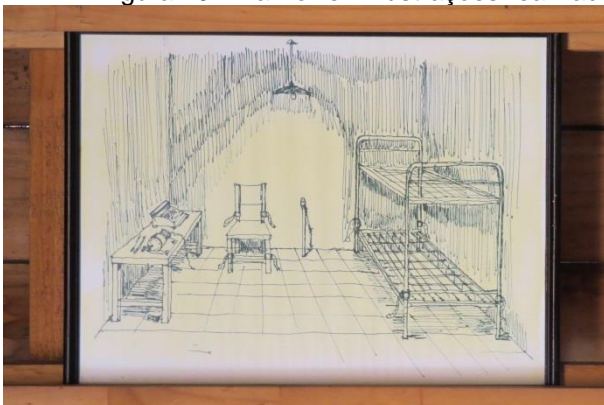


Figura 29 – La Torre – Ilustrações realizadas por ex-detido



Fonte: A Autora (2015).



Cada pequena cela recebia até cinco pessoas, em regime de reclusão permanente. O que se concluiu é que as pessoas que foram levadas para este espaço eram os presos de certa relevância para a DINA e que já haviam sido intensamente interrogados. A privação de ventilação e iluminação acarretou na perda da noção do tempo para muitos dos detidos, que tinham de conviver com os próprios excrementos e insetos. Muitos dos presos que ficaram em “La Torre” nunca mais foram vistos, como *Ariel Mancilla*, um dos principais dirigentes socialistas do Chile. A maioria dessas pessoas encontra-se em estado de “detido desaparecido”, e não existe uma explicação para os poucos que saíram com vida de lá. Por esse motivo, *La Torre* foi adotada também como uma forma de tortura psicológica, para onde os detidos temiam ser levados, pois sabiam que não havia volta.

- *Las Casas Chile* (figura 30). Assim como as *Casas Corvi*, eram construções de madeira destinadas ao isolamento individual de alguns presos. Possuíam repartições verticais parecidas com armários, onde o detento deveria ficar em pé, no escuro, por vários dias, e, em 1m<sup>2</sup>, ficavam até cinco presos. Essas celas, absolutamente fechadas, ficavam dentro de uma sala maior, com beliches de dois andares. Nessas salas, ficavam até oito beliches e um total de até 50 detidos, muitas vezes, algemados aos ferros das camas.

Figura 30 – Las “Casas Chile”



Fonte: A Autora (2015).

Núbia Becker Eguiluz<sup>27</sup> descreve em seu livro “Una Mujer em Villa Grimaldi” alguns registros que realizou sobre o tempo em que esteve detida. Detalha que, no momento da detenção, os olhos dos sequestrados eram vendados com fita adesiva e panos. Eles eram transportados nos caminhões do exército e acomodados como podiam: alguns sentados, alguns no chão. Já não podiam ver, o que aguçou os outros sentidos. Aprenderam a se reconhecer através do olfato e da audição (BECKER, 2011, p. 15). Esses caminhões dirigiam-se ao estacionamento (figura 31) do *Cuartel Terranova*, que hoje é o ponto central do *Parque por la Paz Villa Grimaldi*, onde se localiza uma fonte construída com mosaicos.

Figura 31 – Placa Antigo estacionamento



Fonte: A autora (2015).

O local, na época, também foi um espaço de tortura, pois, muitas vezes, os sequestrados eram dispostos no chão, com o corpo esticado e os veículos passavam suas rodas por cima das pernas.

Na sua permanência no centro de detenção Villa Grimaldi, os detidos não tinham acesso aos direitos básicos de saúde, como higiene pessoal. A alimentação era inapropriada, o que deteriorou ainda mais a saúde dos presos políticos. Entre as diversas celas que alojavam centenas de presos, os militares dividiam-se nas tarefas. Os oficiais, em sua maioria, conduziam os interrogatórios, enquanto outros agentes aplicavam os métodos de tortura. Ocasionalmente, um funcionário registrava as informações dadas pelo preso em uma máquina de escrever.

<sup>27</sup> Licenciada em Literatura. Militante do MIR e sobrevivente da Villa Grimaldi.

A segregação se dava pelo gênero. Os homens geralmente ficavam nas *Casas Chile*, e as mulheres, que compunham aproximadamente 20% do total de sequestrados, em outro recinto, com três beliches em um espaço de 24m<sup>2</sup> (figura 32). Nesse quarto, ficavam aproximadamente 30 mulheres, que, igualmente, tinham que revezar os momentos de descanso. O repouso durava pouco, pois seguidamente aconteciam sessões de tortura na sala ao lado, de onde ouviam os gritos de seus companheiros. Um método de resistência relatado por Becker (2011) foi cantar, pois assim tentavam se concentrar em um som diferente daquele do pânico que dominava o lugar. Anita Maria Jimenez, professora de música e ex-detida, afirmou, em entrevista para a Dra. Katia Chornik, musicóloga da Universidade de Manchester<sup>28</sup>: “para nós, cantar era uma forma de resistência e desafio, mas também uma forma de reafirmar a solidariedade... foi alegria no meio de tanta dor” (CHORNIK, 2011).

Figura 32 – Placa Celas para mulheres detidas



Fonte: A autora (2015).

A tênue linha entre o que fazer e o que não fazer no centro de detenção atingia frequentemente as atitudes tomadas pelos sequestrados. Entre tanta pressão psicológica, os agentes da DINA e da CNI eram capazes de reverter os atos de rebeldia, como cantar, a favor do seu próprio entretenimento e “como uma forma de castigo e uma trilha sonora à tortura”:

<sup>28</sup> O artigo de Chornik (2011) é baseado na pesquisa para o projeto *Leverhulme project: Sounds of Memory: Music and Political Captivity in Pinochet's Chile*.

Um dos episódios que Sra. Jimenez se lembra bem de seu tempo em Villa Grimaldi aconteceu durante uma noite de inverno, quando um guarda exigiu que ela cantasse para o entretenimento do pessoal da DINA. Ela se recusou, apesar do guarda ameaçar punir todos os prisioneiros se ela não obedecesse. "Embora eu sentisse medo, eu decidi que o meu pequeno ato de rebeldia seria não cantar. Além disso, eu pensei que não seria capaz", ela me disse. Mas quando o guarda deixou o lugar rapidamente para buscar cigarros, outro detido a convenceu a cantar, não para agradar o carcereiro, mas para confortar outro prisioneiro, Cedomil Lausic, que, depois de uma sessão de tortura brutal, estava sofrendo em confinamento solitário, a alguma distância. Quando o guarda voltou, a Sra. Jimenez estava cantando *Zamba Para No Morir* (uma canção que se tornou popular pela cantora argentina Mercedes Sosa, que foi proibida pelo regime de Pinochet), esperando que a música fosse levar um pouco de força para seu colega prisioneiro. Ela foi punida por seu ato de rebelião e teve de passar a noite inteira na chuva. Mais tarde, ela soube que sua música foi a última coisa que o Sr. Lausic ouviu antes de morrer (CHORNIK, 2011, tradução nossa)<sup>29</sup>.

A sala das mulheres tinha janelas de vidro pintadas com tinta escura para que não tivessem iluminação, nem pudessem ver o exterior. Porém, em um trecho do relato de uma sobrevivente, descrito na visita guiada, uma delas contou ter raspado um pouco da tinta sem que os militares percebessem. Era por ali que elas ficavam sabendo quem havia sido detido e quem passava das *Casas Corvi* e *Casas Chile* para a *Sala de Tortura* ou para *La Torre*. Sabiam quem voltava dos interrogatórios ou não. Quando estavam sozinhas dentro das celas, as mulheres podiam ficar sem as vendas e se comunicar. Assim, viram e reconheceram as marcas físicas e psicológicas da tortura entre elas.

Os militares definiam todos os horários. Segundo os depoimentos registrados no audioguia, os homens saíam mais ou menos três vezes ao dia, em grupos de cinco pessoas, e tinham três minutos para almoçar. Às 15h, eram levados a uma latrina; às 19h, recebiam uma xícara de chá e um pedaço de pão; uma vez ao dia, eram levados para as sessões de interrogatório e tortura.

---

<sup>29</sup> One of the episodes Ms Jimenez remembers most vividly from her time at Villa Grimaldi happened during a winter's night when a guard demanded she sing for the entertainment of DINA personnel. She refused, despite the guard threatening to punish all the prisoners if she did not obey. "Although I felt frightened, I decided that my small act of rebellion would be not to sing. Also, I thought I would not be able to," she told me. But when the guard left briefly to get cigarettes, another detainee persuaded Ms Jimenez to sing, not to please the jailer but to comfort another prisoner, Cedomil Lausic, who, after a brutal torture session, was suffering in solitary confinement at some distance. When the guard returned, Ms Jimenez was singing *Zamba Para No Morir* (a song made popular by Argentine singer Mercedes Sosa, whose music was banned by the Pinochet regime) at the top of her lungs, hoping the song would lend some strength to her fellow prisoner. She was punished for her act of rebellion and had to spend the entire night in the rain. She later learned that her song was the last thing Mr Lausic heard before dying (CHORNIK, 2011).

A forma mais comum de tortura era o que chamavam de “*parrilla*” (figura 33), uma cama de metal onde o detento era amarrado nu e recebia descargas elétricas em todo o corpo, principalmente nas partes mais sensíveis como os lábios, genitais, feridas e próteses metálicas. Os torturadores exigiam que os detidos urinasse antes da sessão, pois precisavam que eles aguentassem a sessão até que falassem – se urinasse durante, isso aumentaria a condução elétrica e os levaria a óbito antes que os agentes obtivessem o que queriam (BECKER, 2011). Uma variação deste método era a utilização de uma estrutura dupla, como um beliche, onde abaixo ficava o interrogado e em cima um amigo ou familiar também sendo torturado, para potencializar a pressão e fazer a vítima falar.

Figura 33 – Placa *Sala de tortura*



Fonte: A autora (2015).

Manter os presos pendurados era outra forma de tortura (figura 34). O detento era preso a uma barra pelos pulsos ou pelos pulsos e joelhos. A dor de ter o peso do corpo sustentado dessa maneira por um longo período de tempo era somada à aplicação de corrente elétrica, socos, chutes, cortes e situações de constrangimento.

Figura 34 – Placa *Lugar de torturas*



Fonte: A autora (2015).

O afogamento também era uma prática recorrente em Villa Grimaldi. A cabeça do interrogado era imersa em um recipiente com água, geralmente suja, ou com outros líquidos e mantido assim até que estivesse em um ponto próximo da asfixia. Outra forma era o chamado “*submarino seco*”, que consistia na colocação de uma sacola plástica na cabeça da pessoa, com partículas que poderiam ser aspiradas pelo torturado a fim de causar lesões nas vias respiratórias, como serragem.

A piscina era usada como um lugar de amedrontamento. Existe um relato de tortura que integra o audioguia em que quatro militares sustentaram com cordas um homem pelos braços e pernas, submergindo e retirando-o diversas vezes, estando cada agente em um dos quatro cantos na piscina.

Além dos métodos acima descritos, era habitual tortura e maus tratos por meio de socos, tapas e chutes, que resultavam frequentemente em lesões ósseas e musculares, assim como a prática de bater de forma imprevista, com a vítima vendada, completamente desprotegida.

Existiam outras formas de obter as declarações tão almeçadas pelos militares chilenos. Houve a tentativa do uso de drogas, o que não rendeu resultados. A criatividade maléfica do ser humano não parecia ter fim. Antes de, finalmente, assassinar os que já não lhes serviam, vertiam água fervendo em diversas partes do corpo para castigá-los. A atividade em Villa Grimaldi era permanente, sem interrupções. As equipes de operações entravam e saíam durante as 24 horas do dia, traziam detidos a qualquer momento e torturavam a qualquer instante. Os detidos, prestes a falecer devido à intensidade das torturas, eram levados em

caminhões de frigoríficos de empresas aliadas ao governo de Pinochet, onde outrora eram carregados frangos e gado. Os mesmos caminhões haviam sido usados como forma de sabotagem ao governo socialista de Allende, através da parada das estradas financiada pela CIA, o que gerou falta de alimentos e, por consequência, o “panelaço” dos que ignoravam o que realmente estava ocorrendo no país. A tática de utilizar caminhões que não os das forças armadas era também uma forma de não levantar suspeitas ou criar provas a respeito das sérias violações que ocorriam no lugar. Essa viagem sem volta era chamada pelos detidos de *Operación Puerto Montt*. Ou seja, nas poucas vezes em que trocavam alguma palavra, podiam falar que “tal companheiro foi a *Puerto Montt*”. Isso era sinal de que nunca mais o veriam novamente. Os corpos eram encaminhados para o *Cementerio General* ou simplesmente desapareciam, muitas vezes sendo levados de helicóptero, a partir do *Aeródromo de Tobalaba*, próximo ao *Cuartel Terranova*. Os veículos a serviço das forças armadas tinham suas placas modificadas, a fim de encobrir qualquer suspeita sobre o envolvimento do governo com os desaparecimentos e assassinatos.

O ambiente era de degradação generalizada. Além das torturas durante os interrogatórios, alguns guardas também batiam com violência nas pessoas detidas, dia e noite. Como quartel general da BIM, a Villa Grimaldi também hospedou uma equipe de agentes que tinham tarefas de apoio administrativo e logístico. Há relatos de testemunhas que estes agentes utilizavam, paradoxalmente, o lugar como centro de lazer durante os anos do *Cuartel Terranova*, aproveitando as estruturas da piscina e o ar livre para levar suas famílias e amigos, onde brindavam, ouviam música, banhavam-se e divertiam-se, mesmo que, naquele instante, nas salas próximas, fortes sessões de tortura estivessem acontecendo.

Homens vivendo em grupos não apenas coexistem fisicamente enquanto indivíduos distintos, não se confrontam os objetos do mundo a partir de níveis abstratos de uma mente contemplativa em si, nem tampouco o fazem exclusivamente enquanto seres solitários. Pelo contrário, agem com ou contra os outros, em grupos diversamente organizados, e, enquanto agem, pensam com ou contra os outros (MANNHEIM, 1976, p. 31).

### 3.3 PARQUE POR LA PAZ VILLA GRIMALDI

Sendo o tema uma proposta para a classificação do lugar de memória como um meio de comunicação, a exploração do mesmo demanda uma análise detalhada da *Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi*. Isso envolveu, como forma de apoio ao estudo de caso sob enfoque qualitativo, além das entrevistas de recepção com os visitantes, a visita guiada acompanhada da responsável pela ação educativa da memória e entrevistas com os realizadores (em dias e horários combinados e alternados para não interferir na rotina laboral do museu). Nessas entrevistas surgiram as intenções das ações do memorial, a experiência profissional da equipe da instituição, o contexto histórico e os recursos humanos e tecnológicos utilizados. Para complementar o estudo de caso, foram utilizadas informações obtidas em materiais impressos coletados nas visitas (*folders*, livros, CDs, DVDs, jornais, fotografias) bem como os conteúdos *online*.

A concretização do projeto *Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi* envolve três períodos. O primeiro é a recuperação do lugar, de 1991 a 1993; o segundo é a construção do *Parque por la Paz*, entre 1994 e 1996; e o último período, que se estende até a atualidade, a *Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi*, a partir de 22 de março de 1997.

Figura 35 – Placa *Nunca más*



Fonte: A autora (2015).



O parque foi criado voltado principalmente para as pessoas que queiram homenagear familiares e amigos, encontrando um lugar de acolhimento e dignidade. Além disso, a estrutura do parque foi incorporando, pouco a pouco, outros projetos que oferecem informações sobre o terrorismo de Estado durante a ditadura, bem como recursos pedagógicos voltados para a educação em direitos humanos.

Ao abrir à comunidade um sítio de consciência

trata-se de instalar a lembrança permanente das mais de três mil pessoas desaparecidas e assassinadas pelo regime do general Augusto Pinochet entre 1973 e 1990, e assim evitar tanto o esquecimento quanto a aceitação de práticas repressivas que tiveram lugar no Chile e em outros países da América Latina na mesma época (AVENDANO, 2005).

A recuperação do lugar inicia-se em 1991 (figura 36), um ano após a reinstalação da democracia no país. A atividade repressiva havia cessado em 1978, e, a partir daí, Villa Grimaldi foi abandonada e destruída, a fim de eliminar quaisquer resquícios dos crimes que ali ocorreram. Em 1987 o último diretor da CNI - *Central Nacional de Informaciones*, Hugo Salas Wenzel, vendeu a propriedade para a *Sociedad Constructora EGTP Ltda*, empresa em que tinha familiares diretos, os quais pensavam em construir um condomínio habitacional. Perante esse fato, as comunidades vizinhas, paróquias, organismos de direitos humanos e organizações de base formaram a *Asamblea Permanente por los Derechos Humanos de Peñalolén y La Reina*, que buscava parar as ações de desmanche da Villa Grimaldi. Mannheim (1976) legitima o poder de ação coletivo:

(...) estas pessoas, reunidas em grupos, ou bem se empenham, de acordo com o caráter e a posição dos grupos a que pertencem, em transformar o mundo da natureza e da sociedade a sua volta, ou, então, tentam mantê-lo em uma dada situação (p. 32).

A intenção desses públicos, que são parte dessa sociedade democrática exemplificada anteriormente, é variável de acordo com as prioridades de cada um. As pessoas às quais Mannheim (1976) se refere podem ser consideradas tanto como as que desejam tais transformações – a construção de espaços de memória que atuem para a educação em direitos humanos – quanto aquelas que não desejam mudanças e podem até mesmo estagnar o avanço da sociedade.

Como foi comprovado o ato ilegal de venda da propriedade, o *Ministerio de Vivienda y Urbanismo* aprovou um decreto de lei e conseguiu expropriar o ex-centro de detenção. No dia 10 de dezembro de 1994, o lugar foi aberto e ficou decidido que seria um parque que serviria como lugar de lembranças, reflexão e promoção dos direitos humanos, destacando a vida e a paz, num espaço que outrora fora sinônimo de morte e sofrimento.

Figura 36 – Recuperação (detalhe do portão principal)



Fonte: Site Villa Grimaldi.

Perante esses esforços, em 22 de março de 1997 foi inaugurado o *Parque por la Paz Villa Grimaldi*, data na qual foram homenageados todos os sobreviventes e mortos no Cuartel Terranova. A cerimônia de abertura contou com a presença do Padre José Aldunate (figura 37), grande defensor dos direitos humanos durante a ditadura militar.

Figura 37 – Padre José Aldunate na recuperação de Villa Grimaldi



Fonte: Site Villa Grimaldi.

Na ocasião, o público, composto também por filhos e netos dos detidos desaparecidos e dos executados políticos, entrou no local pelo portão onde transitavam os caminhões das forças armadas, trazendo e levando os sequestrados (figura 38).

Figura 38 – Portão fechado definitivamente em 22 de março de 1997



Fonte: A autora (2015).

Como uma forma simbólica de cessar para sempre as violações que ocorreram no local, o portão foi chaveado pelos familiares das vítimas nesse mesmo dia, e a chave entregue a José Aldunate. Desde então, nunca mais foi aberto.

O ingresso do *Parque por la Paz Villa Grimaldi* é realizado, desde então, por um novo portão (figura 39).

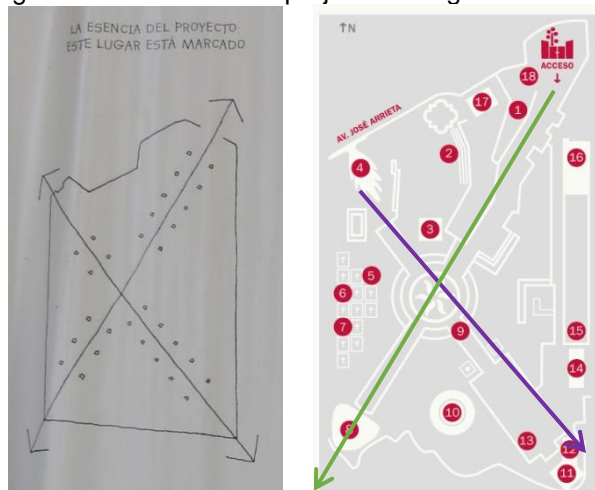
Figura 39 – Fachada Parque por La Paz Villa Grimaldi



Fonte: A autora (2015).

Segundo a equipe laboral e confirmado pela construção didática do lugar, Villa Grimaldi é um “lugar marcado”. O projeto do desenho do parque, idealizado pelos arquitetos José Luis Gajardo, Luis Santibáñez e Ana Cristina Torrealba, está cercado por elementos de arquitetura simbólica, comuns aos espaços de memória. A proposta em vigor em Villa Grimaldi contempla a água, o fogo e o ar. Ao observar a planta do parque, ou até mesmo em uma vista aérea, é possível identificar esse “X” que marca o lugar. Os monitores explicam, durante a visita guiada, que a rota que liga o antigo portão até *La Torre* (linha ilustrativa na cor violeta, figura 40) é chamada de “caminho da morte”: por ali entravam os detidos até terem seu fim decretado em *La Torre*. Já a rota que vai do novo portão até o *Muro de los nombres* (linha ilustrativa na cor verde, figura 40), é chamada de “caminho da vida”. Outra simbolização do “X” é a marca ao lugar com o *Nunca más*.

Figura 40 – Essência do projeto: um lugar marcado



Fonte: A autora (2015).

No encontro desses dois caminhos que se cruzam e que atravessam todo o Parque existe uma fonte (figura 41), que evoca a purificação do lugar pela água. Essa fonte e todas as outras interferências artísticas no parque são feitas com a técnica de mosaico, muitas vezes com azulejos e escombros dos próprios restos de materiais que ali foram encontrados em 1994. É interessante observar a significação da técnica para o parque. A analogia feita pelos educadores é que tal qual a história do lugar, o parque foi (re)construído por fragmentos de memória, ou seja, os mosaicos.

Figura 41 – Fonte central



Fonte: A autora (2015).

Apesar de o projeto original implicar no uso da água, é possível observar nas fotos que, na ocasião da pesquisa de campo, as estruturas estavam secas. Karen Cea (2015), coordenadora da área de educação, extensão e redes, explica que, temporariamente, o sistema estava interrompido; que funcionava quando o parque foi aberto, mas as raízes das plantas deterioraram a bomba de água do aparelho. Outras pequenas coisas, como o revestimento ao redor da praça também interferem no sistema de bombas de água. Quando os visitantes andam por essa região, os pedregulhos caem na fonte e cobrem o motor. Por esses motivos ele parou de funcionar. São pequenos detalhes que, em 1997 não eram problemas para a administração, mas atualmente se tornou muito difícil de mantê-lo funcionando devido às características do parque. Ela afirma a necessidade de adaptação: “Agora temos que aprender a usar. É difícil manter um parque aberto”<sup>30</sup>.

Para completar esses elementos, foi desenvolvida uma escultura em forma de chama na frente do antigo portão de acesso (figura 42), como forma de simbolizar o que era a entrada do lugar para os sequestrados: algo quase insuportável, resistente e que fazia resistir, que deixaria marcas, mas que algum dia iria terminar.

Figura 42 – Escultura com escombros da Villa



Fonte: A autora (2015).

<sup>30</sup> Parte del proyecto original como fluye agua, el agua es el símbolo de purificación de los espacios. Estuvo mucho tiempo interrumpido porque cuando se inauguró funcionó pero luego con las raíces, que son los problemas de un parque, se deterioró el sistema de bomba de agua que hacia funcionar ese mecanismo. Entonces ahora se inauguró el año pasado, pero es muy difícil mantenerlo por las características del parque. Hay cosas chiquititas como el maicillo que está alrededor de la plaza. Cuando los visitantes caminaban por ahí empezaban a caer al interior de la pileta y tapaba la moto de agua y no puede funcionar. Son detalles pequeños que en el 97 no estaba. Ahora hay un aprendizaje de cómo usar. Es difícil mantener un parque abierto (CEA, 2015).

As placas de sinalização estão geralmente posicionadas no chão, e isso tem uma motivação (figura 43). Como eram privados de seus sentidos, como a visão, o pouco que os detidos conseguiam ver enquanto circulavam pelo *cuartel*, sempre amarrados e acompanhados pelos agentes, era o chão. Como forma de reconstruir a memória das vítimas, optou-se por uma maneira de contar a história de Villa Grimaldi valendo-se de detalhes mais sutis, já que, ao tratar da didática do trauma, um lugar de memória precisa demonstrar cautela e respeito para com o assunto, a fim de não causar rejeição ao tema.

Figura 43 – Placa escultura antigo acesso



Fonte: A autora (2015).

Assim como para os prisioneiros, a visita ao *Parque por la Paz* propicia aos visitantes uma experiência sensorial, que gera reflexão e mantém viva, durante todo o trajeto, a lembrança e o respeito aos que ali estiveram detidos. Em geral, como o parque possui amplas áreas verdes, com flores e pássaros, o aroma e o som intervêm na experiência da visita; além disso, há os caminhos com pedregulhos, que fazem lembrar o som gerado pelos passos e veículos que por ali transitavam.

A área do parque possui uma superfície de 10.200m<sup>2</sup>, e reúne cerca de 40 espécies de plantas e flores, como as nativas (*canelo*, *araucária* e *patagua*) e as sananducas, buganvílias, bétulas, álamos e o ombú de 150 anos, a "Árvore da Esperança", uma testemunha silenciosa para as atrocidades em Villa Grimaldi.

Figura 44 – Mapa Aéreo Parque por la Paz Villa Grimaldi



Fonte: Site Villa Grimaldi<sup>31</sup>

### 3.3.1 Percorrendo o parque

Esta subseção ocupa-se em apresentar o parque atualmente. Para tanto, segue uma narração do que o público encontra ao iniciar sua visitação ao local.

Ao chegar ao *Parque por la Paz*, o visitante defronta-se com uma placa contendo as indicações para a realização do trajeto (figura 45). Na recepção, a equipe disponibiliza gratuitamente os equipamentos para a visita audioguiada, bem como um mapa explicativo; no entanto, alguns visitantes preferem a visita livre. Já as visitas conduzidas pelos monitores devem ser agendadas com antecedência. Na mesma casa onde fica a recepção, estão localizados os departamentos

<sup>31</sup> VILLA GRIMALDI. Disponível em: <<http://villagrimaldi.cl>>. Acesso em 23 nov. 2014.



administrativos do parque, e, próximos a eles, o centro de documentação e o arquivo oral, que podem ser consultados pelo público em geral.

Figura 45 – Placa indicativa entrada



Fonte: A autora (2015).

A visita guiada, bem como a sugerida pelo roteiro do audioguia, começa na Placa de Monumento Nacional (figura 46). Durante o governo de Ricardo Lagos, em 27 de abril de 2004, através do decreto nº 264, o lugar foi declarado Monumento Nacional como símbolo de reflexão, encontro e referencial para a memória, a justiça e a promoção dos direitos humanos; “no dia 11 de dezembro de 2004, o Ministério da Educação declarou essa casa Monumento Nacional na qualidade de Sitio Histórico” (AVENDANO, 2005).

Figura 46 – Placa monumento nacional



Fonte: A autora (2015).

Em seguida, o roteiro contempla a observação de resquícios, as antigas escadarias de acesso à casa principal do *Paraíso de Villa Grimaldi*, denominada *la casona* (figura 47), que foi demolida após o término das atividades repressivas no local. Essas estruturas, denominadas no plano do parque como *gradas* (figura 28), foram descobertas em 2006, pois, até então, estavam cobertas por terra e grama. Responsável pela conservação, a restauradora Maeva Schwend esclarece que está envolvida em qualquer tipo de intervenção no parque, pois são nesses momentos que podem aparecer objetos e construções que serão encaminhados para um arqueólogo<sup>32</sup>.

<sup>32</sup> Estoy ocupada cuando hay cualquier tipo de intervención en el Parque, una excavación, una obra mayor, yo estoy ahí para ver qué es lo que aparece, para recuperarlo y registrar, para contactar un arqueólogo eventualmente (SCHWEND, 2015).

Figura 47 – Placa *Casona*



Fonte: A autora (2015).

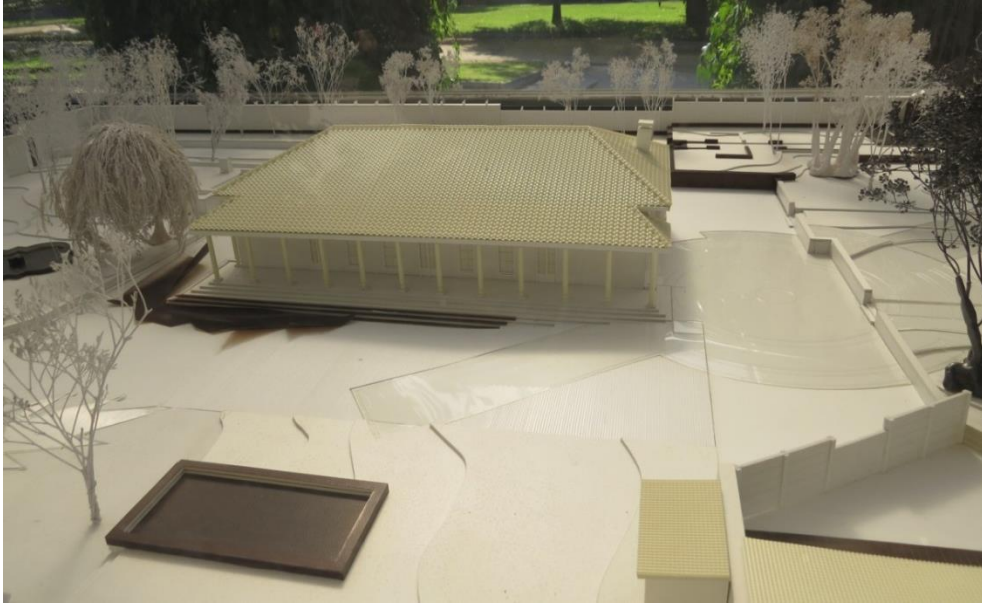
Figura 48 – Escadas encontradas em 2006



Fonte: A autora (2015).

A maquete (figura 49) instalada no local em 2012 mostra uma visualização ampla do espaço, incluindo as modificações feitas em determinadas áreas do centro repressivo utilizado pela DINA (Direção de Inteligência Nacional) e foi elaborada a partir de depoimentos de sobreviventes. Essa instalação permite compreender os espaços do lugar e as mudanças ocorridas entre destruição, recuperação e construção do *Parque por la Paz Villa Grimaldi*.

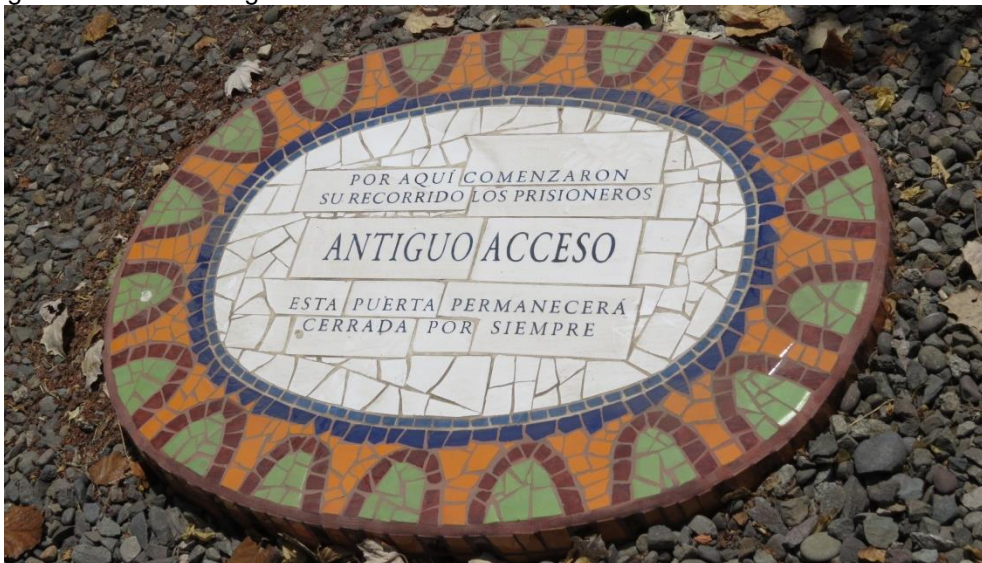
Figura 49 – La Maqueta



Fonte: A autora (2015).

Nela também é possível ver as estruturas que permaneceram desde a época do *Paraíso de Villa Grimaldi*, como o ombú, as fontes e as piscinas, bem como aquelas que foram reconstruídas simbolicamente somente através da maquete. A reprodução permite observar as construções destruídas como uma forma de eliminar vestígios e provas do que acontecia na propriedade. O próximo passo da visita é o antigo portão (figura 50), já descrito anteriormente.

Figura 50 – Placa antigo acesso



Fonte: A autora (2015).

Seguindo os muros próximos ao antigo acesso, o visitante se depara com uma reconstrução dos espaços de aprisionamento. A analogia, porém, é pensada de forma livre: há grama nos locais destinados às celas, os *abedules* representam os detidos e os caminhos de tijolos demonstram o que eram os corredores entre os recintos (figura 51). Os detidos, quando saíam, eram obrigados a andar em fila pelos corredores, com aproximadamente 0,80m de largura.

Figura 51 – Celas de tortura



Fonte: A autora (2015).

É nesse espaço do parque que fica o “Pátio de los Abedules”, um lugar ao ar livre, próximo às celas onde os sequestrados eram eventualmente levados para comer. Nesse momento, eles promoviam um tipo de sobrevivência coletiva, pois a comunicação que estabeleciam através de palavras simples, grunhidos, sons, cheiros, sinais e toques, sem ativar a percepção dos agentes; era, naquele momento, mais do que suficiente para levar um pouco de conforto aos companheiros detidos. Os *Abedules* (bétulas) foram escolhidos para nomear o lugar devido às suas características relacionadas com os sequestrados: a fragilidade, a solidão e a forte resistência às mudanças climáticas, além de possuir muitas propriedades medicinais e ser uma árvore sagrada em muitas culturas.

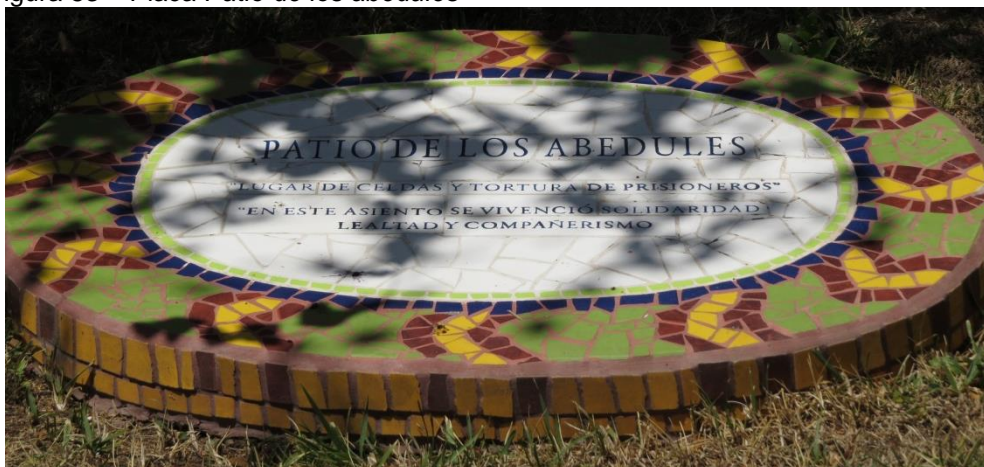
Figura 52 – Pátio de los abedules e reconstrução do muro



Fonte: A autora (2015).

O muro localizado atrás do “Pátio de los Abedules” era revestido com azulejos e parte de algumas celas, onde alguns dos sobreviventes relataram terem apoiado seus corpos durante o verão, a fim de se refrescar e suportar as altas temperaturas. Essa parede do parque caiu durante o terremoto de 27 de fevereiro de 2010, e devido à sua importância na identificação do lugar de detenção dos presos políticos, a administração do parque expôs um *banner* com uma foto do muro original, bem como uma legenda explicativa.

Figura 53 – Placa Pátio de los abedules



Fonte: A autora (2015).

O banco de tijolos semicircular desse pátio era um dos poucos locais que propiciavam um raro momento de descanso, sempre sob controle dos agentes (figura 54) e é identificado como um lugar de solidariedade. A área desse espaço permanece isolada por cordas a fim de preservar o piso e o banco original que se vê também na figura 54.

Figura 54 – *Pátio de los Abedules*



Fonte: A autora (2015).

Próximo ao “Pátio de los Abedules”, em frente ao local onde era a cela das mulheres, fica o já mencionado “Ombú” (figura 23), uma árvore imponente, originária da patagônia argentina. Foi utilizado como artefato de tortura, pois os agentes penduravam em seus galhos alguns sequestrados e ameaçavam a outros com essa ação. Em 1975, ali torturaram e executaram Carlos Carrasco, um jovem recruta do exército, funcionário do *Cuartel Terranova*, acusado de traição por ajudar os presos políticos.

Seguindo a rota proposta pelo mapa, o visitante chega até o “Muro de los nombres”, também conhecido como “Muro de la memoria” (figura 55), que é uma construção de pedra onde os nomes dos 226 detidos desaparecidos e executados políticos até então identificados estão gravados em uma placa de metal, em relevo (figura 56). Sabe-se que 18 dessas pessoas foram assassinadas no *Cuartel Terranova*. A lista segue em ordem cronológica e, nas visitas guiadas e

audioguiadas, ouve-se uma descrição do perfil dos perseguidos e mortos pela ditadura militar chilena.

Figura 55 – *Muro de los nombres*



Fonte: A autora (2015).

Entre 1973 e 1975, foram detidos ou executados homens e mulheres integrantes do *Movimiento de Izquierda Revolucionaria*, MIR, do *Ejército de Liberación Nacional*, ELN, e da *Liga Comunista Chilena*, LCC, que eram, na maioria, jovens estudantes. Em 1975, a repressão se focou novamente nos militantes do partido socialista, principalmente em homens com uma média de idade de 30 anos.

Em abril de 1976, os desaparecidos ou executados eram militantes do partido comunista, com idades entre 50 e 55 anos. Entre 1977 e 1978, o MIR é novamente o alvo das execuções. O que se observa é que, entre 1974 e 1976, se concentra o maior número de sequestros, execuções e desaparecimentos.

O “Muro de los nombres” é também uma mostra das dinâmicas e objetivos repressivos da ditadura. Ainda há informações que não foram confirmadas, pois, devido às investigações, novos dados podem surgir, inclusive para mudar o status de “detido desaparecido” para “executado político” e incluir novos nomes ao mural (visto que, desde a construção, estão previstos espaços livres para acrescentar outros nomes de vítimas). Esses casos tramitam em processos judiciais ainda não esclarecidos, como o caso dos dois primeiros detidos, em 1973, que incluem complexidades e dificuldades do esclarecimento do acontecido.

Os relevos do muro são fósseis que representam um símbolo da permanência da lembrança, bem como a resistência dessas pessoas com o passar do tempo, e



um espaço para a memória dos familiares e amigos, que, devido à ausência do corpo e de um ritual fúnebre adequado a cada uma de suas crenças, podem sentir com suas mãos o nome dos seus entes queridos, deixar homenagens, flores e acender velas.

Figura 56 – Detalhes do *Muro de los nombres*



Fonte: A autora (2015).

Esse espaço também é utilizado para a transmissão da memória coletiva já que, muitas vezes, os jovens estudantes que visitam o parque se aproximam do mural para procurar seus nomes e/ou sobrenomes e identificar-se com os que ali estão inscritos.

Figura 57 – *Jardín de Rosas*



Fonte: A autora (2015).

O “Jardín de Rosas” foi feito por Emilio Vassallo, que trouxe mais de mil rosas de vários lugares do mundo para decorar a casa. O lugar era tão exuberante que o primeiro comandante da DINA designou guardas e até alguns prisioneiros para que cuidassem das rosas. Nos depoimentos de sobreviventes, alguns lembram o aroma dessas flores, outros das práticas de tortura que ali eram realizadas.

Na construção do parque, devido à importância para a memória coletiva, a corporação decidiu resgatá-lo e fazer dele um memorial a todas as mulheres que foram detidas, desaparecidas e assassinadas em Villa Grimaldi e outros centros. Foi inaugurado dia 8 março de 2007, e as três etapas desse projeto são as seguintes:

1. Ao redor da fonte de água central, os idealizadores do projeto plantaram 36 rosas e, em memória às executadas e desaparecidas em Villa Grimaldi, colocaram, nesse espaço, placas com nome de cada uma dessas prisioneiras.

2. No segundo círculo, há 102 rosas e placas para mulheres assassinadas ou desaparecidas na década de 70;

3. No terceiro elo, 53 rosas e placas em homenagem às mulheres vítimas do terrorismo de estado na década de 80.

Cada rosa foi doada e cuidada pelos familiares e amigos dessas mulheres. Esse compromisso criou um processo de memória ativo para essa comunidade. A rosa com uma placa sem nome é uma homenagem à companheira desconhecida. Dentro da fonte de água original, ao centro do jardim, está a frase “Todas íbamos a ser reinas” de Gabriela Mistral, poetisa, educadora, diplomata e feminista chilena, contemplada com o Prêmio Nobel de Literatura em 1945 (figura 57).

O próximo local do trajeto é “La Torre”, estrutura reconstruída no ano 2000 - com piso e escadas originais- e simbolizada também pela placa indicada na figura 38. Nesse espaço, hoje, ficam desenhos feitos pelos sobreviventes (figura 29) e um mural onde estão expostos os nomes com as fotos dos agentes e torturadores envolvidos, bem como os nomes já julgados e condenados pelas violações aos direitos humanos. Manuel Contreras Sepúlveda, nomeado por Augusto Pinochet como Diretor da DINA, cumpre hoje prisão perpétua.

Figura 58 – La Torre



Fonte: A autora (2015).

A exposição das fotos dos agentes é fundamental para a visibilidade da justiça pela sociedade, e essencial para familiares e amigos das vítimas. Assim, a localização do organograma da figura 59 foi pensada com cuidado, pois a ideia não era dar um destaque positivo, mas negativo.

O lugar escolhido para sua exposição, então, foi a primeira sala da torre. Bárbara Azcárraga, da área de educação e responsável pelas visitas guiadas, relata um momento que vivenciou ao conduzir estudantes para a torre.

O guia fala a respeito dos processos judiciais, das condições em que estão estes agentes, e, depois dessa explicação, os jovens visitam toda a torre e entram na *Sala de la memoria* que está ao lado. Uma vez, uma menina me falou em particular “sabe que meu avô foi militar e tem que assinar<sup>33</sup> todas as semanas, tu achas que foi porque ele torturou pessoas?” (AZCÁRRAGA, 2015)<sup>34</sup>.

A pergunta foi de difícil resposta, mas a guia lhe falou com clareza e cuidado “sim, se teu avô é uma pessoa já idosa e está assinando, provavelmente está envolvido”. Para Azcárraga, esse zelo é parte do que ela considera especial no

<sup>33</sup> O uso da expressão “assinar” (*firmar*), nesse contexto, no Chile, quer dizer que uma pessoa condenada por algum ato precisa se apresentar semanalmente à justiça e prestar uma declaração.

<sup>34</sup> Si, por ejemplo en una visita a la torre, donde hay un organograma con los agentes represores de la DINA que actuaron acá en el sitio. Entonces a propósito de eso uno se pone a hablar de los procesos judiciales y las condiciones en que están y luego que se hace esa explicación en el fondo, los chicos recorren en La Torre y entran en La Sala de la Memoria que está al lado. Una vez una niña me dijo en particular "oye sabes que mi abuelito fue militar y tiene que ir a firmar todas las semanas, tú crees que es porque torturó gente?" (AZCÁRRAGA, 2015).

trabalho da educação em Villa Grimaldi: poder provocar pensamentos que façam os jovens refletirem<sup>35</sup>.

Figura 59 – Organograma da Junta Militar de Governo



Fonte: A autora (2015).

Ao lado da Torre, estão duas das poucas construções que não foram destruídas: o laboratório fotográfico e a sala da memória. Na época do *Paraíso de Villa Grimaldi* esses espaços eram usados como vestiários, já que a piscina fica próxima a eles. Já nos tempos do *Cuartel Terranova* as salas foram usadas como “Laboratório Fotográfico de la DINA” (figura 60), para falsificação de documentos, placas dos veículos, laboratório de revelação das fotos dos detidos, que eram devidamente fichados como em todas as prisões.

<sup>35</sup> Ese tipo de pregunta a uno la deja... le respondí, bueno si tu abuelo es una persona mayor y está firmando probablemente debe haber estado involucrado. Hay que tener cuidado. Eso es lo bonito del trabajo de nosotros, lo que uno va diciendo va provocando cosas en los chicos los hace reflexionar, los hace pensar. A lo mejor ella nunca antes se preguntó. Y con la visita ella puede preguntar (AZCÁRRAGA, 2015).

Figura 60 – Placa *Laboratório Fotográfico de la DINA*



Fonte: A autora (2015).

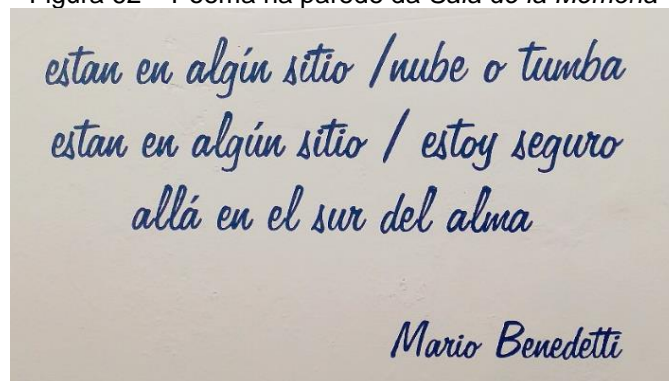
O outro espaço é hoje a “Sala de la Memoria” (figura 61), que porta uma mostra de objetos pessoais doados pelos familiares, fotografias dos sequestrados e assassinados, fotografias de momentos importantes da reconstrução de Villa Grimaldi. Além disso, ao fundo da sala, há um trecho do poema “Desaparecidos”, doado por Mario Benedetti.

Figura 61 – *Sala de la Memoria*



Fonte: A autora (2015).

Figura 62 – Poema na parede da *Sala de la Memoria*



Fonte: A autora (2015).

Seguindo a orientação de visita, o visitante passa pela “Velaria” (figura 63), que é um espaço amplo, onde acontecem manifestações artísticas, homenagens, performances. Em 13 de dezembro de 2014, no aniversário de 20 anos de recuperação da Villa Grimaldi, um dos grupos musicais mais importantes do cenário chileno, Inti-Illimani, se apresentou na *Velaria* com o “Segundo Concierto por la Memoria: Abramos la Villa Grimaldi”, reunindo um grande público e artistas convidados. Em outra ocasião, em comemoração ao “Día del Detenido Desaparecido” o público pôde apreciar um show de rock com Claudio Narea, ex-integrante da banda chilena *Los Prisioneros*.

Figura 63 – *Velaria*



Fonte: A autora (2015).

Algumas visitas guiadas temáticas também têm seu ponto de partida ali; os estudantes são reunidos nesse espaço e recebem uma aula introdutória sobre os direitos humanos, em específico sobre aquele de que tratarão na visita. Alguns tipos de visita guiada temática realizadas na Villa Grimaldi são concentradas em temas atuais ligados às violações dos direitos humanos.

Figura 64 – Antigo portão, antigo estacionamento e velaria



Fonte: A autora (2015).

A *Velaria* está posicionada no eixo “X” do parque, seguindo a rota desde o antigo portão até a torre (figura 64). Esse espaço dentro do parque é promotor da vida, pelo fato de reunir tantas pessoas em seus eventos, localizado entre a torre, o antigo estacionamento e o antigo portão.

Na sequência da visita, o público depara-se com a placa indicativa da piscina, conforme a figura 65.

Figura 65 – Placa piscina



Fonte: A autora (2015).

A piscina hoje é cercada com uma grade de isolamento a fim de conservar o piso e os azulejos originais que restaram no local (figura 66). Em volta da piscina há uma fonte, e, na parede próxima a ela, placas de homenagens a pessoas

importantes para a Villa Grimaldi, como Pastor Helmut Frenz, lembrado por um dos entrevistados (figura 67).

Figura 66 – Piscina



Fonte: A autora (2015).

Figura 67 – Homenagens



Fonte: A autora (2015).

Ao lado da piscina, estão os “Memoriais de Partidos Políticos” (figura 68), espaço em que cada grupo pôde manifestar seu pesar em um espaço próprio.



Figura 68 – Memoriais de Partidos Políticos



Fonte: A autora (2015).

Ali estão memoriais construídos por integrantes do *Movimiento Popular de Acción Unitaria (MAPU)*, *Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR)*, *Partido Comunista (PC)* e *Partido Socialista (PS)*.

Esses memoriais apresentam elementos de resistência e culto à memória como o ferro, os nomes gravados, mosaicos e vidro (fragmentação), água e uma parreira de uvas.

Saindo desse setor e já no final do trajeto, o visitante encontra placas, sob um jardim elevado, que contêm os nomes de todos os desaparecidos e mortos acompanhados da frase de Mario Benedetti que também intitula esta dissertação: “El olvido está lleno de memoria”.

Próximo à saída fica o “Monumento Rieles Baia de Quintero”, que foi agregado ao projeto do parque em 2007 mediante uma proposta de um artista (figura 69).

Figura 69 – Monumento *Rieles Baía de Quintero*



Fonte: A autora (2015).

A *Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi* recebeu como doação os fósseis de trilhos de trem que eram utilizados pelos agentes para eliminar vestígios, extraídos das profundezas da *Baía de Quintero*, região costeira próxima à Valparaíso, no Chile.

Figura 70 – Monumento *Rieles Baía de Quintero* - interior



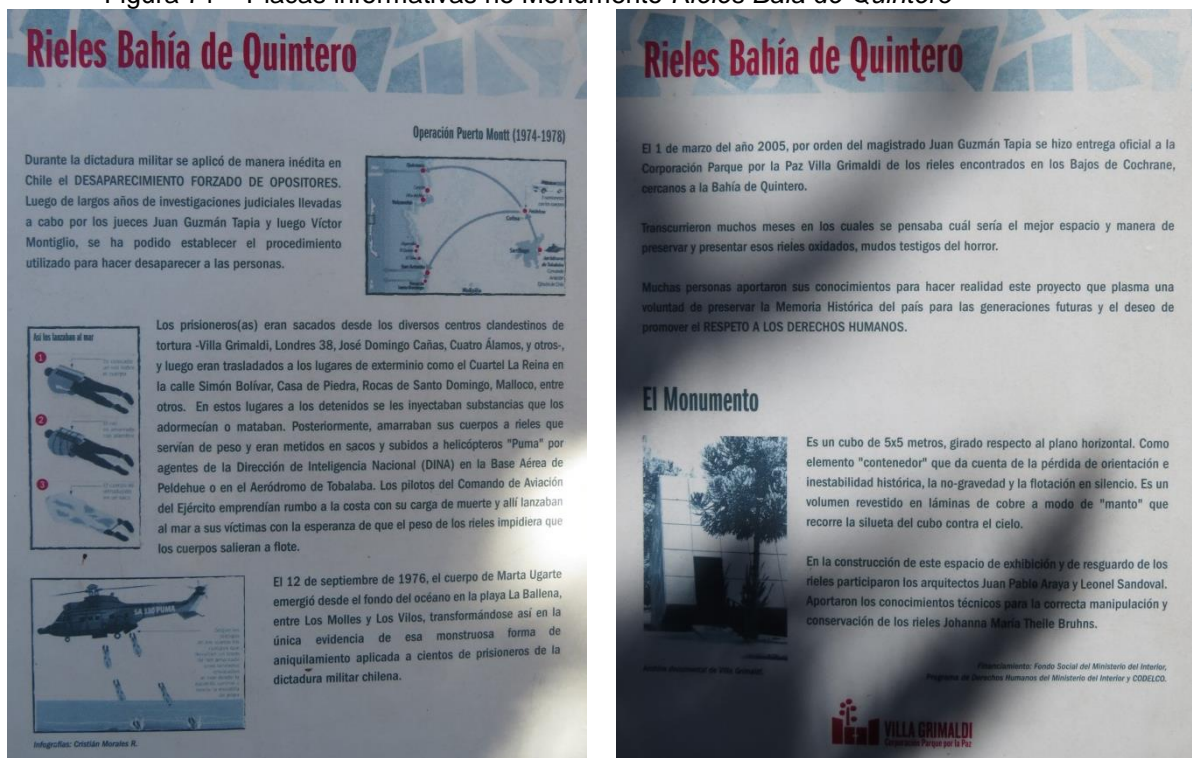
Fonte: A autora (2015).

Os detidos, adormecidos ou mortos, eram amarrados a estes trilhos, embarcados em helicópteros das forças armadas e partiam, do *aeródromo de Tobalaba* e outros locais, rumo ao oceano, onde eram jogados na água. Esse ato foi descoberto porque, em uma ocasião, um dos corpos (da sequestrada Marta

Ugarte<sup>36</sup>) desprende-se dos trilhos e surgiu flutuando na *Baía de Quintero*. O caso foi elucidado graças à investigação do juiz Juan Guzmán Tapia para casos de violações de direitos humanos, que entregou os trilhos encontrados no fundo do mar para a *Corporación* em 2005, para sua exibição e preservação (figura 70).

O monumento consiste em um cubo de 5 m x 5 m, inclinado, em metal, que, para o artista criador, significa a instabilidade da água. Dentro, o som da água e o som dos pássaros acompanham o visitante, que, ali, depara-se com os fósseis onde um dia estiveram muitos defensores da democracia. A luz é especialmente focada nos trilhos, e uma lupa ajuda a identificar a presença de um botão de roupas preso a um destes ferros, elucidando ainda mais o fato de que aquelas pessoas passaram por atrocidades.

Figura 71 – Placas informativas no Monumento *Rieles Bahía de Quintero*



Fonte: A autora (2015).

<sup>36</sup> Membro do comitê central do partido comunista, detida em agosto de 1976 pela DINA, sendo levada ao *Cuartel Terranova*, onde supostamente foi assassinada na torre. O corpo foi colocado em um saco e levado em um helicóptero com mais 7 corpos. Durante a operação, um dos agentes percebeu que o saco se mexia. O agente o abriu, e, ao perceber que a vítima ainda estava com vida, pegou um dos arames que prendia o corpo de Marta Ugarte ao trilho de trem e a enforcou. Devido à falta de amarras, o corpo se desprende do trilho, e foi encontrado no mês de setembro de 1976, flutuando em *Playa La Ballena*, próximo a *Los Vilos* e *Los Molles*. Em 1976, a imprensa chilena divulgou que isso foi um crime passional. Os cinco membros do *Comando de Aviación del Ejército* e os jornalistas envolvidos foram processados por seus atos.

### 3.3.2 Recursos humanos, administração e serviços

O *Parque por la Paz Villa Grimaldi* permanece aberto todo o ano à comunidade, todos os dias, das 10h às 18h. Mas não é somente o parque que sustenta o trabalho pela memória. A *Corporación* conta com uma equipe de aproximadamente 20 pessoas que exercem funções de acordo com as suas diferentes expertises.

Este grupo se divide basicamente nos setores de administração, comunicação, educação e museu (ver tabela 1). O setor administrativo mantém cargos essenciais à gestão como qualquer instituição, com administração geral, financeira, contábil, além da recepção, dos serviços gerais e de uma equipe de manutenção.

Tabela 1 – Recursos Humanos em 2015

<b>Equipe de Gestão da Villa Grimaldi</b>	
<b>Administradora</b>	<i>Carola Zuleta Hidalgo</i>
<b>Assessora Legal</b>	<i>Marcela Rivas Cerda</i>
<b>Chefe de Administração e Finanças</b>	<i>Ana Isabel Valdivia Osorio*</i>
<b>Secretária</b>	<i>Patricia Pérez Zúñiga*</i>
<b>Equipe Museu Parque</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– <i>Coordinador de Área: Roberto Fuertes García*</i></li> <li>– <i>Encargada de Conservación: Maeva Schwend Morales*</i></li> <li>– <i>Encargada de Archivística y Catalogación: Agustina Ramírez Hoffens*</i></li> <li>– <i>Visionado Archivo Oral y atención CEDOC: Anahí Moya Fuentes*</i></li> <li>– <i>Digitalización y Catalogación: Daniel Rebolledo Hernández</i></li> </ul>
<b>Equipe Comunicação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– <i>Coordinador del Área: Carlos Vergara Nuñez</i></li> <li>– <i>Web Master y Fotógrafo: Luis Arellano Pastenes*</i></li> <li>– <i>Facebook: Michéle Drouilly Yurich</i></li> <li>– <i>Registro Audiovisual: Javier Bertín</i></li> <li>– <i>Sonidista: José Antonio Balletta</i></li> </ul>
<b>Equipe Educação, extensão e redes</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– <i>Coordinadora del Área: Karen Cea Pérez*</i></li> <li>– <i>Encargada de visitas guiadas, itinerancias y boletines de educación: Bárbara Azcárraga Gatica*</i></li> <li>– <i>Encargada del programa de redes y extensión: Francia Jamett Pizarro</i></li> <li>– <i>Encargada de extensión y equipo de voluntarios: Montserrat Figuerola Estévez</i></li> </ul>
<b>Serviços Gerais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– <i>Patricia Allende Muñoz*</i></li> <li>– <i>Miguel Gutiérrez Tapia</i></li> <li>– <i>Ruperto Castro Rojas</i></li> <li>– <i>Rafael Allende Rozas</i></li> <li>– <i>Sergio Escobedo</i></li> </ul>
<b>Contabilidade</b>	<i>Juan Alarcón Marihuán</i>
<b>Recepção</b>	<i>Omar Sagredo Mazuela*</i>
<b>Serviço de Jardinagem</b>	<i>Mario Tobar</i>

\* Foram entrevistados ou consultados para esta pesquisa.

Fonte: Site Villa Grimaldi<sup>37</sup>

<sup>37</sup> VILLA GRIMALDI. Disponível em: <<http://villagrimaldi.cl>>. Acesso em 23 nov. 2014.

É importante mencionar que os recursos financeiros do parque são providos pelos sócios, através de doações espontâneas, como as arrecadadas através da venda de livros e demais materiais na recepção, de atividades pontuais, bem como os aportes de agências estatais, nacionais e internacionais<sup>38</sup>.

### 3.3.2.1 Museu Parque

A área Museu Parque iniciou no ano de 2012, já sob coordenação de Roberto Fuertes, especializado em patrimônio, e é composta por Maeva Schwend Morales (*Encargada de Conservación*), Agustina Ramírez Hoffens (*Encargada de Archivística y Catalogación*), Anahí Moya Fuentes (*Visionado Archivo Oral y atención CEDOC*) e Daniel Rebolledo Hernández (*Digitalización y Catalogación*).

No setor de “Museu”, a restauradora, Maeva Schwend ocupa-se em conservar os objetos materiais, vestígios, documentos patrimoniais ou doações, passando por inventário, registro, embalagem e conservação preventiva<sup>39</sup>.

A arquivista é responsável por um dos projetos conquistados em 2013, o aprimoramento do projeto do *archivo documental*, um container climatizado localizado ao lado dos escritórios, próximo à recepção. Agustina Ramirez (2015), arquivista, explica que o projeto foi financiado pela Fundação Mellow e pela Universidade de Harvard, através de uma licitação de financiamento para o *Programa para Bibliotecas y Archivos Latinoamericanos*<sup>40</sup>. Avendano reafirma o reconhecimento dos documentos para a ONU:

o museu guardará arquivos reconhecidos pela Organización das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura que incluem registros escritos, audiovisuais e jurídicos recopilados entre 1974 e 1990 (AVENDANO, 2005).

---

<sup>38</sup> Informe Auditoría y Estados Financieros 2013. Disponível em: <<http://villagrimaldi.cl>>. Acesso em 23 mar. 2015.

<sup>39</sup> Conservar los objetos materiales, los vestigios de Villa Grimaldi y también los documentos patrimoniales o cualquier objeto patrimonial o donación - valor patrimonial -, consiste desde el inventario, registro, embalaje y conservación preventiva de los objetos (SCHWEND, 2015).

<sup>40</sup> El archivo documental, ubicado al lado de las oficinas, un contenedor, es un proyecto que se ganó el año 2013 cuando se postuló un proyecto con financiamiento de la Fundación Mellow y la Universidad de Harvard. Era para financiar proyectos para archivos y bibliotecas latinoamericanas. Ganamos con el proyecto puesta en valor del archivo documental de Villa Grimaldi (RAMIREZ, 2015).

Esses documentos contam a história da Villa Grimaldi. Ele é abastecido por doações de instituições, de pessoas físicas (em geral amigos e familiares dos sequestrados) e de organizações sociais. O apoio à equipe na parte de digitalização e catalogação é o trabalho de Daniel Rebolledo.

As principais coleções, como o *Archivo Oral* e *CEDOC* são de responsabilidade de Anahí Moya Fuentes. O CEDOC - Centro de Documentación de Villa Grimaldi, conta com mais de 800 volumes de material bibliográfico, documental e audiovisual relacionado com a memória histórica, os direitos humanos e o terrorismo de Estado exercido durante a ditadura militar no Chile. Também possui material de outros sítios de consciência da América Latina e do mundo. No *Archivo Oral* estão os relatos dos sobreviventes e, assim como os documentos do CEDOC, pode ser acessado gratuitamente na sala de consultas.

### 3.3.2.2 Comunicação

A área de comunicação é coordenada por Carlos Vergara e a equipe conta com os profissionais Luis Arellano Pastenes (*Web Master y Fotógrafo*), Michéle Drouilly Yurich (*Facebook*), Javier Bertín e José Antonio Balletta (registros áudio e vídeo).

Além de abastecer o site e as redes sociais virtuais, o setor atualmente também funciona como uma agência de notícias<sup>41</sup>. Sobre o *site*, o *webmaster* relatou em entrevista que a palavra-chave para efetuar a busca no Google é “tortura”. Já diretamente no site, os itens mais procurados são “*donde están*”, “*quienes somos*”, “*horario de atención*”. Com o aumento da publicação de notícias produzidas pela equipe, os visitantes do site o tem acessado para ler essas reportagens<sup>42</sup>.

---

<sup>41</sup> Este año tuvimos una variación en nuestra política de comunicación, buscamos reportear hechos, elaborar noticias originales; íbamos a los puntos de prensa yo secundaba a Carlos en la fotografía, entonces nos fuimos comportando como una pequeña agencia noticiosa, elaborando textos, fotos que posteriormente le entregábamos a los medios de comunicación y si querían publicarlos lo publicaban, las fotos igual y en dos casos al menos entregamos audio (ARELLANO, 2015).

<sup>42</sup> Nos llama la atención que normalmente las entradas al sitio web son por ítems como por “donde está”, cuando la gente nos busca en google la palabra clave es “tortura”, esa es como la más destacada. Cuando la gente entra a nuestro sitio sin google, normalmente entra a ítems tradicionales como “donde están” “Quienes somos, horario de atención” Hay gente que busca información para venir. Este año logramos ir cambiando esa realidad de a poco y la gente comenzó a entrar mucho por las noticias que publicamos. Como son las noticias originales, coberturas que hacíamos nosotros, entonces por ese lado comenzaron a entrar los visitantes (ARELLANO, 2015).

Neste contexto, os importantes investimentos feitos por muitos museus em seus sites na internet constituem uma parte significativa da lógica comunicacional destas instituições. Como resultado, têm-se as várias exposições virtuais ou ciberexposições (domínio no qual o museu pode apresentar uma *expertise* real), os catálogos digitalizados, os fóruns de discussão mais ou menos sofisticados, e as diversas incursões dessas instituições nas redes sociais (YouTube, Twitter, Facebook, etc.) (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2013, p. 37).

Os dados de navegação no site *villagrimaldi.cl* contabilizaram, no ano de 2013, 170 mil acessos, número que aumentou 150% em 2014. Arellano (2015) comenta que é normal que, no início do ano, as visitas sejam poucas, que aumentem em março (com as comemorações do Dia Internacional da Mulher e o *Dia del Detenido Desaparecido*) e cheguem ao pico em setembro, graças ao apoio das matérias televisivas que citam a Villa Grimaldi em função da simbologia que envolve o dia 11 daquele mês<sup>43</sup>.

### 3.3.2.3 Educação, extensão e redes

A área de Educação, extensão e redes é coordenada por Karen Cea Pérez, que conta também com Bárbara Azcárraga Gatica (*Encargada de visitas guiadas, itinerancias y boletines de educación*), Francia Jamett Pizarro (*Encargada del programa de redes y extensión*) e Montserrat Figuerola Estévez (*Encargada de extensión y equipo de voluntarios*). Esse setor tem a função principal de promover o uso pedagógico do parque, através da estruturação e aplicação de atividades voltadas ao público escolar, promovendo a cultura dos direitos humanos e reparação simbólica. Para tanto, é aplicada a pedagogia da memória em associação com quatro eixos didáticos: vinculação passado-presente; promoção da cultura dos direitos humanos; desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico; fomento à memória crítica (CORPORACIÓN..., 2013, p. 17-18).

Em meio à ação educativa, ocorrem também exposições temporárias itinerantes, como o conjunto das exibições “Ana Frank: una Historia Vigente” e “Villa

<sup>43</sup> A ver el año 2013 tuvimos alrededor de 170.000 visitas al año. Al año 2014 doblamos esa cifra tuvimos un 150% de incremento. Normalmente las visitas del sitio web comienzan muy bajas en estos meses en marzo se mantienen en una cierta meseta digamos durante los meses de invierno y se dispara en septiembre, porque hay muchos reportajes de televisión que alude a la Villa Grimaldi o hay reportajes que se filman aquí, etc. Entonces la gente se interesa, hay pico de visitas ese mes, el 11 de septiembre, hay actos también que se realizan en este lugar, y comienza después a descender (ARELLANO, 2015).

Grimaldi: pasado, presente y futuro”, que, juntas, contam com um programa de capacitação para os jovens voluntários que queiram ser guias das exposições nas suas escolas. Além disso, as visitas guiadas podem ser temáticas, voltadas para assuntos específicos que contemplem os quatro pilares norteadores do setor de educação<sup>44</sup>. Algumas dessas visitas realizadas são *Contexto histórico y partidos políticos; Movimiento de Derechos Humanos en Chile; Memoria y Testimonio; Discriminación Ideológica; Discriminación contra la Mujer; Discriminación racial; Encuentro con testimoniante*.

Figura 72 – Material de apoio às visitas temáticas



Fonte: Site Villa Grimaldi<sup>45</sup>

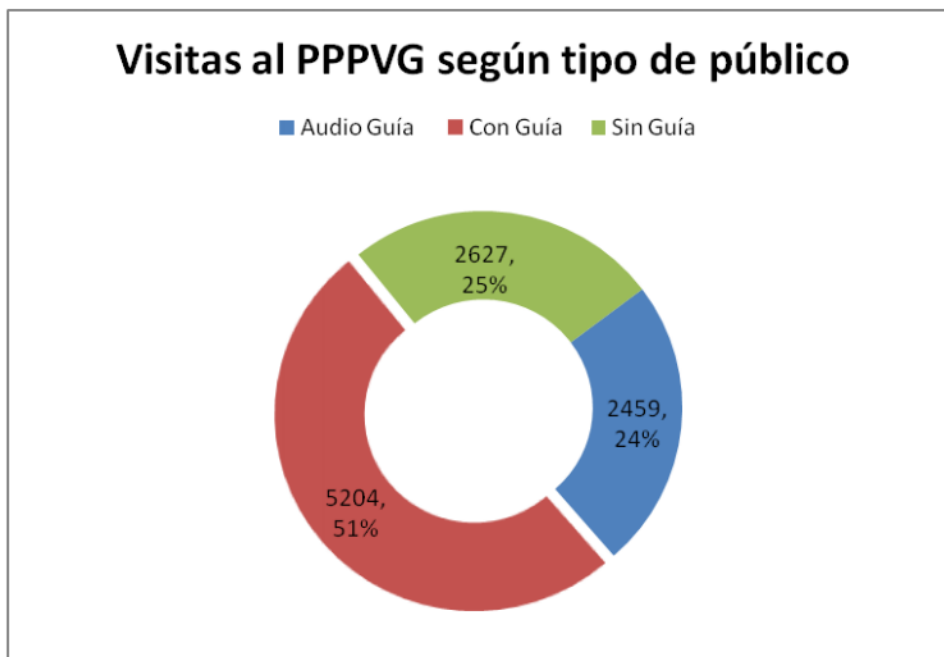
Ao observar o gráfico 1, a seguir, com dados referentes a 2013, é possível ver que a grande maioria dos visitantes percorre o parque acompanhado dos guias, ou em alternativa, com o apoio do audioguia.

<sup>44</sup> Porque pensamos en ese tipo de visitas? Porque uno de los objetivos centrales del área es vincular el pasado de este lugar con el presente; es decir como atravesó de la experiencia particular de este centro clandestino de secuestro, de tortura y exterminio, nosotros podemos contar esa historia pero además vincularla con lo que ocurre hoy en materia de justicia y verdad, pero también de otro tipo de violaciones a los derechos humanos que son constantes y no interesaba mostrar mucho que en Chile no se violaron los derechos humanos solo durante el periodo de la dictadura cívico militar sino que hay una continuidad que en general tiene que ver mucho con los prejuicios con actos de discriminación que se van cometiendo y que finalmente gatillan en este tipo de la creación de lugares como la Villa Grimaldi, lugares de tortura, de castigos (CEA, 2015).

<sup>45</sup> VILLA GRIMALDI. Disponível em: <<http://villagrimaldi.cl>>. Acesso em 23 nov. 2014.



Gráfico 1 – Visitas ao parque em 2013



Fonte: Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi (2013, p. 19).

A responsável pelas visitas guiadas destacou que essa conexão do passado com o presente é constante, mesmo no trabalho de um historiador, formação comum a muitos profissionais de Villa Grimaldi.<sup>46</sup>

A complexidade de um lugar de memória envolve muito mais do que oferecer ao visitante o contato com a estrutura física que transcendeu os anos desde o evento traumático. Neste estudo de caso, buscou-se um conhecimento amplo sobre o que é a *Corporación Parque por La Paz Villa Grimaldi* hoje. Com o apoio dos referenciais teóricos e da pesquisa empírica, serão desenvolvidas e confirmadas as hipóteses relativas ao problema desta investigação.

<sup>46</sup> Hay que estar preparada por que las personas, el público en general hace muchas preguntas y esto es un trabajo que está muy conectado con la actualidad, entonces uno tiene que estar se informando. Preguntan por temas a veces judiciales, militares, por víctimas, que ha pasado entonces en el fondo hay que manejar el tema (AZCÁRRAGA, 2015).

## 4 SÍTIOS DE CONSCIÊNCIA COMO MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Neste capítulo será desenvolvida a proposta teórica da dissertação, através da apresentação dos sítios de consciência como um meio de comunicação. Para tanto nos apoiamos em Mata (1985), Sousa (2009), Andrade (1975), Innis (2011), Lochard e Boyer (2004) e Verón (1980). O aporte museológico é dado por Chagas (1996), Desvallées e Mairesse (2013), Fernández (1999), Huyssen (2007, 2000), Martino (2005) e Deloche (1986). Os autores Wainberg (2003) e Oliveira (1993) contribuem com a relação entre o turismo e a diferença, enquanto Chang-Tai Hung (2011) e Wainberg (2010) sustentam a importância dos mortos para os vivos, assim como Le Goff (1988), que também contribui com o consumo da memória. A seção 4.2, Extensões da Mente, acresce à discussão o conceito “meios de comunicação como extensões do homem” de McLuhan (1967, 1964), adaptado livremente pela autora neste trabalho como “sítios de consciência como extensões da mente”. Contribuem neste aporte Hooper-Greenhil (1995), Desvallées e Mairesse (2013), Sousa (2009) e Huyssen (1997). Integram a seção 4.3, intitulada Teoria do Meio e Interacionismo Simbólico, essas duas abordagens com o apoio de Meyrowitz (2001, 1994, 1993, 1985), Sousa (2009) e Temer e Nery (2009).

### 4.1 COMUNICAÇÃO ATIVA PARA OS DIREITOS HUMANOS

A comunicação é a razão de ser de um espaço de memória. Ela envolve as estratégias desde a estruturação do projeto até a divulgação.

Comunicar-se, no sentido experiencial, é se vincular, tornar comum, compartilhar, intercambiar. A comunicação, assumida como trabalho específico ou relacionado com alguma outra tarefa do tipo cultural – muitas vezes pode transformar-se em produção de mensagens, manipulação de instrumentos ou canais, estratégias informativas (MATA, 1985, tradução nossa)<sup>47</sup>.

Sítios de consciência como a Villa Grimaldi são hoje espaços destinados a usar o lugar de memória como ferramenta pedagógica, através da comunicação

---

<sup>47</sup> Comunicarse, en el sentido experiencial, suele ser vincularse, poner en común, compartir, intercambiar. La comunicación asumida como trabajo específico o relacionado con alguna otra tarea de tipo cultural - suele transformarse en producción de mensajes, manejo de instrumentos o canales, estrategias informativas (MATA, 1985).

experiential, promovendo a cultura dos direitos humanos e a reparação simbólica. Diferentemente dos meios de comunicação tradicionais, como o rádio, a televisão, dos impressos (como livros, jornais e revistas), das redes sociais virtuais e dos aplicativos, os sítios de consciência só podem ofertar seu conteúdo de forma presencial. Este é o seu principal viés. Trata-se de um espaço lúdico e experiential que envolve o interesse do indivíduo por completo num certo momento.

Estes locais são referidos como exemplos de uma nova museologia (FERNÁNDEZ, 1999). Segundo esta interpretação, o sítio de consciência é um meio de comunicação. A justificativa é a de que o meio veicula uma mensagem grave, mas de forma sutil (SOUSA, 2009, p. 13). A mensagem do sítio de consciência é algo inerente a ele, o que o distingue de um meio de comunicação tradicional.

Mario Chagas (1996), segundo uma definição poética de "O que é um museu?" feita para o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, diz que "os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes; mas, na verdade, os museus são conceitos e práticas em metamorfose". Essa dinâmica constante se deve aos estreitos laços que as práticas museológicas mantêm com a comunicação. Ao "ligar e desligar mundos", o visitante tem a oportunidade de experienciar o momento da visita de forma única. Ele integra o espaço de memória e ali permanece em contato com aquele "mundo". A atenção capturada do público lhe é exclusiva. Logo, sendo o sítio de consciência um meio, um canal, é um artifício de alta relevância, pois, através dele, a mensagem ganha uma visibilidade constante. Ela recebe um endereço físico. No momento da visita, o museu é totalmente envolvente.

Público é o agrupamento espontâneo de pessoas adultas e/ou grupos sociais organizados, com ou sem contiguidade física, com abundância de informações, analisando uma controvérsia, com atitudes e opiniões múltiplas quanto à solução ou medidas a serem tomadas frente a ela; com ampla oportunidade de discussão e acompanhando ou participando do debate geral, através da interação pessoal ou dos veículos de comunicação, à procura de uma atitude comum, expressa em uma opinião ou decisão coletiva, que permitirá a ação conjugada (ANDRADE, 1975, p. 39).

De acordo com a afirmação de Andrade (1975), o público tem a capacidade e está disponível à interação proporcionada por tais locais de celebração e recordação. É o público de um memorial – comunidade, turistas, familiares e amigos

das vítimas e interessados em geral – que gera a demanda pela existência de um local como esse. Para Wainberg, “é a atração o reduto da diferença e a promotora da tensão (turística)” (2003, p. 15). O público que visita um sítio de consciência busca informações a respeito de uma experiência traumática vivida por outros seres humanos. Mas há um delicado limite na construção de um memorial, que fica no limite entre em ser um meio educativo ou mera fantasia.

O que motiva fluxos e fluxos de turistas a visitar antigos campos de concentração? Será que realmente necessitamos “ver para crer”, para não correr o risco de repetir a história? Em Auschwitz, na Cracóvia, dizem ser comum presenciar-se crises de revolta e indignação (OLIVEIRA, 2003, p. 25).

Ao envolver o turismo, alguns autores como Oliveira (2003) alertam para o limite que há entre a seriedade de um memorial e a espetacularização de uma tragédia. Foi este tipo de consideração que impediu, por exemplo, a construção de um *shopping center* próximo a Auschwitz. Le Goff (1988) comenta o consumo da memória como objeto:

busca, salvamento, exaltação da memória coletiva, não em seus eventos, mas, após um longo tempo, menos busca por essa memória em textos e comemorações, é uma associação de olhar histórico. Conversão compartilhada pelo público em geral, obcecado pelo medo de uma perda de memória, de uma amnésia coletiva, que se expressa desajeitadamente na “moda retrô” cruelmente explorada por comerciantes de memória, a memória tornou-se um dos objetos da sociedade de consumo que estão vendendo bem (LE GOFF, 1988, p. 170, tradução nossa)<sup>48</sup>.

A associação feita por Le Goff (1988) com a sociedade de consumo clama pelo pensamento crítico que deve acompanhar a materialização da memória. Ofertar um objeto, seja um lugar, seja um item palpável, sem propósito não caracteriza as intenções dos sítios de consciência. No caso de lugares de memória, existem legislações em cada país que autorizam a nomeação desses espaços como museus. Observa-se então que é necessário haver uma legitimação, uma

---

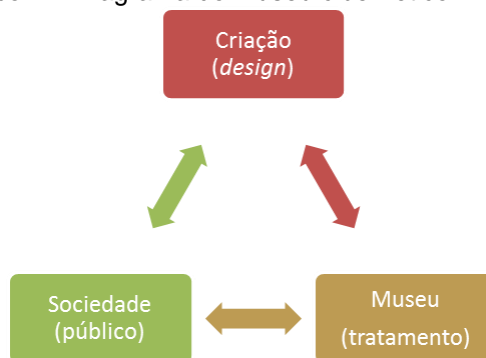
<sup>48</sup> Recherche, sauvetage, exaltation de la mémoire collective non plus dans les événements mais dans le temps long, quête de cette mémoire moins dans les textes et la fête, c’est une conversion du regard historique. Conversion partagée par le grand public, obsédé par la crainte d’une perte de mémoire, d’une amnésie collective, qui s’exprime maladroitement dans la « mode retro » exploitée sans vergogne par les marchands de mémoire, la mémoire étant devenue un des objets de la société de consommation qui se vendent bien (LE GOFF, 1988, p. 170).

comprovação da história de eventos que aquele sítio testemunhou. A capacidade de um sítio de consciência como um meio de comunicação transmitir seu conteúdo de maneira pedagógica e didática valida o valor que ele apresenta à sociedade.

Parece, entretanto, que a verdadeira tarefa do museu é a da transmissão, entendida como uma comunicação unilateral no tempo, com o objetivo de permitir a cada um se apropriar da bagagem cultural que assegura a sua humanidade e sua inserção na sociedade (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2013, p. 37).

Se a tarefa do museu é a de enquadrar a memória, educar e transmitir, o elo entre a museologia e a comunicação está nele concretizado.

Gráfico 2 – Diagrama do museu cibernético



Fonte: DELOCHE (1989).

No gráfico 2, o autor sugere uma centralização na criação como construção museológica. Analogamente, na relação então proposta poderia ser acrescentada a palavra “comunicação” e, assim, formar um novo diagrama voltado ao sítio de consciência. Esse sistema dinâmico remete à afirmação sobre a metamorfose do museu de Chagas (1996), para surpresa de muitos que acreditavam que o acervo e a reserva técnica patrimonial eram estáticos, parados no tempo e no espaço. É nessa emissão e recepção que a sociedade forma um vínculo com o lugar de memória. Graças a essa dinâmica, o museu se reinventa e o público retorna para acompanhar as novas atividades e exposições.

A aplicação do termo “comunicação” aos museus não é óbvia, apesar do uso que o ICOM faz dela em sua definição de museu adotada até 2007, que determina que o museu “adquire, conserva, estuda, *comunica* e expõe o patrimônio tangível e intangível da humanidade e de seu meio ambiente, para fins de educação, estudo e lazer (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2013, p. 35, grifo nosso).

Na citação de Desvallées e Mairesse (2013) observa-se que a palavra “comunica” aparece como sendo um dos alicerces de um museu. As menções à educação e ao lazer remetem ao olhar do sítio de consciência como canal de comunicação.

A comunicação aparece simultaneamente como a apresentação dos resultados da pesquisa efetuada sobre as coleções (catálogos, artigos, conferências, exposições) e como o acesso aos objetos que compõem as coleções (exposições de longa duração e informações associadas). Esta perspectiva vê a exposição não apenas como parte integrante do processo de pesquisa, mas, também, como *elemento de um sistema de comunicação mais geral, compreendendo, por exemplo, as publicações científicas* (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2013, p. 35, grifo nosso).

Além da constatação da comunicação em diversos âmbitos institucionais, de uma forma geral ela se tornou uma parte contundente da estruturação de um museu. Seguindo esse raciocínio, entende-se que “*o museu comunica de maneira específica, por meio de um método que lhe é próprio, bem como utilizando todas as outras técnicas de comunicação, correndo o risco, talvez, de investir menos em suas características mais específicas*” (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2013, p. 37).

Os museus e os memoriais interligam emissores e receptores. Ligados à globalização, à mundialização e inerente ao capitalismo, os dispositivos de comunicação como os museus e memoriais interligam emissores e receptores. Se a comunicação é um grande dispositivo de informação para o jornalismo, de promoção para a publicidade, é um dispositivo que conecta públicos para as relações públicas, é, portanto, capaz de ser utilizado não somente a favor das grandes organizações e da mídia, mas principalmente a favor da sociedade.

Diversos museus – pelo menos os maiores – possuem um departamento de relações públicas, ou um “departamento de programas públicos”, que desenvolve as atividades destinadas a comunicar e a atingir os diversos setores do público, que são mais ou menos bem definidos, por meio de atividades clássicas ou inovadoras (eventos, encontros, publicações, animações “extramuros”, etc.) (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2013, p. 37, grifo nosso).

Outra grande vantagem deste meio de comunicação é o uso pedagógico da visita coletiva a um sítio de consciência.

[...] No caso de uma mensagem midiática, o *suporte* utilizado não constitui um simples meio, neutro e transparente. O suporte se apropria da mensagem, impõe suas próprias formas e lhe outorga *efeitos de sentido*, também estritamente específicos (LOCHARD; BOYER, 2004, p. 10, tradução nossa)<sup>49</sup>.

Segundo Verón (1980), todos os suportes de sentidos acessíveis socialmente, como estampas de camisetas, placas, tatuagem e tantas outras manifestações de pertencimento, vindas dos públicos real e ideal<sup>50</sup>, compõem o conjunto denominado mídia. Um lugar de memória, portanto, pode ser visto também como um canal de comunicação. A reconstrução do passado através deste meio de comunicação e de educação coletiva oportuniza às novas gerações um contato mais estreito com a história.

A história é percebida como uma série de épocas separadas pela descontinuidade. Cada época se distingue por formas dominantes de meios de comunicação que absorvem, registram e transformam a informação em sistemas de conhecimento, em consonância com a estrutura de poder institucional da sociedade em questão (INNIS, 2011, p. 53).

A interatividade faz parte das estratégias dos novos formatos de museu. É um diferencial, pois, já que seu objetivo é a promoção da reflexão, é preciso proporcionar um ambiente dinâmico que impacte o público e o faça sentir parte dessa proposta de conscientização. Para Chang-Tai Hung (2011), “ver e, até mesmo, tocar memoriais é uma maneira de se conectar com os mortos e também é um gesto que pode diminuir a dor da perda”<sup>51</sup> (p. 218, tradução nossa). Le Goff (1988) destaca a construção de monumentos aos mortos entre as manifestações da memória coletiva que, para ele, são significativas.

<sup>49</sup> [...] en el caso de un mensaje mediático, el *soporte* utilizado no constituye un simple vehículo, neutro y transparente. El soporte se apropia del mensaje, le impone sus propias formas y le otorga *efectos de sentido*, también sumamente específicos (LOCHARD; BOYER, 2004, p. 10).

<sup>50</sup> Seminário: *Analyse des dispositifs et des discours médiatiques*, com o Professor Guy Lochard, realizado em 18 de março de 2013, registrado em anotação pela autora.

<sup>51</sup> Seeing, even touching memorials is a way of connecting with the dead and also a gesture that may lessen mourners' pain of loss (CHANG-TAI HUNG, 2011, p. 218).

Ali a comemoração fúnebre encontra novo campo. Em vários países, o Túmulo do Soldado Desconhecido é erguido buscando empurrar os limites da memória associada ao anonimato, proclamando sobre o corpo não identificado a coesão da nação na memória comum (LE GOFF, 1988, p. 161, tradução nossa)<sup>52</sup>.

Wainberg (2010) diz que “(...) com tais recursos à sua disposição, os antepassados conseguem comandar em algum grau a vida dos vivos. Tudo o que nos chega do ambiente à consciência é sempre contrastado com este pano de fundo disposto em nossa alma” (WAINBERG, 2010). Ou seja, o imaginário é capaz de processar as informações adquiridas em um espaço de memória, elevando-as à criação de consciência a respeito do tema proposto. Ainda segundo Wainberg (2010), “socializar as novas gerações significa mostrar de onde viemos e o que nos foi legado no campo da ciência, dos costumes e do pensamento”. Essa consciência, passada de geração em geração, auxilia na propagação da educação para a paz, veementemente pregada nos sítios de consciência.

Precisa-se da memória e da musealização juntas para construir uma proteção contra a obsolescência e o desaparecimento, para combater a nossa profunda ansiedade com a velocidade de mudança e o contínuo encolhimento dos horizontes de tempo e de espaço (HUYSEN, 2000, p. 28).

Segundo Martino (2005), estudar a cultura é uma forma de entender os efeitos da mídia, neste caso, dos sítios de consciência, na sociedade. É, também, estudar um lugar de fusão e encontro entre diferentes culturas.

O objeto de estudo desse centro é o cotidiano, que é influenciado pelos meios de comunicação. Diante disso, os estudiosos analisam a cultura como uma forma de entender a influência da mídia na cultura de uma sociedade, e também como sendo parte de um complexo cultural maior. Por outro lado, a proposta é estudar a cultura como um lugar de luta entre diferentes culturas, vinculadas a diferentes camadas da sociedade (MARTINO, 2005, p. 28-29).

É importante a realização de ações voltadas à compreensão do “outro”, tanto as realizadas nos espaços de memória como as que são desenvolvidas em outros

---

<sup>52</sup> La commémoration funéraire y trouve un nouvel essor. Dans plusieurs pays un Tombeau au soldat inconnu est érigé cherchant à repousser les limites de la mémoire associée à l’anonymat, proclamant sur le cadavre sans nom la cohésion de la nation dans la mémoire commune (LE GOFF, 1988, p. 161).



ambientes pedagógicos. Nesta dissertação, ao citar os sítios de consciência como um meio de comunicação acessível a toda a população, pretende-se mostrar que esses lugares de memória são capazes de comunicar sobre certos eventos traumáticos que impactaram a humanidade e que também podem contribuir para a educação em direitos humanos.

## 4.2 EXTENSÕES DA MENTE

Para McLuhan (1964), “todos os meios são metáforas ativas em seu poder de traduzir a experiência em novas formas” (p. 76). A transmissão da mensagem através dos memoriais é uma tradução da experiência. Porém, a partir da definição da especificidade da comunicação no contexto da museologia, Hooper-Greenhil (1995) menciona que o contato com o museu é unilateral e passivo,

sem possibilidade de resposta da parte do público receptor, cuja extrema passividade foi fortemente enfatizada por McLuhan, Parker e Barzun (1969), o que não quer dizer que o visitante não deseje se envolver, de maneira interativa ou não, neste modo de comunicação (HOOPER-GREENHIL, 1995).

No entanto, outros pontos de vista mais otimistas elaboram sobre como tornar o visitante mais ativo.

O debate relativo aos métodos de comunicação utilizados pelo museu levanta a questão da transmissão. A falta crônica de interatividade na comunicação nos museus conduz ao questionamento sobre como tornar o visitante mais ativo, solicitando a sua participação (McLuhan, Parker e Barzun, 1969). Poderíamos, certamente, remover as legendas ou mesmo os contextos narrativos para que o público construa, ele mesmo, a sua lógica no percurso de uma exposição, mas isso ainda não torna a comunicação interativa (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2013, p. 37).

Os espaços de memória oferecem formas de interação ativa. São formas singulares de expor fatos que ocorreram. Segundo McLuhan, “qualquer extensão, seja da pele, mão ou pé, afeta todo o complexo psíquico e social” (MCLUHAN, 1964, p. 18).

Os meios de comunicação têm uma importância capital para as sociedades nos mais diversos aspectos. Entretanto, porque eles

atuam como extensões dos nossos órgãos e sentidos é muito difícil reconhecer as mudanças das quais são agentes (SOUSA, 2009, p. 16).

Um sítio de consciência construído em um lugar de memória tem seu conteúdo essencialmente desenvolvido e adaptado a partir de depoimentos de sobreviventes. O visitante estará em contato com o relato concretizado do evento traumático a partir do ponto de vista dos envolvidos. Assim, as mentes do visitante e dos depoentes estarão relacionadas através do meio de comunicação, neste caso, o museu de sítio. "McLuhan (1967) teve a ideia de que a tecnologia de comunicação é como uma extensão de nossos órgãos dos sentidos, mas, em sua teoria, esta ideia foi amarrada a outras mais problemáticas" (TÆKKE, 2003, tradução nossa)<sup>53</sup>.

Toda mídia trabalha sobre nós de uma forma total. Estes meios são tão perversivos em suas consequências pessoais, políticas, econômicas, estéticas, psicológicas, morais, éticas e sociais, que não deixam nenhuma parte nossa intocada, não afetada, inalterada. O meio é a mensagem. Qualquer compreensão sobre mudanças sociais e culturais é impossível sem um conhecimento do modo como a mídia funciona com o contexto (MCLUHAN, 1967, p. 26).

Huysen (1997) alerta que "onde o meio é a mensagem e a mensagem é uma imagem fugaz na tela, o real continuará sempre e inevitavelmente bloqueado" (p. 250). Entende-se que se o meio – sítios de consciência – precisa da movimentação para manter-se atrativo para o público. O bloqueio mencionado pelo autor é a impossibilidade da atualização. Daí a importância de voltar o olhar aos meios, e, no contexto dos sítios de consciência, pensar e repensar o lugar de memória para evitar a cultura da amnésia.

#### 4.3 TEORIA DO MEIO E INTERACIONISMO SIMBÓLICO

Segundo a Teoria do Meio de Joshua Meyrowitz cada meio de comunicação tem seu viés próprio (MEYROWITZ, 1994, p. 50)<sup>54</sup>.

---

<sup>53</sup> McLuhan (1967) had the idea that communication technology is like an extension of our sense organs, but in his theory this idea was tied to other more problematic ideas (TÆKKE, 2003).

<sup>54</sup> Medium theory focuses on the particular characteristics of each individual medium or of each particular type of media (MEYROWITZ, 1994, p. 50).

Os teóricos do meio descrevem como um meio reformula os grandes ambientes culturais e estruturas institucionais, mas eles não nos dizem muito sobre os caminhos em que os meios remodelam situações sociais específicas ou os comportamentos sociais cotidianos. Por outro lado, a maior parte dos situacionistas está preocupada em descrever situações e comportamentos e como eles existem na sociedade, mais do que analisar como e por que as situações se desenvolvem (MEYROWITZ, 1985, p. 33, tradução nossa)<sup>55</sup>.

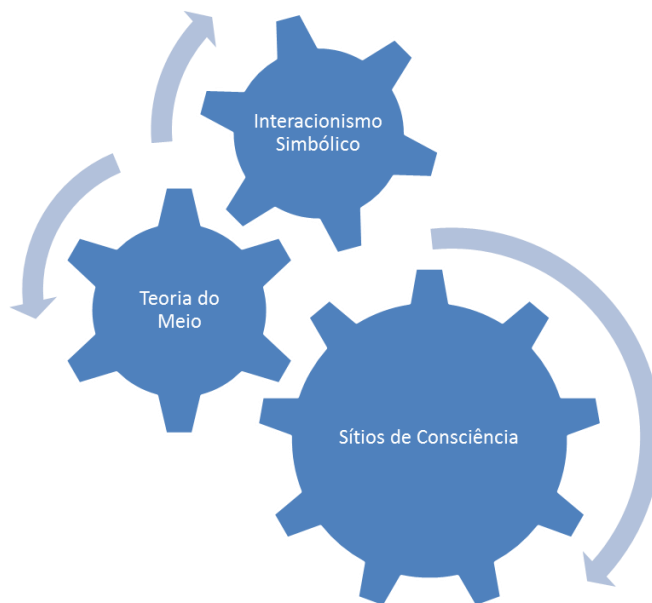
A união das teorias, ao sair do nível das grandes estruturas, é unir os atributos do interacionismo na pesquisa sociológica e sociopsicológica, pois segundo Joas (1999) “seu enfoque são os processos de interação - ação social caracterizada por uma orientação imediatamente recíproca -, ao passo que o exame desses processos se baseia num conceito específico de interação que privilegia o caráter simbólico da ação social” (p. 130).

A relação entre a Teoria do Meio e o amplo campo do interacionismo simbólico está fortemente atrelada ao comportamento social. Toda vez que um novo meio é inserido em uma sociedade existe uma revolução. Segundo esta teoria, os meios são condutores, as diferentes linguagens dos meios demandam uma gramática específica, e a mídia cria um novo ambiente. Ou seja, é necessário perceber a influência das características relativamente fixas de cada meio na sociedade (MEYROWITZ, 2001, p. 88). Dito de outra maneira é possível examinar o conteúdo das mensagens, sua linguagem e a estrutura gerada pela nova tecnologia. Estes *insights* podem ser usados igualmente na compreensão da função do sítio de consciência como meio de comunicação.

---

<sup>55</sup> The medium theorists describe how media reshape large cultural environments and institutional structures, but they do not tell us much about the ways in which media reshape specific social situations or everyday social behaviors. For their part, most of the situationists are more concerned with describing situations and situational behaviors as they exist in a society rather than in analyzing how and why situations evolve (MEYROWITZ, 1985, p. 33).

Gráfico 3 - Relações e Interações



Fonte: A autora (2014).

Meyrowitz (1985) defende que “um meio de comunicação é capaz de mudar nossas performances porque derruba as fronteiras físicas e espaciais e cria novas situações que demandam novos comportamentos” (SOUSA, 2009, p. 74). O “meio” ajusta as interações sociais já que elas dependem dos canais de comunicação. O sítio de consciência e os museus também fazem isso.

Através do meio podemos “conhecer melhor o comportamento e ações dos nossos próprios grupos e dos outros” (SOUSA, 2009, p. 74). “Sendo os meios de comunicação os responsáveis pelo acesso ao conhecimento, eles têm uma relação direta com os modelos de inclusão e exclusão que definem as situações sociais” (Ibid., p. 74). Segundo Meyrowitz (1985 *apud* SOUSA, 2009), essas definições ocorrem porque os meios de comunicação alteram o sentido de lugar (p. 68 e 73).

O interacionismo simbólico concebe que a vida social é entendida por meio da interação social realizada pelos indivíduos entre si, mas esse interagir acontece por conta da observação dos processos comunicacionais. É por meio da comunicação que as pessoas trocam informações, apresentam suas ideias, contam suas histórias e registram seus conhecimentos. Para essa escola, a vida social do indivíduo resulta da sua capacidade em se comunicar, e diante dessa comunicação ser capaz de entender o seu contexto social (TEMER; NERY, 2009, p. 38-39).

A exposição da memória é uma estrutura amigável, *soft*, mas que educa sobre um conhecimento complexo, *hard*. Huyssen (1997) registra o sucesso do

museu como cultura de massa. O sentido que o autor se refere é a ideia da *museomania*, da auto-musealização e do espetáculo, fatores que se aproximaram do conceito de museu na passagem para a pós-modernidade. A nova museologia considera relevante não só o conteúdo disposto à visita, mas também a forma desta exposição, algo que vai ao encontro das proposições de Meyrowitz e de seu conceito de viés tecnológico.

Tabela 2 - Comparativo temporal do museu

O MUSEU TRADICIONAL E O NOVO MUSEU				
O MUSEU TRADICIONAL				
<b>Um edifício</b>	+	<b>Uma coleção</b>	+	<b>Um público</b>
O NOVO MUSEU				
<b>Um território</b> (estrutura descentralizada)	+	<b>Um patrimônio</b> (material e imaterial, natural e cultural)	+	<b>Uma comunidade</b> (desenvolvimento)

Fonte: FERNÁNDEZ (1999, p. 95).

Na tabela 2 há um comparativo que explicita a relação do novo museu com o interacionismo simbólico. Como dito, é um local que explora a interatividade. Os novos museus não estão mais condicionados a edifícios com espaços delimitados. Eles também podem abranger rotas a céu aberto propiciando uma experiência lúdica relevante e abrangente.

## 5 DIREITOS HUMANOS

O tema dos Direitos Humanos integra este projeto em toda a sua essência. Cabe lembrar que um dos objetivos da ONU (Organização das Nações Unidas) é realizar um “trabalho pela paz e desenvolvimento mundial”<sup>56</sup>, em especial nas ocorrências em que se violam os direitos humanos. Foi através dessa organização que surgiu a DUDH (Declaração Universal dos Direitos Humanos), que garante a proteção universal desses direitos. O documento foi assinado na Assembleia Geral das Nações Unidas, em Paris, em 10 de Dezembro de 1948. Inclui a Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio (1948), a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (1965), a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (1979), a Convenção sobre os Direitos da Criança (1989) e a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006), entre outras<sup>57</sup>.

### 5.1 CRIMES CONTRA A HUMANIDADE

O conceito de crime “contra a humanidade” se diferencia do de um crime cometido numa guerra, em que há dois movimentos divergentes que se enfrentam, supostamente de igual para igual, conforme a convenção sobre o direito da guerra. A grande diferença do crime contra a humanidade é que este adota uma política sistemática de eliminação de determinado grupo da sociedade, seguindo um critério étnico, religioso ou político. Ele acontece quando um estado ou exército altamente equipado, com base em um aparato repressivo fortemente treinado, além de um sistema jurídico e burocrático, investe suas forças em danos irreparáveis para as vítimas. Os atos do nazismo são exemplo contundente de crime contra a humanidade (SILVA FILHO, 2012).

O Estatuto do Tribunal Militar Internacional de Nuremberg previu a tipologia do “crime contra a humanidade”:

---

<sup>56</sup> ONU. **Conheça a ONU**. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/conheca-a-onu/conheca-a-onu>>. Acesso em: 28 out. 2014.

<sup>57</sup> DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Disponível em: <<http://www.dudh.org.br/declaracao>>. Acesso em: 21 set. 2014.

Essa responsabilidade individual foi submetida a juízo no tocante a três crimes, estabelecidos pelo próprio Estatuto: crimes contra a paz, que se traduzem na noção de “guerras de agressão”, ou seja, na deflagração de conflitos que não tenham como motivação a legítima defesa; crimes de guerra, que se relacionam à violação de costumes de guerra, já positivados à época; e crimes contra a humanidade, que representam, sucintamente, uma classe de atos que atentam contra a dignidade humana e os direitos humanos mais essenciais (HUHLE, 2011).

Cada crime contra a humanidade é decorrência de particularidades irracionais, como as lutas pelo poder; e ideológicas, como as questões sociais, políticas, religiosas e biológicas, a respeito de raça e gênero:

(...) o poder da ideologia não pode ser subestimado. Ele afeta tanto os que negam sua existência quanto os que reconhecem abertamente os interesses e os valores intrínsecos às várias ideologias. É de todo inútil pretender que seja de outro modo. A crença de que se possa estar livre da ideologia no mundo contemporâneo – ou mesmo no futuro previsível – não é mais realista do que a ideia do “valoroso companheiro” de Marx que pensava que os homens se afogavam por estarem possuídos pela *ideia da gravidade* (MÉSZÁROS, 1989, p. 64).

A ideologia não é ilusória ou aliada da superstição. Ela é constituída e reconstituída objetivamente, “relacionada com a articulação de conjuntos de valores e estratégias rivais que tentam controlar o metabolismo social em todos os seus principais aspectos” (Ibid., p. 65). Conforme Mézáros (1989), é a mobilidade ideológica que dita os aspectos sociais, tanto quando existe negação ou aceitação de certas ideias e crenças. Ao realizar que existem lados opostos capazes de ser memorizados a partir de um determinado contexto histórico, retornamos à Pollak (1989), para quem estes registros “se opõem à “memória oficial”, no caso da memória nacional” (p. 2), ou seja, ambos os lados estão constituídos por ideologias.

Os crimes contra a humanidade deixam um legado – até mesmo um “futuro previsível”, nas palavras de Mézáros (1989). O efeito dos embates ideológicos resulta em experiências traumáticas:

O trauma humano tem, portanto, também esta dimensão social. Como não há falta de ocorrências dolorosas na história é possível afirmar – o conflito e o mal-estar podem de fato perdurar. A memória constituída, ao influenciar valores, consolidar atitudes e comportamentos pode projetar a tragédia do passado no futuro. Esta perspectiva justifica o esforço que se faz em deter de alguma forma a

repetição do infortúnio. É o que usualmente se chama de educação para a paz (WAINBERG, 2010, p. 63).

Segundo a Anistia Internacional (2015), é preciso um sistema eficaz de justiça universal para garantir a verdade e a reparação integral por crimes de direito internacional. São considerados crimes contra a humanidade quaisquer eventos que infrinjam o documento proposto pela DUDH (Declaração Universal dos Direitos Humanos).

## 5.2 EVENTOS TRAUMÁTICOS

O conceito “evento traumático”, explorado por Tunbridge e Ashworth (1996), não se refere a um local físico, mas sim às atrocidades que ocorrem e causam traumas à humanidade, que evocam lembranças e, portanto, tornam-se essenciais para a compreensão da existência dos lugares de memória.

Um determinado lugar que não sediou um evento traumático não configura um lugar de memória, é apenas uma estrutura qualquer. Os eventos que por ventura ali ocorreram e atentaram contra os direitos humanos explicam o porquê de um lugar ser significativo. A construção ou os escombros abrigam sua história, e as testemunhas e sobreviventes detêm a memória. O trabalho de musealização desse espaço recorre às possíveis reconstruções para recriar um espaço dedicado à luta a favor dos direitos humanos. Entre alguns crimes resultantes de eventos traumáticos, estão os genocídios, crimes de guerra, tortura, execuções extrajudiciais e desaparecimentos forçados.

A memória do fascismo, hoje em dia, é a memória do Holocausto como o evento-chave do século XX. A memória do Holocausto deu força ao que veio a ser uma cultura da memória transnacional, durante os anos 90, em países como a Argentina e a África do Sul, que fizeram dolorosas transições da ditadura e o estado de terror à democracia. Isso, também, reforçou projetos de direitos humanos por todo o mundo (HUYSSSEN, 2011, p. 329).

Não são somente os fatos passados que compõe o repertório das violações contra a humanidade. Enquanto parte do mundo volta os olhos para o passado, o presente abriga cotidianamente sérios atentados contra os direitos humanos.



Ao mesmo tempo, a noção de que a rememoração desse passado genocida pode evitar o genocídio, no presente, tem se mostrado uma ilusão política (vide, por exemplo, a Bósnia, Ruanda e, atualmente, o Sudão) (HUYSEN, 2011, p. 329).

Países de diferentes partes do globo convivem atualmente com demandas políticas contraditórias com o estatuto da DUDH, que resultam em crimes como mutilação, pena de morte, genocídio, generocídio, racismo e outras atrocidades. Neste subcapítulo serão listados alguns dos abusos aos direitos humanos relacionados aos memoriais e aos eventos traumáticos abordados nesta dissertação.

Segundo Tunbridge e Ashworth (1996), ao estudar o patrimônio cultural e suas várias interfaces como os fenômenos mnemônicos, é preciso conhecer os tipos de atrocidades cometidas contra a humanidade para ilustrar a amplitude dessas ocorrências, saber das suas características e, assim, elucidar as interpretações.

Os autores ainda identificam categorias gerais:

- atrocidades decorrentes do agravamento de desastres naturais ou acidentais por suposta ação humana ou negligência;
- atrocidades interpretadas como sendo perpetrado por toda uma categoria de pessoas em outra categoria inteira como um concomitante automático de tal associação de grupo;
- atrocidades decorrentes de guerra ou de dentro do contexto da guerra (Id., 1996, p. 96, tradução nossa)<sup>58</sup>.

Dada essa segmentação, na figura a seguir faz-se uma ilustração do choque de forças: das forças ditas racionais, que o homem pode controlar e evitar (na cor laranja), e da força da natureza, correspondente às ações do planeta Terra (cor verde).

---

<sup>58</sup> - atrocities arising from the aggravation of natural or accidental disasters by alleged human action or neglect;

- atrocities interpreted as being perpetrated by an entire category of people on another entire category as an automatic concomitant of such group membership;

- atrocities arising from war or from within the context of war (TUNBRIDGE; ASHWORTH, 1996, p. 96).

Figura 73 – Choque de forças



Fonte: A autora (2015).

A grande responsabilidade sobre os eventos traumáticos está sobre os seres humanos, ou seja, são esses grupos que demandam conscientização para com as ações que tomam em sociedade e para com as forças naturais, ao cuidar de fatores causadores e agravantes dos fenômenos do planeta Terra, como a poluição, enchentes, aquecimento global, etc. Outros desastres naturais – como terremotos, erupções de vulcões, tsunamis e maremotos – são inquietações geográficas inerentes ao planeta, que acontecem imprevisivelmente, e, ao contrário dos outros choques de forças ilustrados, não são totalmente da alçada do ser humano.

Os autores também separam categorias específicas, como:

- atrocidades que agora se sabe que ocorreram nos antigos sistemas judiciais;
- atrocidades associadas com a perseguição de grupos raciais, étnicos ou sociais;
- atrocidades decorrentes da matança em larga escala ou massacre;
- atrocidades que podem ser colocadas na categoria mais extrema de genocídio (TUNBRIDGE; ASHWORTH, 1996, p. 96, tradução nossa)<sup>59</sup>.

Ou seja, a evolução do ser humano é marcada pelo trabalho constante de consciência, de mudança, já que a definição de eventos traumáticos vem a partir de fatos do passado.

<sup>59</sup> - atrocity now perceived to have existed in former judicial systems;  
 - atrocity associated with the persecution of racial, ethnic or social groups;  
 - atrocity arising from large-scale killing or massacre;  
 - atrocities that can be placed in the most extreme category of genocide (TUNBRIDGE; ASHWORTH, 1996, p. 96).

A categorização sugerida por Tunbridge e Ashworth (1996) será o embasamento para elencar os tipos de eventos traumáticos mencionados nesta pesquisa.

### **5.2.1 Perseguição de grupos sociais, raciais ou étnicos**

Entre estes crimes contra a humanidade estão a escravidão, o *apartheid*, o racismo e o sexismo (Ibid., 1996). O embate acontece devido ao choque de forças de pessoas contra pessoas, envolvendo as de uma mesma nacionalidade. O *apartheid*, termo africâner que quer dizer ‘separação’, surgiu oficialmente na África do Sul em 1944, e serve para designar a política de segregação racial e de organização territorial aplicada de forma sistemática a aquele país que durou até 1990. O objetivo do *apartheid* era separar as raças (brancos, asiáticos, mestiços ou *coloured*, bantos ou negros), estabelecendo uma hierarquia em que a raça branca dominava o resto da população. O processo culminou com a chegada de Nelson Mandela, importante ícone mundial e militante anti-*apartheid* que havia passado 27 anos na prisão, à presidência da República da África do Sul.

Devido às características, foram enquadradas nesta categoria as consequências de regimes ditatoriais. Entre os crimes contra a humanidade derivados dos governos militares estão a perseguição, a tortura física e emocional, os assassinatos, os sequestros e as prisões. Os grupos sociais perseguidos durante as ditaduras militares foram aqueles que sustentavam uma ideologia socialista ou comunista, contrária aos interesses dos apoiadores dos golpes de estado.

### **5.2.2 Categorias extremas de genocídio**

A palavra ‘genocídio’ começou a ser usada com frequência depois do massacre de judeus na II Guerra Mundial, e também é um crime contra os direitos humanos. Mais de meio século depois, porém, sua definição continua a provocar discussões. Leis e correntes de estudiosos levam em conta, por exemplo, perseguições religiosas. Mas, segundo a própria origem da palavra, cometer genocídio significa tentar erradicar, por meio da violência, um grupo que possui os mesmos genes. Desse modo, genocídio é o assassinato de pessoas baseado na

sua herança genética, ou seja, suas características étnicas - importa menos, portanto, religião, classe social, nível educacional ou a crença política das vítimas. Além disso, uma característica dos genocídios é que os opressores não se satisfazem em matar apenas seus oponentes ativos, eles caçam e eliminam todos os homens, mulheres, crianças e bebês do grupo étnico transformado em alvo. O holocausto é um exemplo de genocídio.

O Holocausto foi uma prática de perseguição política, étnica, religiosa e sexual estabelecida durante os anos de governo nazista de Adolf Hitler. Segundo a ideologia nazista, a Alemanha deveria superar todas as limitações que impediam a formação de uma nação composta por seres superiores – a raça ariana, defendida pelo *Führer*. Segundo essa mesma ideia, o povo legitimamente alemão era descendente dos arianos, um antigo povo que – segundo os etnólogos europeus do século XIX – tinha pele branca e deu origem à civilização europeia.

Outro exemplo é o genocídio ocorrido em Ruanda no ano de 1994, onde ocorreram aproximadamente 800 mil mortes em cem dias. Dividido em dois grupos, o genocídio foi iniciado devido à ação de extremistas hutus que queriam combater os tutsis, e alegaram que a Frente Patriótica Ruandesa (RPF) havia causado o acidente aéreo que matou os presidentes de Ruanda e do Burundi, ambos hutus. A RPF interpretou essa afirmação como uma conspiração para o extermínio dos tutsis.

As listas de opositores do governo, os tutsis, foram entregues às milícias, juntamente com os nomes de todos os seus familiares. Vizinhos mataram vizinhos, e alguns maridos hutus mataram suas mulheres tutsis. Na ocasião, em Ruanda, as carteiras de identidade apresentavam o grupo étnico das pessoas, então foram feitos bloqueios nas estradas, e tutsis eram detidos e mortos. Milhares de mulheres tutsis foram levadas e mantidas como escravas sexuais. Os extremistas hutus tinham estações de rádio e jornais que transmitiam propaganda de ódio, incentivando as pessoas a matar os tutsis. Os nomes das pessoas a serem mortas foram lidos na rádio. Até mesmo padres e freiras foram condenados por matarem civis (BBC Brasil, 2014).

Entre os eventos que marcam as perseguições a grupos, também deve-se incluir as perseguições e assassinatos massivos dos povos indígenas, classificados como etnocídios<sup>60</sup>. No Brasil, um relatório incluindo violações de direitos humanos

---

<sup>60</sup> Etnocídio: Termo construído sobre o modelo de "genocídio" para descrever o ato de destruição de uma cultura ou civilização, através de uma variedade de medidas, que vão desde a assimilação

dos indígenas, ocorridas entre 1947 e 1988, integrou as investigações da Comissão Nacional de Verdade do Brasil. No documento detalhou-se o assassinato em massa, tortura, escravidão, guerra bacteriológica, abuso sexual, roubo de terras e negligência travada contra a população indígena do Brasil, tendo como resultado tribos totalmente eliminadas e outras dizimadas (SURVIVAL..., 2013).

### **5.2.3 Provenientes da guerra e seus contextos**

O confronto entre as nações gera como respostas novos argumentos para continuar as guerras, quase que de forma cíclica. As ações ditas terroristas são um exemplo de crimes provenientes da guerra. Os grupos que assim atuam veem no Estado seu principal inimigo, e frequentemente planejam ações para atacar civis ou estruturas que simbolizem o poder do opositor. Alguns exemplos dessas alianças são os separatistas bascos, os curdos, alguns grupos de muçulmanos (como a Al-Qaeda) e as organizações paramilitares racistas de extrema direita nos EUA.

Esses choques de ideologias causam muito mais que perdas e ganhos para as nações envolvidas. Eles sacrificam a vida de milhares de civis e soldados envolvidos, e tudo que resta é terra arrasada. Com o desenvolvimento da ciência e tecnologia, as ações de violência física e psicológica, capazes de atingir toda a população território, passaram a ser mais poderosas, através de conexões globais, uso de tecnologia bélica de alto poder de destruição, redes de comunicação, etc.

A Guerra do Iraque (2003-2011) foi um ataque das forças norte-americanas ao Iraque, sob acusação de que o país, liderado por Saddam Hussein, estaria desenvolvendo armas de destruição em massa. Os números da guerra estimam que, dos mais de um milhão de soldados norte-americanos que foram enviados, “4.483 foram mortos, 33 mil feridos e mais de 200 mil diagnosticados com transtorno de estresse pós-traumático. A taxa de suicídio é 26% entre os veteranos masculinos de 18 a 29 anos” (NASSER, 2013). Ou seja, os efeitos do pós-guerra são eminentes e também são considerados atentados contra a humanidade, devido às crises humanitárias que eles desencadeiam.

Na Guerra do Vietnã, os contrastes impressionam. Estima-se que mais de 2,5 milhões de soldados americanos e no máximo um milhão de soldados vietnamitas

---

forçada dos modelos de culturas dominantes ou em conquistar e eliminar todos os vestígios da minoria ou cultura dominada, de forma violenta (DIRE, 2015).

estiveram em combate. As baixas mencionam “mais de 58 mil americanos e ao menos 1,1 milhão de vietnamitas morreram no conflito (algumas estimativas falam em três milhões de mortos)” (LE, 2015).

Durante uma guerra, os abusos dos direitos humanos ocorrem por ambos os lados do conflito. A população civil sofre com a violência, a deterioração dos cuidados de saúde, a falta de energia elétrica e água potável e a má situação econômica. O refúgio é uma alternativa encontrada pelos civis que buscam por um lugar melhor, envolvendo aí a imigração e transportes ilegais que acabam por colocar suas vidas novamente em risco.

A obsessão dos grupos “terroristas” por afrontar o poder dos Estados Unidos da América acabou por atingir, em 11 de setembro de 2001, símbolos do poder da potência americana. O episódio abalou a estrutura do império norte-americano, tanto que foi construído, em homenagem às vítimas do 11 de setembro de 2001, o *National September 11 Memorial & Museum*. O memorial foi inaugurado no dia 11 de setembro de 2011 e o museu foi aberto ao público em 2012.

Nos EUA, o choque de 11/9 resultou em uma ulterior consolidação das mídias impressa, radiofônica e televisiva conservadoras, que se tornaram porta-vozes do governo Bush e de sua “guerra ao terrorismo” (MOREIRA, 2011, p. 328).

O evento impactou toda a população mundial, pois existia uma ilusão de que a maior potência mundial, os Estados Unidos, jamais seria atingida por alguma ameaça, como foi o caso dos sequestros dos aviões pelo grupo fundamentalista islâmico Al-Qaeda. As aeronaves foram conduzidas contra as Torres Gêmeas do complexo empresarial *World Trade Center*, na cidade de Nova Iorque, matando quase três mil pessoas, incluindo os 227 civis e os 19 sequestradores a bordo dos aviões. Após esse evento, a imprensa nacional tomou a frente e foi aliada do governo durante a redundantemente chamada “guerra ao terrorismo”.

### 5.3 A CONSCIÊNCIA A FAVOR DOS DIREITOS HUMANOS

A segmentação dos eventos traumáticos não pode criar uma divisão da conscientização. A legitimidade do ativismo em direitos humanos se concretiza nos pontos de convergência de cada convicção resistente no ser humano, que volta o

olhar não somente para o que lhe afeta diretamente, mas para o que atinge toda a vida ao seu redor. As indexações das atrocidades aqui propostas são meros guias didáticos, já que, em seu horror, um crime de guerra, um genocídio e perseguições a grupos estão todos classificados neste trabalho como fatos traumáticos, podendo pertencer a um único evento.

A Anistia Internacional (2015) acredita que a resolução para os crimes contra a humanidade “só pode ser alcançada através do fortalecimento de mecanismos de defesa dos direitos humanos e não por ações que os comprometam”. Chomsky (2001) afirma que “lutar contra o terrorismo implica em reduzir o grau do terror, e não em aumentá-lo”. Essas são justamente as buscas propostas pelo ativismo em direitos humanos: quebrar o efeito cíclico da guerra, do ódio e da diferença, que, indo ao encontro do objetivo maior de criar consciência, tem na comunicação e na memória fortes aliadas para a educação para a paz.

## 6 A PESQUISA DE CAMPO: ESTUDO DE RECEPÇÃO

Neste estudo de caso da *Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi*, cabe lembrar que

este método é útil quando o fenômeno a ser estudado é amplo e complexo e não pode ser estudado fora do contexto onde ocorre naturalmente. Ele é um estudo empírico que busca determinar ou testar uma teoria, e tem como uma das fontes de informações mais importantes, as entrevistas. Através delas o entrevistado vai expressar sua opinião sobre determinado assunto, utilizando suas próprias interpretações (OLIVEIRA, E., 2011).

O estudo de recepção é composto por entrevistas semiestruturadas com 30 visitantes, homens e mulheres, dos 18 aos 73 anos. Segundo Triviños (1990), “podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas”. As entrevistas foram realizadas no local, no período de 5 a 27 de fevereiro de 2015, com a autorização da equipe administrativa do memorial.

No questionário, quis-se analisar a recepção, ou seja, o efeito produzido nos visitantes do memorial. A entrevista semiestruturada tem a característica de permitir ao entrevistado responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões. Triviños (1990) explica que este modelo de entrevista com questões-guia começa com “certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas” (p. 146).

Utilizar a entrevista em uma pesquisa

[...] não é simplesmente um trabalho de coleta de informações, mas, sempre, uma situação de interação, ou mesmo de influência entre dois indivíduos e que as ‘informações’ dadas pelo sujeito (o ‘material’ que ele fornece) podem ser profundamente afetadas pela natureza de suas relações com o entrevistador (KANDEL, 1981, p. 178).

Para a análise das respostas foi utilizada a Análise Textual Discursiva, de Moraes (2011). Esta análise envolve a separação e a desmontagem dos textos, que



resultam em unidades com conteúdos afins. Estes indicativos serão organizados em grupos, em forma de quadros comparativos, de acordo com seus significados e semelhanças. O conteúdo destes quadros, ao serem comparados e integrados, formarão categorias mais abrangentes. Desse processo surgem as categorias finais, sobre as quais são escritos metatextos que as descrevem. Esses metatextos são utilizados para a redação do texto final de análise (MORAES e GALIAZZI, 2011).

Segundo Portelli (2006),

as fontes orais revelam as intenções dos feitos, suas crenças, mentalidades, imaginário e pensamentos referentes às experiências vividas. A fonte oral pode não ser um dado preciso, mas possui dados que, às vezes, um documento escrito não possui. Ela se impõe como primordial para compreensão e estudo do tempo presente, pois só através dela podemos conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum *status* político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos de sua época (*apud* MATOS e SENNA, 2011).

Triviños (1990) complementa:

Se o pesquisador segue uma linha teórica fenomenológica, a ênfase estará destinada a atingir o máximo de clareza nas descrições dos fenômenos sociais que estuda. E as perguntas de natureza descritiva terão a máxima importância. (...) ajudarão o pesquisador a descobrir os significados dos comportamentos das pessoas de determinados meios culturais (p. 150).

Quanto à forma, todas as entrevistas foram presenciais e gravadas, realizadas logo após o término das visitas ao *Parque por la Paz Villa Grimaldi*.

## 6.1 SÍNTESE, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS CONTEÚDOS

A síntese das respostas está apresentada neste capítulo em quadros separados por categorias, identificadas ao longo da pesquisa, seguida de análise interpretativa e contextualização de cada processo. Conforme esse procedimento, em 6.1.1, integrarão este subcapítulo dados a respeito do perfil dos entrevistados; em 6.1.2, figurarão gráficos ilustrativos com dados quantitativos sobre a experiência da visita; em 6.1.3, será apresentada a formatação dos metatextos como resultado da comparação das unidades em quadros segmentados por categoria. A análise textual qualitativa deste estudo baseia-se no exame argumentativo. Para tanto utiliza

citações dos entrevistados para caracterização da mesma. A metodologia escolhida, análise textual discursiva, é sugerida por Moraes (2011, p. 11), para quem “pesquisas qualitativas têm se utilizado cada vez mais de análises textuais. Seja partindo de textos existentes, seja produzindo o material de análise a partir de entrevistas e observações [...]”. A utilização dessa técnica possibilitou a associação de relatos dos entrevistados, ideias da autora e contribuições dos autores de referência.

### 6.1.1 Perfil dos entrevistados

As perguntas fechadas, como nome, idade, profissão, nacionalidade e país de residência, ajudaram a compor um perfil das entrevistas. Os voluntários que participaram da pesquisa foram, em sua maioria, homens e mulheres entre 41 e 48 anos (tabela 3). A questão do gênero se manteve neutra entre quase todas as faixas etárias, observando-se menos homens na faixa etária IV.

Tabela 3 – Perfil Idade x Gênero dos visitantes

Idade	Gênero	Nº Pessoas	Total
I – 18 a 22 anos	Feminino	2	4
	Masculino	2	
II – 25 a 39 anos	Feminino	3	5
	Masculino	2	
III – 41 a 48 anos	Feminino	7	13
	Masculino	6	
IV – 50 a 56 anos	Feminino	3	4
	Masculino	1	
V – 60 a 73 anos	Feminino	2	4
	Masculino	2	
<b>Total</b>			<b>30</b>

Fonte: A autora (2015).

A importância da tabela relativa à idade dos entrevistados, ao considerar que a nacionalidade de 22 dos entrevistados é chilena, é a de que as pessoas dessa faixa etária estavam em período escolar na ocasião do golpe e nos anos seguintes (1973-1985), durante a estabilização da democracia no Chile.

Tabela 4 – Nacionalidade dos visitantes

Nacionalidade		Nº Pessoas
Chilena		22
Estrangeira	Inglesa	1
	Australiana	1
	Suíça	1
	Austríaca	1*
	Alemã	2*
	Canadense	1
	Argentina	1
		30
<b>*Dupla Nacionalidade</b>		2

Fonte: A autora (2015).

Ainda a respeito da nacionalidade dos entrevistados, entre os oito estrangeiros, há dois que declararam ter dupla nacionalidade: um austríaco-chileno; e uma filha e neta de chilenos perseguidos no golpe militar: ela relatou que nasceu em Moscou, que retornaram ao Chile, mas por consequência da perseguição buscaram refúgio na Alemanha.

*Nacimos en Rusia, en Moscú, mis padres estudiaron allá en los años 1960. Después volvimos en 1972 y estuvimos casi dos años viviendo en Chile hasta que llegó el golpe en 1973 y mi mami lamentablemente fue perseguida y tuvimos que salir de Chile en enero de 1974. Teníamos 3 y 4 años. Tuve que elegir por la nacionalidad alemana, pero mi corazón va a ser siempre chileno (REICHEL, 2015).*

A perda da nacionalidade foi uma medida imposta pelo governo militar, que, em 3 de dezembro de 1973, modificou a constituição de 1925 e acrescentou uma causa à perda de nacionalidade daqueles que atentarem gravemente no exterior contra os interesses essenciais do Estado (BIBLIOTECA..., 1973). Após o reestabelecimento da democracia, a fim de (re)nacionalizar os seus, o governo

chileno “devolve” a nacionalidade aos expatriados, bem como a seus filhos e netos nascidos no exterior. No entanto, muitos dos que se estabeleceram em outros países não buscaram por esse documento de direito.

Entre as profissões dos entrevistados, é possível analisar que 46,67% são oriundos da área de educação, sendo a maioria professores.

Tabela 5 – Atividades dos visitantes

Profissões					
Educação	Estudante			5	14
	Professor	Ensino básico	4	9	
		Ensino médio	1		
		Ensino superior	2		
		Idiomas	2		
Profissionais diversos	Administrativo			4	9
	Empresário			1	
	Engenheiro			2	
	Pastor Luterano			1	
	Artista			1	
Sem vínculo empregatício	Aposentado			2	5
	Do lar/Não exerce			3	
Saúde	Assistente Social			2	4
	Enfermeiro			1	
	Psicoterapeuta			1	

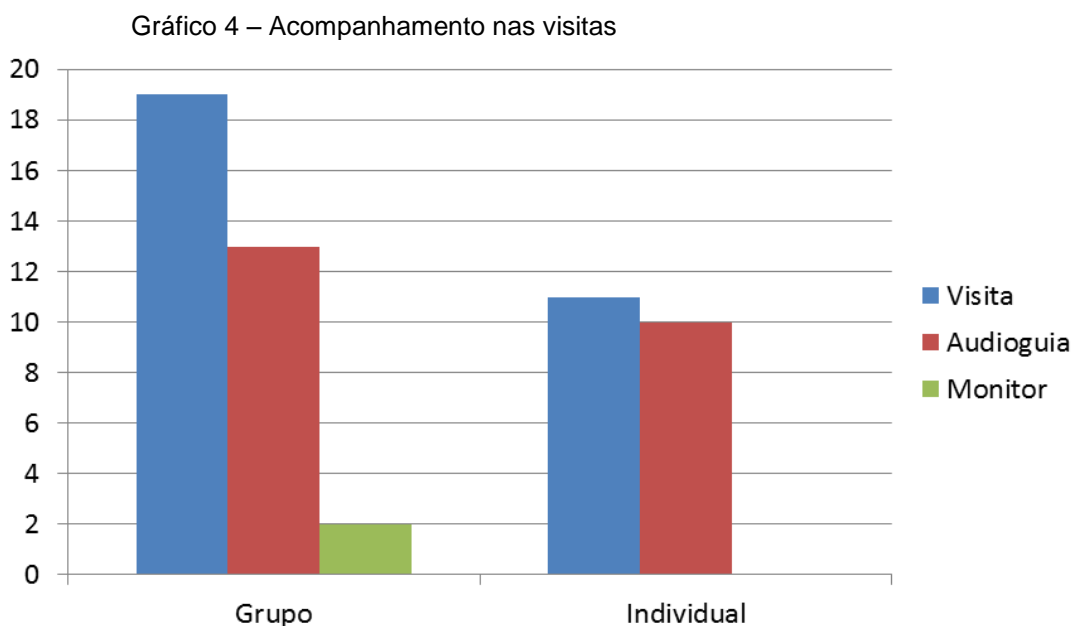
Fonte: A autora (2015).

Entre as outras áreas, estão profissionais de saúde, aposentados, donos de casa e profissionais de carreiras diversas, como mecânica de manutenção, engenharia e artes.

### 6.1.2 Detalhes da visita

O detalhamento quantitativo a respeito da visita será ilustrado neste subtópico. Os assuntos que o compõem são sobre a realização da visita, a duração e o número de vezes em que o entrevistado esteve no parque.

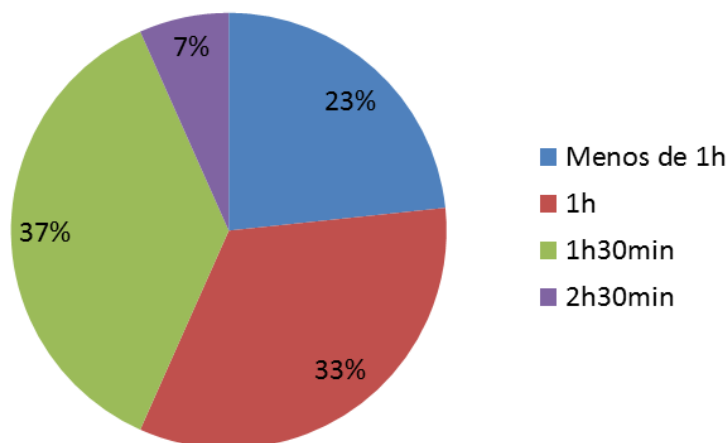
Com base no gráfico 4, das 30 visitas registradas, realizadas entre 5 e 27 de fevereiro de 2015, 19 foram feitas em grupo, sendo, destas, 13 com o uso de audioguia e 2 com acompanhamento de um guia. Visitaram o parque individualmente 11 pessoas, sendo que, destas, 10 utilizaram o audioguia e nenhuma teve o acompanhamento com um monitor.



Fonte: A autora (2015).

O serviço do audioguia é gratuito, no entanto 7 dos 30 visitantes optaram por percorrer o sítio de consciência sem o aparelho.

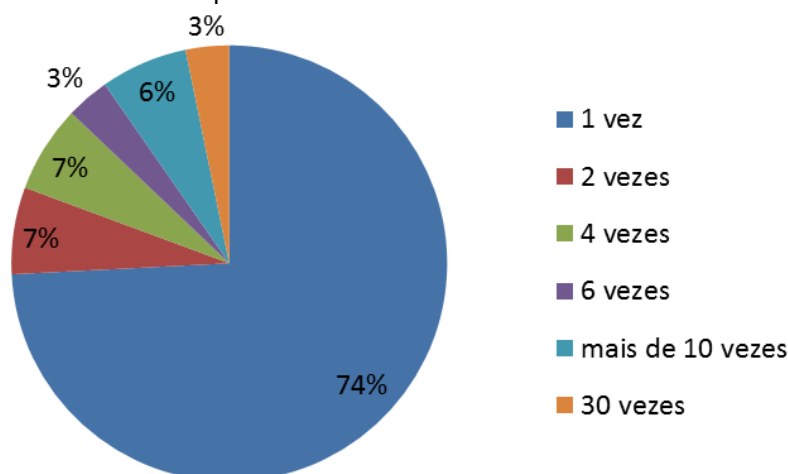
Gráfico 5 – Duração da visita



Fonte: A autora (2015).

A respeito da duração da visita, 37% dos entrevistados afirmam ter realizado o percurso em 1h30min, tempo aproximado recomendado pelo circuito feito com o audioguia. 33% visitaram em uma hora e 23% realizaram a visita em menos de uma hora. 7% permaneceram no parque 2h30min, sendo este grupo o que esteve presente na visita guiada pelos monitores de Villa Grimaldi, contando com momentos de interação frequentes durante todo o trajeto.

Gráfico 6 – Vezes que visitou Villa Grimaldi



Fonte: A autora (2015).

O gráfico 6 ilustra a quantidade de vezes que cada visitante esteve no *Parque por la Paz Villa Grimaldi*. A grande maioria afirmou ter sido a primeira visita, mas houve casos de pessoas que confirmaram sua presença com certa frequência, como na data de 11 de setembro, outros em função de realizarem o acompanhamento com os grupos escolares. Os entrevistados com familiares relacionados ao lugar de memória afirmaram que já estiveram no parque 1, 2 e 30 vezes.

### 6.1.3 Unidades X grupos

Ao compor a parte de desmembramento dos textos dos entrevistados, foram investigadas e definidas onze categorias: I - Motivação; II - Ideia anterior à visita; III - Ideia atual; IV - Experiência; V - Conceito; VI - Lugares visitados; VII - Propósito; VIII - Ponto principal; IX - Opinião DH; X - Transmissão; e XI - Comunicação efetiva, distribuídas entre quatro grupos, ambas para a etapa de análise através de quadros. É importante destacar que as entrevistas com os visitantes serão mantidas em seu idioma original, portanto nos quadros estarão trechos transcritos. Ao analisar os relatos, esses quatro grupos serão adaptados para um metatexto, com conteúdo dissertativo e eventuais transcrições de citações verbais dos entrevistados. Por sua vez, nestas citações, para uma melhor fluência do texto, as falas em inglês serão traduzidas para o português.

## 6.1.3.1 Visita

Ao abordar o tema da visita, foram destacados aspectos relacionados ao posicionamento do indivíduo perante o sítio de consciência Villa Grimaldi, bem como os motivos que o levaram a realizar a visita, qual a ideia que tinha antes e depois da visita, e como descreve a experiência de ter visitado um lugar de memória.

Quadro 1 – Visita

	I - Motivação	II - Ideia anterior à visita	III - Ideia atual	IV - Experiência
1	<b>Aprender</b> y saber un poco más de lo que pasó. Porque no toda esta información se da en libros, ni nada. Y menos en fuentes que no son muy fidedignas como internet.	Algo <b>menos estructurado</b> , con carencia de cosas.	Algo <b>súper completo</b> , artístico, más conceptual, la intervención que hicieron los artistas.	Me gusto porque se hizo una locución <b>entre en grupo y la guía</b> .
2	Vine porque una vez unos <b>compañeros de colegio</b> hicieron un recorrido acá.	Yo creo que vine con la <b>misma idea</b> que tengo ahora. Porque li artículos, mis compañeros me habían hablado. Es lo que esperaba.		<b>Llenadora</b> , me culturalizo mucho más. Algo que yo no tenía antes. ...esto es mucho mejor, mucho más dinámico. Uno experimenta más cosas.
3	It's to learn something about this time with DINA and Dictatorship of Augusto Pinochet. To <b>learn what's happened here and why</b> .	<b>I thought there are still this Villa</b> here, and the park around, and some memorials of that time.	<b>I think it's more impressive without the construction</b> . To know that was here and it's no more. <b>It should never come back</b> .	<b>Sad feelings</b> about this time, for the people. But I also think about people whom did this crime.
4	<b>Divulgar</b> para que se haga <b>justicia</b> .	Para mí siempre fue algo tremendamente <b>atroz</b> . Y hoy día todavía lo puedo sentir.	Venir acá es <b>reiterar el sufrimiento</b> que hubo para dejarlo para las <b>próximas generaciones</b> .	Hasta hoy día, después de 42 años de sucedido el crimen de mi hermano sigue siendo muy duro para mí. Y para mi familia completa. Es <b>algo que no se supera</b> .
5	Vine porque <b>mis hermanos vinieron de Alemania</b> y querían conocer a este lugar. Pero me cuesta venir.	Solo que era un <b>centro de tortura</b> . Nada más.	Ahora que se ve que es un <b>parque</b> , lleno de árboles, pero solo eso. Me genera bastante rechazo.	Mi experiencia es que las dos veces que he venido, en la primera hable de mis abuelos, me genera igual como que algo <b>negativo</b> , muy <b>fuerte</b> .
6	Estaba mi abuelita aquí, y también ver lo que han hecho aquí. Como nosotros vivimos afuera de Chile, siempre <b>se sabe algo través de la noticia, pero es algo importante estar aquí</b> . Es igual a los campos de concentración en Alemania. No se puede olvidar eso.	Yo <b>antes mire por internet</b> , y lo vi en Alemania, y allí estaba todo muy bien explicado, en alemán!		Que siga este lugar como memoria y que ojala <b>nunca más</b> pase eso acá en Chile.

(cont.).

	I - Motivação	II - Ideia anterior à visita	III - Ideia atual	IV - Experiência
7	Traje a mi <b>familia</b> del sur para que conocieran este espacio.	Era un <b>espacio cerrado, oculto</b> , con murallas que no nos permitían ver, y nosotros <b>sabíamos que algo había pasado acá adentro</b> .	Esto <b>ahora es la memoria, la vida</b> . Para mí eso es más fuerte a pesar del horror, del miedo, de todo se impuso la vida.	Linda, <b>me emociona</b> . Siempre que vengo aquí me emociono. Llena de memoria, dejarle esto a las <b>nuevas generaciones</b> , a gente que vive tan lejos de aquí, en regiones.
8	Quiero contar con Villa Grimaldi como <b>patrocinador</b> de un proyecto que tengo.	Yo pensé que iba a ser un lugar mucho más <b>aislado</b> .	Es un museo bien <b>impactante, impresionante e inolvidable</b> .	<b>Emocionante</b> .
9	Probably to <b>find out more</b> about Pinochet's regime.	The only thing I've really seen was in the <b>website</b> and the notes on <b>trip advisor</b>	You can imagine (...) It's a lot more <b>visceral</b> than it was before.	Hurried. I'm quite <b>pensive, thankful...</b>
10	Es para <b>mejorar mi entendimiento</b> sobre Chile y Sudamérica, y el impacto de los años 70's en Chile.	<b>I didn't knew</b> about Villa Grimaldi antes de hoy.	<b>Now</b> creo que sabré más sobre la <b>historia</b> de Chile y los impactos del <b>comunismo</b> y del movimiento.	Yo describiría como un <b>lugar bonito</b> , pero <b>también horrible</b> al mismo tiempo.
11	<b>Conocer</b> lo que hubo acá como centro de tortura y exterminio.	Era un poco de lo que yo esperaba encontrar porque <b>había leído</b> sobre Villa Grimaldi, <b>por la prensa e internet</b> .	<b>Estando acá impacta más</b> . Hay varios lugares que los va recorriendo y se da cuenta hasta donde llega la crueldad humana.	El vivirlo es <b>fuerte</b> . Son <b>sentimientos encontrados</b> , por un lado tristeza al recordar lo que ocurrió, como puede el ser humano llegar a ser tan cruel y por otro lado un sentimiento de esperanza.
12	Que <b>mi hija conociera</b> , ha visto películas, le he leído crónicas.	No pensé que era tan bonita.	No me imaginé que tenía <b>una ingeniera tan importante</b> , tan grande, un lugar tan <b>bonito tan detallado</b> .	<b>Triste</b> , emocionante con muchos <b>sentimientos encontrados</b> porque me imaginé principalmente a las <b>mujeres</b> .
13	Para <b>conocer</b> y además <b>traer a mis suegros</b> que son de Italia.	Sabía que había una <b>casa de tortura y un parque</b> .	Me ha impresionado a pesar de todo lo malo que ocurrió es <b>tranquilo, agradable</b> .	Un <b>aprendizaje</b> , algo nuevo.
14	(traer a) un <b>primo</b> chico que nació en los 80, un poco por saber y que él entienda que es lo que sucedió y <b>saber</b> un poco más de historia porque realmente es distinto cuando se lo cuentan o lee un libro y saber cuál es el sector, donde aconteció.	Yo viví mi infancia en 4 Álamos y <b>siempre se escuchaba de esta casa de Villa Grimaldi</b> y después cuando se recuperó la democracia se hablaba de Villa Grimaldi.		A mí <b>me hace bien</b> venir a este lugar, me llena un poco de <b>energía el recorrerlo</b> , me gusta.
15	Para <b>salvarme</b> y <b>salvar a las mujeres</b> .	Un lugar <b>lúgubre, obscuro</b> .	Hay <b>mucha fuerza</b> , mucha <b>compasión</b> .	Bien <b>iluminadora</b> donde me convenzo más de la capacidad de los seres humanos por tratar de <b>sanar</b> interiormente <b>sin olvidar</b> .



(cont.).

	I - Motivação	II - Ideia anterior à visita	III - Ideia atual	IV - Experiência
16	Para <b>conocer</b> .	No pensé <b>nada</b> . No me hice una idea de cómo iba a ser el lugar.	Un lugar de <b>descanso</b> , de recreación, <b>hermoso</b> , lindo y en lo que lo transformaron...	<b>Impactante</b> . Fue como estar ahí.
17	<b>Acercarme</b> más a la <b>veracidad</b> de los hechos.	Yo <b>pensé que había más estructuras</b> de lo antiguo, de lo original.	Me gusta. Creo que <b>rescataron los lugares importantes</b> y los fueron adecuando a memorias, ahora actual de una forma a darle un <b>recuerdo</b> .	<b>Melancólica</b> , una experiencia que <b>volvería a repetir</b> y la repetiría.
18	<b>Conocer</b> parte de la historia chilena.	Tenía entendido que Villa Grimaldi era un <b>lugar de tortura</b> .	Hoy la <b>misma idea</b> .	<b>Emotiva</b> .
19	Vinimos con una persona que llegó hace dos días de Puerto Rico, y <b>la trajimos para que conozca</b> el lugar.	Como que iba a visitar una especie de Museo donde <b>iba a ver lo que quedaba del centro de tortura</b> más que nada por el cual es reconocido este lugar.	Ahora es más que eso, ni siquiera queda tanto de los edificios de ese tiempo, de los edificios porque fueron demolidos. Es más bien como dice su nombre un parque por la paz, <b>un homenaje a la paz y al diálogo entre las personas</b> , eso me gustó mucho.	Siempre es <b>conmovedora</b> para mí, yo pienso que el cielo y el infierno están en el corazón humano y depende de nosotros lo que liberemos de nosotros mismos.
20	It's always good to see <b>the most touristic spots</b> ... (...)We knew about the museum of Human Rights, in downtown Santiago, we are planning to go there next week. I didn't know about Villa Grimaldi. My wife did, she read about things to do in Santiago, what to visit.	Blunt to speak, <b>I had no idea</b> . I thought it would be <b>more of the old structure</b> in here, but I found out it's almost all gone. I thought that was some type of complex, like we have in Germany, the concentration camps many of these are still intact, as they were originally.	<b>So I was surprised that this one here is just a park</b> . Now, I think it's more memorial and documentation.	It makes you <b>think about what happened</b> in the past. You should stay alert always. It's a little hard for me to answer this question, because due to the German history we always have this in mind.
21	<b>Saber</b> . Porque tenía información de otras personas. Saber realmente las cosas que sucedieron.	Primero que era un <b>lugar más pequeño</b> , que era un parque.	Es un <b>lugar que me da tristeza</b> . Que no entiendo por qué hicieron todo lo que hicieron.	<b>Me cuesta entender que hayan hecho tanta maldad</b> , tanto daño. De saber que era algo distinto y lo tomaron de otra manera, en la mente de ellos no sé lo que pasó.

(cont.).

	I - Motivação	II - Ideia anterior à visita	III - Ideia atual	IV - Experiência
22	Principalmente por historia, <b>por enseñarles a mis hijas</b> que la vida tiene muchas cosas y que el país también tiene <b>historia</b> y esa historia hay que conocerla.	Me lo imaginaba <b>más rural</b> , fuera de Santiago. No asimilaba con esto. Es un lugar donde mucha gente sufrió. A nosotros <b>no nos enseñaron historia de Chile</b> , se saltaron esa época.	Para mí es muy <b>increíble, es muy bueno escuchar todas estas cosas y hacerme parte también</b> . Incluso mi hija me dijo que estaba muy interesada en ir porque a ella le iban a pasar esta parte en este año. Me llamó la atención porque a mí jamás me pasaron esto en historia, nunca.	<b>Fuerte, Impactante!</b> Uno no se imagina que pueda haber gente tan retorcida para hacer eso. (...)Eso yo lo había leído, había escuchado pero nunca siquiera me habría atrevido a acercarme a algo así. En el fondo fue cerrar el ciclo, <b>hacerme consiente</b> que estas cosas pueden pasar.
23	Contarles a nuestras hijas <b>lo que aquí había pasado</b> . Es importante que ellas <b>sepan la verdad</b> .	Pensé que era un lugar <b>reducido a escombros</b> , que era un <b>lugar más abandonado</b> , que era un lugar más tétrico.	Está muy bien mantenido, <b>distinto de lo que yo pensaba</b> . Pensé que iba a encontrar construcciones tipo ruinas que lo que hay ahora, memoriales, recordatorios.	<b>Emocionante</b> , me gustó, es distinto de lo que he visto. No hay fotos de gente muerta, no hay fotos de torturados, no hay fotos macabras, sino que todo es sobre las personas y lo que vivió acá. Es triste pero a nosotros nos deja una experiencia agradable en el sentido de la reflexión.
24	<b>Conocer</b> . Yo estaba chico cuando sucedió. Después sabíamos todas las cosas que pasaban pero en la época fuerte de tortura, de la detención y de la desaparición de gente, la verdad que yo no lo viví.	Sabía por las noticias que había sido <b>un centro de detención</b> . Tenía nociones de cómo iba a ser.	Está bien estructurado, bastante <b>accesible</b> .	Una experiencia lógica de <b>aprender un poco más</b> de lo que se vivió aquí en Villa Grimaldi respecto a la gente, de cómo vivían, cuanto tiempo estuvieron y que pasó con las personas que pasaron por acá.
25	Personal, volver a <b>recordar</b> y <b>enseñarle</b> a mis hijos parte de la historia que no pueden olvidar.	El nombre dice Villa Grimaldi, una Villa bonita con prados y cuando uno se entera de que esto fue <b>un centro de tortura</b> , ya uno viene con una situación más distinta.	<b>Como es posible</b> que chilenos contra chilenos nos hallamos echo eso, chilenos a chilenos.	Congoja, rabia y <b>esperanza de que no va a volver a pasar</b> y si esto se mantiene, los pueblos no van a caer en lo mismo.
26	My history. <b>Because my parents were holocaust survivors</b> . I grew up in a country where repression was every day, not for me, as a white person, but for black people.	I knew that it was <b>a torture site</b> , but I didn't know that it had been a beautiful villa that Pinochet's regime took over. I have the guide, the <b>Lonely Planet guide</b> , it says in the front of book that Parque Por la Paz it is an important place, I came but I didn't know the history.	Now... to take this beautiful place and make it into a place of torture is hideous, but now they it comes back to beauty. It's a <b>memory of a terrible time</b> , but It's very <b>beautiful</b> , the trees and flowers, it's very sensitive. I like the way they combine the old villa... they kept some of the sites... we can see all the three phases...	Very <b>powerful</b> but very <b>sad</b> . And <b>tender</b> , as well.

(cont.).

	I - Motivação	II - Ideia anterior à visita	III - Ideia atual	IV - Experiência
27	Inquietud de conocerlo.	Mucho <b>más triste</b> , que mostraban instrumentos de tortura. Por eso no venía.	Es diferente, súper <b>diferente dentro de la pena</b> que uno pueda sentir.	Como de <b>esperanza</b> .
28	Darle un peso especial a las vacaciones y mi señora propuso visitar los lugares interesantes y dentro de eso, además porque siempre <b>estuvimos ligados al acontecer</b> .	Me imaginaba un memorial un sitio de recuerdo y de respeto a los que aquí sufrieron, y que sufrimos todos en el fondo. Yo <b>pensé que efectivamente habían vestigios, ruinas</b> .	Me voy <b>mucho más encantado</b> que sea un parque de recuerdo y que da la <b>esperanza</b> de que la vida sigue.	<b>Importante</b> .
29	Las dos veces he venido <b>acompañando</b> a una persona amiga.	El <b>horror</b> , esta es la palabra.	Hoy podríamos decir <b>bonito</b> . De todas maneras siento un peso aquí en la espalda, <b>no puedo verlo emocionalmente libre</b> .	Una <b>mescla</b> , me gusta lo que veo pero me da angustia pensar todos los horrores que vivieron la gente aquí, además gente de lo mejor que hubo aquí de nuestro pueblo. Son personas que sufrieron mucho.
30	Ninguna en particular y todas a la vez porque no soy partidaria de ningún partido, no soy política y <b>siempre quise venir</b> a conocer esto.	<b>Ninguna</b> . Había escuchado. No sabía nada a no ser que era <b>un centro de detención</b> .	Ahora una sensación de <b>sentimientos encontrados</b> . Un lugar de Paz y por otro lado tratando de imaginar cómo habrá sido difícil la vida de las personas que estuvieron acá.	<b>Poca la interacción</b> , me habría gustado con un guía. Hice con audio guía.

Fonte: A autora (2015).

Os pontos apresentados no Quadro 1, na categoria I – Motivação, foram agrupados com base nas respostas múltiplas de cada um dos entrevistados.

Tabela 6 - Motivos

Unidades de Significado	Citações
Entender, conhecer, aprender	18
Trazer amigos, família	10
Tem um familiar envolvido	3

Fonte: A autora (2015).

A síntese traz à discussão que a grande maioria tomou a iniciativa de ir até o parque para aprender, entender e conhecer, reafirmando o ponto identificado na definição de perfil dos entrevistados em 6.1.1 (maioria entre 41 e 48 anos).

*Es triste pero a nosotros nos deja una experiencia agradable en el sentido de la reflexión, porque yo en mi infancia no tenía idea de que esto pasaba, me vine a enterar cuando ya se acabó el golpe militar. Nosotros siempre nos criamos bajo el golpe militar, desde que entré al colegio hasta que salí prácticamente estuvimos bajo el golpe*

*militar, entonces ignorábamos muchas veces lo que se pasaba a nivel de rumor y estar acá y darse cuenta de que si existió es una experiencia fuerte y deja una sensación de pena (RECABARREN, 2015)<sup>61</sup>.*

*A nosotros no nos enseñaron historia de Chile, se saltaron esa época. Para mí es muy increíble, es muy bueno escuchar todas estas cosas y hacerme parte también. Incluso mi hija me dijo que estaba muy interesada en venir porque a ella le iban a pasar esta parte en este año. Me llamó la atención porque a mí jamás me pasaron esto en historia, nunca (RIQUELME, 2015)<sup>62</sup>.*

Durante o governo militar, a educação a respeito das questões sociais e políticas foram proibidas, e, por esse motivo, muitos professores de história, filosofia, sociologia e demais docentes da área de ciências humanas e sociais foram retirados de seus postos e detidos. Logo, os alunos foram privados de manter contato com informações de cunho sociopolítico. Por vezes, os entrevistados alegaram essa necessidade de encontrar respostas e verdades em uma visita a um lugar de memória no Chile.

O segundo motivo mais citado foi o de acompanhar amigos e familiares à visita, pois muitas vezes o entrevistado mencionou já conhecer o sítio de consciência, mas tomou a iniciativa de retornar para mostrar o lugar a outras pessoas.

O terceiro motivo, mesmo que não tenha um número de menções expressivo, é o de pessoas que têm um familiar envolvido na história de Villa Grimaldi e deixaram isso claro na entrevista. Esse tema nunca foi questionado pela entrevistadora, sempre veio ao contexto espontaneamente.

*Ellos juegan a que el tiempo olvide. Porque argumentar "es solo un nombre"? Bueno pero adonde están los cuerpos de esas víctimas, que es más que un nombre. A mi hermano, Patricio Munita Castillo, lo sacamos del patio 29 del cementerio general. Lo llevaron en un carro de traslado de pollos. Él era dirigente fundador del MIR (MUNITA, 2015).*

*Nuestra abuelita María Olga Flores Barraza estuvo aquí y fue detenida el 2 de abril de 1976 con mi abuelito. A nuestros abuelos los separaron, a ella la trajeron para ca, pero a él no sabemos para donde lo llevaron. No se sabe. A esta fecha, pienso que está muerto (REICHEL, 2015).*

<sup>61</sup> Idade do entrevistado na ocasião: 45 anos.

<sup>62</sup> Idade da entrevistada na ocasião: 42 anos.

As outras razões citadas como motivo para a visita foram questões específicas, como pleitear um patrocínio de um projeto, conhecer o parque depois que amigos visitaram e recomendaram e uma resposta um tanto peculiar: “*para salvarme y salvar a las mujeres*” (GONZALEZ, 2015). Villa Grimaldi, assim como outros centros de detenção e tortura, recebeu muitas mulheres. As entrevistadas 5 e 6 comentam que a avó esteve em Villa Grimaldi, e hoje há uma placa em sua homenagem no *Jardín de Rosas*. “*Soy nieta de dos detenidos desaparecidos: Bernardo Araya Zuleta y María Olga Flores Barraza. Que fueron detenidos el 2 de abril del 1976. Mi abuelita aparece en los rosales*” (ARAYA, V., 2015b).

Tabela 7 – Pré-conceitos

Unidades de Significado	Citações
Um centro de tortura em um parque	6
Mesma ideia (informação prévia no site, artigos, <i>Lonely Planet</i> , <i>Trip Advisor</i> )	
Um espaço fechado, oculto, escuro, com exposição de instrumentos de tortura	5
Que ainda haviam construções, mais escombros.	4
Não sabia nada	
Que era isolado	3

Fonte: A autora (2015).

A categoria II - Ideia anterior à visita traz uma síntese do pré-conceito que havia sobre o parque para os visitantes. Entre as expectativas, de uma forma geral, pode-se constatar que há uma imagem mental de escuridão e destruição. Seis visitantes foram bem abrangentes ao dizer que esperavam ver um “centro de tortura”. Outros seis visitantes já haviam coletado informações prévias, tanto na Internet, em artigos e em guias de viagem.

É interessante observar, do ponto de vista cultural, como a questão da ausência de construções chama a atenção de alguns visitantes estrangeiros, como Roman Kuemin, da Suíça, e Dirk Müller, da Alemanha: “*pensei que a Villa ainda estaria aqui com o parque em volta e mais lembranças daquela época*” (KUEMIN, 2015, tradução nossa)<sup>63</sup>.

<sup>63</sup> I thought there are still this Villa here, and the park around, and some memorials of that time (KUEMIN, 2015).

*Falando rudemente, eu não tinha ideia. Pensei que teria mais da velha estrutura aqui, mas eu descobri que quase tudo se foi. Pensei que era algum tipo de complexo, como o que temos na Alemanha, os campos de concentração... muitos deles ainda estão intactos, como eram originalmente, por isso fiquei surpreso que isso aqui é apenas um parque (MÜLLER, 2015, tradução nossa)<sup>64</sup>.*

Segundo uma informação dada por um dos trabalhadores da Villa Grimaldi, é comum que os visitantes alemães tenham essa percepção de vazio, de falta de algo. Dentro do pragmatismo alemão, por vezes os elementos que não são tão diretos ou explícitos, como a exposição de prédios, celas e objetos, causam um choque cultural devido à tentativa de compreensão do que esses elementos simbólicos – como o piso com pedregulhos, os caminhos representando as passagens entre as celas e as placas no chão – podem representar para o público.

Quatro dos visitantes contaram que não sabiam nada sobre o parque até chegar ali. E outros três relataram que imaginavam um lugar mais isolado. De fato, a Villa Grimaldi na ocasião do golpe ficava na região metropolitana de Santiago, mas, com o crescimento e desenvolvimento da cidade, a região hoje é parte das comunidades de Peñalolén e La Reina, localizadas dentro da capital chilena. Outras ideias mencionadas foram a de que o lugar seria menos estruturado, menor, que já causava um sentimento forte mesmo antes de ser visitado e de que o museu de sítio seria mais parecido a um museu tradicional.

Tabela 8 – Pós-conceitos

Unidades de Significado	Citações
Parque, árvores, tranquilidade, agradecimento, descanso, vida, paz, memória	10
Sentimento, consciência do sofrimento, força, compaixão, tristeza	7
É mais impressionante sem a construção demolida.	5
Completo, artístico, conceitual	4
Mesma ideia	4

Fonte: A autora (2015).

Ao saírem do *Parque por la Paz Villa Grimaldi*, a percepção dos visitantes em geral mudou. A partir de III - Ideia atual, foram compiladas as ideias relatadas, que, comparadas com a categoria anterior, permitem observar essa mudança. Para pelo menos dez visitantes, o lugar é hoje um sinônimo de tranquilidade, vida e paz. Ao

<sup>64</sup> Blunt to speak, I had no idea. I thought it would be more of the old structure in here, but I found out it's almost all gone. I thought that was some type of complex, like we have in Germany, the concentration camps... many of these are still intact, as they were originally, so I was surprised that this one here is just a park (MÜLLER, 2015).

mesmo tempo que pensam na tranquilidade, trazem a inquietação causada pelo sentimento de compaixão para com as famílias e vítimas dos crimes que ali ocorreram. Cinco visitantes registraram que a ausência de estruturas e escombros traz mais impacto à visita, em relatos, é um dos convites à reflexão. “Acho que é mais impressionante sem a construção” (KUEMIN, 2015, tradução nossa)<sup>65</sup>. O entrevistado narrou claramente que a ausência de estruturas físicas fez parte do impacto que o lugar de memória lhe causou.

O mote conceitual, valendo-se da presença artística entre os mosaicos, memoriais, fontes e monumentos dentro do parque, também chama a atenção dos visitantes, e é um dos pontos relatados que contrapõem a ideia de que o ex-centro de tortura é hoje um lugar sombrio. É um lugar de memória, testemunha de uma história que diz respeito a todos que de alguma forma se viram envolvidos com o tema. Trazer vida a esse lugar é um combustível para combater o esquecimento e fomentar a justiça.

Três dos entrevistados mencionaram ter saído carregando a mesma ideia com a qual vieram, mas, conforme os relatos, haviam coletado informações no site ou já conheciam bem a história relacionada à Villa Grimaldi. Outras ideias isoladas, que serão registradas: um museu impactante; mais visceral; apenas um parque; conhecimento sobre o regime; pertencimento à causa.

Tabela 9 – Experiência

Unidades de Significado	Citações
Sentimentos, pensativo, grato, reflexão, emoção	15
Que a memória se fortaleça, esperança, que não volte a acontecer	5
Completa, cultural, aprendizagem	4
Positivo, energia, iluminadora, melancólica	3
Difícil, negativo, forte	3

Fonte: A autora (2015).

Em IV – Experiência, ao falar do seu contato físico e emocional com o sítio de consciência Villa Grimaldi, frequentemente os visitantes recaiam na situação de ter sentimentos antagônicos. A visita em si também causou esse choque de ideias. Um entrevistado relatou que houve muita interação, enquanto outra comenta sobre a pouca interação na visita. A grande maioria valeu-se de palavras como gratidão, reflexão e emoção para descrever a experiência de estar no lugar de memória. Lema de muitos sítios de consciência em suas variações, a expressão “para que não

<sup>65</sup> I think it's more impressive without the construction (KUEMIN, 2015).

se esqueça / para que nunca mais aconteça” surgiu diversas vezes neste e em outros pontos da entrevista. O tópico que remete à aprendizagem surge também nesta categoria, ao descrever que o momento da visitação foi completo. Alguns dos entrevistados relatam que visitar o *Parque por la Paz* é uma tarefa difícil, justamente por se tratarem dos visitantes que têm familiares relacionados com a história do lugar.

### 6.1.3.2 Sítios de consciência

Neste tópico, a exploração leva ao conjunto de conceitos de sítio de consciência trazidos pelos entrevistados, assim como a listagem de lugares de memória por eles visitados.

Quadro 2 - Sítio de Consciência

	V - Conceito	VI - Lugares visitados
1	Es un lugar donde uno puede <b>revivir ciertos hechos</b> , los cuales hacen que te vayan inculcando ciertas formas de pensar, en impulsar como cierto tipo de información, que hay gente que no lo saben.	Museo de la Memoria La Chascona Londres 38
2	Un lugar donde las personas puedan <b>aprender y generar nuevas ideas</b> .	Museo de la Memoria.
3	It's a place <b>where you'll be remember by signs</b> , something's to remind what happened here, <b>to think about</b> .	Memorial to the Murdered Jews of Europe Konzentrationslager
4	Es un sitio de <b>pensamiento</b> , de poder <b>separar lo bueno de lo malo</b> .	Museo de la Memoria La moneda Auschwitz
5	Es como <b>tener consciencia de lo que la gente hizo en este lugar</b> , que fueron cosas terroríficas.	Cementerio General
6	Más que nada <b>recordar a mi abuelita</b> . Pero para estar cerca de ella. No sé lo que ha sufrido aquí. <b>Lo que la gente que estuvo aquí</b> .	Buchenwald Memorial Ravensbrück Memorial to the Murdered Jews of Europe
7	Es saber <b>que sucedió</b> , es <b>que está hecha justicia</b> y <b>que no se vuelva a repetir</b> . Entonces eso es un sitio de memoria, <b>de reflexión, de volver</b> . Que <b>las nuevas generaciones sepan</b> . No con odio, ni nada. Que sepan el horror que podemos llegar como seres humanos.	Estadio Nacional Cementerio General Cuesta Barriga
8	Un lugar de conciencia es esto. Hoy en día todo lo que ya se sabe, lo que han hecho los militares, <b>de lo que ha ocurrido en este país</b> .	Matt Housen Chacabuco
9	<b>Awakening</b> and a moment of finding <b>something that you didn't think of before</b> .	Holocaust exhibition / The Imperial War Museum
10	Todos los lugares de memorias, lugares de terror, que son importantes para nosotros, que necesitamos <b>recordar todas las cosas</b> que han pasado.	Memoria Viva en Córdoba, Argentina. Anzack Museum, en Australia. Ahmed Yassin Memorial, en Gaza.
11	Para <b>tomar consciencia</b> sobre lo que ocurrió.	Estadio Nacional Estadio Víctor Jara (Chile) Cementerio General
12	Un lugar donde la gente puede remover grandes <b>sentimientos del pasado</b> y mantenerlos vivos y que <b>nunca se nos olvide</b> lo que sucedió en algún lugar.	Cementerio General
13	Tomar conciencia de algo que pasó, <b>que las cosas ocurrieron realmente</b> .	No.



(cont.).

	V - Conceito	VI - Lugares visitados
14	Es ir al sector o al lugar donde acontecieron muchos hechos, ir a un lugar donde realmente uno vea o recuerde o asemeje cosas que uno ha leído con el sector donde sucedieron los hechos.	Chacabuco
15	Un sitio de reflexión y contemplación de los dos mundos, del que pasó y el mundo de ahora se juntan y se fusionan.	Ravensbrück Imperial War Museum
16	Detenerte y pensar en lo que pasó.	Museo de la Memoria Cementerio General
17	Donde tú reflexionas sobre una situación y tomas un valor sobre eso, una opinión personal de lo que significó.	Museo de la Memoria Cementerio General
18	Un sitio para ver y recordar sucesos que atentaron contra los derechos humanos y para tener en cuenta las cosas que en alguna situación puede hacer el hombre. (...) Pienso que cuanto más conciencia hay de esto menos chance hay de que se repitan.	Museo de la Memoria Parque de la Memoria (Argentina) United States Holocaust Memorial Museum, Washington/EUA
19	Es donde de alguna manera las personas pueden reflexionar acerca de lo que significa la paz, lo que significa el diálogo. (...)Entonces que de alguna manera la gente al ver este lugar se dé cuenta de lo importante que es preservar la paz entre las personas.	Varias de las casas de los derechos humanos, museos, en el sur, en Punta Arenas, acá en la Serena y también en otros países y algunos sitios que tienen que ver con. Memorial to the Murdered Jews of Europe.
20	Everything that makes you think about some kind of intention to create what you have in mind is a site of conscience I cannot phrase any specific thing... It could be like to bring up the German concentration camp again...	Museo de la Memoria Dachau / Munich-Germany United States Holocaust Memorial Museum / Washington/EUA Imperial war museum - UK Memorial to the Murdered Jews of Europe. The World War II memorial for the invasion of the allies / France
21	De conciencia de pensamiento, de darse cuenta realmente de las cosas que sucedieron.	No.
22	Es donde te haces consiente de todo lo que pasa, en mi caso habían comentarios, habían percepciones, pero yo nunca me había hecho parte de esto, porque para mí era como cuento. Nunca lo había vivido. Venir acá es vivir un poco lo que ellos vivieron.	No.
23	Tú llegas a un lugar, entras y sabes de qué se trata. Inmediatamente te pones a reflexionar y entras con actitud de respeto sobre el mismo lugar. Uno entra acá y toma una actitud de silencio inmediatamente, leyendo, interiorizándose y por ende uno siente hasta pena y emoción ver algunas partes de Villa Grimaldi, independiente de que ahora está todo reestructurado, con adornos, pero al final uno siempre sabe lo que pasó acá.	Cementerio General (lo que impacta es la edad de algunos fusilados que son niños)
24	Un lugar donde la gente medite y analice las situaciones en que vivió la gente aquí en este recinto y que se vayan con un mensaje de ver las cosas de paz interior en el sentido de analizar las cosas, los errores que se cometieron con la gente que fue violentada aquí en este lugar y transmitan a sus generaciones posteriores de que el ser humano no debiera actuar de esa manera.	Dachau / Munich-Germany
25	Es un sitio donde la gente piensa antes de hablar, piensa antes de actuar, piensa y se instruye antes de tener una opinión.	Museo de la Memoria La Chascona
26	I think it needs to involve nature. It helps a lot. Like the trees mark their cells. Somehow, the past become the present. That way you can remember. A site of conscience you can visit and go back many times to remind yourself. It's like a cemetery. In a way, yes.	Museo de la Memoria Apartheid museum in South Africa Memorial to the Murdered Jews of Europe In Canada, the native people have experienced torture... they aren't sites, they are more of memorials...
27	Pensar que se hizo mal se hizo daño pero se puede reparar.	No.
28	Un sitio donde se pueda encontrar la verdad y testimonio.	Este es el primero.

(cont.).

	V - Conceito	VI - Lugares visitados
29	Para mí es un lugar muy necesario <b>que la gente conozca</b> para que <b>sepa</b> lo que pasó.	Museo de la Memoria. Londres 38 En Chipre, la parte ocupada por Turquía. Había un sitio de memoria donde mantenían un sitio de tortura tal como la habían dejado incluso en un lugar con sangre.
30	Un lugar <b>donde puedes encontrarte contigo misma</b> . Cada persona es responsable.	No.

Fonte: A autora (2015).

Um lugar denominado “sítio de consciência” foi definido pelos entrevistados como um espaço de reflexão, pensamento, paz, onde se pode aprender e saber a verdade sobre o que aconteceu. Uma das respostas que se destacou na questão sobre o que é um sítio de consciência foi: “*Un sitio de reflexión y contemplación de los dos mundos, del que pasó y el mundo de ahora se juntan y se fusionan*” (GONZALEZ, 2015).

Tabela 10 – Conceitos

Unidades de Significado	Citações
Pensamento, reflexão, sentimentos, paz, novas ideias, lembrança	18
Reviver o acontecido, verdade, aprender	15
Justiça, atentados aos DH, não volte a repetir, passado presente	6

Fonte: A autora (2015).

A definição lembra a questão da justiça e dos atentados aos direitos humanos que ocorreram no passado, com o reforço das expressões “*nunca más*”, “*que no se vuelva a repetir*”.

O sítio de consciência é compreendido por parte dos visitantes como um conector entre o passado e o presente. Para Karen Cea, coordenadora da área de educação, extensão e redes de Villa Grimaldi,

um dos objetivos centrais da área da educação é vincular o passado deste lugar com o presente; explicitar como ele atravessou a experiência particular deste centro clandestino de sequestro, tortura e extermínio, podemos contar essa história e também vincular-la ao que está acontecendo hoje em termos de justiça e verdade (CEA, 2015, tradução nossa)<sup>66</sup>.

<sup>66</sup> (...) uno de los objetivos centrales del área de educación es vincular el pasado de este lugar con el presente; es decir como atravesó de la experiencia particular de este centro clandestino de secuestro, de tortura y exterminio, nosotros podemos contar esa historia pero además vincularla con lo que ocurre hoy en materia de justicia y verdad (CEA, 2015).

Entre as respostas mais isoladas, estiveram a de que um sítio de consciência precisa ter um envolvimento com a natureza. Na interpretação da autora, isso significa trazer vida para um lugar de memória. Outra resposta fala que um espaço de consciência é encontrar a si mesmo, ou seja, um momento de reflexão.

Observando a tabela 11, associando estes resultados às respostas, é possível constatar que o *Museu de la Memoria y los Derechos Humanos*, localizado também em Santiago no Chile, foi visitado por 30% dos entrevistados.

Tabela 11 - Lugares mais citados visitados pelos entrevistados

Lugares	Menções
1. Museo de la Memoria y los Derechos Humanos, Chile	9
2. Cementerio General - Memorial de los Detenidos Desaparecidos, Chile	7
3. Memorial to the Murdered Jews of Europe, Berlin	5
4. Imperial War Museum, Inglaterra	3
5. Casa de Pablo Neruda, Santiago/Chile	2
6. Chacabuco, Chile	
7. Dachau - Campo de concentração, Munique/Alemanha	
8. Estadio Nacional, Santiago/Chile	
9. Londres 38, Santiago/Chile	
10. United States Holocaust Memorial Museum, Washington/EUA	
11. Ravensbrück, Alemanha	

Fonte: A autora (2015).

Karen Cea (2015)<sup>67</sup> descreve o MMDH como um suporte geral para os lugares de memória no Chile. Explica que há uma rede de educadores de lugares de memória, e nesses espaços são disponibilizados materiais criados em conjunto com o Instituto de Direitos Humanos, parte dessa rede, e com o MMDH. A ideia é dar visibilidade e suporte aos lugares de memória com temáticas afins localizados em Santiago, mas que não são tão conhecidos como a Villa Grimaldi ou o MMDH.

Para elaboração da tabela, foram contabilizados os espaços de memória com mais de uma menção. Pode-se observar que 6 dos 11 espaços estão localizados no

<sup>67</sup> Son folletos que lo organiza la red de educadores de sitios de memoria, que tienen equipos de educación o de atención de público. Creamos este folleto en conjunto con el instituto de derechos humanos que también es parte de la red y con el museo de la memoria que si bien no son sitios sí tiene un trabajo vinculado con lo que nosotros hacemos. Todos estos sitios Villa Grimaldi, Memorial de Paine, Nido 20, la clínica santa lucia que es otro lugar, Londres 38, José Domingos Caña, el Estadio Nacional también, nos juntamos siempre y decidimos hacer este folleto que pudiera visibilizar los otros sitios que se han ido recuperando y que se abren, que tienen un trabajo, que tienen también atención de público pero que quizás no son tan conocidos como villa Grimaldi o el Museo de la Memoria (CEA, 2015).

Chile; os eventos relacionados são principalmente o holocausto e as consequências do regime militar chileno. No caso do *Imperial War Museum*, a exposição permanente envolve também os temas sobre refúgio, guerras e genocídios.

Dos 30 entrevistados, 6 confirmaram que Villa Grimaldi foi o primeiro lugar de memória visitado. Outros sítios de consciência citados uma vez cada:

Tabela 12 – Lugares visitados citados uma vez pelos entrevistados.

Sítios de Consciência
1. Ahmed Yassin Memorial, Gaza
2. Anzack Museum, Australia
3. Apartheid museum, South Africa
4. Auschwitz , Poland
5. Buchenwald Memorial, Alemanha
6. Chipre, ocupado pela Turquia
7. Cuesta Barriga, Chile
8. El Parque de la Memoria, Argentina
9. Estadio Víctor Jara, Chile
10. Konzentrationslager, Suíça
11. La moneda, Chile
12. Mauthausen-Gusen, Austria
13. Museo de sitio y Archivo Provincial de la Memoria, Argentina
14. Vietnam Veterans, Washington/EUA
15. World War II memorial for the invasion of the allies, France

Fonte: A autora (2015).

Entre os 15 lugares citados apenas uma vez, 3 estão localizados no Chile e 2 na Argentina, sendo estes relacionados às consequências dos golpes militares nesses países. Surgiram novamente espaços relacionados ao Holocausto, ao Apartheid e à II Guerra Mundial e Vietnã. Destaca-se a diversidade de países presentes nessa listagem, o que confirma o crescimento da cultura da memória pelo mundo.

### 6.1.3.3 Intenção

Este tópico traz as respostas da abordagem que questionou o entrevistado sobre a sua opinião a respeito desse lugar de memória, o que lhe chamou mais atenção na visita e sobre os direitos humanos, a fim de afinar com o propósito pedagógico do parque: “educar para los derechos humanos”.

Quadro 3 – Intenção

	VII - Propósito	VIII - Ponto principal	IX - Opinião DH
1	Es <b>hacer consciencia nacional</b> y <b>revivir</b> ciertos documentos o historia en cierta forma.	El lugar en que se hacían los <b>centros de tortura</b> .	Lo que tenía entendido antes que no había algo certero de los derechos humanos y después, al momento de llevar todas estas cosas, de darlo a luz que <b>se fue consolidando</b> .
2	<b>Mantener viva</b> algo que todo Chile debe saber.	<b>Que las personas cooperen mucho</b> en todo esto. Que sostengan todo esto.	Es algo que todos tenemos. Todos tenemos <b>derecho de exigir</b> .
3	To <b>remember these things happened here</b> . I didn't know anything about this when I came to Chile, I heard about Pinochet, but I didn't realize what happened in this time, and it's really not good.	The <b>garden with bunches</b> , were the <b>cells</b> are, where the torture was during this time, also <b>the rose garden</b> , were very impressive, with the speech "we were all queens".	It's <b>the most important thing</b> in the world for the human.
4	Poder <b>difundir el horror que se instaló contra la humanidad</b> por los militares. <b>Para que no se vuelva a repetir</b> .	<b>La Torre, Los Rieles...</b> solo imaginar lo que hacían con los rieles, ningún ser humano sano podría pensar.	La <b>vida</b> hay que <b>respetarla</b> . (...) La vida nadie la puede tomar.
5	De <b>recordar</b> a los detenidos que trajeron acá, a este centro de tortura.	<b>Jardín de Rosas</b> .	Acá en Chile, todo lo que se hizo con toda la gente y hasta ahora a esta fecha del 2015, que supuestamente <b>estamos en un país democrático no han hecho muchas cosas</b> .
6	<b>Es lo que tenía que ser</b> , porque han sufrido muchos chilenos y muchas familias que han desaparecido.	<b>Jardín de Rosas</b> . También <b>las piedras</b> que han hecho y puesto en los lugares (señalización).	Ahora <b>Chile es democracia, y se pudo abrir y demostrar lo que paso aquí</b> , en estos tiempos debajo de la dictadura. Por todo el mundo siempre se lucha por eso, pero no siempre están los derechos humanos.
7	<b>Construir memoria</b> y que esto <b>no se vuelva a repetir</b> .	<b>La vida</b> . Vengo todos los 11 de septiembre. Y ver a los niños jugando, eso es la vida. A pesar del horror la vida se impone.	Que <b>falta más educación</b> sobre los derechos humanos. Pero sí que después de la dictadura si se ha trabajado en eso. Es un trabajo de hormiguita.
8	Yo creo que <b>recordar</b> lo que fue, y que <b>nunca más vuelva a pasar</b> .	Todo, desde la entrada, <b>el puro hecho que exista este lugar</b> , es muy notable.	Yo creo que es un derecho básico, el <b>derecho de vivir en paz</b> .
9	Firstly, <b>raise awareness</b> and <b>conscious</b> of the torture and of Pinochet's regime and secondly to <b>prevent this happening in the future</b> .	It's <b>all</b> very special for me.	This was only 25/30 years ago, it was still contentious and <b>human rights aren't guaranteed</b> . So it's made me more aware of the need to enforce them and keep them.

(cont.).

	VII - Propósito	VIII - Ponto principal	IX - Opinião DH
10	Para servir a una <b>memoria</b> de la gente que ha desaparecido y que fue asesinada.	Los <b>rieles</b> del tren fueron muy notables, impresionante ver al botón que estaba allí. <i>And also the <b>padlock at the door</b> (...) because they are in the original stay and no one else can enter that way.</i>	Es importante para todos, <b>necesitamos derechos iguales para todos.</b>
11	<b>Recordar</b> y para que la <b>nuevas generaciones sepan</b> lo que ocurrió en nuestro país.	El <b>compromiso</b> con los <b>derechos humanos.</b>	Se deben <b>respetar</b> en todos los sentidos y parto de la base que somos todas personas iguales, por lo tanto los derechos humanos se respetan de cualquier forma.
12	<b>Mantener vivo el recuerdo</b> de lo que vivimos en un contexto bastante importante y doloroso de nuestro país.	<b>La Torre</b> , un espacio tan <b>reducido</b> , sin luz, sin aire, sin nada donde la gente estuviera que estar encerrada, achoclonada.	Yo creo que <b>todo el ser</b> que está habitando en un planeta, en un espacio de la tierra debe tener su propio derecho. Estamos hablando de <b>vida.</b>
13	<b>Que la gente no se olvide</b> , para que se recuerde siempre lo que ocurrió y también una sensación de <b>paz.</b>	las <b>celdas</b> y <b>la torre</b>	<b>No porque pienses diferentes te vas a callar.</b> Es un derecho. Y siempre lo he pensado de la misma manera.
14	Que la gente o generaciones <b>que no tuvieron participación</b> , yo nací en el 73 y mi mamá y papá tenían una ascendencia política de izquierda.	El sentido de <b>poder vivenciar</b> e ver lo que realmente pasó y en el futuro que este tema nunca más se pueda repetir este tipo de cosas.	Tengo una formación bastante clara en relación al tema de los derechos humanos (...) el saberla en realidad y <b>hacer que lo que sucedió nunca más se vuelva a repetir.</b>
15	La manera en como este parque <b>invita a la reflexión</b> , al <b>esparcimiento</b> , a la <b>contemplación</b> de un punto de vista de <b>sanación</b> y por ende el parque, las flores. Los árboles, la distribución de las cosas, como están distribuidas hace como que invitan a un paseo y con el audio pasas de un número a otro hay cosas por descubrir, hay cosas que sentir.	El <b>jardín de las rosas.</b> Y fue una cosa como bien específica porque yo vengo sintiendo energéticamente hablando, a sanar yo, a sanar el entorno y a sanar las almas de las mujeres que murieron acá.	Se refuerza la idea de que <b>falta las instancias de verdad</b> y de acercamiento acerca de los derechos humanos, porque la verdad es la verdad es una sola, hay matices, enfoques.
16	<b>Recordar</b> lo que pasó, darle a conocer a mi hija.	<b>Todo.</b> Y el <b>tamaño</b> de las <b>celdas.</b>	Yo tengo unas dudas con los derechos humanos, porque yo estoy muy de acuerdo pero creo que <b>de repente lo manosean mucho</b> porque por ejemplo los delincuentes salen muy favorecidos con los derechos humanos, entonces ahí como que me choca la idea.
17	Un <b>encuentro</b> con esa historia.	Para mí la <b>veracidad</b> de los hechos, lo que te explica no ocultando nada.	En una época no existían los derechos humanos. Y <b>ahora están logrando recuperar de a poco.</b> Por suerte hoy no hay nada parecido a lo que pasó en ese tiempo.
18	<b>Dejar un testimonio</b> de una época negra de este país, entiendo que todos estos testimonios tienen que quedar con el <b>nunca más.</b>	Las <b>celdas</b> , la parte donde se imponían torturas, fueron las más duras.	Me parece que <b>nada justifica la violación</b> de los derechos humanos. Que de ninguna postura ideológica puede haber justificación para violar los derechos humanos, maltratar a la gente.

(cont.).

	VII - Propósito	VIII - Ponto principal	IX - Opinião DH
19	Yo creo que la memoria de estos hechos no sea olvidada, es parte de nuestra historia en Chile y no debemos olvidar a las personas que fueron abusadas y que también fueron abusadores, es decir debemos recordarnos de esa historia para <b>que no se vuelva a repetir</b> .	Lo que más me impresiona y nunca había entrado es a los <b>rieles</b> al monumento este, sabía de ellos pero no me atrevía a entrar, ahora lo hice y me pareció impresionante ver el botón pegado al riel como testimonio de esa barbaridad.	Cada visita es distinta e de alguna manera yo siento, me refuerza algunas cosas que creo y que me hace más consciente de lo que está pasando o de los límites de nuestro actuar como seres humanos, de cómo debemos mirarnos, estar siendo viendo que los derechos humanos son una realidad que debe ser <b>cuidada</b> y constantemente <b>observada</b> para que no traspasemos esos límites y como sociedad hagamos daño a las personas.
20	It's <b>keeping the memory</b> of things that happened here during the dictatorship. We have something similar in Germany. As you might know, we had this kind of dictatorship as well. Right wing dictatorship. So I absolutely understand the aim of the memorial and I think it's a good thing to do that.	Specially the <b>chamber</b> pattern tone in the right, where are the interrogations chambers, and <b>the wall of names</b> .	I think <b>it's an extremely important thing</b> . It got better over the last years, but <b>we still have things to do</b> . So, it's not soft.
21	<b>Dar a conocer</b> lo que sucedió acá. Yo lo había escuchado pero no sabía dónde estaba ubicado, me sentí ignorante cuando entré. Por eso quise venir.	Las <b>celdas</b> , donde hacían las torturas, los lugares, los <b>espacios</b> . Ingresé y me dio mucha pena.	Mi esencia, mi pensamiento es que uno tiene derechos humanos, <b>uno no tiene por qué ser pasado a llevar</b> . Cada uno tiene su pensamiento, su forma de ser. Tener otro pensamiento en el caso de la política o de la religión no tiene por qué molestarte. Mi esencia no es así. Yo voy por los derechos humanos de las personas.
22	<b>Evidenciar los abusos</b> que ocurrieron en un tiempo determinado, en el caso mío, por la edad que tengo fueron casi imperceptibles.	Lo que me impresiona es <b>que la gente haya podido olvidar y haya podido venir acá</b> . Pienso que si yo tuviera un hecho así, jamás habría podido me parar de nuevo adentro. Esa <b>valentía</b> a mí me impresiona.	Los derechos humanos <b>hacen parte de cualquier ser humano</b> , a decidir por donde vamos y tampoco tenemos derecho a quitarle la vida a alguien. Hoy día reafirmo lo que me enseñaron a respecto del tema.
23	Es que <b>no se olvide lo que aquí pasó</b> . Que es parte de nuestra historia, es una página triste que en todos los casos uno debería olvidar, pero por respeto y por honrar un poco a la gente que por aquí pasó y dejó su vida es el propósito de este memorial.	Me gustó la forma como presentaron a la gente, a las mujeres. Lo más emotivo es el <b>Jardín de las Rosas</b> .	Yo creo que los derechos humanos <b>es lo que debe conseguir cualquier país</b> , más aún como nosotros, como Argentina, Perú, Uruguay, y otros en Sudamérica haber vivido en dictadura y haber sufrido este tipo de tortura y desaparición.
24	<b>Recordar</b> a todas las personas que padecieron bajo el régimen totalitario de Chile en la época del gobierno militar.	<b>Recordar</b> .	Son <b>fundamentales</b> , que todas las personas tenemos. (...) La esencia del hombre tiende al auto destrucción y a destruir otro tipo de ser vivo.
25	Que los chilenos <b>no olvidemos</b> , que siempre tengamos presente las cosas que pasaron y que pueden volver a pasar.	Lo más notable para mi fueron las <b>celdas</b> , que las hecho de nuevo y que la gente las pueda ver realmente en sus <b>dimensiones</b> .	Nadie tiene la libertad de opacar al otro porque <b>los derechos son para todos</b> .

(cont.).

	VII - Propósito	VIII - Ponto principal	IX - Opinião DH
26	Well, I think it's <b>to remember and never to forget</b> . It's very beautiful and very sensitive. Sadly, yes, to come back to the place where atrocity occurred, but to remember the atrocity and also to put it into a new context.	<b>All</b> of it, really. <b>The cells</b> are terrible. The concept of people being <b>blindfolded</b> all of their time here. The depravation. And the only thing they saw was the floor. To not be able to see anything, to be tortured, to live in <b>tiny</b> conditions. Five people in a hatch like that. Inhuman. It's impossible to understand.	I've always been very socially conscious. (...) I work with women who are trauma survivors, who have been abused. I do a lot of work in that area, I used to be a member of Anistia International. I made a decision that I wanted again to get involved in human rights. Because <b>the world is not changing. We need to fight.</b>
27	La memoria <b>que no ocurra el olvido y la paz.</b>	<b>La pena</b> que se siente. Uno quiere solidarizar con los ciudadanos chilenos, con lo que pasó en mi país.	Siempre he luchado por el <b>derecho más básico, el de ser mujer y ser respetada y no violentada</b> o el derecho que tienen los niños de jugar por ejemplo, esos derechos básicos han sido como muy fuerte en mi vida. Es un tema muy sensible para mí el derecho humano.
28	<b>Crear consciencia.</b>	<b>El muro</b> de las columnas donde están los nombres de los que aquí desaparecieron.	Es muy <b>contradictorio</b> porque cuando uno sabe las atrocidades que hicieron acá uno lo puede entender, lo puede defender. <b>La sociedad que vivimos hoy día en que la historia se repite, nuevamente hay desigualdades, nuevamente hay situaciones en que por la seguridad personal hace que yo empiece a temer del otro</b> , como ocurrió en el período de la dictadura porque el otro podía ser quien me delatará. (...)El estar acá no me deja dudas de que en los derechos humanos, independiente de quien sea, piense lo que sea y haga lo que sea hay que respetarlo.
29	<b>Que no se olvide</b> lo que pasó aquí y al mismo tiempo un homenaje a todos los que sufrieron aquí.	Bastante cuidado. Muy conmovedor <b>la torre, las casas corvi, las flores.</b>	<b>Existe muy poco</b> en el mundo. La gente cuando está en el poder se olvida.
30	<b>Enaltecer</b> a todas las personas que fallecieron acá o fueron torturados. Y por otro lado mantener vivo estos lugares hacen con que la gente no olvide todo el desastre que pudo haber ocurrido y que fuimos causantes todos. Unos nos quedamos callados, otros no podíamos participar. Creo que es un llamado de atención para el mundo de que esto no puede volver a ocurrir.	<b>Casas corvi</b> el ver <b>dimensiones</b> donde metían hasta cinco personas.	Pienso que <b>se confunde mucho derecho con deber</b> . Pensamos en los derechos y se olvidan los deberes y es ahí donde se hace elemental traer a los chicos a que vieran esto y que lo entendieran. Que no es un paseo, que es una situación donde se busca que recuerden a esas personas que estuvieron acá y crear unos derechos humanos donde no se valen, no sean vulnerados. Porque es muy fácil vulnerar un derecho cuando tú pasas a llevar, cuando sobrepasa tu libertad ya estás pasando a llevar el derecho de otro.(...) <b>El individualismo no permite la entrada de los derechos humanos.</b>

Fonte: A autora (2015).



O propósito do memorial para a *Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi* está atrelado aos seus objetivos, missão e visão:

### **Misión**

Preservar y comunicar la historia de Villa Grimaldi, como sitio patrimonial Parque por la Paz, y las memorias vinculadas a las víctimas y a las acciones de Terrorismo de Estado perpetradas en el lugar, para promover la reparación simbólica y una cultura de derechos humanos como base de la convivencia democrática de nuestra sociedad.

### **Visión**

Consolidarse en los próximos cinco años como referente nacional e internacional en la recuperación y la transmisión de las memorias vinculadas al Terrorismo de Estado y la promoción de una cultura de los derechos humanos a través de la gestión patrimonial del sitio, la educación en derechos humanos y el trabajo colaborativo con organizaciones afines.

### **Objetivos Estratégicos**

Socializar la Misión y la Visión institucional entre quienes integran la Corporación, fortaleciendo la identidad y el compromiso con ella.

Fortalecer la gestión institucional a partir de la formalización de los procesos internos y de una mayor articulación de los distintos niveles y áreas de trabajo.

Adecuar la gestión patrimonial del sitio a estándares acordes a un monumento de sus características.

Fortalecer los procesos de recuperación de la memoria y su transmisión a través del desarrollo del Museo de Sitio.

Desarrollar estrategias de vinculación con diferentes actores públicos y sociales de interés para la Corporación.

Promover una cultura de los DDHH y de reparación simbólica a través de programas educativos, de extensión y conmemoración (VILLA..., 2015).

A sua razão de existir está alinhada com a percepção dos entrevistados. A missão do *Parque Por la Paz* menciona a preservação e comunicação da história do lugar, das memórias das vítimas, a promoção da reparação simbólica e a cultura de direitos humanos na democracia.

Tabela 13 – Propósito

<b>Unidades de Significado</b>	<b>Citações</b>
Reviver, manter vivo, lembrar, refletir	13
Nunca mais, Para que não se repita, próximas gerações	12
Consciência, construir memória	8
Lembrar os detidos	
Trazer paz, cura	3
Divulgar	2

Fonte: A autora (2015).

Entre as respostas obtidas, as que mais tiveram menções foram justamente aquelas relacionadas ao sentido de reflexão e lembrança, assim como as que novamente reforçam o mote “para que não se repita”. Pontos trazidos pelos visitantes também contemplam a criação de consciência, de memória e de divulgação do lugar. A referência aos sequestrados aponta para a lembrança e a propagação de paz e cura para os que ali estiveram.

Tabela 14 – Ponto principal

Unidades de Significado	Citações
Salas de tortura	14
Tamanho das celas	6
Jardim de Rosas	
Tudo	4
La Torre	
Rieles	3
A veracidade, poder experienciar	
Casas Corvi	2
Muro de los nombres	
As placas no chão, o fato de que estavam vendados	

Fonte: A autora (2015).

Os lugares mais citados pelos entrevistados quando questionados sobre o que no parque chamou mais a atenção foram as salas de tortura (incluindo *La Torre*, *Casas Corvi*, *Casas Chile*, *Celdas para mujeres*). Um ponto que recebeu destaque foi o das dimensões das celas. As celas, reconstruídas, e a sua ausência em muitas partes do parque causam tanto impacto quanto um sítio que não teve interferências. Para Tunbridge e Ashworth (1996), “alguns sítios de atrocidades, embora identificáveis e acessíveis não possuem atributos ou artefatos físicos que tenham resistido e que façam uma ligação do local com os eventos comemorados (p. 113, tradução nossa)<sup>68</sup>. Tudo que ali aconteceu é parte da história do lugar de memória, incluindo o ocultamento de provas. Essas respostas reforçam que a possibilidade da reconstrução das celas gera uma nova ligação com o local e facilita o entendimento dos fatos para os visitantes.

Outros pontos destacados foram o compromisso com os direitos humanos; que o lugar seja mantido também pela comunidade; a vida; a solidariedade; o cadeado fechado para sempre em 1997. Uma indagação surgiu a respeito do retorno dos ex-presos a este lugar: “*Lo que me impresiona es que la gente haya*

<sup>68</sup> Some actual sites of atrocity although identifiable and accessible possess no surviving attributes or physical artefacts that link the location with the events commemorated (TUNBRIDGE; ASHWORTH, 1996, p. 113).

podido olvidar y haya podido venir acá. *Pienso que si yo tuviera un hecho así, jamás habría podido me parar de nuevo adentro. Esa valentía a mí me impresiona* (RIQUELME, 2015, grifo nosso). Certamente não existe o esquecimento para uma vítima que retorna ao centro de detenção onde foi torturada, mas há um processo de cura pela memória que a entrevistada relata como um ato de valentia.

Tabela 15 – Opinião sobre Direitos Humanos

Unidades de Significado	Citações
Ninguém pode tirar a vida; Direitos iguais para todos; Igualdade; Nada justifica violar os direitos humanos; Limites	10
São fundamentais; Todos temos; Direito de exigir; Direito de viver em paz; Respeito à vida; A coisa mais importante	
Foi se consolidando; Ainda não estão garantidos; Mesmo com a democracia não foi possível avançar muito; É preciso lutar para mudar o mundo	7
Com a democracia foi possível aplicar os DH	2
Falta educação para os DH; Direito x dever	
São muito manipulados; Esquecidos; Relações de poder	

Fonte: A autora (2015).

A visão da *Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi* almeja a promoção da cultura dos direitos humanos através da gestão patrimonial, da educação e da colaboração envolvendo instituições de mesmo cunho. As unidades de significado envolvendo os direitos humanos formam um grande bloco de respostas em que os direitos humanos são definidos como fundamentais para um ser. Não há uma unanimidade nas respostas. Devido ao fator de espaço, tempo e o ponto de vista de cada entrevistado, existem diferentes vieses para o tema. Ao pensar em um ideal de direitos humanos, as respostas envolvem o respeito à vida, a importância, à igualdade. No enfoque contemporâneo, os entrevistados que abordaram esse recorte afirmam que ainda é preciso avançar muito, pois os direitos humanos não estão garantidos. Outros visitantes relatam pontos como a falta de educação para os direitos humanos ou o abuso de relações de poder envolvendo os mesmos.

Uma fala a respeito da relação entre o indivíduo e a sociedade reforça uma ideia homogênea proposta pelos direitos humanos, a solidariedade: *“El individualismo no permite la entrada de los derechos humanos”* (QUINTEROS, 2015).

### 6.1.3.4 Comunicação

A condução das perguntas envolvidas na composição destas categorias são sobre a relação ao poder de transmissão de informação do sítio de consciência, a fim de constatar o recebimento da mesma. Também surge como o entrevistado vê a “comunicação”, em sua forma livre e efetiva, presente naquele espaço de memória.

Quadro 4 – Comunicação

	X - Transmissão	XI - Comunicação efetiva
1	<b>100%</b> . Siento que revivir todas estas especies de fragmentos y estas asociaciones como que culturales, artísticas también hacen cambiar un poco el pensamiento.	<b>Espectacular</b> . Siento lo que se llegó a privar un poco era charlar, hablar, discutir. Y <b>en estos sitios por ejemplo uno puede hacer eso</b> . A parte más que nada adquirir información, discutir. En ese tiempo era lo que le privaban a los intelectuales. Siento que si se <b>revive</b> eso la gente tiene capacidad de elección, de hacer conciencia, de hacerse cargo de uno mismo.
2	Encuentro que es mucho <b>más entretenido y que te entra mucho más</b> . Porque uno <b>experimenta más cosas</b> , es <b>más dinámico</b> , uno puede <b>ver directamente</b> , o te dan <b>físicamente</b> las cosas. Mucho más <b>sensorial</b> .	Esta súper <b>bien planteado</b> acá. Te lo presentan con <b>estructuras</b> . La persona que te hace la guía te va comunicando las cosas.
3	I think <b>it can transmit information better</b> than some other medias. (...) <b>It's better when your here</b> .	It's a <b>really good</b> communication, this park, and all the monuments, and rebuilding's, and audio guides... to learn something about this time what happened here.
4	<b>Todo transmite</b> , aunque sea pequeño, pero el océano está compuesto por muchas gotas de agua. Y esto será una gota grande o una gota chica, pero <b>siempre es positivo</b> . Y por eso divulgamos esto.	Habían amigos nuestros muy de derecha, que quisieron acompañarnos y quedaron muy impactados, fue la primera vez que lograron venir acá. Entonces la conclusión es, <b>vamos bien</b> , sigamos <b>divulgándolo</b> .
5	<b>Sí</b> , por supuesto que sí. Es importante tener recuerdo, que los jóvenes se acerquen, que vean la situación que paso acá. Porque esto no es mentira, es algo verdadero, que paso en Chile.	Es <b>buena!</b> Tuvimos una buena recepción, a mí no me gusta ir a museos con guías. Prefiero que sea sola.
6	Estar en este lugar es presencia. Uno está aquí y <b>se lleva muchas informaciones</b> .	Uno pasa en los lugares y <b>ves todo bien señalado</b> , y el año pasado estuve con audio guía, y explicaba muy bien todo. Pero lo encontré muy bien, todo fue muy bien explicado. Ah! Casi todos los alemanes saben lo que paso en Chile.
7	Pero <b>de manera más cercana</b> . Por ejemplo para los 11 de septiembre aquí vienen los que estuvieron aquí, y te cuentan a partir de su experiencia.	<b>Divulgar más</b> los Eventos, actividades, vengan a conocer. Mas promociones en los colegios para que se hable de los DH. Eso creo que falta un poco. Porque solo viene la gente que tiene conciencia, o que vivió, o que conoce, muchos profesores de historia están trabajando y traen los jóvenes, pero mucho más, <b>masificarlo mucho más</b> .
8	<b>Sí</b> , de todas maneras. De hecho cosas así como esto no van a salir en la radio o en la tele.	<b>Este lugar comunica</b> lo que hubo en Chile, una realidad que muchas personas no quieren aceptar. Que muchas personas no saben, no quieren aceptar, no quieren saber.
9	<b>Definitely</b> . I thought I was brashly absorbed as well because when you listen to it, you can see the place, you <b>can see exactly</b> where it was, and also forces you to <b>sit down</b> and actually <b>think about it</b> , whereas otherwise you could pause it.	I think a quite strong point of communication is the like <b>interpersonal communication</b> . These are different people to me, from different nationality; they all speak a different language to me. The causes that they fight for and their like motifs and morals and the fact that they died for this, it's actually very similar to my own beliefs and it kind of unites humans together.
10	<b>Sí</b> , pero <b>creo que el memorial es mejor</b> que otros medios, porque es visual y también <b>podemos tener información oral y visual al mismo tiempo</b> , y <b>aprender mejor</b> .	La <b>comunicación es todo</b> . Los árboles, pájaros, concreto, caminos, edificios y los nombres en el suelo, los muros, es todo. Esta por todo. Y en especial el jardín de rosas.

(cont.).

	X - Transmissão	XI - Comunicação efetiva
11	Si Yo creo que Villa Grimaldi trasmite información.	Aquí hay dos tipos de comunicaciones: La <b>verbal</b> , por todo lo que tú puedes ir leyendo, hay pendones, el audio y la <b>no verbal</b> es lo que aprecias con la vista, con el sentimiento, que puedas tocar y sentir.
12	Si pero creo que este memorial, ahora los memoriales viéndolos <b>en presente</b> , en vivo, en directo <b>representan mucho más</b> do que un medio de comunicación.	Me doy cuenta de que la <b>comunicación no verbal</b> es mucho más grande y deja mucho más cosas que la comunicación verbal.
13	Visitar un lugar así te da otra sensación. Te <b>recoge y remese</b> .	Creo que está <b>bien enfocado</b> . En cada parte algo te dice.
14	<b>Prefiero venir</b> a estos lugares e informarme de forma más directa. <b>No tengo mucha confianza en los medios</b> .	Lo que me <b>fortalece</b> es recorrer, sentarme y cargar las energías. El tema comunicacional es conmigo y la naturaleza.
15	Si y depende como los medios de comunicación estén dispuestos a transmitir este tipo de información.	Con <b>el audio guía</b> me gustó la explicación porque fueron cosas históricas, tal cual y me imagino que fueron basados en hechos, números, estadísticas, cifras oficiales <b>sin apoyarse en ningún mando ideológico político</b> .
16	<b>Claro que transmite</b> . Te sitúa en el lugar, por lo que me pasó a mí, me fui al momento, traté de imaginarme. Me entrego hartó.	Está <b>informando</b> y me estoy llenando de esa comunicación.
17	Si puedo recibir información de cómo fueron los hechos.	<b>Abierta</b> , es rescatable la información que te puede llegar y verla.
18	<b>Sí</b> , creo que transmite información y la difusión de esa información es muy buena.	Yo creo que de lo que todo puedo decir de este sitio <b>es comunicación</b> . Yo he visto lugares en donde han estado personas torturadas, hay lugares donde los colgaron, lugares de escarmiento y tratamiento más duros asociadas a un período y a gente concreta. Eso es comunicación.
19	<b>Claro</b> , es más que una información de segunda mano, es estar aquí y <b>vivir la experiencia</b> , eso es difícil a través del diario o de la radio. Tú escuchas o lees. Al venir a Villa Grimaldi es una experiencia entonces, hay que ver La Torre, así es como pasaba todo, esos son los rostros, esa es la piscina, es decir es una experiencia y no puede ser equivalente.	Es <b>bastante buena</b> . Había varios sitios que estaban cerrados hoy día. Los textos guías son muy buenos, podrían haber letreros, se podrían mejorar algunas cosas. En general es muy bueno.
20	For me transmitting information could be many things and in transmitting information regarding a specific topic this kind of memorial <b>is always better</b> than radio and newspaper. They cannot compete with a memorial. Even if there's nothing here. You get connected with the place.	In general it's a <b>well thought history</b> . The only thing I would improve is: I find it hard to spot the locations. To find the marks. I did not see everything. I had to orient myself with the maps. When I got off the office, I was a little bit lost. The marking could be improved. The guidance could be improved. Everything was fine. Some of the sites were locked. This could be optimized.
21	Si de todas maneras porque está todo bien explicado. En secuencia, va llamando la atención a lo que realmente fue.	Me quedó <b>más claro</b> lo que había escuchado, tenía la idea. Es impactante saber que sucedió algo que yo estando afuera nunca me imaginé.
22	<b>Absolutamente</b> . Creo que esto es más aún porque aquí tú ves. Nos marca más. Cuando uno ve la historia, lo que pasó, esa casa que estaba ahí donde habían como 5 personas se cree más al ver primero.	Yo creo que es <b>una buena forma de informar</b> de comunicar a la gente de lo que pasó en Chile. Personalmente yo creo que lo mejor que existe es la recreación, cada vez que pasábamos por ahí leíamos las historias, me imaginaba caminando por ahí el dolor que ellos habían sentido. Es una buena forma de enseñar y <b>transmitir</b> a la gente que esto no fue broma, no fue cuento. Fue verdad.
23	<b>Por supuesto</b> que Villa Grimaldi entrega comunicación, nosotros captamos todo. El audio guía va explicando bastante bien y con bastante detalle todo lo que pasa en todos los puntos y lo deja muy claro. No es necesario leer más.	<b>Excelente!</b> Llega la información y es muy clara.

(cont.).

	X - Transmissão	XI - Comunicação efetiva
24	<b>Claro que sí</b> , no solamente este memorial físico, también tienen una página web y uno puede acceder a la información y puede consultarlo. <b>Claro que transmite cosas</b> que son útiles para la memoria colectiva nacional y analizar la situación en el contexto que se produjo la operación de este centro y finalmente transmitir un mensaje de <b>nunca más</b> . Eso es lo más importante.	La verdad es un tema de respeto, de silencio, que te <b>transmite</b> . Yo creo que es bien <b>personal</b> el tema de la comunicación. Se trata de entrar en el momento, un lugar de meditación en la situación que se vivió acá, tener respeto por el lugar de sufrimiento.
25	<b>Transmite más</b> que otros medios de comunicación. Estos lugares entregan la <b>información más verás</b> .	<b>Buena</b> , le falta como un guía, igual al ser un lugar donde hubo tanta tristeza, tanto dolor, tampoco puede ser con grandes parlantes, nada de eso. Tiene que haber un estilo de recogimiento. Está bien.
26	<b>Very definitely</b> , on many levels. It's visual, physical. It's nature. It's very powerful.	I think they need to <b>advertise it</b> a little bit better. (...) Well I think the audio guide is very useful, I think it's very good. The placks, like Berlin, placks on the ground, that mark who has lived there. The visual is very good. The audio is beautiful. It's beautiful and sensitive. Fragments of memory, that's perfect.
27	<b>Sí</b> .	<b>Esencial</b> . Quedé maravillada con lo que el audio dice de por ejemplo los árboles. Porque uno lo puede mirar y ver árboles y no encontrar el sentido. Pero cuando uno va más allá le encuentra el sentido y lo encuentra maravilloso. (...) Este Parque tiene un sentido y me ha gustado el sentido que le han querido dar.
28	<b>Sí</b> . (...) sí creo que puede transmitir y hay que hacerlo.	Todo lo que aquí pude ver y escuchar me resultó muy doloroso. Triste poder corroborarlo. En lo que es <b>impacto comunicacional</b> , para mí altísimo.
29	<b>Si se transforma también en un medio de comunicación</b> , en la medida en que hacen actividades culturales, que convocan personas, que vienen y la gente aprende.	En <b>todo</b> . Todo transmite e emocionalmente llega bastante. Es muy <b>fuerte</b> . Mucha gente que aparecen sus nombres yo los conocía.
30	<b>Sí</b> , es un gran espacio.	Encuentro que la comunicación es bastante mala. Yo que estoy dentro del ámbito de la educación, recién vengo, <b>no hay una mayor motivación</b> . Los profesores también deberían conocer, no debería ser solamente para los chicos que se están integrando recién a la vida. La consciencia de ellos en cuanto a derechos humanos no está enraizada. Es indispensable que los profesores se enteran para pasarle a sus alumnos, principalmente los de historia, para que puedan responder las dudas de sus alumnos que hacen preguntas increíbles. Los chicos tienen que aprender que los derechos no solo están en un lugar físico sino que están toda la vida. Y eso es lo que se debe lograr con estas venidas acá.

Fonte: A autora (2015).

A respeito da transmissão, a grande maioria dos entrevistados afirmou que sim, recebe informação a partir do sítio de consciência Villa Grimaldi.

Tabela 16 – Transmissão

Unidades de Significado	Citações
Sim; 100%; Absolutamente	25
Presencial; Próxima; Físico	11
Experiencial; Dinâmico; Visual; Entretenimento	10
Mais/Melhor que outros meios	6

Fonte: A autora (2015).

Meyrowitz (1994) coloca em cheque as características de um meio, e autoriza nossa afirmação de que um sítio de consciência é um canal de comunicação.

Quais são as características relativamente fixas de cada meio de comunicação e como essas características tornam o meio fisicamente, psicologicamente e socialmente diferente de outros meios de comunicação e de interação face-a-face? (MEYROWITZ, 1994, p. 50, tradução nossa)<sup>69</sup>.

Alguns explicam porque essa informação é melhor ou mais completa. A afirmação envolve o aspecto presencial e físico, ou seja, há uma dedicação exclusiva ao sítio de consciência no momento da visita, e também o fenômeno experiencial a partir da dinâmica e da interatividade do espaço de memória. Tække (2003) explica que o conceito de mídia é “baseado nas dicotomias do factual/potencial (significado), forma/meio (aparência) e substrato/conteúdo material (extensão no tempo e no espaço)” (tradução nossa)<sup>70</sup>. Essa afirmação vai ao encontro da síntese encontrada na reunião das unidades de significado deste subtópico, e reafirma a potência do sítio de consciência como um meio de comunicação.

Tabela 17 – Comunicação

Unidades de Significado	Citações
Muito boa; Bem estruturado; Informa; Comunica; Transmite	13
Precisa mais divulgação; Melhorar algumas coisas	5
Excelente; Espetacular; Essencial	3
Comunicação é tudo	3
É verbal e não-verbal; Pessoal	3

Fonte: A autora (2015).

Ao mencionar a comunicação efetivamente, entre os conceitos recebidos nas respostas estão muitos que vão de encontro à proposta da transmissão, tratada na categoria anterior. Foi colocado o tópico de o lugar não ser tão divulgado, porém isso é parte das dicotomias a que Tække (2003) se refere, principalmente a respeito da extensão no tempo e no espaço. Cada meio de comunicação tem uma forma e

<sup>69</sup> What are the relatively fixed features of each means of communicating and how do these features make the medium physically, psychologically, and socially different from other media and from face-to-face interaction? (MEYROWITZ, 1994, p. 50).

<sup>70</sup> (...) based on the dichotomies of factual/potential (meaning), form/medium (appearance), and substratum/material content (extension in time and space) (TÆKKE, 2003).

um conteúdo que lhe permite tomar um espaço para sua promoção, conforme a realidade de cada sociedade. Como as características de um meio de comunicação são "independentes do conteúdo e didáticas escolhidas" (MEYROWITZ, 1993, p. 61, tradução nossa)<sup>71</sup>, isso não é um requisito para a definição de um meio.

Na visitação os entrevistados também constataram as conexões de comunicação em partes não tão explícitas, como as que envolvem a leitura ou a audição.

*Eu acho que um ponto muito forte da comunicação é a comunicação interpessoal. Aqui estão pessoas diferentes de mim, de diferentes nacionalidades; todos eles falam uma língua diferente da minha. As causas pelas quais eles lutaram, seus motivos e moral, e o fato de que eles morreram por isso, é realmente muito semelhante às minhas próprias crenças e isso possivelmente traz união aos seres humanos (RAWLINSON, 2015, tradução nossa)<sup>72</sup>.*

Essa resposta destaca a linha de identificação que um meio de comunicação pode e deve ter com o seu público. Isso leva à reflexão do tema proposto. Uma lembrança relacionada, ao lembrar a importância da interação entre as pessoas, citada por Araya A. (2015), é a de que “pode-se fazer justo o que era proibido na época: dialogar”. Um mérito da comunicação de Villa Grimaldi para um dos entrevistados é o fato de que ela atinge grupos diversos, pois nem todas as pessoas que visitam o sítio de consciência têm um posicionamento político de esquerda ou estão vinculadas aos fatos. Em outra resposta, foi mencionado que é um lugar livre de política, justamente por trazer a veracidade dos fatos, algo que já é concreto e incontestável na história chilena. Outros tópicos relacionados à comunicação que também foram referidos uma única vez foram a boa sinalização, o uso do audioguia, e até mesmo a observação de que é “muito ruim”, pelo fato de que Quinteros (2015), como educadora, sentiu a necessidade de uma motivação de visita maior voltada para os professores, e não somente aos alunos.

---

<sup>71</sup> (...) regardless of content and grammar choices (MEYROWITZ, 1993, p. 61).

<sup>72</sup> I think a quite strong point of communication is the like interpersonal communication. These are different people to me, from different nationality; they all speak a different language to me. The causes that they fight for and their like motifs and morals and the fact that they died for this, it's actually very similar to my own beliefs and it kind of unites humans together (RAWLINSON, 2015).



## 6.2 OBSERVAÇÃO LIVRE E ANOTAÇÕES DE CAMPO

Outra das técnicas que privilegia a pesquisa qualitativa é a “Observação Livre”. (...) Este tipo de observação é usado na pesquisa qualitativa quando se deseja colocar em relevo a existência, a possibilidade de existência, de algum ou alguns traços específicos do fenômeno que se estuda, buscando a verificação de hipóteses (TRIVIÑOS, 1990, p. 152-153).

Neste subcapítulo será apresentado um breve relato da autora a respeito da realização da pesquisa. São dados de observação livre e anotações de campo que complementam as percepções expostas pelos entrevistados, bem como as informações dadas pela equipe de trabalho. Para o mesmo autor, a anotação de campo “pode ser entendida como todo o processo de coleta e análise de informações, isto é, ela compreenderia descrições de fenômenos sociais e físicos, explicações levantadas sobre as mesmas e a compreensão da totalidade da situação em estudo” (p. 154).

A escolha do objeto de estudo aconteceu em novembro de 2014, no congresso internacional *Memória: Alicerce da Justiça de Transição e dos Direitos Humanos*, em São Paulo/SP. Neste evento, a autora teve a oportunidade de conhecer Anahí Moya, responsável pelo *Archivo Oral* e *CEDOC* da *Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi*. Através desse contato foi enviado um relatório de autorização da pesquisa de campo (APÊNDICE C), e posteriormente recebido o aceite da pesquisa. No período estipulado pelo cronograma, a equipe de trabalho da Villa Grimaldi se mostrou prestativa em relação ao bom andamento das entrevistas, bem como na coleta de informações da autora *in loco*. Devido ao período de férias de Anahí Moya, a autora foi recebida por Maeva Schwend, da área de museu, que a apresentou aos demais integrantes da equipe de trabalho. No primeiro dia de campo, a autora realizou a visita guiada realizada pela coordenadora de educação, extensão e redes, Karen Cea.

A ideia principal das entrevistas era obter percepções de diferentes pessoas a respeito da visita a um lugar de memória como Villa Grimaldi. Para tanto, o fator limitador quanto à escolha dos entrevistados era a maioria, não importando o grau de instrução ou de entendimento dos conceitos investigados.

Com a intenção de entrevistar de dois a quatro visitantes por dia, a autora permanecia no parque geralmente entre as 10h30 e 15h, havendo variações de

horários conforme o movimento. É importante mencionar que no mês em que foram feitas as entrevistas, fevereiro, muitas pessoas estão em férias e as visitas tendem a ser menores que nos outros meses do ano. Ainda assim, o parque foi bastante visitado tanto por locais como por estrangeiros, e as entrevistas ocorreram sem problemas.

O convite à pesquisa acontecia de diversas formas: uma delas era circular pelo parque e localizar pessoas que já estivessem visitando, outra era solicitar a entrevista quando estavam devolvendo os audioguias, ou ainda, na entrada, quando solicitavam a visita audioguiada. Em todas as situações, os visitantes eram informados da duração da entrevista, da finalidade e da importância de a realizarem somente ao final do trajeto no parque. Todas as pessoas abordadas aceitaram participar, com exceção de uma pessoa, que justificou que não se sentiria confortável ao ser entrevistada por trabalhar em uma embaixada. Houve um caso de uma senhora que aceitou participar, mas, ao ver que precisaria informar seu nome e documento, relatou à autora que havia sido perseguida na época do governo militar e que, portanto, usava outro nome, em função do medo e da condição de perseguição psicológica que ainda a rodeiam. Muito solícita, chamou sua filha, que estava terminando o trajeto de visita, e que prontamente aceitou participar da pesquisa. Esse fato destaca o temor que ainda persegue os envolvidos em eventos como o golpe militar chileno.

Figura 74 – Fotos nas homenagens dos partidos políticos



Foto de um preso político.

Fonte: A autora (2015).



Foto e poema de Federico García Lorca.

Em Villa Grimaldi acontecem coisas diferentes todos os dias. Essa é parte do dinamismo de um museu de sítio, que, embora tenha a ideia de mostrar um recorte temporal, dia a dia se deixa interferir por manifestações do presente. Era comum

observar o surgimento de flores em determinados lugares, fotos, cartas, bandeiras. A equipe relatou que tentam manter as homenagens espontâneas e por vezes anônimas por alguns dias, mas, em função da preservação do objeto e do parque, a guardam em um espaço designado para tal.

Algumas fotos que foram colocadas e permaneceram expostas foram durante as homenagens aos partidos políticos.

Em um dos dias de entrevistas, enquanto se esperava pelos voluntários, observada uma mulher, vestida de branco, que caminhava pelo parque e fazia gestos com os braços e as mãos, como se quisesse emitir energias para aquele lugar. Ela sentou-se na grama e ficou ali um bom tempo, meditando, com as mãos unidas, palma a palma.

Outros jovens estrangeiros tomaram a liberdade de sentar na grama e descansar na sombra. É um comportamento interessante, pois muitas pessoas não querem tomar essa liberdade, mas outras assim o fazem porque tem a intenção de levar paz e vida – segundo afirmado nas entrevistas – a um lugar que testemunhou tanto sofrimento. Em todas as entrevistas foi possível observar, graças à linguagem não-verbal, a emoção e o pertencimento que os visitantes apresentaram ao falar sobre a sua experiência no lugar de memória.

A equipe de trabalho de Villa Grimaldi é muito unida, e, em geral, se chamavam de “*compañeros*” e “*compañeras*”. Chamou a atenção a igualdade que tinham uns com os outros, diferentemente de outros ambientes corporativos extremamente hierárquicos. Há o hábito de se cumprimentar com carinho e sorriso ao começar a jornada de trabalho. Os momentos de confraternização são comuns, mesmo para reuniões laborais, que se possível aconteciam em uma mesa na área externa do prédio onde ficam os escritórios, perto do *archivo documental*. Como nas proximidades não há opções de restaurantes para almoçar, é comum que eles levem algo pronto ou comprem alimentos no supermercado próximo para compartilhar. Esse momento de pausa e descontração é essencial para estas pessoas que estão todos os dias entre a tênue linha da alegria pelas conquistas no processo de memorialização e do sofrimento que ali permanecerá para sempre.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tratamento de um lugar de memória como um meio de comunicação demandou, neste estudo, uma investigação em conjunto com os principais alicerces que fomentam hoje a consciência nas sociedades democráticas, como a memória e os direitos humanos. O estudo de caso do sítio de consciência *Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi* baseou-se no objetivo pedagógico do memorial, que é informar e educar as novas gerações sobre os crimes contra a humanidade ocorridos em consequência do golpe militar do Chile.

A estrutura desta dissertação visou o entendimento de uma relação sistêmica entre comunicação, memória e direitos humanos. No capítulo 2, ao apresentar as relações e propostas entre memória e comunicação, os lugares de memória concretizaram-se como espaços importantes, pois, além da possibilidade de se tornarem um memorial, podem ser também um local de consciência. A definição de 'sítio de consciência' ajudou a esclarecer as semelhanças e diferenças com os lugares de memória.

Em "composição e lugares de memória", esta pesquisa buscou trazer conceitos integrantes da chamada 'cultura da memória', como a memória coletiva, a lembrança e a era da comemoração a fim de integrar o sítio de consciência a esse aglomerado. A seguir, foi explorada efetivamente a cultura da memória, com base nos feitos que ligam a memorialização e a comunicação na sociedade.

Os exemplos utilizados para ilustrar os sítios de consciência, em seus contextos e perspectivas, foram, em sua maioria, lembrados pelos visitantes. Foi possível perceber que a missão de muitos destes espaços se manteve ligada à expressão "para que não se repita", sendo assim cada vez mais relevantes para o aprendizado do "ser" humano.

O terceiro capítulo explorou o objeto de estudo, o sítio de consciência *Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi*. Na apresentação, a história do lugar foi dividida em três fases e contemplou as características mais marcantes de cada recorte temporal. Junto ao estudo de caso, as observações e anotações de campo auxiliaram no registro de dados transcendentais à pesquisa documental, bem como as entrevistas com a equipe de trabalho, o que ajudou a detalhar as divisões organizacionais da corporação.

Em “Sítios de consciência como meios de comunicação”, foi desenvolvida a proposta teórica desta dissertação, através das constatações sobre a comunicação experiencial no lugar de memória, que promove a cultura dos direitos humanos e a reparação simbólica. Ao constatar o interacionismo que existe entre o visitante e um memorial, as teorias consideradas neste capítulo relacionaram o dinamismo desses meios de comunicação e a atração pela diferença. As extensões da mente mencionadas no capítulo fazem a ponte entre o aporte comunicacional-museológico e o situacionismo. O viés do sítio de consciência está atrelado ao contexto de um novo ambiente, que envolve uma didática específica e que relaciona diferentes linguagens. A revolução causada pela entrada de um novo meio de comunicação na sociedade pôde ser visualizada pelas lentes da Teoria do Meio e do Interacionismo simbólico. Sendo os sítios de consciência meios de comunicação acessíveis a toda a população, constatou-se que esses lugares de memória são capazes de comunicar eventos traumáticos que impactaram a humanidade.

Innis (2011) expõe a importância de detectar as características de um meio de comunicação para entender a oscilação cultural na sociedade: “um meio de comunicação tem uma importante influência na disseminação do conhecimento através do espaço e do tempo e se torna necessário estudar suas características a fim de avaliar sua influência sobre o quadro cultural” (p. 103). Ao analisar os quadros e as unidades de significação, esta pesquisa visou estabelecer o sítio de consciência como um meio de comunicação através do estudo de caso da *Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi*. Na pesquisa de campo foi possível reunir essas características e compor uma análise sobre a situação do lugar de memória no espectro da comunicação.

O capítulo 5 concentrou a essência do projeto: os direitos humanos. Foi exposto o conceito de crime “contra a humanidade” e suas conexões com a ideologia. A partir dessa base, incorporou ao estudo o conceito “eventos traumáticos”, que define quais são os fatos e atrocidades que marcaram os hoje chamados lugares de memória. A fim de esboçar o choque de forças ocorrido antes, durante e depois desses eventos traumáticos, verificou-se que o homem é o grande responsável pelo descontrole que levou às atrocidades que marcaram a história. Ao agrupar os tipos de eventos, seguindo a veia teórica dos autores Tunbridge & Ashworth (1996), ficou claro que a divisão dos eventos traumáticos não pode criar uma categoria da conscientização. Os crimes contra a humanidade estão todos

classificados neste trabalho como atrocidades, podendo estar presentes em um ou mais eventos traumáticos. Por esse motivo a defesa pelos direitos humanos precisa ser total, pois o individualismo não condiz com o ativismo.

O estudo de recepção voltou-se ao potencial educacional, pedagógico e informativo do contexto proposto pelo sítio de consciência. Para essa composição foram traçados, a partir das perguntas fechadas, um perfil dos entrevistados, dados quantitativos sobre a experiência da visita e a formatação dos metatextos como resultado da comparação das unidades de significação em quadros segmentados por categoria.

Os entrevistados, em sua maioria homens e mulheres entre 41 e 48 anos, estavam em período escolar na ocasião do golpe e nos anos seguintes (1973-1985), durante a estabilização da democracia no Chile. Esse dado permite a ligação da motivação dessas pessoas à visita do lugar de memória, já que o argumento utilizado por alguns visitantes foi o de que queriam aprender sobre os fatos, pois não tinham recebido essa informação no ensino fundamental ou médio.

Dos trinta visitantes que foram entrevistados, 22 eram chilenos. Para um sítio de consciência, que está presente em guias de viagem como o *Lonely Planet* e o *Trip Advisor*, esse dado foi relevante, já que se espera que em pontos turísticos a maior parte dos frequentadores seja estrangeira. Mesmo ao mencionarem outros sítios de consciência visitados, pode-se observar que muitos desses são localizados no Chile.

A pesquisa de campo possibilitou a análise dos efeitos produzidos nos visitantes do memorial, e foi realizada em quatro grupos: Visita, Sítios de consciência, Intenção e Comunicação. Estes foram reunidos de acordo com onze categorias: I - Motivação; II - Ideia anterior à visita; III - Ideia atual; IV - Experiência; V - Conceito; VI - Lugares visitados; VII - Propósito; VIII - Ponto principal; IX – Opinião sobre Direitos Humanos; X - Transmissão; e XI - Comunicação efetiva.

Compreendeu-se que o objetivo principal ao visitar o *Parque por la Paz Villa Grimaldi* é entender e aprender os fatos relacionados ao ex-centro de detenção e ao período da ditadura militar chilena, o que endossa o poder comunicacional do lugar. Os entrevistados, ao realizarem a visita na companhia de outras pessoas, o fazem a fim de levá-las para que também o conheçam, e também de visitar um sítio de consciência durante as férias. Entende-se que o roteiro proporcionado se mantém dentro de uma estrutura *soft*, se contraposta ao seu conteúdo *hard*. A ideia trazida

pelos entrevistados de que o parque seria um lugar macabro e escuro foi totalmente substituída por um conceito de vida, paz, consciência, força e compaixão. A reflexão levada por eles foi sentimental, envolvendo a vontade pelo fortalecimento da memória e a certeza de que crimes como os que se passaram em Villa Grimaldi não voltem a acontecer. Esse pensamento vai de acordo com o que foi descrito por eles como o propósito do memorial.

Os direitos humanos foram lembrados não só pelo desejo de justiça a fatos ocorridos em consequência do golpe militar, mas também estiveram relacionados pelos visitantes aos fatos que a sociedade contemporânea testemunha. A temática do ativismo mostrou-se presente no desenrolar das falas, que defendem que é preciso avançar na mudança por direitos iguais para todos, já que os direitos humanos ainda não estão garantidos para boa parte da população mundial.

Os aprendizados e segredos, encantamentos e aversões, horrores e admirações, temores e fascínios, passados e futuros, vidas e mortes, assim como cruzam o parque em seus dois eixos, marcam também esta investigação. Essas palavras, presentes em várias passagens deste trabalho, unem-se aos objetivos atingidos e a uma hipótese confirmada. Constatou-se que um sítio de consciência é, sim, capaz de informar e comunicar, e, aliado ao intenso trabalho desenvolvido com o enfoque da memória, tem um papel fundamental na educação para a paz e para os direitos humanos.

Destaca-se que o conjunto de simbolismos e significados que compõe um sítio de consciência inspira o seguimento desta pesquisa com maior profundidade e sugerindo possíveis cruzamentos entre outros objetos de estudo dentro do tema dos lugares de memória e comunicação.

Esta busca foi cheia de momentos especiais, com dias para ouvir muitas histórias, tempo de amadurecer e buscar perguntas e respostas. Começo e termino este trabalho com Gabriel García Márquez. O impulso por encontrar na vida acadêmica um lugar para o ativismo por um mundo melhor é algo que me motivou todos os dias desta caminhada.

*Recordar es fácil para el que tiene memoria.  
Olvidar es difícil para quien tiene corazón.  
Gabriel García Márquez*

## REFERÊNCIAS

AMORÓS, Mario. **Chile: la Memoria como fuerza de la Historia**. 2004. Disponível em: <<http://www.memoriando.com/zip/memoriaam.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

ANISTIA INTERNACIONAL. O que fazemos. Disponível em: <[http://www.amnistia-internacional.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=136&Itemid=62](http://www.amnistia-internacional.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=136&Itemid=62)>. Acesso em: 02 maio 2015.

APARTHEID MUSEUM. Disponível em: <<http://www.apartheidmuseum.org>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

ASSEMBLEIA Geral das Nações Unidas, 1948, Paris. **Convenção sobre a prevenção e Punição do Crime de Genocídio**. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Sistema-Global.-Declarações-e-Tratados-Internacionais-de-Proteção/convencao-para-a-prevencao-e-a-repressao-do-crime-de-genocidio-1948.html>>. Acesso em: 06 mar. 2014.

AVENDANO, C. **Villa Grimaldi será o primeiro Museu dos Direitos Humanos do país**. Fonte: IPS. Noticias Financieras, Miami, p. 1, 30 ago. 2005.

BBC Brasil. Entenda o genocídio de Ruanda de 1994: 800 mil mortes em cem dias. 7 abril 2014. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/04/140407\\_ruanda\\_genocidio\\_ms](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/04/140407_ruanda_genocidio_ms)>. Acesso em: 30 abr. 2015.

BBC Brasil. O esquecido campo de concentração nazista só para mulheres. 27 jan. 2015. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/01/150126\\_campo\\_concentracao\\_mulheres\\_cc](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/01/150126_campo_concentracao_mulheres_cc)>. Acesso em: 30 mar. 2015.

BECKER Eguiluz, Nubia. **Una mujer em Villa Grimaldi**. Santiago: Pehuén Editores, 2011.

BIBLIOTECA DEL CONGRESO NACIONAL DE CHILE. Legislación Chilena. Ministerio del interior. **Decreto ley 175**. 03 diciembre 1973. Modifica el artículo 6° de la constitución política del estado. Disponível em: <<http://www.leychile.cl/N?i=5834&f=1973-12-10&p=>>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Direito à verdade e à memória: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007. Disponível em: <[http://portal.mj.gov.br/sedh/biblioteca/livro\\_direito\\_memoria\\_verdade/livro\\_direito\\_memoria\\_verdade\\_sem\\_a\\_marca.pdf](http://portal.mj.gov.br/sedh/biblioteca/livro_direito_memoria_verdade/livro_direito_memoria_verdade_sem_a_marca.pdf)>. Acesso em: 06 mar. 2014.

BRUNO, M. C. O; CARNEIRO, M. L. T.; AIDAR, G. Projeto Museológico de Ocupação. In: **Memorial da Resistência de São Paulo**. Textos, concepção e coordenação geral Marcelo Mattos Araújo e Maria Cristina Oliveira Bruno; textos de Katia Felipini Neves... et al. São Paulo: Pinacoteca do Estado: 2009.



CEMENTERIO GENERAL. Disponível em: <<http://www.cementerio-general.cl>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

CHAGAS, Mário de Souza. **Museália**. Rio de Janeiro: J C Editora, 1996.

CHANG-TAI HUNG. **Mao's New World: Political Culture in the Early People's Republic**. Cornell University Press, Ithaca, NY, 2011.

CHOMSKY, Noam. Geopolítica da crise T. Terrorismo, a arma dos poderosos. **Le Monde Diplomatique Brasil**. 01 de Dezembro de 2001. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=346>>. Acesso em: 05 abr. 2015.

CHORNIK, Katia. **Defiant notes: The choir founded in Chile's detention camps**. BBC News. 11 September 2013. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-latin-america-24014509>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

CODOCEO, Francisca. **Guía Urbana de Santiago: Cementerio General**. 05 jun 2012. Plataforma Urbana. Disponível em: <<http://www.plataformaurbana.cl/archive/2012/06/05/guia-urbana-de-santiago-cementerio-general>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

CORDOVIL, Cláudio. A cultura da memória. *Jornal do Brasil*. 01 jun. 1999.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. **Sobre a comissão**. Brasília: CNV, 2014. Disponível em: <<http://www.cnv.gov.br>>. Acesso em: 10 set. 2014.

COMISIÓN RETTIG. **Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación**. [1991]. Disponível em: <[http://www.ddhh.gov.cl/ddhh\\_rettig.html](http://www.ddhh.gov.cl/ddhh_rettig.html)>. Acesso em: 29 mar. 2015.

COMISIÓN VALECH. **Informe de la comisión nacional sobre prisión política y tortura**. [2010]. Disponível em: <<http://www.derechoshumanos.net/paises/America/derechos-humanos-Chile/informes-comisiones/comision-nacional-prision-politica-y-tortura.htm>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

CORRÊA, Roberto Lobato. Monumentos, Política e Espaço. In: **Geo Crítica Scripta Nova** - Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona. ISSN: 11389788. Depósito Legal: B. 21.74198. Vol. IX, núm. 183, 15 de febrero de 2005.

CORREIA, João Carlos. **A teoria da comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

CORPORACIÓN VILLA GRIMALDI. Comisión de Proyectos. "Villa Grimaldi: Centro de Conferencias y Parque por la Paz" (cuadernillo, colección Documentos), 7. In: SALAZAR Vergara, Gabriel. **Villa Grimaldi (Cuartel Terranova)**. Historia, testimonio, reflexión. Volumen I. Santiago: LOM Ediciones, 2013.

CORPORACIÓN PARQUE POR LA PAZ VILLA GRIMALDI. **Memoria y balance**, 2013.

DACHAU CONCENTRATION CAMP. Disponível em: <<https://www.kz-gedenkstaette-dachau.de>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: <<http://www.dudh.org.br/declaracao>>. Acesso em: 21 set. 2014.

DÉLANO, Manuel. **Chile reconhece a más de 40.000 vítimas de la dictadura de Pinochet**. El País, 20 de agosto de 2011. Disponível em: <[http://elpais.com/diario/2011/08/20/internacional/1313791208\\_850215.html](http://elpais.com/diario/2011/08/20/internacional/1313791208_850215.html)>. Acesso em: 16 out. 2014.

DELOCHE, Bernard. **Museologica**. Contradictions et logique du musée. Savigny le Temple: Éditions W, 1989.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (editores). **Conceitos-chave de Museologia**. Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury, tradução e comentários. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DIRE, FAIRE CONTRE LE RACISME. Ethnocide. Disponível em: <<http://dfcr.free.fr/div-glossaire.html>>. Acesso em: 5 maio 2015.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

ESTADIO NACIONAL. Disponível em: <<http://www.estadionacionalmemorianacional.cl>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

FERNÁNDEZ, Luis Alonso. **Introducción a la nueva museología**. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

FLORES-TOLEDO, Cristián. **Chacabuco**: El campo de Prisioneros Políticos más grande de Chile. 10 Septiembre 2012. Disponível em: <<http://www.diarioantofagasta.cl/el-pais/14756>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

FRÖHLICH, Sandro. **Da (im)possibilidade de conciliação entre anistias e crimes contra a humanidade**. 2011. 181 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Criminais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Criminais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FUNDACIÓN PABLO NERUDA. **Casa Museo La Chascona**. Disponível em: <<http://www.fundacionneruda.org/es/galeria-chascona>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

GONÇALVES, Janice. **Pierre Nora e o tempo presente**: entre a memória e o patrimônio cultural. *Historiæ*, Rio Grande, 3 (3): 27-46, 2012.

GOOD PLANET FOUNDATION. **7 billion others**. Disponível em: <<http://www.7billionothers.org>>. Acesso em: 13 out. 2013.

HALBWACHS, Maurice. 1950. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, c2009.

HUHLE, Rainer. **Hacia una comprensión de los “crímenes contra la humanidad” a partir de Nuremberg**. Revista Estudios Socio-Juridicos, 13, (2), pp. 43-76. 2011.

HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Rio de Janeiro: Contraponto - Museu de Arte do Rio, 2014.

\_\_\_\_\_. **Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Tradução de Sergio Alcides. Seleção de Heloisa Buarque de Hollanda. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

\_\_\_\_\_. **Memórias do modernismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

HOOPER-GREENHILL, E. **Museum, Media, Message**. London: Routledge, 1995.

INNIS, Harold A. **O viés da comunicação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

IWM London. Disponível em: <<http://www.iwm.org.uk/visits/iwm-london>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

KANDEL, Liliane. Reflexões sobre o uso da entrevista, especialmente a não-diretiva, e as pesquisas de opinião. In: THIOLENT, Michel. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. 2ª edição. São Paulo: Polis, 1981.

LE, Quynh. 40 anos depois: Dez coisas que você talvez não saiba sobre a Guerra do Vietnã. **BBC Brasil**. 30 abr. 2015. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/04/150430\\_vietna\\_guerra\\_fatos\\_pai](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/04/150430_vietna_guerra_fatos_pai)>. Acesso em: 02 maio 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4 edição. Campinas: Unicamp, 1996.

\_\_\_\_\_. **Histoire et Mémoire**. Saint-Amand: Éditions Gallimard, 1988.

LONDRES 38 ESPACIO DE MEMORIAS. Disponível em: <<http://www.londres38.cl>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

MARCEL, Jean-Christophe; MUCCHIELLI, Laurent. Maurice Halbwachs's mémoire collective. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Orgs.). **Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook**. Walter de Gruyter: Berlin; New York, 2008.

MARIANI-ROUSSET, Sophie. Espace public et publics d'expositions. Les parcours: une affaire a suivre. In: GROSJEAN, Michèle; THIBAUD, Jean-Paul (org.), **L'espace urbain en methods**. Marseille: Éditions Parenthèses, 2002. Disponível em: <<http://www.siclone.org/articles/espace-public.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2013.

MARTÍN BARBERO, Jesús. **Culturas/Tecnicidades/Comunicación**. [2011]. Documentos OEI. Disponível em: <[www.oei.es/cultura2/barbero.htm](http://www.oei.es/cultura2/barbero.htm)>. Acesso em: 28 mar. 2015.

MATA, Maria Cristina. **Nociones para pensar la comunicación y la cultura masiva**. Módulo 2, Curso de Especialización Educación para la comunicación. Buenos Aires: La Crujía, 1985.

MCLUHAN, Marshall. **The medium is the message: an inventory of effects**. New York: Batam Books, 1967.

\_\_\_\_\_. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (Understanding media). São Paulo: Cultrix, 1964.

MEMORIA ABIERTA. Disponível em: <[http://www.memoriaabierta.org.ar/quienes\\_somos.html](http://www.memoriaabierta.org.ar/quienes_somos.html)>. Acesso em: 19 out. 2014.

MEMORIA VIVA. **Campamento de Prisioneros "Chacabuco"**. Antofagasta; II Región. Disponível em: <[http://www.memoriaviva.com/Centros/02Region/campamento\\_de\\_prisioneros\\_chacabuco.htm](http://www.memoriaviva.com/Centros/02Region/campamento_de_prisioneros_chacabuco.htm)>. Acesso em: 26 mar. 2015.

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.memorialdaresistencia.org.br>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

MEMORIAL MUSEUMS. Disponível em: <<http://www.memorialmuseums.org/eng/staettens/view/228/Ravensbruck-Memorial>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

MEMORIAL TO THE MURDERED JEWS OF EUROPE. Disponível em: <<http://www.stiftung-denkmal.de/en/home.html>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

MÉSZÁROS, István. **O Poder da Ideologia**. 1989. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MEYROWITZ, Joshua. **As múltiplas alfabetizações midiáticas**. Revista Famecos: Agosto, 2001.

\_\_\_\_\_. Medium Theory. In: CROWLEY, David; MITCHELL, David (eds.). **Communication Theory Today**. UK: Polity Press, 1994.

\_\_\_\_\_. **Images of Media: Hidden Ferment and Harmony in the Field**. Journal of Communication. 43(3), Summer. 0021-9916/93. 1993.

\_\_\_\_\_. **No sense of place: the impact of electronic media on social behavior**. New York: Oxford University Press, 1985.

MONUMENTOS NACIONAIS FRANCESES. Disponível em: <[http://www.monuments-nationaux.fr/fichier/m\\_docvisite/75/docvisite\\_fichier\\_06D.arc.de.triomphe.PT.pdf](http://www.monuments-nationaux.fr/fichier/m_docvisite/75/docvisite_fichier_06D.arc.de.triomphe.PT.pdf)>. Acesso em: 14 nov. 2013.

MORAES, Roque. **Uma tempestade de luz:** a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*. Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 2 ed. Ijuí: Unijuí, 2011.

MOREIRA, Sonia Virginia; MORENO, Carlos Alexandre de Carvalho. Andréas Huyssen: Mídia e discursos da memória. *In*: MELO, José Marques de; MORAIS, Osvando J. de (Orgs.). **Vozes da democratização e cidadania:** a polêmica global-local. (Coleção memórias; v. 4). São Paulo: INTERCOM, 2011.

MOYN, Samuel. **The Last Utopia:** Human Rights in History. Cambridge: Harvard University Press, 2010.

MUSEO DE LA MEMORIA Y LOS DERECHOS HUMANOS. Santiago de Chile: Ograma, 2011.

NASSER, Reginaldo Mattar. Iraque dez anos depois: a guerra é um grande negócio! **Carta Maior** - Internacional. 24 mar. 2013. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Iraque-dez-anos-depois-a-guerra-e-um-grande-negocio-/6/27750>>. Acesso em: 06 abr. 2015.

NORA, Pierre. **Présent, nation, mémoire**. Paris, Gallimard, coll. «Bibliothèque des Histoires», 2011.

\_\_\_\_\_. **Pierre Nora en Les Lieux de mémoire**. Montevideo: Trilce, 2008.

\_\_\_\_\_. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, São Paulo: PUC-SP, n.10, p.07-28, dez.1993.

\_\_\_\_\_. **Entre mémoire et histoire:** la problématique des lieux. *In* Pierre NORA (org). *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984. *La République*. pp. VII a XLII. p. XXIV. v.1.

OLIVEIRA, Diney Adriana Nogueira de. Turismo e pós-modernidade: complexidade(s). *In*: GASTAL, Susana; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Orgs.). **Turismo na pós-modernidade (des)inquietações**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

OLIVEIRA, Melissa Ramos da Silva. 1978. **Intervenções urbanas e representações do centro da cidade de Campinas/SP:** convergências e divergências. Orientador: Maria Tereza Duarte Paes. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas, SP: 2012.

ONU. **Conheça a ONU**. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/conheca-a-onu/conheca-a-onu>>. Acesso em: 28 out. 2014.

ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos históricos, v. 5, n. 10, p. 200-212. Rio de Janeiro, 1992.

\_\_\_\_\_. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos históricos, v. 2, n. 3, p. 3-12. Rio de Janeiro, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum. *In*: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PRESIDÊNCIA da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei Nº 12.528, de 18 de novembro de 2011.** Cria a Comissão Nacional da Verdade no âmbito da Casa Civil da Presidência da República. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/l12528.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12528.htm)>. Acesso em: 12 set. 2014.

RAVENSBRÜCK - MAHN-UND GEDENKSTÄTTE. Disponível em: <<http://www.ravensbrueck.de>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

RICŒUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** 2000. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROWNTREE, L.B. e CONLEY, M.W. **Symbolism and the Cultural Landscape.** *Annals of the Association of American Geographers*, 70(4), 1980, pp. 459-479.

SALAZAR Vergara, Gabriel. **Villa Grimaldi (Cuartel Terranova).** Historia, testimonio, reflexión. Volumen I. Santiago: LOM Ediciones, 2013.

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. H. **Memória coletiva e experiência.** *Revista de Psicologia da USP*, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 125-289, 1993. Instituto de Psicologia.

SCHUTZ, A. **Life-forms and meaning structures.** Londres: Routledge, 1982.

SILVA FILHO, José Carlos Moreira da. (Entrevistado). Argumento contra argumento. **Comissão da Verdade e os crimes cometidos durante a ditadura.** Entrevistadores: Juremir Machado da Silva e Jacques Wainberg. Programa gravado dia 11/06/12 e exibido em 13/06/12. Porto Alegre: UNITV, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pgrzZD9pVL0>>; <<https://www.youtube.com/watch?v=8iJbyzjvxWU>>. Acesso em: 15 out. 2014.

SITES OF CONSCIENCE. Disponível em: <<http://www.sitesofconscience.org>>. Acesso em: 02 nov. 2014.

SOUSA, Janara. **Teoria do Meio:** contribuições, limites e desafios. Brasília, DF: Universa, 2009.

SURVIVAL INTERNATIONAL. Relatório 'perdido' expõe genocídio de índios brasileiros. 25 abril 2013. Disponível em: <<http://www.survivalinternational.org/ultimas-noticias/9197>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

TÆKKE, Jesper. **Medium Theory and Social Systems**. 7 Annual Conference of the International Society of Systems Science July in Crete / CCC Luhmann conference in Copenhagen May 2003. Crete, Greece, 2003.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; NERY, Vanda Cunha Albieri. **Para entender as Teorias da Comunicação**. 2.ed. Uberlândia: EDUFU, 2009.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1990.

TUNBRIDGE, J. E; ASHWORTH, G. J. **Dissonant heritage: the management of the past as a resource in conflict**. Chichester (UK): John Wiley, 1996.

UNESCO. **Museum International**. No. 212 (Vol. 53, No. 4) Paris: 2001.

UNITED NATIONS HUMAN RIGHTS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: <[http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR\\_Translations/por.pdf](http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf)>. Acesso em: 23 nov. 2014.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Disponível em: <<http://www.ushmm.org>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

VILLA GRIMALDI. [2015]. Disponível em: <<http://villagrimaldi.cl>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

WAINBERG, Jacques Alkalai. O embate pelo controle da memória traumática brasileira. **Intexto**. Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 23, p. 50-68, julho/dezembro 2010.

\_\_\_\_\_. **Turismo e Comunicação: A indústria da diferença**. São Paulo: Contexto, 2003.

## ENTREVISTAS

ALVAREZ Morales, Jasna Carolina. **Entrevista 12** [10 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

ARAYA Piña, Ariel Elías. **Entrevista 1** [05 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

ARAYA Román, Valeshka. **Entrevista 5** [09 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

ARELLANO Pastenes, Luis Fernando. **Entrevista Comunicaciones** [11 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

AZCÁRRAGA Gatica, Bárbara. **Entrevista Educación, extensión y redes**. Encargada de visitas guiadas, itinerancias y boletines de educación. [12 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

BODEN, Anna. **Entrevista 10** [10 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

CEA Pérez, Karen. **Entrevista Educación, extensión y redes**. Coordinadora del Área [13 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

CRAVARI Beeza, Antonella. **Entrevista 25** [16 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

CRUZ Marin, Juan Carlos. **Entrevista 14** [11 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

FUERTES García, Carlos Roberto. **Entrevista Área Museo**. Coordinador del Área [27 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

GONZALEZ Jimenez, Rocio. **Entrevista 15** [11 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

GUZMÁN González, Marcelo. **Entrevista 8** [10 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

HERNÁNDEZ Esnida, Felipe Armando. **Entrevista 24** [15 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

HUENULEF Ortega, Rubén Marcelo. **Entrevista 19** [13 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

KUEMIN, Roman. **Entrevista 3** [05 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

MARGAS Torres, Jaqueline. **Entrevista 27** [17 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

MUNITA Castillo, Jorge. **Entrevista 4** [06 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

MÜLLER, Dirk. **Entrevista 20** [14 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

MUÑOZ Gesell, Ángela. **Entrevista 2** [05 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

PLAZA Vega, Alison Andrea. **Entrevista 17** [12 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

QUINTEROS Álamos, Marta Elena. **Entrevista 30** [18 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.



RAMÍREZ, Agustina. **Entrevista Área Museo - Sub área Archivo y Catalogación.** Encargada del Archivo Documental [27 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

RAWLINSON, Edward. **Entrevista 9** [10 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

RECABARREN Jaque, Rodrigo. **Entrevista 23** [15 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

REICHEL, Marianela Natacha. **Entrevista 6** [09 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

RIQUELME, Loreto Martínez. **Entrevista 22** [14 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

RIVERA, Paulina. **Entrevista 13** [11 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

SALGADO Linares, Pedro Isaac. **Entrevista 28** [17 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

SCHWEND Moralesva, Maeva. **Entrevista Área Museo – Sub área Conservación.** Encargada de Conservación. [27 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

SEDINI Vergara, Natálio. **Entrevista 11** [10 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

SIMON, Gene. **Entrevista 26** [16 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

URYMKIEWICZ, Norberto. **Entrevista 18** [13 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

VEGA Araya, Maritza. **Entrevista 16** [12 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

VERGARA Torres, Jeanette. **Entrevista 7** [10 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

VILLASCENCIO, María Lucía. **Entrevista 29** [18 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

ZAMORA Barrios, Cecilia. **Entrevista 21** [15 fev. 2015]. Entrevistador: Marcia Cristina Hernández Briones. Santiago: Villa Grimaldi.

## OBRAS CONSULTADAS

ALMEIDA, Francisco António de Macedo Lucas Ferreira de. **Os crimes contra a humanidade no actual direito internacional penal**. Coimbra: Almedina, 2009.

ANICO, Marta. **A pós-modernização da cultura: patrimônio e museus na contemporaneidade**. Horiz. antropol. [online]. Vol.11, n.23, pp. 71-86. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n23/a05v1123.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2014.

BÜHRING, Marcia Andrea. **Direitos Humanos e Fundamentais: Para além da Dignidade da Pessoa Humana**. Volume 1 [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Editora Fi, 2014.

CURSO intensivo de Educação em Direitos Humanos. **Memória e Cidadania**. Coordenação Kátia Felipini Neves e Caroline Grassi Franco de Menezes; Apresentação Ivo Mesquita e Kátia Felipini Neves; Textos João Ricardo Wanderley Dornelles... [et al.]. São Paulo: Memorial da Resistência de São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2012.

FERREIRA, Tainá Soares; ANDRADE, Cláudia Regina Furquim de. **Exposições sobre Comunicação Humana em museus interativos de ciências**. Rev Soc Bras Fonoaudiol. 17(1):78-84. 2012.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Explicitação das Normas da ABNT**. - 15. Ed. - Porto Alegre: s.n., 2010.

ILAM. Instituto Latinoamericano de Museos. **Directorio de Museos y Parques de América Latina y el Caribe**. Disponível em: <<http://www.ilam.org>>. Acesso em: 28 mar. 2015.

JOAS, Hans. Interacionismo simbólico. p. 127-174. In: GIDDENS, Anthony; TURNER Jonathan (organizadores). **Teoria social hoje**. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Biblioteca Central Ir. José Otão. **Modelo de Referências Elaborado pela Biblioteca Central Irmão José Otão**. 2008. Disponível em: <<http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/biblioteca/Capa/BCEPesquisa/BCEPesquisaModelos>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. Biblioteca Central Ir. José Otão. **Modelo Para Apresentação de Trabalhos Acadêmicos, Teses e Dissertações Elaborado pela Biblioteca Central Irmão José Otão**. 2008. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/biblioteca>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. Biblioteca Central Ir. José Otão. **Modelo Sugerido pela Biblioteca Central para Resumos**. 2008. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/biblioteca>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. Biblioteca Central Ir. José Otão. **Orientações para apresentação de citações em documentos segundo NBR 10520**. Disponível em: <<http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/biblioteca/Capa/BCEPesquisa/BCEPesquisaModelos>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

RÚBIO, David Sánchez; FLORES, Joaquín Herrera; CARVALHO, Salo de. (orgs.) **Direitos humanos e globalização: fundamentos e possibilidades desde a teoria crítica**. 2. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

SELIGMAN-SILVA, Marcio. **Os escaninhos da memória**. Entrevista por Álvaro Kassab em 21/04/2008. Disponível em: <<http://cronopios.com.br/site/lancamentos.asp?id=3194>>. Acesso em: 8 out. 2014.

SILVA FILHO, José Carlos Moreira da. (Org.). **Justiça de transição no Brasil: violência, justiça e segurança**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

SOARES, Inês Virginia Prado. Justiça de transição. **Dicionário de Direitos Humanos**. [2010]. Disponível em: <<http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=Justi%C3%A7a+de+transi%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 20 out. 2014.

VIOLI, Patrizia. **Trauma Site Museums and Politics of Memory**. Tuol Sleng, Villa Grimaldi and the Bologna Ustica Museum. *In: Theory, Culture & Society*, 2012 (SAGE, Los Angeles, London, New Delhi, and Singapore), Vol. 29(1): 36-75.

WAINBERG, Jacques Alkalai. **Comunicação internacional e intercultural: a luta pelo imaginário social, o temor à segregação e o caso do terrorismo**. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, v. 5. n. 2, jul.-dez. 2005. p. 275-295.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

### DECLARACIÓN DE CONSENTIMIENTO LIBRE Y CLARO

Estimado(a) participante:

Mi nombre es **Marcia Cristina Hernández Briones**, soy estudiante de Magíster del Programa de Posgrado de la Facultad de Comunicación Social de la Pontificia Universidad Católica de Rio Grande do Sul, Brasil.

Estoy llevando a cabo una investigación que involucra los temas de los derechos humanos, la memoria y los medios de comunicación. Para complementar las informaciones, la metodología a seguir es analizar y estudiar la Corporación Parque la Paz Villa Grimaldi. El trabajo será titulado de forma provisoria como: **Los derechos humanos y la cultura de la memoria: un estudio de caso del Memorial Villa Grimaldi como medio de comunicación.**

La investigación tiene como objetivo analizar este sitio de conciencia como medio de comunicación, ya que se propone no sólo a informar, pero también a educar a las nuevas generaciones sobre los crímenes contra la humanidad que se produjeron como consecuencia del golpe militar en Chile. El objeto de estudio es construido en la interface de diversos temas y analiza la entrevista de 30 visitantes en la Villa Grimaldi.

Su participación es proporcionar una entrevista personal, semi-estructurada, basado en un cuestionario de 10 preguntas acerca de su experiencia e impresiones al visitar Villa Grimaldi, que será grabado, si así fuera permitido, con una duración aproximada de 25 minutos.

En la publicación de los resultados de esta investigación, su identidad se mantendrá en estricta confidencialidad, si así lo desea.

La participación en este estudio es voluntaria y si decide no participar o quieren renunciar a seguir en cualquier momento, tiene absoluta libertad para hacerlo, por teléfono **+55 (51) 8281 8300** o por correo electrónico: **marcia.briones@acad.pucrs.br**.

Mismo sin beneficios directos para participar, usted está contribuyendo indirectamente a la comprensión del fenómeno estudiado y la producción de conocimiento científico.

Este trabajo, acercándose a la práctica de la teoría, es bajo la responsabilidad del profesor Dr. Jacques Alkalai Wainberg, que están a su disposición para responder cualquier pregunta por teléfono **+55 (51) 3320 3658** o por e-mail: **jacqalwa@pucrs.br**.

Cualquier pregunta relacionada con la encuesta pueden ser aclaradas por la (s) investigador (s), por teléfono: +55 (51) 3320 3658 o 8281 8300, o por la entidad responsable - el Comité de Ética en Investigación de la PUCRS, teléfono 3320 3345.

Atentamente,

\_\_\_\_\_  
**Marcia Cristina Hernández Briones**  
Registro PUCRS: 131904005

\_\_\_\_\_  
Lugar y fecha

\_\_\_\_\_  
**Orientador profesor Dr. Jacques Alkalai Wainberg**

Yo, \_\_\_\_\_, Documento nº \_\_\_\_\_, **consiento en participar como entrevistado(a) voluntario de la investigación arriba y declaro que he recibido una copia de este formulario de consentimiento.**  
( ) Autorizo la publicación de mi nombre en la investigación.

\_\_\_\_\_  
Firma del participante

\_\_\_\_\_  
Lugar y fecha

**PUCRS**

Campus Central  
Av. Ipiranga, 6681 – CEP 90619-900  
Porto Alegre – RS – Brasil  
Fone: (51) 3320-3569 – Fax: (51) 3320-3619  
E-mail: famecos@pucrs.br



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

**FREE AND CLEAR CONSENT AGREEMENT**

Dear participant:

My name is **Marcia Cristina Hernandez Briones**, I am Master's Graduate student at the Graduate Program in the School of Social Communication of the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul, Brazil.

I am conducting a research that involves the issues of human rights, memory and media, with the object of study *Corporación Parque la Paz Villa Grimaldi*, provisionally entitled **Human rights and the culture of memory: a case study of the memorial as Villa Grimaldi as a communication channel**.

The research aims to analyze this site of conscience as a communication channel, since it proposes not only to inform but to educate new generations about the crimes against humanity that occurred as a result of the military coup in Chile. The study object is constructed at the interface of various themes and analyzes the reception of 30 visitors to the Villa Grimaldi.

Your participation is to provide a personal, semi-structured interview based on a script of about 10 questions about your experience in visiting Villa Grimaldi, which will be recorded if you so permit, which lasts approximately 25 min.

In publication of the results of this research, your identity will be kept in strictest confidentiality, if you so desired.

Your participation in this study is voluntary and if you decide not to participate or want to give up at any time, you have absolute freedom to do so, by phone **+55 (51) 8281 8300** or by email: **marcia.briones@acad.pucrs.br**.

Even without direct benefits in participating, you are indirectly contributing to the understanding of the phenomenon studied and the production of scientific knowledge.

This work, approaching the practice of theory, is under the responsibility of Professor Dr. Jacques Alkalai Wainberg, who are on hand to answer any questions by phone **+55 (51) 3320 3658** or by e-mail: **jacqalwa@pucrs.br**.

Any questions regarding the survey may be clarified by the (s) researcher (s), by phone: +55 (51) 3320 3658 or 8281 8300, or by the responsible entity - the Research Ethics Committee of PUCRS, phone 3320 3345.

Kind Regards,

\_\_\_\_\_  
**Marcia Cristina Hernández Briones**  
PUCRS Registration: 131904005

\_\_\_\_\_  
Place and date

\_\_\_\_\_  
**Advisor Teacher Dr. Jacques Alkalai Wainberg**

I, \_\_\_\_\_, ID Document No. \_\_\_\_\_ consent to participate as a volunteer interviewed of the above research and declare that I have received a copy of this consent form.  
( ) I authorize the release of my name in the research.

\_\_\_\_\_  
Participant Signature

\_\_\_\_\_  
Place and date

**PUCRS**

Campus Central  
Av. Ipiranga, 6681 – CEP 90619-900  
Porto Alegre – RS – Brasil  
Fone: (51) 3320-3569 – Fax: (51) 3320-3619  
E-mail: famecos@pucrs.br

## APÊNDICE B – Roteiro das entrevistas

### Entrevista

Nombre: \_\_\_\_\_

Edad: \_\_\_\_\_

Ocupación: \_\_\_\_\_

Nacionalidad: \_\_\_\_\_

País de residencia: \_\_\_\_\_

1. Se tomó la visita ( ) individualmente ( ) o en un grupo?  
 Fue acompañado por los monitores? ( ) Sí ( ) No ( ) Audio guías  
 ¿Cuánto tiempo duró la visita? \_\_\_\_h\_\_\_\_min  
 ¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? \_\_\_\_\_
2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para tí?
3. ¿Cuál es la motivación de su visita?
4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?
5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?
6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?
7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?
8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?
9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como otros medios de comunicación clásicos - como la radio o un periódico?
10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

### Questionnaire

Name: \_\_\_\_\_

Age: \_\_\_\_\_

Occupation: \_\_\_\_\_

Nationality: \_\_\_\_\_

Country of residence: \_\_\_\_\_

1. The visit was made ( ) individually ( ) in a group?

Was accompanied by monitors? ( ) Yes ( ) No ( ) Audio guides

How long was the visitation? \_\_\_\_h\_\_min

How many times, including this one, have you visited Villa Grimaldi? \_\_\_\_\_

2. In your opinion, what is the purpose of this memorial? What was more present for you?

3. What is the motivation of your visit?

4. What was your idea of Villa Grimaldi before this visitation? And now?

5. For you, what is a site of conscience?

6. How would you describe the experience of your visit?

7. Have you visited other sites of conscience, museums, memorials? Which ones?

8. What was your opinion on Human Rights before the visit? And now?

9. Do you believe that the memorial Villa Grimaldi can transmit information as well as other classic means of communication as radio or newspaper?

10. How do you see the communication in this site of conscience?



## APÊNDICE C – Relatório de autorização da pesquisa de campo



### **DERECHOS HUMANOS Y LA CULTURA DE LA MEMORIA: UN ESTUDIO DE CASO DEL MEMORIAL VILLA GRIMALDI COMO MEDIO DE COMUNICACIÓN**

Memoria a ser presentada por Marcia Cristina Hernández Briones en abril del 2015 como requisito parcial para obtener el grado de Magister en Comunicación Social. Línea de investigación: Las prácticas profesionales y los procesos socio-políticos en los medios de comunicación y organizaciones de comunicación del Programa de Posgrado en Comunicación Social (PPGCOM), de la Pontificia Universidad Católica de Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil, bajo la guía del Prof. Dr. Jacques Alkalai Wainberg.

#### **FUNDAMENTACIÓN DE LA INVESTIGACIÓN**

El primer indicio de esta investigación se manifiesta al final del curso de graduación en Comunicación Social - Especialización en Relaciones Públicas, concluido en 2010, en la Pontificia Universidad Católica de Rio Grande do Sul (PUCRS), con la producción de la memoria “Los dilemas de la comunicación intercultural: estudio de casos de refugiados del golpe militar chileno”.

La motivación para asociar los problemas de memoria y de derechos humanos en este trabajo proviene de interés del autor en la integración de las teorías de la comunicación, con un tema de investigación que también involucra a los campos del derecho, la historia, y otras áreas de las ciencias sociales.

Esta investigación se inició en 2009, durante el intercambio académico celebrado en la Universidad Católica Portuguesa de Lisboa, oportunidad en la que el autor visitó museos, monumentos y memoriales construidos en Europa. A continuación, pudo observar el impacto emocional causado por ellos en los visitantes. Luego vino la curiosidad acerca de la relación entre el individuo y el registro de los recuerdos y referencias relacionados.

A seguir el autor realizó estudios en Etnología en la Universidad Paris Descartes. Este conocimiento de contextos de otras sociedades contemporáneas y primitivas, en las que se practican rituales que violan los derechos humanos, incluido el genocidio, la mutilación y la persecución religiosa, ayudó a relacionar el tema de la comunicación y el "sitio de conciencia" este considerado aquí como un medio de comunicación y de educación.

Más tarde en 2013, el autor visitó el Museo de la Memoria y los Derechos Humanos (MMDH) en Santiago, Chile. En ese momento quedó claro el deseo de llevar a cabo un estudio sobre los memoriales y los derechos humanos. También cabe destacar que además de la descendencia chilena, personas muy cercanas al autor se vieron afectadas por las consecuencias del golpe militar de 1973.

Algunos otros eventos patrocinados por organizaciones y gobiernos interesados en el esclarecimiento de los hechos también son parte de la trayectoria de consolidación de este proyecto de investigación.

Fueron ellos: Los Trasandinos Diálogos, Chile / Brasil: Memoria, Justicia, Verdad y Cultura en ellas Transiciones democráticas celebradas en MMDH en Chile, y más tarde en el Congreso Internacional: La Fundación de Transición Justicia y Derechos Humanos en noviembre de 2014 en Sao Paulo, que reunió a activistas de todo el mundo en pro del fortalecimiento de la memoria.

Es posible observar que la promoción de la cultura de la memoria histórica, especialmente en relación con las acciones traumáticas, se extiende en la sociedad a través de documentales, monumentos, talleres o museos. También se pretende ilustrar el tema con ejemplos de otros "sitios de conciencia" y museos que se ocupan de eventos traumáticos, como el Museo de La Memoria y los Derechos Humanos en Santiago de Chile, que honra a los muertos, torturados y desaparecidos durante el golpe militar chileno de 1973; El memorial de la Resistencia de São Paulo, dedicada a la preservación de las memorias y referencias de la resistencia y la represión política en Brasil, que tiene como sede el ex Departamento de Orden Político y Social del Estado de São Paulo (DOPS); entre otros.

Al relacionar e juntar los puntos específicos y comunes de cada espacio de memoria, se tiene la intención de desarrollar un marco teórico para el estudio de caso de la Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi.

La reconstrucción del pasado a través de estos medios de comunicación y la educación colectiva ofrece la oportunidad de tener un contacto más cercano de las nuevas generaciones con las víctimas de la represión practicada por las dictaduras. El ejercicio de la democracia, fundamental para la creación de comisiones de investigación en relación con los crímenes de las dictaduras, como la Comisión Nacional de la Verdad en Brasil y la Comisión Nacional sobre Prisión Política y Tortura (Comisión Valech) en Chile, contribuiría para que fueran inaugurados los espacios públicos en los lugares de la memoria.

Estos espacios sirven para honrar a las víctimas y se utilizados como medios simbólicos de reparación moral de las víctimas, muertos y desaparecidos.

Esta memoria todavía quiere estudiar la forma del "sitio de conciencia" como un lugar capaz de difundir mensajes que pueden ser decodificados por los receptores e visitantes. Serán consideradas teorías que endosen y garantan "la conciencia de la página web" como un medio de comunicación, incluyendo el

situacionismo (interaccionismo simbólico) y la Teoría del Medio, según lo propuesto por Joshua Meyrowitz.

Este tipo de estudios son válidos para la investigación actual porque, según Janara Sousa (2009, p. 70), "los situacionistas han elegido como objeto el estudio de la conducta social y los estudiosos del tema, por su vez, eligieron el medio de comunicación". La unión de ambas referencias cubre los temas tratados por el espacio del memorial y permite un estudio de caso con el fin de observar la conciencia como un medio de comunicación.

## **OBJETIVOS**

Esta memoria tiene como objetivo, en general de estudiar el papel de memorialización en la sociedad democrática. Específicamente desea estudiar el sitio de conciencia Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi, que se considera aquí como una herramienta educativa, pedagógica e informativa. Su principal problema como investigación es entender cómo este sitio de conciencia se presenta a los contemporáneos como un medio de comunicación a favor de la educación en derechos humanos.

La idea del estudio es analizar la recepción de 30 visitantes a este sitio. Para hacer entrevistas semiestructuradas serán colocadas en formato matricial los resúmenes y cuadros comparativos de emisión y recepción de los contenidos basados en la metodología de análisis textual del discurso (MORAES, 2011).

En cuanto a cómo se registrarán las entrevistas estas serán gravadas.

## **EL TRABAJO DE CAMPO EN LA VILLA CON LOS VISITANTES**

Las treinta entrevistas serán en el Memorial Parque por la Paz Villa Grimaldi, en el período de 05 a 27 febrero, 2015 (fecha a combinar) con el consentimiento del personal administrativo del Memorial. La idea inicial es hacer al menos dos entrevistas por día, que se llevarán a cabo después de la conclusión de la visita. En el cuestionario de estudio se pretende evaluar el impacto producido en los visitantes del Memorial.

En la serie de entrevistas que se celebrarán con los directores y curadores del sitio de memoria, constarán las intenciones de cada acción del Memorial y los recursos humanos y tecnológicos utilizados.

Para el análisis de las respuestas será utilizado el Análisis Textual Discursiva, de Moraes (2011). Este análisis comprende la separación y eliminación de los textos, que resultan en unidades con contenido afines. Estos indicadores serán organizados en grupos en forma de cuadros comparativos, de acuerdo con sus significados y similitudes. El contenido de estas tablas, al ser comparados e integrados de formarán las categorías específicas.

De ese proceso aparecen las categorías finales sobre las cuales están escritos los metatextos que las describen. Estos metatextos son utilizados para la elaboración del texto final (MORAES y GALIAZZI, 2011).

Siendo el tema una propuesta del autor para la clasificación del lugar del Memorial como un medio de comunicación, la utilización de esa comunicación demanda un análisis detallado de la Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi.

Esto implicará, además de las entrevistas con los visitantes, acompañados de los responsables por enseñar el valor histórico y el sentido del Memorial, entrevistas con cineastas y para complementar el estudio de caso se utilizará la información obtenida en los materiales impresos recogidos en visitas (carpetas, libros, periódicos, fotografías), así como los contenidos en línea disponibles, como el sitio web oficial, noticias, teléfonos inteligentes, el canal de YouTube y otros perfiles del espacio de memoria en las redes sociales virtuales.

## **REFERENCIALES AQUÍ APUNTADOS**

MORAES, R. GALIAZZI, M. **Análise textual discursiva**. 2 ed. Ijuí: Unijuí, 2011.

SOUSA, Janara. **Teoria do Meio**: contribuições, limites e desafios. Brasília, DF: Universa, 2009.

## APÊNDICE D – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM A EQUIPE

### **Entrevista Agustina Ramírez Área Museo – Sub área Archivo y Catalogación Encargada del Archivo Documental**

El archivo documental, ubicado al lado de las oficinas, un contenedor, es un proyecto que se ganó el año 2013 cuando se postuló un proyecto con financiamiento de la Fundación Mellow y la Universidad de Harvard. Era para financiar proyectos para archivos y bibliotecas latinoamericanas. Ganamos con el proyecto puesta en valor del archivo documental de Villa Grimaldi. Yo llegué al final del 2013, me hice cargo del último trimestre de ese proyecto. Inauguramos el Archivo Documental a principios de abril del 2014. La idea es la puesta en valor de la documentación, en términos generales, de documentación patrimonial y histórica a través de donaciones de instituciones, personas naturales o organizaciones sociales que participaron en el proceso que da cuenta el archivo. El Archivo cuenta la historia de Villa Grimaldi. El archivo se divide en 6 etapas, cronológicamente hasta el presente. El 1 periodo: previo al golpe militar; 2 período: el primer periodo militar DINA, del 74 al 78; 3 período: con la CNI, 78 al 89/90; 4 período: periodo de recuperación del sitio por parte de organizaciones sociales personas naturales sobretodo da asamblea permanente por los derechos humanos de la comuna de las reina e Peñalolén, 5 período: luego viene la reconstrucción del parque que es del 94 al 96 se recupera el sitio y se trabaja en la construcción del parque, este proyecto en ese entonces, y la ultima y 6 etapa es el parque por la paz, que con su inauguración me recuerdo exactamente si en marzo o en abril el año 97 se inaugura el parque.

*Que documentos tiene el archivo?*

Los documentos, los soportes materiales son papeles. Mecanografiados, prensa, dibujos dentro de sus testimonios. el archivo es una construcción hierarquica que va desde los fondos que son las etapas que yo te nombré, por ejemplo el fondo histórico Villa Grimaldi cuenta con subfondos. Esos subfondos son las etapas que yo te nombre que son las 6 cronológicas. Esas etapas tienen series documentales - la naturaleza del documento. Entonces esa serie de documentales hay trece: 1 documentos judiciales, 2 dibujo, 3 testimonio, 4 prensa, 5 obras literarias la numero, 6 CD-ROM... Entonces lo que se hace por ejemplo: Marcia vino y dona esta agua mineral que se tomó mientras estuvo presa en Villa Grimaldi en 1976, que lo que se hace, se pasa archivo y una serie de protocolos de donación y entonces pasa al fondo histórico, subfondo 2, porque es el primera etapa de la dictadura militar, periodo de la DINA y de la serie objetos porque es un objeto.

*Y eso se va a la sala de la memoria?*

No, no, no. La sala de la memoria es una colección en exposición permanente. Lo que se hace es se toman todas las precauciones de observación y preservación en trabajo conjunto con Maeva que es de nuestra área del museo más de subarea de conservación y toda la documentación que están en soporte material de papel se guardan en carpetas libres de ácido, en cajas libres de ácido, se rotulan, se les pone un código que se llama ID que es como tu rut, tu sello. Cada documento tiene su ID particular único e intransferible y eso se resguarda en el depósito de archivo documental que es el contenedor que está al lado de las oficinas que es el depósito de resguardo que necesitamos, temperatura, humedad, ahí se conservan a 20º todas las cosas. El archivo es un trabajo en constante formación porque siempre están llegando donaciones y la verdad es que es súper engorroso y lento el trabajo de descripción archivística porque una cosa es lo físico que está en el contenedor y lo otro es el archivo en sí mismo es una página virtual es un software que se maneja en línea. Entonces todo lo que está ahí está en línea, entonces no es como archivo oral la gente viene y solo acá puede direccionar los testimonios.

*Y por ejemplo la veracidad, me dijiste sobre el agua, pero quien va a ver si de verdad el agua corresponde a la fecha o no se o a la persona es un poco de confianza también?*

Si, también es un poco de eso. Mira la gente que viene a donar aquí generalmente es vinculada a los derechos humanos es como nadie va a perder su tiempo con inventar historias. El archivo

documental es algo como con importancia que se está teniendo ha muy poco tiempo, como la archivística como una rama que desde los 70-80 está tomando fuerza en el mundo, es súper reciente.

*Y tú que estudiaste?*

Yo estudié licenciatura en historia con mención en estudios culturales, y bueno, la cosa es que acá en Chile no hay formación archivística, aquí siempre está con bibliotecología. Mas no es lo mismo en ningún caso, no ocupa los mismos criterios ni la misma metodología están recién abriéndose así como diplomados pero formación profesional o de pos título no existe. Yo llegué a archivos por la practica porque he trabajado en tres proyectos en el Museo de la memoria y derechos humanos, y ahí e echo trabajos en archivos y ahí fue que aprendí a trabajar porque en realidad lo que más, aparte de saber de preservación y conservación, etc. Lo que más tienes que saber es trabajo en datos. Tu a través de la página de Villa Grimaldi hay un *plugin* que se llama Archivo y documento, que cuenta un poco lo que es. El fondo histórico villa Grimaldi está abierto al público. Aquí están los subfondos como yo te lo había dicho... todo es fondo histórico se desglosando compuesto 6 fondos. Se creó en 1956, porque esa es la documentación más antigua que tenemos, en distintos soportes materiales que son papel, fotografía material audiovisual mayoritariamente. Hay una prensa de 1956 que habla del lugar, pero solo un documento. 6 subfondos: Periodo previo al golpe Militar / Dictadura Militar (1973-1977). Periodo de la Dirección de Inteligencia Nacional (DINA) / Dictadura Militar (1978-1990). Periodo de la Central Nacional de Inteligencia (CNI) / Villa Grimaldi: Recuperación del sitio (1991-1993) / Construcción del Parque por la Paz Villa Grimaldi (1994-1996) / Parque por la Paz Villa Grimaldi (1997-hasta la actualidad). Lo que hay que poner siempre es Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi.

### **Entrevista Bárbara Azcárraga Gatica**

#### **Equipo Educación, extensión y redes**

#### **Encargada de visitas guiadas, itinerancias y boletines de educación**

Soy parte de Equipo Educación, Extensión y Redes acá en Villa Grimaldi, soy profesora de historia y en este momento estoy haciendo mi magister en historia en la Universidad de Chile. Los temas a que me he dedicado estudiar son historia reciente y memoria. Mi trabajo en Villa Grimaldi consiste principalmente en hacer la visita guiada que es lo que como la línea principal en el fondo del área de educación de aquí de la Villa. Las visitas guiadas pueden ser a colegios, a cualquier tipo de institución, agrupaciones, y eso es constante durante el año, o sea estamos durante la semana de martes a viernes siempre haciendo visitas guiadas. Justamente hoy día al equipo de educación se le agregó la parte de gestión cultural. Tenemos también el apoyo de Maya que es voluntaria. Yo también me acerqué de esa manera a la Villa. Llegué como voluntaria primero y ya llevo 3 años aquí en Villa Grimaldi y en el transcurso uno se va preparando para hacer las visitas guiadas, porque no es un tema fácil

*Me imagino que tienes que saber todo y estar preparada para las preguntas...*

Claro, estar preparada, porque si hay un guion que está hecho en base a los testimonios de las personas sobrevivientes de acá, hay que estar preparada por que las personas, el público en general hace muchas preguntas y esto es un trabajo que está muy conectado con la actualidad, entonces uno tiene que estar se informando. Preguntan por temas a veces judiciales, militares, por víctimas, que ha pasado entonces en el fondo hay que manejar el tema.

*Y eso es la prueba de que son cosas del pasado pero el presente está ahí?*

El presente está absolutamente siempre sobre todo las visitas que se hacen a los escolares, que son los chicos que están estudiando en el colegio, tienden a hacer mucho la conexión. Nosotros no tenemos un tope de edad pero en general las visitas las solicitan para estudiantes de enseñanza media, que son niños entre 14 a 17 o 18 años, excepcionalmente los más chicos, de 12 años. En general son los adolescentes por un tema, por lo que le están pasando dentro del ramo de historia en los colegios, a veces vienen profesores de lenguaje, de religión, también de filosofía. Son chicos que están más conectados con lo actual, entonces sus preguntas vienen desde el presente. Cosas que

para uno son obvias, como la diferencia entre un desaparecido y un ejecutado político. Pero los niños no lo tienes claro. Entonces eso se ha incorporado a las visitas.

*Hay alguna situación que recuerdas bien, que te llamó la atención?*

Si, por ejemplo en una visita a la torre, donde hay un organigrama con los agentes represores de la DINA que actuaron acá en el sitio. Entonces a propósito de eso uno se pone a hablar de los procesos judiciales y las condiciones en que están y luego que se hace esa explicación en el fondo, los chicos recorren en La Torre y entran en La Sala de la Memoria que está al lado. Una vez una niña me dijo en particular "oye sabes que mi abuelito fue militar y tiene que ir a firmar todas las semanas, tú crees que es porque torturó gente?"

*Que quiere decir firmar todas las semanas?*

Acá en Chile dentro de las condenas que les dictan, a veces pueden cumplir reclusión dentro del país, o sea pueden estar en sus casas viviendo con su familia pero no pueden salir de Chile. Entonces ellos quedan con arraigo y eso significa que tienen que ir a firmar semanal, mensualmente, en comisaría tienen que ir a firmar un libro. A eso se le llama firmar. Entonces ella me dice eso. A propósito de todo lo que yo le había comentado antes le surge esa inquietud. Ese tipo de pregunta a uno la deja... le respondí, bueno si tu abuelo es una persona mayor y está firmando probablemente debe haber estado involucrado. Hay que tener cuidado. Eso es lo bonito del trabajo de nosotros, lo que uno va diciendo va provocando cosas en los chicos los hace reflexionar, los hace pensar. A lo mejor ella nunca antes se preguntó. Y con la visita ella puede preguntar. Son difíciles por la complejidad. En colegios particulares pasa que a algunos niños no les dan permiso. Algunas personas piensan que van a venir acá y le van a lavar el cerebro.

Las personas que apoyaran la dictadura, que son de derecha, yo siento que tienen ese pensamiento, así como esto es un antro de marxistas y que la gente que ha venido acá... Nosotros apostamos por el tema de derechos humanos. Evidentemente esto es político, está claro hay un discurso que es político, pero no es que acá uno simplifique en el fondo la historia del proceso diciendo hay buenos y malos sino la validez de esto es explicar esos procesos dentro del espacio. Claro es algo evidente no se está inventando nada y no está diciendo son malos porque son malos o que son buenos y que son necesariamente héroes, sino explicar una vez más el tema de las complejidades dentro de los procesos históricos.

Lo que pasa es que dentro de la casa que estaba la construcción que existía ahí, es dentro de las piezas de esta casa que hacen las celdas, como piezas dentro de piezas. Los espacios que dejaron entre una celda y otra eran unos espacios angostos de más o menos 80 cm de ancho. Y hoy día el patio de los abedules que es la parte simbólica donde estuvieron ubicadas las celdas, esta trama de ladrillos cayó al suelo, representan esos pasillos, por eso que son tan angostitas. Representan los pasillos, de todas maneras muy simbólicas, rectángulos de pasto representarían lo que fueron las celdas, pero no es que hayan estado distribuidas de esa manera.

*Tienes algo más que contarme, con quien trabajas, el equipo...?*

Bueno dentro del equipo el trabajo es bien fraterno y en conjunto. En lo personal estoy a cargo de un blog que está pensado para profesores, que tiene fuentes a lo que pueden recurrir para el estudio de la dictadura. Entonces ahí tenemos una serie de documentos que escaneamos hace tiempo, por ejemplo, oficios, decretos leyes etc. que emanaron durante la dictadura y ahí ellos pueden consultar. También estoy a cargo del boletín de educación que es bi mensual- es muy breve más en él se invitan a los profesores a conocer no solamente la visita tradicional que es por todo el parque que es la que tu hiciste, nosotros también tenemos visitas temáticas pedagógicas Entonces esas visitas son solicitadas por los profesores como por ejemplo la ruta de discriminación a la mujer. Empezamos con lectura de fuentes - cartas, poemas, noticias etc. Son fuentes de la época, se discute, se reflexiona y luego se hace una visita solamente por tres hitos dentro del sitio, por ejemplo se va a la piscina al jardín de las rosas y se termina en el muro Luego se termina con un ejercicio de lectura de fuente de la actualidad. Para ver precisamente que ha variado, si es que ha variado algo en este caso de la ruta de la mujer.

*Tienes como una lista de esas visitas de esas visitas temáticas?*

Si las tenemos todas, después si quieres te las facilitamos. Están porque los profesores pueden hacer un trabajo previo antes de venir acá a la Villa. Entonces, cada visita está asociada a un micro

documental que tenemos como área. La idea es que el profesor pueda mostrar al curso, mostrar el micro documental, hacer un pequeño trabajo de introducción y luego los chicos vienen acá, nosotros hacemos esa visita y después la idea es que a la clase siguiente en el colegio puedan también hacer un taller para cerrar. Está pensado así y está hecho así. Tenemos la sugerencia escrita y todos los profes la puedan leer. Está disponible también en la página web de la Villa. El problema es que en general los profesores como que no hacen ese ejercicio. Entonces llegan acá y son en el fondo como un visitante más, no nos apoyan pedagógicamente, no se preparan y a veces vienen por primera vez con sus estudiantes. A veces preguntan tanto como los chiquillos. Nosotros sentimos que el profesor tiene que tener un trabajo antes con los alumnos, no puede ser un visitante más dentro cuando vienen para acá. Por eso ha sido un trabajo que a nosotros nos ha costado. Para este año hemos pensado hacer un grupo de taller, invitar a profesores para que conozcan más la historia del sitio y para que se difunda el tema de las visitas temáticas.

*Tienen muchas visitas?* Muchas visitas, nosotros en el año normal desde marzo, abril en adelante hacemos visitas de martes a viernes, en general dos a tres visitas por día. *Tu trabajas en el área de educación con?* Con Karen, hoy día la gestión cultural con Francia y con Monserrat y Maya que es voluntaria.

**Entrevista Karen Cea Pérez**  
**Área Educación, extensión y redes**  
**Coordinadora del Área**

Yo soy Karen Cea y coordino el área de educación extensión y redes de la corporación.

*Que me puedes contar por ejemplo de tu trabajo, que haces en tu rutina...*

El área de educación está a cargo de llevar adelante el programa de educación de la corporación, se vincula con la promoción de una cultura de derechos humanos a partir del caso particular de este campo de detención, la Villa Grimaldi, y nosotros hacemos una serie de iniciativas, visitas guiadas, talleres con profesores, talleres con estudiantes, talleres con colegios, también con organizaciones populares, con organizaciones sociales, y desarrollamos también material educativo para que los profesores puedan abordar esta temática vinculada a la memoria a los derechos humanos, a violaciones a los derechos humanos en la sala de clases. Cuando tú le preguntas a un profesor porque cuesta abordar el tema de derechos humanos, violación de los derechos humanos durante la pasada dictadura como líder en Chile? una de sus respuestas es que no había material. Entonces, nosotras en nuestra área se encarga también de desarrollar materiales para ayudar a los profesores a hacer sugerencias respecto a posibilidades para abordar la temática que trabajamos en la Villa.

*Cuál es tu formación?*

Yo soy licenciada en literatura hispánica y magister en estudios latinoamericanos.

*Tienes algún ejemplo de algún proyecto, algo que me puedas contar.*

Bueno, tenemos una línea de varios proyectos y uno que se ha hecho durante muchos años, antes que se conformara incluso el área de educación el año 2009 que es un proyecto de itinerancias para sacar el tema de Villa Grimaldi, como es un lugar que está más bien alejado del centro de Santiago, pero que además por varios motivos no todos los profesores podían venir a la Villa Grimaldi, dependían mucho si el colegio autorizaba la visita, si tenían recursos para financiar su venida a la Villa Grimaldi y también por temas políticos. No era muy frecuente visitar un sitio como la Villa. Entonces nosotros hicimos esta exposición itinerante que se llama Villa Grimaldi Pasado Presente y Futuro que cuenta lo que ocurrió en este lugar, paralelamente a la historia del país en esos años durante la dictadura y va a los colegios en conjunto con la exposición de Anna Frank que se llamaba "Una Historia Vigente" en crédito conjunto con la casa Anna Frank en Holanda y era una forma de poder entrar en los colegios con nuestra historia y era difícil todavía después de Anna Frank, como eran dos exposiciones en general los colegios decían que sí y nosotros aprovechábamos de poner la de la Villa. Era importante porque cuando un colegio decidía llevar las exposiciones a su establecimiento, nosotros hacíamos una capacitación de dos días con quince estudiantes que eran voluntarios ellos se ofrecían de enseñanza media entre 14 y 17 años para participar de estas



capacitaciones y ser guías de esta exposición en su colegio. Eso contemplaba conocer la historia de Anna Frank y de Villa Grimaldi, hacer una visita a la Villa. Un proyecto muy lindo porque los propios estudiantes se apropiaban de estas historias y luego lograban ser guías de la exposición frente a sus pares, a sus compañeros, también a los profesores, a los apoderados, a toda la comunidad educativa. Entonces ese proyecto ha adinerado por muchas comunas, por Santiago también, ha sido llevada algunas veces a regiones. Y es uno de los proyectos permanentes e interesantes que tiene la Villa porque sacamos la Villa Grimaldi del sitio, logramos llegar a otros lugares que quizás de otra manera sería muy difícil ir o visitar y conocer la historia de la Villa. Y hay otro proyecto que son las visitas guiadas temáticas que es la Villa Grimaldi tiene varias formas de recorrer el sitio y una era la visita guiada general. Cuando se conforma el área de educación nosotros hablamos de una visita guiada temática, pedagógica, distinta a otras visitas, y que se concentra en temáticas actuales vinculadas a violaciones de los derechos humanos. Porque pensamos en ese tipo de visitas? Porque uno de los objetivos centrales del área es vincular el pasado de este lugar con el presente; es decir como atravesó de la experiencia particular de este centro clandestino de secuestro, de tortura y exterminio, nosotros podemos contar esa historia pero además vincularla con lo que ocurre hoy en materia de justicia y verdad, pero también de otro tipo de violaciones a los derechos humanos que son constantes y no interesaba mostrar mucho que en Chile no se violaron los derechos humanos solo durante el periodo de la dictadura cívico militar sino que hay una continuidad que en general tiene que ver mucho con los prejuicios con actos de discriminación que se van cometiendo y que finalmente gatillan en este tipo de la creación de lugares como la Villa Grimaldi, lugares de tortura, de castigos. Y esas visitas buscaban por ejemplo, trabajamos con el tema de discriminación contra la mujer. Esa es la primera parte de la visita, es un taller donde nosotros hablamos de lo que ocurría con las mujeres en la Villa Grimaldi durante la . Las mujeres eran detenidas, mujeres embarazadas. Luego hacemos un recorrido por el parque, más breves por algunos hitos vinculados a la historia de las mujeres, el lugar de las celdas, los homenajes a las mujeres, y luego terminamos con otro taller en el que trabajamos la actualidad que ocurre hoy en materia de discriminación, los fetocidios que es un tema vigente en Chile, la violencia contra las mujeres y la idea era justamente que ellos pudieran hacer este vínculo y también hay otras visitas que se apoyan con un video, todas estas visitas se apoyan con material, con documentos con testimonios, con noticias de la actualidad que puedan aparecer y hay otro tipo de visitas que son tres, que además hicimos un video que se realiza con fragmentos de testimonio de la Villa Grimaldi, entonces son videos que logran primero que los estudiantes puedan ver quienes fueron las personas que vivieron esta detención en Villa Grimaldi y también que sepan la edad que tenían al momento de la detención, que era gente muy joven. Y ahí trabajamos con la ruta de movimientos políticos otra sobre el tema de derechos humanos y sus movimientos, el rol del testimonio en la reconstrucción de la Villa Grimaldi.

*Y en esas temáticas hay algún material que me puedan pasar?*

Todo tiene material, gran parte del material está publicado en el sitio web, tu puedes descargar los videos. Para esas rutas hacemos guías de apoyo para el docente, esas rutas implican un trabajo de apoyo para el docente que llega a la Villa, la idea es que no lleguen a la Villa Grimaldi sin saber nada, sino que los profesores puedan hacer un trabajo previo en las salas de clase, que luego vengán a la visita y que además, luego continúen el trabajo. Nosotros entendemos que la Villa Grimaldi, más que encerrar temas abre una diversidad de preguntas, reflexiones en los estudiantes. Nosotros no tenemos la capacidad de hacer un seguimiento con todos los colegios. Nos visitan muchos estudiantes. Pero si creamos material para que los profesores se hagan cargo de esas preguntas o discusiones que ellos puedan tener luego de la visita y que lo puedan trabajar en la sala de clases. Todo ese material está publicado y es de acceso porque la idea es que los profesores lo puedan descargar y utilizar. (*O sea es de fácil acceso*) Si.

*Otra pregunta, ayer o antes de ayer vino ese señor y lo atendiste, después me dijiste que él quería poner su nombre en el listado. Como pasa eso? Ellos vienen de repente así?*

El listado de ex prisioneros de la Villa es una iniciativa de un grupo de ex prisioneros e prisioneras que surge de la asamblea de socios de la corporación. La asamblea es el estamento más importante de la corporación, asamblea de socios que son principalmente prisioneros y prisioneras, familiares de detenidos desaparecidos, de ejecutados políticos en Villa Grimaldi y también de ex prisioneros de y

otros amigos. Es quien define varias de las actividades que se realizan y hay un directorio que ejecuta esas actividades y que también gestiona el lugar. Y esta comisión lista surge como una iniciativa de este grupo de ex prisioneros en una asamblea de socios para que todas aquellas personas que fueron detenidas y fueron prisioneras y que sobreviven, si ellos quieren pueden incorporar su nombre a este listado que está solamente en la página web. No está puesto en el parque. En el parque está el muro con las personas que fueron hechas a desaparecer o ejecutar de la Villa Grimaldi, pero esta iniciativa se aloja en el sitio web y como es voluntario, la idea es que escriban al correo si quieren incorporarse, entonces el vino y dijo que había venido un amigo de él la semana pasada, entonces se quería incorporar a la lista y lo que hacen es llenar una ficha con todos los antecedentes, nombre, edad al momento de la detención, etc. y firman también un consentimiento informado que dice que ellos voluntariamente quieren hacer parte de esta lista. Luego es revisado por la comisión lista, de que estén todos los antecedentes, que esté firmado, etc. También es revisado por Higinio que es un director de la corporación que ve que todo esté funcionando bien, y luego nosotros lo subimos al sitio web. Ese es el proceso para hacer el incorporado a esa lista, pero es algo muy sencillo. Como es voluntario, no están ahí todos los ex prisioneros, hay ex prisioneros que no quieren estar ahí. Es respetable, por eso es voluntario y firman este consentimiento.

*Además de esto trabajan también con empresas que de repente puedan traer, no ha pasado?*

No con empresas, pero sí con organizaciones sociales. Hacemos movimientos con organizaciones de jóvenes que trabajan en liderazgo por ejemplo. También tuvimos un trabajo con el Movimiento por la diversidad sexual, también le hicimos un taller, y estos talleres junto con nuestra área de educación, extensión y redes. Es un trabajo que hacemos con el equipo de gestión cultural. Porque nosotros como área de educación siempre nos enfocamos particularmente en los colegios, Ahora se abrió esta posibilidad, que es una iniciativa nuestra de trabajar con otras organizaciones, sindicales, sociales, juntas de vecinos, con este tipo de organizaciones nosotros trabajamos. Con empresas no sé. Solo hemos hecho visitas guiadas, no talleres, ni nada y solo con la policía de investigaciones, pero un grupo muy particular que es la brigada de derechos humanos, que trabaja con todas las causas vinculadas con detenidos desaparecidos o ejecutados políticos durante la dictadura, entonces cuando llega gente nueva han traído este grupo para que conozcan la historia de Villa Grimaldi porque es parte de lo que ellos tienen que trabajar. Entonces ese grupo muy particular de la policía de investigaciones ha hecho estas visitas guiadas.

*Sabes que es lo que te iba a preguntar si sabes o no, pensé poner en mi trabajo los sitios en Santiago y región metropolitana que estén relacionados con la villa, para ayudar a explicar su historia.*

Que estén relacionados en la actualidad? *(No, en su historia, por ejemplo el aeródromo estaba relacionado)* Sí, el cuartel de telecomunicaciones, el cuartel Simón Bolívar *(Y a otras partes para donde los llevaban, porque en ninguna de las historias escuché que los llevaban a Los Álamos)*. Lo que pasa es que todos los sitios clandestinos, los centros secretos de detención se vinculan con la Villa Grimaldi porque la Villa estuvo mucho tiempo abierta. Entonces es parte de unos circuitos y los detenidos por ejemplo de Londres 38 pasaban a la villa o de José Domingo Cañas luego algunas mujeres fueron a Pirqué... después los detenidos en general si no eran hechos desaparecidos o ejecutados iban a Cuatro Álamos incomunicados todavía y luego en Tres Álamos, que era un lugar reconocido por la dictadura ahí tenían la condición de prisioneros políticos. Cuando estaban acá eran secuestrados, eran también detenidos desaparecidos, nadie sabía dónde estaban. Entonces la Villa se vincula con todos esos lugares. Con la Venda Sexy que es otro lugar clandestino, con el cuartel Simón Bolívar que es un lugar de exterminio porque no hay sobrevivientes, solamente guardias que han entregado información. Entonces en ese periodo histórico y se vincula también hoy con todos los sitios que se han recuperado. Hay una red de sitios principalmente en Santiago. Se han ido incorporando otras regiones pero es más difícil por reuniones. *(Hay un folleto – Memoria Activa, Guía de Sitios de conciencia y memoria)* Son folletos que lo organiza la red de educadores de sitios de memoria, que tienen equipos de educación o de atención de público. Creamos este folleto en conjunto con el instituto de derechos humanos que también es parte de la red y con el museo de la memoria que si bien no son sitios sí tiene un trabajo vinculado con lo que nosotros hacemos. Todos estos sitios Villa Grimaldi, Memorial de Paine, Nido 20, la clínica santa lucia que es otro lugar, Londres 38, José Domingos Caña, el Estadio Nacional también, nos juntamos siempre y decidimos hacer este folleto que pudiera visibilizar

los otros sitios que se han ido recuperando y que se abren, que tienen un trabajo, que tienen también atención de público pero que quizás no son tan conocidos como villa Grimaldi o el Museo de la Memoria. Entonces ese folleto es parte del trabajo que nosotros hacemos en conjunto con todos estos equipos de los sitios. Hay otra red además que es de todos los sitios. *(La coalición internacional)* Esta es parte de la coalición pero además en Santiago está la red de sitios de memoria que se juntan todos los sitios para organizar acciones en conjunto, transmitir también la experiencia de los otros sitios que llevan más tiempo con los sitios que se están recuperando, apoyar la recuperación de otros sitios, entonces trabajamos mucho en conjunto en ese sentido con los sitios de memoria, también con América Latina con otros lugares en Europa pero también en Chile. Tenemos redes que están funcionando a varios años. En la red hay sitios que no están en la coalición como Londres 38 por ejemplo. Londres hace parte del trabajo pero ellos no son parte de la coalición de sitios de memoria, son diversos *(Y el Museo de la Memoria tiene un aporte, es más general?)* claro porque es como un paraguas para todo pero además la diferencia principal es que el museo de la memoria no es un sitio de memoria *(Es un museo)* Claro, es un museo que reúne un poco la experiencia quizás de todo, las cosas más generales. Esta es la diferencia principal con los que somos sitios de memoria, que tenemos otro tipo de trabajo, otros enfoques. Todos los sitios tienen diversas miradas a respecto, a ese pasado cada vez menos reciente. Es interesante también el trabajo en la red porque se dan discusiones de las distintas posturas de las distintas líneas y eso enriquece el trabajo por la complejidad de abordar ese período es importante tener distintas miradas, por eso es tan enriquecedor trabajar en redes, contar las experiencias como le funcionó mejor a uno. Los sitios son distintos, la Villa fue destruida, hay otros sitios que se han logrado recuperar casi intactos como Londres 38. Tenemos distintas formas, se recuperan en distintos periodos. Las experiencias son todas diversas por eso es tan interesante que nos podamos juntar y conversar, discutir y transmitir esas experiencias. Por ejemplo cuando dicen que la vida sexy habían mucho más violaciones sexuales, eso era porque los agentes tenían esa manera de actuar. Claro, la DINA, aparato represivo creado en la dictadura con las fuerzas armadas, carabineros y agentes civiles se especializaban en la violencia sexual, lo sabemos por los testimonios. Quienes estuvieron a cargo de la represión no entregan esa información.

*Cambiando el tema, Y tu cuánto tiempo llevas trabajando acá?*

Desde el 2006, son muchos años ya. *(Y antes donde trabajabas?)* Estaba estudiando y trabajaba vinculada a la universidad con temas de memoria, proyectos académicos. *(Siempre estuviste involucrada en el tema)* particularmente cuando hice el magister que empecé a trabajar con una de las profesoras en el área de memoria y paralelamente parto también trabajando con ella, con esa profe que trabajaba en la Villa y me pidió que apoyara precisamente la exposición itinerante y ahí empecé a trabajar durante unos meses en esa exposición y paralelamente como voluntaria para apoyar las visitas guiadas que hacían en ese momento los ex prisioneros y ex prisioneras de la villa Grimaldi. En 2006 era muy distinto a lo que hay hoy en la Villa. Tuve ese periodo en que empecé a hacer el voluntariado y ahí me formé para hacer las visitas guiadas y después me incorporé a las áreas de trabajo. *(Me gustó mucho tu visita guiada)* Muchas gracias. La Villa es un lugar con mucha experiencia, es el primer lugar a ser recuperado con estas características. En ese sentido todo fue pionero, porque quien miraba si no había otras experiencias en América Latina, tampoco en Chile. Claro, se miró también lo que había ocurrido en Europa con los campos de concentración, que es distinto pero con bastantes cosas en común. Había ex-prisioneros que trabajaron en esos lugares por ejemplo Lilia Pérez que tenía una experiencia pedagógica vinculada a los sitios. Hay cosas que son común pero otras bien particulares porque tiene que ver con la experiencia latinoamericana de la dictadura, como funcionaron.

*Una cosa me llamó la atención hay como construcciones cerca del Ombú que llega hasta el estacionamiento y se supone que había agua pero ahora está seco.*

Si. Parte del proyecto original como fluye agua, el agua es el símbolo de purificación de los espacios. Estuvo mucho tiempo interrumpido porque cuando se inauguró funcionó pero luego con las raíces, que son los problemas de un parque, se deterioró el sistema de bomba de agua que hacía funcionar ese mecanismo. Entonces ahora se inauguró el año pasado, pero es muy difícil mantenerlo por las características del parque. Hay cosas chiquititas como el maicillo que está alrededor de la plaza.

Cuando los visitantes caminaban por ahí empezaban a caer al interior de la pileta y tapaba la moto de agua y no puede funcionar. Son detalles pequeños que en el 97 no estaba. Ahora hay un aprendizaje de cómo usar. Es difícil mantener un parque abierto

*(Hay que tener siempre mucha gente trabajando en la mantención)* Si y es mucho dinero. La Villa Grimaldi en su inicio no tenía financiamiento del Estado, si bien el espacio era estatal. Para eso se crea la corporación para hacerse cargo de este lugar y gestionar y poder mantenerlo. Recién el 2010 la Villa Grimaldi recibe plata. *(Cuando vino Bachelet, quien la recibió?)* Ella ha venido dos veces, vino la primera vez muy significativa porque ella había estado detenida acá y además era la primera presidenta que venía a visitar este sitio de memoria en su calidad de presidente. Fue una visita emblemática porque ninguno de los otros presidentes de la concertación había visitado la Villa Grimaldi. Habíamos tenido visitas de políticos internacionales, pero no del presidente. Fue significativo. Además él fue la primera mujer con toda la carga que tuvo su primer mandato y además que había estado detenida en la Villa entonces la visita la hicieron los directores. El año 2010 se conmemoraron los 40 años del Golpe de Estado en Chile y los sitios de memoria organizaron una actividad y decidieron que fuera en la Villa Grimaldi. Invitan a Bachelet y ella también vino a este recorrido. Entonces ha venido dos veces como presidente. *(Eso es bueno. Da visibilidad)* Ah, ahí vino como candidata, no era presidenta todavía. La recibe Margarita Romero que era la directora y vinieron todas las organizaciones de derechos humanos, los sitios de memoria. *(Tienen por costumbre hacer conmemoraciones en las fechas de 25, 35, 40 años).* Sí, los cuarenta años fueron importantes porque se había avanzado mucho y salieron a la luz otro tipo ya no lo general más particularidades, matices, fragmentos, noticias sobre los sitios, fue como un bombardeo, que es lo que suele pasar. En ese sentido todos los sitios son relevantes, si creo que la Villa tiene una experiencia importante porque fue el primero y la Villa da cuenta de todo el proceso precisamente de memoria que ha tenido Chile en su proceso de transición o pos dictadura como queremos llamarlo. En Chile yo creo que se refleja bastante en el sitio mismo, en la arquitectura, en los relatos como eran antes, como son ahora, que cosas se han incorporado a ese relato que sigue siendo el mismo, que es el relato de los ex prisioneros, relatos que nosotros utilizamos, cosas que no se sabían antes e ahora sabemos. Por eso es interesante la Villa. Ese proceso que ha tenido me parece que es fundamental para entender. *(Por eso yo pensaba que había relaciones con los otros sitios)* Si, además que permanecemos más tiempo abiertos. Aquí funcionaba la Brigada de Inteligencia Metropolitana-BIM. Como la BIM dirige la represión a nivel de Santiago claro que se ha vinculado con los otros sitios La Villa Grimaldi. Estuvo del 74 directamente al 78, incluso estuvo en manos de la CNI. Londres estuvo un año abierto, José Domingo Cañas también alrededor de un año, La Venda. Entonces conviven paralelamente con la Villa. Pero después la Villa se mantiene, incluso sigue en manos de la CNI (entonces de los últimos sitios que fueron cerrados) Si. Con estas características ya es el último.

### **Entrevista Luis Fernando Arellano Pastenes**

#### **Área Comunicaciones**

#### **Web Master y Fotógrafo**

Yo soy el web master, fotógrafo y encargado de redes sociales. Trabajando estoy de agosto del 2010, casi 5 años. Yo soy vecino, vivo a unas 6 calles de acá. Conocí los esfuerzos que hicieron las organizaciones del entorno, organizaciones sociales de derechos humanos y también de sobrevivientes de este lugar por la recuperación de este sitio. Participé en algunas manifestaciones en pro de la recuperación del sitio. Hay que decir que uno de los organismos que impulsó la recuperación de este sitio, una vez que detectaron que estaba abandonado en primero lugar, y después la presencia de trabajadores y maquinarias de una empresa constructora, es una organización que se llamaba "asamblea de derechos humanos del distrito de la Reina y Peñalolén". Estamos en el límite entre dos comunas de Santiago. Aquí estamos en Peñalolén y al frente es Comuna de la Reina. En ambas comunas se habían levantado organizaciones territoriales de defensa de los derechos humanos, hay que recordar que a partir del año 82 comienza a verificarse en Chile un proceso de alza del movimiento de protesta contra la dictadura. Muchas de esas manifestaciones

se hacen en los territorios de barrios más populares. Portanto allí se comienzan a verificar también graves violaciones a los derechos humanos, ya sea por detenciones arbitrarias, golpiza, en algunos casos jóvenes que estaban cercanos a barricadas eran detenidos e posteriormente obligados a retirar con las manos las cosas incendiadas, o sentarse en las brasas, ese tipo de cosas. Y como también agentes de civil e uniformados en algunos casos sobretudo carabineros disparaban contra la población. hay que decir que en esta dirección está una población bastante popular que se llama Lo Hermida, es una población que se levantó a partir de invasiones de terreno o tomas de terreno como decimos en Chile de parte de pobladores o personas sin casa y en ese lugar se verificaron graves violaciones a los derechos humanos, incluso hay un memorial en una plaza que queda en avenida Grecia donde destacan dos nombres, que son dos niñas pequeñas de meses y de dos años de edad; una de ellas muere asfixiada producto de los bombardeos con gases lacrimógenos y la otra de un balazo que atraviesa la vivienda. Hoy día son viviendas de construcción más sólidas, pero en aquel tiempo había muchas viviendas de material liviano, maderas sobretudo. Entonces producto de estas violaciones a nivel local, a nivel de territorios se comienzan a levantar organismos de derechos humanos y de esos organismos uno de ellos sobrevive en estos territorios y es el que comienza junto con sobrevivientes a impulsar la recuperación del sitio.

*(En qué año empezaste tú con derechos humanos?)* A ver, yo soy bastante antiguo, del año 82 empecé a trabajar en CODEPU - comité de defensa de los derechos del pueblo, organización de defensa humanitaria que se levanta básicamente por un fin práctico. Durante la dictadura hubo grupos políticos que cometen acciones militares contra la dictadura, y en esas acciones dan muerte a personas. Y la Vicaría de la Solidaridad que existía en ese momento determina que no va a defender casos en que los prisioneros políticos se hubieran visto involucrados en hechos de sangre, es decir hubieran dado muerte ya sea a carabineros o a miembros del aparato de seguridad de la dictadura o personalidades también. Entonces, ante esa dificultad un grupo de abogados levanta a CODEPU y asume la defensa de estos presos. También CODEPU comienza a articular en torno a si mismo organizaciones sociales de distintos frentes, estudiantiles, de trabajadores, etc. Más bien muchos funcionaban bajo la lógica de organizaciones de hecho colectivos pequeños, cuya misión era agitar, hacer propaganda y dinamizar un poco la protesta en distintos frentes sociales. Yo entré a trabajar ahí primero como portero, hay que decir que soy estudiante egresado pero no con título de profesor de historia y geografía del pedagógico, entonces asumí primero como portero posteriormente pasé al equipo de educación popular y nos tocaba hacer instrucción. Temas de historia cosas que normalmente en la educación formal chilena comenzaron a dejarse de lado, producto de la política de la dictadura sobretudo en el campo de la enseñanza de la historia, habían cosas que no se enseñaban. Nosotros asumíamos un poco de eso e incentivábamos también la organización de los pobladores, sobre todo de las mujeres, había mucho trabajo. En el CODEPU sabíamos de la existencia de estos recintos clandestinos de detención, a pesar que varios de ellos en esa época del 82, no funcionaban. Este recinto dejó de funcionar como tal a mediados de los años 70. Pero se levantaron otros recintos, por ejemplo uno que está cercano a la ribera del Mapocho se llama Borgoño, ese era el recinto donde se llevaban los presos en los años 80. Así tengo mucho conocimiento de eso, participé de muchas acciones de protesta contra la dictadura como miembro de CODEPU o militante político, yo soy ex militante del MIR. No fui un participante asiduo de este proceso, pero conozco las personas que estuvieron liderando el proceso de recuperación del sitio a partir de ese coordinador de derechos humanos de la Reina Peñalolén. Me desvinculé de este sitio, a pesar de que vivía cerca, vine pocas veces, hasta el año 2010 en que me pidieron. Me llamaron porque la persona que manejaba la página web, una chica que tuvo un embarazo complicado y no pudo seguir trabajando. A partir de ahí me he vinculado asumiendo las tareas de web master solamente y después de fotógrafo que se necesitaba cuando habían eventos y había que tener registros fotográficos de mejor calidad que tomaban de camaritas pequeñas o de los celulares. Y ahora último las redes sociales.

*(Y como Web master, me hablabas de agencias de noticias, haces el contenido también o solo lo pones?)* No en el web master estaba encargado de manejar el sitio web, mantener respaldos del sitio, asegurarlo, en este caso de publicar las noticias que eventualmente decide el encargado de comunicaciones, que es mi jefe, él es el que redacta y define lo que se va a publicar. Una vez que están los textos- en teoría

podrían hacerlo ellos digamos, pero aquí no hay software para manejar fotografías por ejemplo, son muy caros y no podemos tener software pirateados en este recinto, entonces tengo que hacerlo yo desde mi casa o de mis computadores. Ese es el trabajo de web master, además de estar atento a los posibles hackeos o también determinando cómo se comporta el sitio web en términos de visitantes, la cantidad de visitantes que tenemos mes a mes

*(Más o menos tienes los números?)* Si tengo números. A ver el año 2013 tuvimos alrededor de 170.000 visitas al año. Al año 2014 doblamos esa cifra tuvimos un 150% de incremento. Normalmente las visitas del sitio web comienzan muy bajas en estos meses en marzo se mantienen en una cierta meseta digamos durante los meses de invierno y se dispara en septiembre, porque hay muchos reportajes de televisión que alude a la Villa Grimaldi o hay reportajes que se filman aquí, etc. Entonces la gente se interesa, hay pico de visitas ese mes, el 11 de septiembre, hay actos también que se realizan en este lugar, y comienza después a descender. Este año logramos un cambio, los picos no se lograron en septiembre sino más bien en octubre/noviembre, y es porque este año tuvimos una variación en nuestra política de comunicación, buscamos reportear hechos, elaborar noticias originales; íbamos a los puntos de prensa yo secundaba a Carlos en la fotografía, entonces nos fuimos comportando como una pequeña agencia noticiosa, elaborando textos, fotos que posteriormente le entregábamos a los medios de comunicación y si querían publicarlos lo publicaban, las fotos igual y en dos casos al menos entregamos audio. Porque hay muchos medios de comunicación que no dispone de personal suficiente para andar cubriendo todos los frentes noticiosos. Radios que funcionan con personal justo, no reportean *in sitio*. Sobre todo en la radio dependiente de la Universidad de Chile, le entregamos material audio.

*(Esto es bien interesante porque es un material que parte de ustedes, de acá)* Exacto. En algunos casos cuando no podemos cubrir los eventos y hay material ya escrito y podemos reproducirlo, Hemos tratado este año en concentrarnos en lo nuestro y en aportar hacia otros medios. Nos llama la atención que normalmente las entradas al sitio web son por ítems como por "donde está", cuando la gente nos busca en google la palabra clave es "tortura", esa es como la más destacada. Cuando la gente entra a nuestro sitio sin google, normalmente entra a ítems tradicionales como "donde están" "Quiénes somos, horario de atención" Hay gente que busca información para venir. Este año logramos ir cambiando esa realidad de a poco y la gente comenzó a entrar mucho por las noticias que publicamos. Como son las noticias originales, coberturas que hacíamos nosotros, entonces por ese lado comenzaron a entrar los visitantes. Estamos en un proceso de mediados de este año pensamos tener un cambio una reformulación de todo el sitio web, vamos a tener que inventar nuevas secciones. Pretendemos que el sitio sea mucho más informativo de lo que es hoy día y que nos permita en la portada, destacar audiovisuales que tenemos, que producimos. Hay que decir que el equipo de comunicaciones de Villa Grimaldi produce textos, eventualmente audios, fotografías y en algunos eventos que nosotros definimos que ocurra así, videos que son cápsulas informativas del acto en sí. Y el año pasado exploramos una posibilidad que es bastante trabajosa que hicimos desde nuestro equipo que son Carlos como jefe y redactor, yo como web master y tenemos al compañero que es Javier Bertín que es videasta. Con él redijimos un pequeño documental, tomamos dos casos de compañeros detenidos desaparecidos, uno socialista y otro mirista, ambos vecinos del entorno. Visitamos esos terrenos con las viudas, con los hijos de ellos, los entrevistamos en terreno y posteriormente hicimos un documental que incluso está en exhibición en DVD. Este año lamentablemente es bien trabajoso hacer eso, no tenemos mucho presupuesto así que no vamos a lograr producir otro. Esa fue una línea de lo que hicimos el año pasado. *(Bueno por último te pregunto si tienes algo más que recuerdes y te gustaría hablar)* El sitio es uno de los más antiguos, no tan solo de Chile, sino de Latinoamérica y en él se refleja lo que aquí se denomina las capas de memoria, es decir hay vestigios pero hay mucha construcción, hay reconstrucción y hay la construcción de un parque encima de los vestigios. Este sitio a generado alguna polémica porque algunas personas piensan que el parque encubre por su belleza, encubre lo feo digamos. Lo que hay que decir que lo que yo conozco de esto, se comienza a problematizar "Por la Paz" "que es eso". Refleja primero una cierta ignorancia. Creo que mucha gente que entró por primera vez y ese portón cuando se abrió finalmente y entró la gente en masa no tenía muy claro que hacer con el sitio, qué hacer con esta escombrera, porque esto era un basural, una escombrera

*(En el 94?, y tú lo viste?)* No yo no alcancé a ver eso. Entonces se impuso finalmente la idea de construcción de un parque, que cuando alguien dice esto es que la concertación, es decir la coalición gobernante en ese momento no le interesaba poner mucho acento en el tema de los derechos humanos, el tema de la justicia y la verdad

*(Quien estaba en el Gobierno?)* En el gobierno Aylwin, el primer gobernante posterior a Pinochet, y luego lo siguió Frei, ambos de la Democracia Cristiana, entonces ellos estaban sustentados en una coalición de partidos donde participaban partidos también de izquierda como el partido socialista

*(Y Lagos entró después de Frei?)* Después de Frei viene Lagos. Entonces se tejió una suerte con lo que yo denomino la leyenda negra de la Villa, en el sentido de gente que afirmaba de que la idea del parque por la paz y la idea de parque buscaba esencialmente encubrir las graves violaciones a los derechos humanos cometidas en este recinto y que era una política coherente con la postura de los gobiernos de la concertación o transicionales de tratar de que este problema no aflorara mucho y esencialmente no molestara a los militares. Eso es la leyenda negra. Yo quiero decir que frente a eso, primero la idea de parque y de por la paz forman una idea transversal, o sea no tenía mucho que ver con que unos eran de la concertación y otros no digamos, los que estaban por la paz eran todos de la concertación y los otros eran de otro lado. Fue muy transversal. Había una idea básica de sobretodo de muchos sobrevivientes de que había que convertir este lugar que había sido un lugar de horror, de violencia extrema en un recinto de paz. Finalmente se impone un proyecto arquitectónico que termina por destruir los vestigios, esa es la parte polémica de ese proyecto aparte de esas otras que he mencionado, destruye muchos vestigios y en estos últimos años hemos tenido una vuelta a buscar esos vestigios, primero descubrimos las grades de esa casona que tu haz visto ahí. Esas grades estaban cubiertas por jardines. Entonces buscamos el vestigio ahora. Existía un proyecto que lamentablemente por dificultades económicas no podemos asumirlo todo. Tu viste que estábamos haciendo una limpieza en esa bodega que tenemos, en esa bodega tenemos restos del único muro que quedó en pie.

*(Ese es el que se cayó con el terremoto?)* Exactamente. Los trozos de ese muro están puestos ahí. Un muro muy emblemático porque es un muro recubierto de azulejos pequeñitos y que sobre todo en verano las mujeres se acurrucaban y se apegaban ahí porque era un muro helado. Bueno ese muro estaba en pie y el terremoto lo echó abajo y no hemos podido tener el dinero para reconstruir o para poner en valor cimientos de la casona propiamente tal o cimientos de la casa de los guardias. Hay que decir que el deterioro patrimonial que hemos sufrido, también tiene que ver con procesos que no hemos podido controlar que son externos a nosotros, por ejemplo el ensanche de la calle, originalmente era una calle muy estrecha, era una calle rural, y bueno cuando se recupera el sitio, se comienzan los trabajos, el ministerio de obras públicas decide ensanchar la calle y eso significa botar el muro original que era un muro de ladrillos, enorme, muy alto, y botar a su vez la casa de los guardias que estaba inmediatamente al lado del costado del portón de entrada, que había quedado en pie, una de las pocas construcciones junto con los camarines y la sala de la memoria que habían quedado en pie.

**Entrevista Maeva Schwend Moralesva**  
**Área Museo – Sub área Conservación.**  
**Encargada de Conservación**

Soy conservadora y trabajo desde el 2012 en el área museo de la corporación. Se trata de conservar los objetos materiales, los vestigios de Villa Grimaldi y también los documentos patrimoniales o cualquier objeto patrimonial o donación - valor patrimonial -, consiste desde el inventario, registro embalaje y conservación preventiva de los objetos.

*(Tú y Agustina trabajan juntas en el área museo?)* Si, hay partes donde nos cruzamos, por ejemplo donde se almacenan los objetos, en qué condiciones ambientales, eso es mi tema. lo de Agustina es la catalogación.

*(Bueno y que cosas tienes que hacer así como para conservarlos por ejemplo, haces restauración también?)* No se hace restauración porque no hay presupuesto para restauración. Bueno eso es un problema como

de principio que habría que empezar a discutir aquí porque hasta qué punto se restauran objetos que tienen esa historia y tienen esa carga. Porque esto no es un museo de arte donde puedas recuperar el estado original del objeto sino que el objeto ha sufrido través dese ocultamiento y de esta violencia, también el objeto ha sufrido marcas, entonces esas también son partes de su historia y no queremos volver el objeto - pienso que no hay que volver el objeto al estado original porque toda la historia que porta hasta el presente es parte de la información que porta. Entonces se hacen intervenciones mínimas, como limpieza superficial.

*(Y cuál es tu formación?)* Restauradora, Restauración y Conservación, me especialicé en textiles pero aquí hago conservación preventiva que se llama. Que son todas las acciones que uno pueda ejercer sobre una colección para evitar su deterioro, sin intervenir directamente. La restauración es cuando uno trata de intervenir un objeto, una obra de arte por ejemplo para que recupere, complete la obra tanto material como estéticamente

*(Por ejemplo cuando encontraron las escaleras, en el 2006, en eso también está tu trabajo?)* Eventualmente sí, eso ocurrió antes de que yo estuviera acá. Pero por ejemplo yo también estoy ocupada cuando hay cualquier tipo de intervención en el Parque, una excavación, una obra mayor, yo estoy ahí para ver qué es lo que aparece, para recuperarlo y registrar, para contactar un arqueólogo eventualmente. Por ejemplo ahora que se va a reconstruir la velaría, el piso de la velaría, ahí si vamos estar presente revisando que no haya que no aparezca bajo la superficie que van a remover que no aparezcan vestigios

*(Y los objetos que traen los familiares?)* Los objetos que traen los familiares, las donaciones también se guardan, tengo un depósito de colecciones que se acondicionó para funcionar como depósito de colecciones, se controla el clima del interior para evitar corrosión.

Este es el único sitio en Chile donde hay conservador, ha sido interesante también comunicar a los colegas y a otros sitios comunicarles lo que se hace, precauciones que hay que tomar, por lo menos aquí en el equipo de trabajo se han recibido muy bien, por ejemplo pedirles que cuando hagan visitas guiadas observen algo que está fuera de lugar o aparece un fragmento de algún objeto avisen. Eso ha funcionado bastante bien. Se ha creado una consciencia por lo menos aquí en la Villa Grimaldi, de que cada objeto es valioso por su historia, por su potencial historia. Ahora faltaría un poco estudiar estos objetos y documentar la información que puedan tener. Claro, nunca hay mucho tiempo, trabajo media jornada y en esa jornada aparte de eso hay que hacer muchos otros trabajos así como ayudar a otras áreas o apoyar en trabajos más administrativos.

*(Entonces archivo oral y el CEDOC también están involucrados con lo que haces en el área museo?)* Si, esa es la estructura que aquí se tomó , es raro que un museo sea una entidad al interior de una institución, normalmente el museo es una institución, pero nosotros somos un departamento dentro de esta institución porque se empezó a buscar la forma de musealizar el espacio del parque para comunicar con las herramientas de la museología la historia de que aquí aconteció

*(Por ejemplo si en un testimonio así del archivo oral hablan de algún objeto, haces relaciones?)* Yo no tengo tiempo de hacer eso porque los testimonios son larguísimos pero esto es un tema de investigación que queremos impulsar. Quizás ayudarnos con estudiantes en práctica, pero es interesante relevar de la información de nuevos testimonios, pero cuando se mencionen objetos, se mencione la estructura arquitectónica para poder alimentar esta documentación de estos objetos, que no sean solo objetos vacíos de contenido, sino que empiecen a tener informaciones sociales. Hay una ficha pero si no hay historia o no se conoce la historia, se deja el espacio, pero la idea es ir alimentando esa información, en un museo eso va creciendo día a día, va nutriendo una base de datos. Es un trabajo permanente.

## **Entrevista Roberto Fuertes**

### **Área Museo**

#### **Coordinador del Museo Parque de la Corporación**

Soy Coordinador del Museo Parque de la Corporación desde el año 2012. Esa función, Coordinador del Museo, tiene un origen que fue el proyecto museo, que se desarrolló entre 2010 e 2011 tenía que



ver con implementar museo de memoria y derechos humanos en lo que era el sitio donde funcionó este sitio de detención que es Villa Grimaldi. La corporación se funda en el 1996, y el parque se funda el 1997 por lo tanto, ya había varios años de funcionamiento. Es el primer sitio recuperado en América del Sur relacionado a las violaciones de los derechos humanos y por lo tanto el sitio pionero en varios aspectos. La gestión del sitio ha pasado por varios momentos principalmente la primera etapa gestión que fue realizada por familiares, voluntarios, ex presos políticos, total todo ha tenido una evolución de algunos años de trabajo, principalmente focado en la reparación de las víctimas asociado a los derechos humanos y a focar en espacios que permitieran difundir y promocionar los derechos humanos desde la educación. Entonces en 2010 ya con varios años de recorrido, la Corporación decide participar e impulsar este proyecto del museo. Pero un museo con características bien particulares, no es un museo conceptualmente clásico. Lo que se aspiraba era tomar como ejemplo algunos museos y sitios de memoria de Europa, principalmente relacionados con holocausto e impulsar líneas que proyectaran a la corporación desde la mirada del museo. Que pudieran impulsar el trabajo a futuro e incorporar todas las cosas, la pre-existencia que ya habían en el lugar, las funciones, las carencias, como por ejemplo había ya un área de educación que venía funcionando ya ha mucho tiempo con visitas guiadas, la cantidad de actividades de conmemoración relacionados a las víctimas, también hay conmemoraciones internacionales de derechos humanos, etc. y una constante en aumento en actividad de visitas al lugar de públicos que muchas veces por primera vez se acercaban al sitio e por primera vez a la temática de derechos humanos. Entonces en ese contexto hay que pensar que coexistieron el museo de los derechos humanos que hoy día existe, el museo que conocemos en el centro de la memoria de derechos humanos. Se inauguró en 2010, justo el año del terremoto y estuvo cerrado como un mes. Justo cuando nosotros también estábamos desarrollando en paralelo ese proyecto. Entonces, ese proyecto trataba de canalizar de sintetizar todas esas pre-existencias, esas funciones que el sitio venía desarrollando junto con la corporación y trataba de proyectar este trabajo. Entonces el proyecto se contrata una cantidad de profesionales del interdisciplinario, había gente del mundo de los museos, de patrimonio, había gente socióloga dirigiendo el proyecto, había gente que venía de las ciencias sociales, de la historia, abajo un grupo que fue cambiando a lo largo de este proyecto. Y después de un proceso largo, consultivo que participaron con varias metodologías participativas, tanto la corporación, grupo de sobrevivientes, presos políticos, familiares, gente del mundo académico, se hicieron varios seminarios internacionales, se consultó la opinión de expertos extranjeros, museólogos, con gente asociado a la memoria, etc., se concluyó ese proyecto el año 2011 con la propuesta que hizo este equipo en la cual la mirada este museo tenía que ser una mirada nueva fresca, el concepto museo como que de alguna forma queda corto, hay que inventarlo. Los museos en el mundo también se están repensando y se están reinventando, y también el concepto patrimonio apareció con mucha fuerza durante el proyecto, cosa que no había ocurrido los años anteriores por las corrientes del patrimonio. Entonces finalmente se optó por hacer un proyecto muy propio de Villa Grimaldi y bajo la mirada conceptual del mundo. Concepto museo de Sitio. *Museo de sitio* es un concepto que arranca del museo arqueológico donde tu trabajas no con la colección que obviamente también la tenemos en exclusiva, sino también el relato y la principal colección del patrimonio, del acervo cultural que “habla” es el sitio, es el espacio, que es esta hectárea, el Parque por la Paz tiene diez mil doscientos metros cuadrados. Entonces, si bien, sobre el sitio en superposiciones de memoria por llamarlo así, un anterior al golpe militar el año 1973, luego lo que fue el cuartel realizado pela dina durante la dictadura, llamado por ellos de cuartel terranova. Luego el proceso de la construcción del parque, donde se recupera. Hay varias superposiciones, el parque en sí mismo canaliza, atesora las memorias de los propios sobrevivientes. Una vez que este museo se abrió fueron capaces también de contar y de narrar desde el espacio de pesar que fue mayoritariamente arrasado en un intento de ocultamiento. Entonces, en esa perspectiva se concluye el proyecto y la corporación incorpora, pone mucha atención del directorio en ese momento a lo que había emanado este proyecto y busca intentar darle continuidad y a futuro construir dependencias nuevas, edificios... incorporar tantas miradas nuevas al patrimonio. Se termina el proyecto y se genera el área del museo y a partir del año 2012 yo dirijo esa área de museo y para eso había también que conformarla. El área se conformó por gente bastante especializada, hay una conservadora, una experta de archivos, un profesional de la catalogación y yo que vengo del

mundo del patrimonio y coordinamos el área con estas personas y Anahí Moya que está encargada del archivo oral que es una de las principales colecciones. El archivo oral está constituido por el relato de los sobrevivientes de Villa Grimaldi. Se conforma este equipo y empezamos a funcionar en torno a lo que ha sido los postulados, los lineamientos y en paralelo en el año de 2012 la Corporación da un paso importante en su gestión y se conforma un equipo de trabajo que desarrolla una planificación estratégica donde queda mucho más clara la visión, misión, objetivos y los equipos profesionales que se hacen necesarios para su objetivo y para llegar a cumplir esa misión/visión.

*(Ahí tuvieron alguien como relacionador público?)*

Claro, tanto en el proyecto museo como en el caso de la planificación estratégica se contó con varias instituciones de apoyo y en determinado momento se contrató una consultora que fue la encargada de dirigir el grupos focales, de los encuentros que hicimos con la comunidad al interior de la Villa que participó en la planificación estratégica, que fue un proceso participativo bastante largo, a veces complejo con muchas miradas diferentes sobre que debe ser el sitio. Eso permitió canalizar las grandes miradas que canalizan consensualmente hacia donde debe caminar. Lo que pasa es que primero estos lugares no tienen muchos referentes institucionales y segundo aunque así lo hubiera, cada sitio cada experiencia traumática cuando hay sobrevivientes también es muy diferente, caso la ESMA en Argentina, en Chile también varios sitios más se debaten muchas veces en distintos tipos de conflictos y lo importante es cómo administrar los conflictos en las distintas miradas. Entonces ha sido muy positivo contar con una mirada externa, profesional, como una consultora, y que finalmente también participativamente fuéramos llegando a esas conclusiones que finalmente terminan en esta planificación estratégica. Los equipos profesionales que hay hoy en Villa Grimaldi somos cerca de 20 profesionales, está el área de educación, museo, comunicaciones y hay un área administrativa que tiene que ver con el manejo de los fondos, recursos humanos, etc. En todo este tiempo el sitio cumplió 20 años de su recuperación, dos décadas, los contextos han cambiado tanto nacional como internacional, las necesidades funcionan demandas hacia estos lugares. Eso hace también. Eso hace con que se reflexione sobre estos espacios y más sobre su condición futura porque este tipo de lugar en el caso chileno, al no haber una política pública de memoria desde el Estado existe que la sociedad civil organizada, la que ha levantado estos sitios, y el tema del financiamiento, las gestiones han quedado también muy a merced de estos grupos, con todas las dificultades que eso trae, aspectos difíciles para las gestiones como podría ser la autonomía probablemente así como incertidumbre en el tema financiamiento.

*(Hay una red de sitios de memoria de Chile?)*

Si hay una gran red. Nosotros trabajamos en varias redes, podemos decir hay una red de sitios y también otras redes con las cuales hacemos un trabajo conjunto, hay una red de archivos orales, documentales. No solamente están los sitios, también están otras instituciones relacionadas con el tema, hay una red educativa, de derechos humanos. Cada sitio tiene su autonomía y particularidades. En los aciertos y desaciertos también. El Estado ha tenido una posición de subsidiar, pero no hay una política pública en este momento. Esperamos novedades para este año a respecto a eso. Entonces hay un proceso interno de profesionalización de la labor.

*(Como nombro el sitio, memorial, sitio de conciencia, museo?)*

Es un sitio de memoria, se diferencia del memorial porque es donde ocurren los hechos. Tienen la experiencia territorial de la memoria. Dentro del sitio de memoria Villa Grimaldi hay memoriales, de mucha significación obviamente con un valor súper grande para el colectivo, para las familias, para las víctimas. Adentro del Sitio de memoria Villa Grimaldi hay varios memoriales, puede estar en una calle, en una placa, en una baldosa, un memorial más grande, un espacio construido para un memorial. Un sitio de memoria también puede ser un lugar elegido. Sitio de conciencia es un concepto que también usamos, se ha instalado también por lo que es la Colisión de los Sitios de Conciencia. Abarca mucho más que un sitio donde ocurrieron los hechos, pueden ser espacios institucionales, pero el objetivo de crear conciencia es común. La participación que tenemos nosotros que es una organización mundial estamos agrupados por continentes, - Red latinoamericanas de los sitios de conciencia, pero también hemos postulado a la organización central de estos sitios de memoria, digamos son conceptos de un fenómeno ampliado por el uso que se le

ha dado. De conciencia porque aspira a generar conciencia a sus visitantes. La gente que está cercana.

*(O sea, como fue el primero sitio a otros que empezaron a ser construidos, con apoyo de Villa Grimaldi?)*

Claro, eso hace que se lleve la experiencia a otros sitios, es muy útil conocer estos espacios para saber cómo ejemplo cómo se gestiona, como se hace con las memorias, como se preserva, como se transmiten los distintos aspectos de la memoria. Materia, inmaterial, oral, el tema espacio, el público, lo institucional, el financiamiento. Todo eso sirve evidentemente para nuestra experiencia y parte también de nuestra misión es servir y apoyar otros sitios, si bien trabajamos con la memoria en Villa Grimaldi digamos territorial, pero nuestra misión obviamente es impulsar los procesos de memoria a nivel nacional incluso continental. Principalmente relacionado con Chile obviamente. La lógica de la política carcelaria de la dictadura en el sitio, lo era para muchos de los presos que por aquí pasaron. Reconstruir un poco toda esta historia implica también trabajar con otros espacios para ir animando este público que la dictadura militar dejó sin mayores informaciones, tanto hacer una reconstrucción desde las propias comunidades y colectivos relacionados con las víctimas. Hay un segundo impulso de nuevos sitios que están intentando conformarse y empezar a funcionar. Eso implica también que se nos acerca a conocer nuestra experiencia y nosotros los apoyamos en todo lo que podemos. Es como una segunda oleada que tiene que ver con el tema biológico y el envejecimiento de muchas personas generacionalmente, el cambio que pareciera dar la sensación como el último impulso que podría formarse, en contar con espacios que sirvan como un sitio que en el futuro serían más difíciles. Por eso a pesar de que hoy día han pasado tantos años desde el fin de la dictadura, siguen los proyectos que están levantándose de nuevos sitios. Cada colectivo busca recuperar la memoria. Y en eso estamos hoy en día, apoyando tanto la labor interna de Villa Grimaldi como también el apoyo a otras instituciones nacionales, incluso internacionales, a veces se producen intercambios de correo, de proyectos que se puedan hacer en forma conjunta, etc.

*(Como es tu formación?)*

Soy profesor de historia, luego estudié antropología - enfoque en patrimonio y luego master en Didáctica del patrimonio, en Patrimonio y cultura, en la Universidad de Barcelona, y a eso me dedico en el último tiempo.

*(Algo más que puedas acrecentar, algo que te marcó?)*

Este es mi 5 año acá, yo conocía Villa Grimaldi de antes, y ahora tuve la oportunidad de viajar por el mundo y conocer a museos y sitios, sigo pensando que el Parque por La paz es hoy un sitio absolutamente único, muy potente, muy particular, y muy vivo. Los lugares que he conocido siempre tienen el lenguaje del arte está muy presente o sea es muy difícil que la memoria o los sitios no consideren el arte como uno de los canales comunicativos acerca del público. Seguramente eso pondera varias cosas me imagino que una de ellas es lo abstracto del arte también permite contar las atrocidades de otra forma, permite un acto artístico bien simbólico.

Lo peor que le podría pasar a la memoria es estancarse. Y la memoria, a pesar de tantos años del fin de la dictadura, y parecer que el tema se va enfriando, saliendo de la primera línea de los temas sociales, políticos, sigue siendo un lugar absolutamente vivo. El estar acá y ver todo lo que pasa durante el año, la cantidad de gente que nos visita, que está en aumento desde los últimos dos años. A pesar del lugar semi-periferico que está la Villa, estar fuera de los circuitos culturales de la ciudad, a pesar de todo eso el flujo de personas que nos visita es muy notorio, muy valioso, además que la mayoría de ellos, el 70%, es gente joven - que no vivieron una dictadura militar - entonces es la primera vez que tienen un acercamiento con este tipo de temática en un sitio de memoria. y también que el sitio junto a toda su agenda conmemorativa, relacionada a temáticas, conciertos, conmemoraciones de días importantes como el día de la mujer... es un sitio muy vivo, con mucha dinámica, que muchos colectivos lo sienten muy propios y hace que estos grupos estén permanentemente muy conectados con nosotros. Y exige también que los grupos profesionales estén siempre proyectando y siendo muy pro-activos con respecto a lo que va ocurriendo en la gestión. Demanda una serie de respuestas de nosotros y eso hace también que el lugar sea un desafío interesante para los que trabajamos acá.

## APÊNDICE E – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM OS VISITANTES

### Entrevista 1

Nombre: Ariel Elías Araya Piña

Edad: 22

Ocupación: Estudiante de Ingeniería

Nacionalidad: Chileno

País de residencia: Chile

1. Se tomó la visita ( ) individualmente ( x ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? ( x ) Sí ( ) No ( ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 2h 30min

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? 1

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Yo creo más que nada, por mí, es hacer consciencia nacional y revivir ciertos documentos o historia en cierta forma. Pero en sí es como hacer consciencia, que para mí es lo que más llama la atención.

Lo que me impactó más fue el lugar en que se hacían los centros de tortura, la reconstrucción que se hizo, y lo explícito que eran en colocar cuál era su función. Como por ejemplo decían “centro de tortura para mujeres” con tal y tal forma. Y lo específico que fueron. Y lo cruel que suena ver cómo fue. Eso fue lo más impactante que me llegó a tener en Villa Grimaldi.

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Cultura. Aprender y saber un poco más de lo que pasó. Porque no toda esta información se da en libros, ni nada. Y menos en fuentes que no son muy fidedignas como internet.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

Me imaginaba algo menos estructurado, con carencia de cosas, por el nombre lo que intuía. Ahora algo súper completo, artístico, por ejemplo, como más conceptual, como lo que me explicó Karen, en el cubo, la intervención que hicieron los artistas lo encontré súper completo.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Es un lugar donde uno puede revivir ciertos hechos, los cuales hacen que te vayan inculcando ciertas formas de pensar, en impulsar como cierto tipo de información, que hay gente que no lo saben, yo tengo amigos que no conocen lugares como este, o que no tienen iniciativa, o que menosprecian a Santiago, siendo que Santiago tiene mucha información y cultura en lo que la gente no lo ve, como los que van solamente al mall.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Súper completa. Me gusto porque se hizo una locución entre en grupo y la guía. Y eso me gustó mucho.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? Cuáles?

Sí. Partí por el Museo de la Memoria, que es el lugar como más genérico, donde te dan el instructivo de los lugares para visitar y todo eso. En cierta forma fui a La Chascona, una casa de Neruda, donde explican un poco de esto. Como la intervención que hicieron en esa época y todo eso. Esta por Bellavista en Santiago. Y Londres 38, también con visita guiada, y eso que me hizo el impulso por seguir conociendo. Es una casa chiquitita, con guía es súper completo. Porque no es como acá que hay artillugios, te explican lo que pasó y todo. Está un poco más completo que acá, que ya se demolió.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

Igual tengo un poco claro pero... Yo creo que se abusó de... Lo que tenía entendido antes que no había algo certero de los derechos humanos y después, al momento de llevar todas estas cosas, de darlo a luz que se fue consolidando y obviamente la opinión cambió. Como el asunto de las violaciones, que tenían que separarse en dos formas, lo que era la tortura y aparte lo que era la violación.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

100%. Siento que revivir todas estas especies de fragmentos y estas asociaciones como que culturales, artísticas también hacen cambiar un poco el pensamiento. Pero si, el 100%.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

Espectacular. Siento lo que se llegó a privar un poco era charlar, hablar, discutir. Y en estos sitios por ejemplo uno puede hacer eso. A parte más que nada adquirir información, discutir. En ese tiempo era lo que le privaban a los intelectuales. Siento que si se revive eso la gente tiene capacidad de elección, de hacer conciencia, de hacerse cargo de uno mismo. Cuando uno siente una opinión, o la tiene más concreta, es cuando tiene oportunidad de intercambiar. Y así uno se va formando como persona y tiene sus ciertos aspectos de lo que tiene o quiere impulsar. Este tema lo he conversado obviamente con mis cercanos, mis amigos, para impulsar esto (*referindo-se ao tema do golpe militar chileno*).

## Entrevista 2

Nombre: Ángela Muñoz Gesell

Edad: 21

Ocupación: Estudiante de Ingeniería Comercial

Nacionalidad: Chilena

País de residencia: Chile

1. Se tomó la visita ( ) individualmente ( x ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? ( x ) Sí ( ) No ( ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 2h 30min

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? 1

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Yo creo que el propósito de todo esto es como mantener viva algo que todo Chile debe saber. Algo que va a vivir con nosotros, toda la vida. Más notable estuvo que las personas cooperen mucho en todo esto. Que sostengan todo esto, que se mantenga solamente con la ayuda de las personas que estén muy interesadas y se ha mantenido súper bien, se ha entregado cosas súper importantes y que son de mucho valor. Y eso me gusto más, lo noté mucho.

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Vine porque una vez unos compañeros de colegio hicieron un recorrido acá, y la cosa es que ahora me llamo la atención de nuevo.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

Yo creo que vine con la misma idea que tengo ahora. Porque li artículos, mis compañeros me habían hablado. Es lo que esperaba.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Un lugar donde las personas puedan aprender y generar nuevas ideas.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Llenadora, me culturalizo mucho más. Algo que yo no tenía antes. Fui al Museo de la Memoria pero creo que esto es mucho mejor, mucho más dinámico. Uno experimenta más cosas. Me gustó mucho más.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

El Museo de la Memoria. Creo que iré a Londres 38, porque me llama la atención.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

Es algo que todos tenemos. Todos tenemos derecho de exigir. Mi idea no ha cambiado, sigue la misma.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Si, si puede emitir. Pero encuentro que es mucho más entretenido y que te entra mucho más. Porque uno experimenta más cosas, es más dinámico, uno puede ver directamente, o te dan físicamente las cosas. Entonces hay personas que aprendemos más visualmente que escuchando o leyendo. Mucho más sensorial.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

Esta súper bien planteado acá. Te lo presentan con estructuras. La persona que te hace la guía te va comunicando las cosas, y esta superbién lo que están haciendo, me gusto como tienen todo.

### Questionnaire 3

Name: Roman Kuemin

Age: 26

Occupation: Nurse

Nationality: Swiss

Country of residence: Switzerland

1. The visit was made (  ) or individually (  ) in a group?

Was accompanied by monitors? (  ) Yes (  ) No (  ) Audio guides

How long was the visitation? 1 h

How many times, including this one, have you visited Villa Grimaldi? 1

2. In your opinion, what is the purpose of this memorial? What was more present for you?

The most impressive the garden with bunches, were the cells are, where the torture was during this time, also the rose garden, were very impressive, with the speech "we were all queens". Very impressive. And to remember these things happened here. I didn't knew anything about this when I came to Chile, I heard about Augusto Pinochet, but I didn't realize what happened in this time, and it's really not good.

3. What is the motivation of your visit?

It's to learn something about this time with DINA and Dictatorship of Augusto Pinochet. To learn what's happened here and why.

4. What was your idea of Villa Grimaldi before this visitation? And now?

I thought there are still this Villa here, and the park around, and some memorials of that time. I think it's more impressive without the construction. To know that was here and it's no more. It should never come back.

5. For you, what is a site of conscience?

Conscience... it's to remember, to sight, to remember here. It's a place where you'll be remember by signs, something's to remind what happened here, to think about. I don't know if you have ever been to Berlin, there's a huge monument there from Holocaust. There's something you have to think about. You see it and you automatically begin to think about and ask yourself why. And thinking why, and "it should never happen again".

6. How would you describe the experience of your visit?

The experience it's like... sad feelings about this time, for the people. But I also think about people whom did this crime. Which are responsible for all these things, and I wonder if all the people really wanted to do what they did. That's the history about the young soldier who tried to help the prisoners and was murdered. Also think about the people who did this and if they wanted to do. I don't think so. I think they were also on the pressure of the governments for the dictatorship, and also think about this people, forgive them, for what they did. Also hope that family of murdered people can forgive people. Because time can change us all. Also for the peace of the families, that's important to forgive sometimes.

7. Have you visited other sites of conscience, memorials? Which ones?

- Berlin, monument of the Holocaust.

- Konzentrationslager, Alsace, France, near to Swiss border, Basel (1h car).

Not that big as Auschwitz, it was smaller. But also really impressive, when you see the XXX were people were hanging up. There's still there, that piece of wood. It's were the nazis killed their "enemies".

8. What was your opinion on Human Rights before the visit? And now?

My opinion about human rights is still really high, it the most important thing in the world for the human. I'm a nurse, so I think about these things and I see a lot of crime to, also in Switzerland, we are a rich country, there are crimes happening... sometimes human rights doesn't look for everyone. Like the government and the police in Switzerland if they looked at the human rights, if they followed this... but there are people in Switzerland which don't look at this. So there's like big political parties which tries to stop immigration to Switzerland, and put all them out, and also decent if are accidents and they were followed by police and home country. and if they do some crimes in Switzerland they will be pulled back, even if they know they can be murder there. That's not human rights in my opinion. I hope that people can disport anytime. There's still a lot of people who doesn't want foreign people. They are sad about Africa, they can send some money, but they don't want them to come to their country, they have fear of foreign cultures. A kind of a xenophobia.

Me, myself I'm traveling about 2 and half months in South America. I'm willing to see the world and learn other cultures, and also learn about what this learning is doing to me. My opinion has changed a lot through this 2 and half months. I'm not a local. I'm a foreign people. And to be a foreigner it's a good experience. When I'll be back in Switzerland I will know a lot about being a foreigner, when I see a foreigner in Switzerland. Sometimes It's a really good experience but it also can be a bad experience.

9. Do you believe that the memorial Villa Grimaldi can transmit information as well as other classic means of communication as radio or newspaper?

I think it can transmit information better than some other medias. Because when you are and you see all these things you begin to think about. It's better when your here. Is not like seeing images, or just read about it.

10. How do you see the communication in this site of conscience?

It's a really good communication, this park, and all the monuments, and rebuilding's, and audio guides... to learn something about this time what happened here. Remembering how good it is in Switzerland. I hope people here can have a good life as I have in Switzerland. I hope the people that have been torture find some peace for themselves wherever they are now.

#### Entrevista 4

Nombre: Jorge Munita Castillo

Edad: 66

Ocupación: Jubilado

Nacionalidad: Chilena

País de residencia: Chile

1. Se tomó la visita ( ) individualmente ( x ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? ( ) Sí ( X ) No ( ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 1h

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? Muchas veces. Mi hermano encabeza el listado de los primeros torturados y ejecutados en este lugar. Su nombre está en primer lugar en el Muro de los Nombres. He venido 20, 30 veces.

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Creo que es poder difundir el horror que se instaló contra la humanidad por los militares. Para que no se vuelva a repetir. Hay que aprender de este museo. Bueno, todo me parece muy bien hecho... La Torre, Los Rieles... solo imaginar lo que hacían con los rieles, ningún ser humano sano podría pensar.

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Divulgar y divulgar. Traje a dos amigas holandesas para que conozcan. Es nuestra tarea. Divulgar para que se haga justicia. Aun la justicia no llega. Solo para citar un ejemplo, como no llega la justicia: En este momento, 6 de febrero de 2015, existe un barco de la marina con el nombre Marino, de los cerebros y miembro de la dictadura, que prestó los barcos de la marina, del estado, para matar gente, para botarlos al agua, al mar. Hoy día hay un barco con un nombre de él. Yo entiendo que poder un nombre de alguien en un barco es un reconocimiento por su gestión, por su labor, su entrega, su dedicación a la institución que corresponde o al país. Solo para ejemplarizar esto, pueden ustedes imaginar Ángela Merkel hoy, aceptando un barco de guerra con el nombre Adolph Hitler? Es exactamente lo mismo. El mundo se le va en cima. Alemania se le va en cima, y a ella la echan en media hora. Sin embarco acá en Chile eso está permitido y no podemos hacer nada. Eso son estados de injusticia que agravan el dolor de las víctimas.

Ellos juegan a que el tiempo olvide. Porque argumentar "es solo un nombre"? Bueno pero adonde están los cuerpos de esas víctimas, que es más que un nombre. A mi hermano, Patricio Munita Castillo, lo sacamos del patio 29 del cementerio general. Lo llevaron en un carro de traslado de pollos. Él era dirigente fundador del MIR.



4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

Algo atroz, es difícil describir. Pero para mí siempre fue algo tremendamente atroz. Y hoy día todavía lo puedo sentir. Gente clamando por su vida, sufriendo, gente indefensa, no estaban armados, mujeres embarazadas, vejamen de toda situación. Venir acá es reiterar el sufrimiento que hubo para dejarlo para las próximas generaciones.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Es un sitio de pensamiento, de poder separar lo bueno de lo malo.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Hasta hoy día, después de 42 años de sucedido el crimen de mi hermano sigue siendo muy duro para mí. Y para mi familia completa. Es algo que no se supera. Porque fue traumática la forma. Si fuera una muerte por enfermedad y poder hacer un duelo, uno lo procesa pero en este caso tampoco hubo un duelo. Culturalmente a un ser humano, desde miles de años, se le ha dado un entierro a un muerto, como corresponde, con respeto, un ritual. Aquí no hubo nada, fue enviado en un camión de pollos, repartidor de pollos, como carne muerta, para ser enterrado sin el mínimo respeto, nosotros para sacarlo del cementerio fue en media hora, de lo contrario tomaban el cuerpo de nuestro hermano, y de hecho a su compañero Bautista Van Schouwen Vasey fue quemado para que no quedaran rastros, una vez que nosotros sacamos a nuestro hermano. Es literalmente lo que hace un criminal que ha hecho algo ilícito. Limpian sus huellas. Aquí quisieron limpiar sus huellas quemando el cuerpo. Esas son mentes criminales que aun caminan inmersos en la sociedad y a veces dictando normas de moral. A veces yendo a las iglesias hablando del bien y del mal. Hay un vice comandante jefe del ejército que da la comunión el día domingo. No sé si el Diablo que va atrás de Dios... no entiendo! o es tanta la necesidad que alguien reparta la comunión que tanto hace si es un criminal o quien sea. Pero no puede ser! Ha causado daños irreparables. A lo mejor el no directamente. Pero cuando tuvo la oportunidad de poner a disposición los criminales en la justicia. Pero si no cooperan pasan a ser cómplices. Portanto tiene una pena, portanto el día domingo reparte la comunión *[observação da entrevistadora: o tom foi irônico]*.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

- Museo de la Memoria
- La moneda
- Auschwitz

Son cosas que tienen que estar. Obviamente los que participan en los crímenes quieren que eso se cierre. Porque les debe molestar que los mires a los ojos, por decirles la verdad.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

La vida hay que respetarla. Yo creo que si haces algo fuera de la ley debes recibir talvez un castigo porque la ley ordena a los habitantes de este planeta. Pero hay otras formas de castigo pero no tomando la vida. La vida nadie la puede tomar. Te podré mandar a prisión eventualmente, pero no tomarle la vida. La vida es lo máximo.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Todo transmite, aunque sea pequeño, pero el océano está compuesto por muchas gotas de agua. Y esto será una gota grande o una gota chica, pero siempre es positivo. Y por eso divulgamos esto. Y tú ves estas dos amigas holandesas están bastante impactadas, y van a divulgar en su país. Pero creo que en Chile falta más divulgar por la televisión, y dar nombres, directo. Como es posible que ese vice comandante este dando la comunión en la iglesia! Mostrarlo! No hay que ocultar la verdad. Porque no pueden hacer un programa de televisión : "Mira señor, él fue vice comandante del ejército, tuvo la oportunidad de poner a disposición de la justicia a los criminales, pero no lo hizo. Que le parece?". La prensa acá es controlada en un 99% por la derecha. Es una obligación nuestra divulgar

la verdad. Esto debería ser enseñado en los colegios. De lo contrario esto va a volver en 30, 50 años más. Exactamente lo mismo.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

A mí me llega, será porque soy más sensible? Cuando se cumplió 40 años del asesinato de mi hermano. Ah, y por favor toma un libro y un cd que lo deje allá. Y la gente lloraba, gente de derecha, y de izquierda. Habían amigos nuestros muy de derecha, que quisieron acompañarnos y quedaron muy impactados, fue la primera vez que lograron venir acá. Y quedaron muy agradecidos de la oportunidad que se les dio de haberles mostrado esto. Entonces la conclusión es, vamos bien, sigamos divulgándolo.

## Entrevista 5

Nombre: Valeshka Araya Román

Edad: 39

Ocupación: Mecánico de Manutención

Nacionalidad: Chilena

País de residencia: Chile

1. Se tomó la visita ( ) individualmente ( x ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? ( ) Sí ( x ) No ( ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 30 min

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? 2

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

De recordar a los detenidos que trajeron acá, a este centro de tortura. Lo que estuvo más notable fueron las flores, las rosas. Eso encontré que es lo más simbólico de todo lo que hay acá. Por lo menos a mí me llama la atención esa parte. Lo demás es como que fuerte. Los rosales son como lo más importante. Siento yo. Creo. Se ve como que hay algunas más bonitas, otras no. Pero eso fue lo más importante para mí.

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

A la primera vez que vine, y ahora la segunda vez, me causa rechazo. Desde que ingresé, es como que me pasa algo así, que se me pone la piel de gallina, algo así, que es fuerte. Y bueno vine porque mis hermanos vinieron de Alemania y querían conocer a este lugar. Pero me cuesta venir. Me cuesta mucho. Soy nieta de dos detenidos desaparecidos: Bernardo Araya Zuleta y María Olga Flores Barraza. Que fueron detenidos el 2 de abril del 1976. Mi abuelita aparece en los rosales.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

Solo que era un centro de tortura. Nada más. Ahora que se ve que es un parque, lleno de árboles, pero solo eso. Me genera bastante rechazo. Es como que uno siente como una energía.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Es como tener consciencia de lo que la gente hizo en este lugar, que fueron cosas terroríficas. Cada vez que uno pasa y están los nombres de los lugares de tortura, y lo que hacían en cada lugar. Bueno las personas que lo han hecho no creo que tengan su consciencia muy descansada. No creo.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Mi experiencia es que las dos veces que he venido, en la primera hable de mis abuelos, me genera igual como que algo negativo, muy fuerte. Porque es fuerte. Yo entro y es una cosa como que escalofriante. A pesar de que está lleno de árboles, escuchar los pájaros. Es fuerte.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

Cementerio General, pero no me provoca tanto como me provoca acá. No es lo mismo.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

Es: "Que derechos humanos?" Acá en Chile, todo lo que se hizo con toda la gente, que mataron, que desaparecieron... y hasta ahora a esta fecha del 2015, que supuestamente estamos en un país democrático no han hecho muchas cosas. Ninguno de los gobiernos, falta mucho.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Si, por supuesto que sí. Es importante tener recuerdo, que los jóvenes se acerquen, que vean la situación que paso acá. Porque esto no es mentira, es algo verdadero, que paso en Chile. Y hay mucha gente que no entiende, y no cree. Y muchos jóvenes indiferentes. Pero yo creo que es importante, esas cosas que pasaron no se tienen que echar al olvido.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

Es buena! Tuvimos una buena recepción, a mí no me gusta ir a museos con guías. Prefiero que sea sola. Cuando llame por teléfono, cuando busque información en google. Todo bien.

## Entrevista 6

Nombre: Marianela Natacha Reichel

Edad: 44

Ocupación: Asistente Social

Nacionalidad: Alemana, nacida en Rusia, padres chilenos.

País de residencia: Alemania

Nacimos en Rusia, en Moscú, mis padres estudiaron allá en los años 1960. Después volvimos en 1972 y estuvimos casi dos años viviendo en Chile hasta que llego el golpe en 1973 y mi mami lamentablemente fue perseguida y tuvimos que salir de Chile en enero de 1974. Teníamos 3 y 4 años. Tuve que elegir por la nacionalidad alemana, pero mi corazón va a ser siempre chileno.

1. Se tomó la visita ( ) individualmente ( x ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? ( ) Sí ( x ) No ( ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 30min

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? 2

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Lo encuentro muy bien. Es lo que tenía que ser, porque han sufrido muchos chilenos y muchas familias que han desaparecido. Como nuestra abuelita María Olga Flores Barraza estuvo aquí y fue detenida el 2 de abril de 1976. Con mi abuelito. A nuestros abuelos los separaron, a ella la trajeron para da, pero a él no sabemos para donde lo llevaron. No se sabe. A esta fecha, pienso que está muerto.

Me gustó mucho el jardín, lo que han hecho para las mujeres que estuvieron aquí detenidas. También las piedras que han hecho y puesto en los lugares (señalización).

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Primero, porque estaba mi abuelita aquí, y también ver lo que han hecho aquí, la DINA y todo esto. Como nosotros vivimos afuera de Chile, siempre se sabe algo través de la noticia, pero es algo importante estar aquí. Es igual a los campos de concentración en Alemania. No se puede olvidar eso.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

Yo antes mire por internet, y lo vi en Alemania, y allí estaba todo muy bien explicado, en alemán!

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Más que nada recordar a mi abuelita. Yo lamentablemente la conocí cuando era muy chica, no tengo ningún recuerdo. Pero para estar cerca de ella. No sé lo que ha sufrido aquí. Lo que la gente que estuvo aquí.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

La experiencia... que siga este lugar como memoria y que ojala nunca mas pase eso acá en Chile.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

Allá en Alemania

- *Buchenwald Memorial* (uno de los más grandes campos de concentración en territorio alemán, entre 1937 y 1945);

- *Ravensbrück*, que era más para mujeres;

- *Memorial to the Murdered Jews of Europe*

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

Los derechos humanos han cambiado bastante, porque ahora Chile es democracia, y se pudo abrir y demostrar lo que paso aquí, en estos tiempos debajo de la dictadura. Por todo el mundo siempre se lucha por eso, pero no siempre están los derechos humanos.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Estar en este lugar es presencia. Uno está aquí y se lleva muchas informaciones. El año pasado compre un libro aquí, pero lo preste a mi mamá. Y también más que nada por la mamá de mi hermana, que también estuvieron aquí cuando de la inauguración, fueron invitados.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

Uno pasa en los lugares y ves todo bien señalados, y el año pasado estuve con audio guía, y explicaba muy bien todo. Pero lo encontré muy bien, todo fue muy bien explicado. Ah! Casi todos los alemanes saben lo que paso en Chile. Leen bastante sobre lo que paso acá.

## Entrevista 7

Nombre: Jeanette Vergara Torres

Edad: 45

Ocupación: Profesora básica

Nacionalidad: Chilena

País de residencia: Chile

1. Se tomó la visita ( ) individualmente ( x ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? ( ) Sí ( ) No ( x ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 1h 30min

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? Muchas, no tengo la cuenta!

Desde que antes que fuera Parque. Participe de los grupos del rescate de este espacio. Cuando empezaron los rumores que aquí se haría un condominio, la gente de La Reina y Peñalolén se organizó. Yo soy de Peñalolén así que empecé a venir ahí, en jornada de los derechos humanos, escuchando los testimonios de gente que paso por acá.

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial?

Construir memoria y que esto no se vuelva a repetir.

¿Lo que estuvo más notable para ti?

La vida. A pesar de todas las cosas tristes, la vida. Eso es lo que percibo todas las veces que vengo. Vengo todos los 11 de septiembre. Y ver a los niños jugando, eso es la vida. A pesar del horror la vida se impone.

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Traje a mi familia del sur para que conocieran este espacio. Con más detalles, con el audio guía, para que lo conocieran.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

Era un espacio cerrado, oculto, con murallas que no nos permitían ver, y nosotros sabíamos que algo había pasado acá adentro. Era eso de mirar por el agujero de la puerta, saber que lo que había ahí adentro.

Esto ahora es la memoria, la vida. Para mí eso es más fuerte a pesar del horror, del miedo, de todo se impuso la vida.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Es saber que sucedió, es que está hecha justicia y que no se vuelva a repetir. Porque nada justifica el horror que vivieron las personas que vivieron aquí. Los que vivieron la dictadura en general. Que no se olviden, no se olviden. Porque el ser humano tiene la memoria muy frágil. Y vuelven a pasar las cosas. Entonces eso es un sitio de memoria, de reflexión, de volver. Que las nuevas generaciones sepan. No con odio, ni nada. Que sepan el horror que podemos llegar como seres humanos.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Linda, me emociona. Siempre que vengo aquí me emociono. Llena de memoria, dejarle esto a las nuevas generaciones, a gente que vive tan lejos de aquí, en regiones. Sí, me puede contenta venir aquí, con ellos, que conozcan la historia.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

Estadio Nacional

Cementerio General

Cuesta Barriga (camino hacia Valparaíso).

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

Que falta más educación sobre los derechos humanos. Pero sí que después de la dictadura si se ha trabajado en eso. Es un trabajo de hormiguita. Y que lamentablemente después de los 90 se tornó un tema solo de las víctimas, y no de un país completo.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Si puede transmitir información. Pero de manera más cercana. Por ejemplo para los 11 de septiembre aquí vienen los que estuvieron aquí, y te cuentan a partir de su experiencia. Y hay mucha gente de Peñalolén aquí. Papás de amigos... Transmite información en un carácter más cercano, sensorial, de algo que está en mi cotidiano. Eso listado de nombres no son solo nombres, son personas que tienen familia, que existieron, que existen.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

Bien, creo que debería salir más en la comunidad, debería ser más masivo. Mucho más masivo. Divulgar más los Eventos, actividades, vengan a conocer. Mas promociones en los colegios para que se hable de los DH. Eso creo que falta un poco. Porque solo viene la gente que tiene consciencia, o

que vivió, o que conoce, muchos profesores de historia están trabajando y traen los jóvenes, pero mucho más, masificarlo mucho más.

### Entrevista 8

Nombre: Marcelo Guzmán González

Edad: 39

Ocupación: Artista

Nacionalidad: Austríaca y Chilena

País de residencia: Austria

1. Se tomó la visita (  ) individualmente (  ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? (  ) Sí (  ) No (  ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 30 min

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? 1

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Yo creo que recordar lo que fue, y que nunca más vuelva a pasar. Todo, desde la entrada, el puro hecho que exista este lugar, es muy notable.

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Quiero contar con Villa Grimaldi como patrocinador de un proyecto que tengo.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

Yo pensé que iba a ser un lugar mucho más aislado, no en una avenida justo a la calle, con colegios, vecinos. No sé cuánto tiempo tendrán esta infra estructura.

Es un museo bien impactante, impresionante e inolvidable.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Un lugar de conciencia es esto. Hoy en día todo lo que ya se sabe, lo que han hecho los militares, de lo que ha ocurrido en este país. El que defiende los militares es enfermo. Es realmente enfermo.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Emocionante.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

Bastante. El Campo de concentración de *Mauthausen-Gusen* en Austria. Es un lugar, un campo de concentración muy aislado, donde no hay nada, es lejos. Chacabuco, en el norte, tiene que ver con el proyecto que vine a presentar acá. Es un área salitrera en el norte de Chile que fue un campo de concentración, en la época en que Villa Grimaldi fue un lugar de tortura, y Chacabuco está completamente aislado, en el medio del desierto.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

Yo creo que es un derecho básico, el derecho de vivir en paz. Hubo una época en Chile que no existió, y por eso es muy importante un lugar como este, que eduque, que nos muestren.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Si, de todas maneras. De hecho cosas así como esto no van a salir en la radio o en la tele. Es muy difícil que el canal 13 o TVN hablen de Villa Grimaldi, lo mencionen si quiera. Los que llegan aquí han buscado la información en otro lado, lo no leyeron en La Noticia, La Cuarta o La Tercera.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

Este lugar comunica lo que hubo en Chile, una realidad que muchas personas no quieren aceptar. Que muchas personas no saben, no quieren aceptar, no quieren saber. Este lugar comunica esa información, que sí, esto pasó acá, que sí, personas fueron torturadas acá, si, personas fueron torturadas acá, si personas fueron asesinadas acá.

### Questionnaire 9

Name: Edward Rawlinson

Age: 18

Occupation: Student

Nationality: British

Country of residence: England

1. The visit was made ( ) or individually ( X ) in a group?

Was accompanied by monitors? ( ) Yes ( ) No ( X ) Audio guides

How long was the visitation? 1 h 30 min

How many times, including this one, have you visited Villa Grimaldi? 1

2. In your opinion, what is the purpose of this memorial? What was more present for you?

Two things probably. Firstly, raise awareness and conscious of the torture and of Pinochet's regime and secondly to prevent this happening in the future. It's all very special from me, I didn't know that much about it. From the European view we had the Holocaust but we don't really know that much about what's happened, so I think actually to find out about it from a historical perspective is really interesting. Yeah... Especially with the audio guide, they kind of brought it up from the ground even if there was not nothing there. It kind of make it alive so I think it probably would, even if I was to be thinking about torturing someone, it would stick in my mind.

3. What is the motivation of your visit?

Probably to find out more about Pinochet's regime, because it's obviously I'm not such a part in recent history, so I think the motivation is largely from that, to come and learn and to appreciate and to see the sacrifices that were made.

4. What was your idea of Villa Grimaldi before this visitation? And now?

Before I came, the only thing I've really seen was in the website and the notes on trip advisor... Both of those gave quite a... It didn't look particularly impacting... It look quite like a park. But now, especially with the audio guide, you can imagine what it was like and you can kind of almost see the people here, the sounds of what they say. It's a lot more visceral than it was before.

5. For you, what is a site of conscience?

Site of conscience... conscience... probably... like... Awakening and a moment of finding something that you didn't think of before... So, for example, here, I wouldn't have really like imagined spending the day today, especially in the heat there is here, is really like opening a new passage in my mind I didn't have before I would have thought torture was, torture lashing beating, but it's actually the mental stress... the incarceration is the trouble...

Human beings can be very creative.

6. How would you describe the experience of your visit?

Hurried, it's quite a good word, I think. We all came in here in quite a lighthearted mood and afterwards it's made we really think about it, and appreciate what we have, and there are people who really fought for the democracy we have, I'm quite pensive, thankful...

7. Have you visited other sites of conscience, memorials? Which ones?

I've been, in London, there is a Holocaust exhibition (the imperial war museum). That's the one I've been to. That, in a similar way, gives a personal touch. You see, I remember, the exhibition of the shoes they had, the clothes, you imagine them as real functioning human beings, as we have as well here in the *Sala de la Memoria*, we have some examples of their daily life, they were real people and they really did die for this cause. So that's what I can think of.

8. What was your opinion on Human Rights before the visit? And now?

Because we have the Human Rights Declaration in England, we keep to it quite well, I thought that human rights was solid, but you can see, and this was only 25/30 years ago, it was still contentious and human rights aren't guaranteed. So it's made me more aware of the need to enforce them and keep them.

9. Do you believe that the memorial Villa Grimaldi can transmit information as well as other classic means of communication as radio or newspaper?

Definitely. I was thinking, when I was listening at the audio guide, I could have had this given to me on the radio or in a newspaper I could have read the same article. I thought I was brashly absorbed as well because when you listen to it, you can see the place, you can see exactly where it was, and also forces you to sit down and actually think about it, whereas otherwise you could pause it.

10. How do you see the communication in this site of conscience?

I think a quite strong point of communication is the like interpersonal communication. These are different people to me, from different nationality; they all speak a different language to me. The causes that they fight for and their like motifs and morals and the fact that they died for this, it's actually very similar to my own beliefs and it kind of unites humans together. And it's kind of a communication between humans of different nationalities in different countries behind the same cause.

## Entrevista 10

Nombre: Anna Boden

Edad: 21

Ocupación: Estudiante

Nacionalidad: Australia

País de residencia: Australia

1. Se tomó la visita ( ) individualmente ( X ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? ( ) Sí ( ) No ( X ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 1 h

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? 1

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Es una pregunta muy difícil. Creo que muchas cosas. Para servir a una memoria de la gente que ha desaparecido y que fue asesinada. Para mí lo más notable fueron muchas cosas, pero los rieles del tren fueron muy notables, impresionante ver al botón que estaba allí. Fue muy impactante, emocionante. *And also the padlock at the door were really moving because they are in the original stay and no one else can enter that way.*

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Es para mejorar mi entendimiento sobre Chile y Sudamérica, y el impacto de los años 70's en Chile.



4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

*I didn't know about Villa Grimaldi antes de hoy. Now creo que sabré más sobre la historia de Chile y los impactos del comunismo y del movimiento. I'm happy I know about it. It's important to know about this things.*

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Creo que los árboles, todos los lugares de memorias, lugares de terror, que son importantes para nosotros, que necesitamos recordar todas las cosas que han pasado.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Yo describiría como un lugar bonito, pero también horrible al mismo tiempo, a pesar de tranquilo, todas las memorias traen cosas terribles.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

Si, Memoria Viva en Córdoba, Argentina. Anzack Museum, en Australia. Ahmed Yassin Memorial, en Gaza.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

Creo que derechos humanos son muy importantes en el mundo. Mi opinión es esa, no todos los países lo tienen. Es importante para todos, necesitamos derechos iguales para todos.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Sí, pero creo que el memorial es mejor que otros medios, porque es visual y también podemos tener información oral y visual al mismo tiempo, y aprender mejor. Ocupe el audio guía en inglés, pero si tuviéramos un guía, lo íbamos a querer en español.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

La comunicación es todo. Los árboles, pájaros, concreto, caminos, edificios y los nombres en el suelo, los muros, es todo. Esta por todo. Y en especial el jardín de rosas.

## Entrevista 11

Nombre: Natálio Sedini Vergara

Edad: 48

Ocupación: Profesor de Estado - Profesor Básico con Mención en matemática Magíster en Gestión de Colegios.

Nacionalidad: Chileno

País de residencia: Chile

1. Se tomó la visita ( x ) individualmente ( ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? ( ) Sí ( ) No ( x ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 45 min

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? 1

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Lo más notable es el compromiso con los derechos humanos. Transmitirle a mis hijos esta experiencia de hecho los voy a traer, porque siempre me he encargado de hablarles a ellos sobre lo que sucedió en Chile, sobre los años de la dictadura militar para que ellos tomen consciencia como jóvenes, tengo dos hijos jóvenes y otros dos pequeños y a futuro le cuenten a sus generaciones, lo que se vivió en cuanto a tortura y toda la historia militar y para que esto no se vuelva a repetir. El

propósito de este memorial es recordar y para que las nuevas generaciones sepan lo que ocurrió en nuestro país. Como dice una frase por ahí " Para que nunca más"

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Conocer lo que hubo acá como centro de tortura y exterminio - una situación que nos debe avergonzar a todos los chilenos, y también poder empaparse del sufrimiento de esas familias, de esas personas que vivieron acá en este lugar.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

Era un poco de lo que yo esperaba encontrar porque había leído sobre Villa Grimaldi, por la prensa e internet. Entonces ya venía un poco preparado sabiendo a que venía, pero estando acá impacta más. Hay varios lugares que los va recorriendo y se da cuenta hasta donde llega la crueldad humana.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Es un lugar como dice la palabra, para tomar consciencia sobre lo que ocurrió. Para que nos lleve a pensar como yo hombre - varón /dama para que no se vuelvan a repetir estos hechos. Por eso yo como ser humano tengo harta consciencia de transmitir, como profesor, a mis alumnos, contarles lo que ocurrió. No colocarles una venda en los ojos

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Fuerte. Estando acá, el vivirlo es fuerte. Son sentimientos encontrados, por un lado tristeza al recordar lo que ocurrió, como puede el ser humano llegar a ser tan cruel y por otro lado un sentimiento de esperanza, de alegría, el saber que tenemos este lugar físico para poder recordar lo que ocurrió y enseñarlo.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

He estado en el Estadio Nacional en el lugar donde también hubo reclusión, hay un monumento en recordación. También conozco el Estadio Víctor Jara que en su tiempo era el Estadio Chile, es un recinto pequeño como escribió Víctor Jara en un poema estando recluido ahí "Somos cinco mil". Tiene capacidad más o menos para esa cantidad de gente. Fueron dos centros de tortura y de detención después del Golpe de Estado. Conozco el Memorial que está en el Cementerio General, el Memorial de los Detenidos Desaparecidos.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

No ha cambiado. Nosotros somos personas, todos somos iguales, acá no hay diferencia no puede haber diferencias por raza, por pensamiento político por religión. Yo creo que los derechos humanos se deben respetar en todos los sentidos y parto de la base que somos todas personas iguales, por lo tanto los derechos humanos se respetan de cualquier forma.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Si Yo creo que Villa Grimaldi trasmite información. Pero creo que le falta más difusión. Me atrevería decir eso, que la gente sepa más como llegar por ejemplo, que cosas se están haciendo. A lo mejor se hace y yo no sé. Hacer encuentros de poesía, encuentros de pintura relacionados con el tema de los derechos humanos, (o sea para tener más vida) Tener más vida. Los días domingo traer grupos artísticos al anfiteatro que hay traer gente que venga a declamar poesía, que cuenta cuentos. Todo relacionado con derechos humanos. Como repito, hablo de mi ignorancia pero sin duda hay que sacarle más provecho, sin duda.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

aquí hay dos tipos de comunicaciones, sin duda una verbal e otra no verbal. La verbal, por todo lo que tú puedes ir leyendo, hay pendones, el audio y la no verbal es lo que aprecias con la vista, con el sentimiento, que puedas tocar y sentir. Para aquellos que vivimos esa época, siendo muy chico en el

año 73, tenía 6 años, me tocó vivir la parte más dura de la dictadura mi etapa de adolescente y mi etapa de la universidad. Mis años de universidad los viví con la presión fuerte de la dictadura. Eso sirvió también para sentir este lugar a través de lo sensorial y un poco recordar lo que pasó. Te vuelvo a repetir es fuerte. El leer todos esos nombres, escuchar que muchos de esos jóvenes que murieron eran de la edad de mi hijo por ejemplo y otros tantos que eran de la edad que tengo yo hoy en día, cerca de los 50 años. Entonces es un tema muy fuerte. Muy triste.

## Entrevista 12

Nombre: Jasna Carolina Alvarez Morales

Edad: 38

Ocupación: profesora de enseñanza media y sicopedagoga

Nacionalidad: Chilena

País de residencia: Chile

1. Se tomó la visita ( ) individualmente ( x ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? ( ) Sí ( ) No ( x ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 1 h 30 min. Si, además nos pusimos a visitar otros lugares y nos quedamos estancados en algunos lugares que nos llamó más la atención y comentamos.

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? 1

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Mantener vivo el recuerdo de lo que vivimos en un contexto bastante importante y doloroso de nuestro país. Que a pesar de que yo en esa época del 73 no existía y viví en los 80 hasta los 90 prácticamente silente a este proceso. Por lo tanto, esto tiene la importancia de mantenernos comunicados, mantener vivo lo que existió en nuestro país sin poder olvidarlo porque no solamente yo puedo venir sino que traer otras generaciones, como mi hija y que tenga presente que en nuestro país se vivieron momentos, una vida muy fuerte de tortura para poder llegar a lo que tenemos hoy, un país entre comillas, democrático y libre.

Pero más notable o más emocionante? (Lo que sea para ti) Hubieron cosas que me llamaron mucho la atención y me dejaron conmovida, por ejemplo la Torre, un espacio tan reducido, sin luz, sin aire, sin nada donde la gente estuviera que estar encerrada, achoclonada como un corro de personas y donde ellos tenían que a pesar de todo se mostraban igual en los trabajos en equipo entre las personas que estaban detenidas o que iban a ser torturadas, se mostraba fuertemente la forma que tenemos nosotros como tácticas de vivir. Porque en el fondo también está mostrando la cultura nuestra, porque no solamente la gente que era torturador tenía tácticas inteligentes de liderazgo, sino que la misma gente que estaba recluida aquí también tenía sus tácticas de liderazgo, eso de trabajar en equipo de formarse en ciertas posiciones en la Torre de colocarse de manera en tácticas para poder ellos descansar en sistemas de turno, porque me imagino que era tan estrecho tenían hasta cinco personas que ellos no podían estar todos durmiendo a la vez, por tanto estaban trabajando en sistema de turno. Eso fue lo que me llamó mucho la atención.

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Por dos cosas, una porque no conocía, otra porque yo siempre le he hablado a mi hija del contexto en que vivimos, lo vuelvo a reiterar, tengo segmentada a mi familia, por una parte viví una familia que luchó, que pertenecía al partido comunista, mi familia paterna y por parte de mi mamá tenía una familia que se mantenía neutra en esta situación y como era encargada de criar a los hijos, entonces, trataban de que nosotros viviéramos esa época de los 80 de la dictadura de los allanamientos que yo tengo memorizada, de algunos porque los vecinos que pertenecían al MIR, por lo tanto ahora yo tengo recuerdos de cómo eran sus tácticas, de cuando colocaban toallas de colores, de cuando tenían reuniones, cuando hacían toque de queda. Todas esas cosas las tengo ahora como recuerdo. Entonces tenía esa familia que se encargaba de que nosotros nos mantuviéramos en una burbuja sin

saber lo que estaba sucediendo. Mientras por otra parte tenía mi familia paterna que luchaban, participaban en estos movimientos y que mi padre muchas veces se escondió, se ocultó de esto y vivieron firmemente el movimiento comunista, siendo profesionales, siendo familias enteras completas que trabajaban y luchaban por eso. La otra motivación era que mi hija conociera, ha visto películas, le he leído crónicas.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

No pensé que era tan bonita, porque generalmente en nuestro país hay cosas que no se mantienen. Los memoriales muchas veces no se mantienen y quedan bajo los aportes de privados no generalmente del Estado. Por lo tanto me imaginé un lugar abierto donde podían haber algunos memoriales por ejemplo, pero no me imaginé que tenía una ingeniera tan importante, tan grande, un lugar tan bonito tan detallado. Por ejemplo la parte de las Rosas, el jardín, el árbol, ese que viene de Argentina ese que está ahí (el Ombú) No sé, nunca me hubiera imaginado esto, que estuviese tan trabajado, arquitectónicamente e ingenieramente.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Para mí un sitio de conciencia es un lugar donde la gente puede remover grandes sentimientos del pasado y mantenerlos vivos y que nunca se nos olvide lo que sucedió en algún lugar.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Triste, emocionante con muchos sentimientos encontrados porque me imaginé principalmente a las mujeres, los deudos que vinieron al Muro donde está el nombre de algún familiar, de un marido, de un hermano, debe ser terrible. Pero no me imagino el dolor ni llego a la empatía del dolor que puede sentir una madre teniendo la placa con el nombre de su hijo, porque las parejas se pueden reemplazar pero los hijos jamás. lo digo yo que tengo una sola hija, ver el nombre de mi hija yo creo que me mantendría viva con la nostalgia de saber que mi hija alguna vez luchó por algo, no me mataría solamente por tener el tiempo, el momento de poder verla ahí y recordarla en una placa.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

No (Museos?) No el cementerio solamente, el cementerio general. Si porque ahí también tenemos un lugar de memorial.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

Creo que se ha mantenido siento de que si no hubiese existido esto de los derechos humanos, seguiría no solamente en este país sino en muchos países de Latinoamérica que también vivieron dentro del mismo año las dictaduras, que si no hubiese sido tan fuerte no estaríamos hablando de derechos humanos. Porque hay diferentes tipos de derechos humanos, sin embargo nosotros ya como personas individuales muchas veces nos pasamos a llevar, el derecho a la vida el derecho a un animal, porque en general nosotros hablamos de humanidad, no tenemos que segmentar derechos generalmente sobre nosotros que somos personas. Yo creo que todo el ser que está habitando en un planeta, en un espacio de la tierra debe tener su propio derecho. (Si, estamos hablando de vida) Exacto, de vida y creo que la gente ha tomado mucha conciencia, hay gente que es muy pegada a las emociones más que al cerebro, se han dado cuenta de que nosotros somos capaces de a pasar a llevar derechos de cualquier persona. Yo estuve en un momento un contexto bien terrible de mi vida, en un sindicato, estuve en una huelga. Entonces yo comentaba que escribo mucho, le decía que pensar que nosotros hicimos polvo de estrellas y un simples meteorito así de pequeño o un rayo nos puede estallar en la tierra y nos puede eliminar a todos, y sin embargo nosotros nos damos cuenta de que el poder, que el dinero, que los mineros, que tener un nombre, un apellido x, tener un espacio más importante ante el trabajo del otro, nos sentimos que ponemos el pie en la ascensión de otras personas y nos damos cuenta que el universo puede dar un giro pequeño y se produce un tremendo terremoto donde morimos todos Y eso es todo. Nosotros no respetamos que vaya pasando un perrito en la calle, no respetamos la vida de nadie. Absolutamente de nadie, entonces si no hubieran existido todas estas agrupaciones de derechos humanos todavía estaríamos en una dictadura. Y si existen los

derechos humanos o los derechos a la vida es porque realmente nos damos cuenta de que estamos fallando como personas.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Si pero creo que este memorial, ahora los memoriales viéndolos en presente, en vivo, en directo representan mucho más do que un medio de comunicación, Porque los medios de comunicación, estamos claros que están para mostrar segmentos, noticias, y nuestro país se ha mostrado durante muchos años en cualquier medio masivo de comunicación y te repiten las noticias del mismo día al otro día las mismas, entonces por estas noticias demostrar que lamentablemente hay un sistema de delincuencia terrible acá en nuestro país, se dejan demostrar estos segmentos culturales y nos quedamos ignorantes, por lo tanto si existen pueden un poco dejar la ignorancia ( Y por el propio interés de la prensa) aquí la prensa está ligada a los partidos políticos.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

Emocionante, en todo sentido. Para mí, comunicación es cualquier código que te entregue algo, puede ser una imagen visual, un color, puede ser un formato, por ejemplo una planta, la forma como está una planta decorada te comunica cosas, un lugar como está pintado, los espacios que se reconstruyen, los espacios que se mantienen, para mí todo esto es comunicación. Todo. Antes se decía que la comunicación verbal era a mas importante. Me doy cuenta de que la comunicación no verbal es mucho más grande y deja mucho más cosas que la comunicación verbal. Si vas por las calles te fijas que también tienes comunicación, te das cuenta como que hay un quiebre, vas a un sector súper vulnerable y no vas a ver una casa pintada un jardín bonito, vas a otros lugares y sí. Entonces para mí todo es comunicación, los espacios que tiene la gente, la forma de llegada.

### Entrevista 13

Nombre: Paulina Rivera

Edad: 44

Ocupación: Profesora de Inglés

Nacionalidad: chilena

País de residencia: Chile

1. Se tomó la visita ( ) individualmente ( x ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? ( ) Sí ( x ) No ( x ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 1h20

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? Primera vez

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Que la gente no se olvide, para que se recuerde siempre lo que ocurrió y también una sensación de paz. Impresiona donde estaban las celdas y la torre

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Para conocer y además traer a mis suegros que son de Italia.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

Sabía que había una casa de tortura y un parque. Me ha impresionado a pesar de todo lo malo que ocurrió es tranquilo, agradable.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Tomar conciencia de algo que pasó, que las cosas ocurrieron realmente.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Un aprendizaje, algo nuevo.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

No.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

No cambia mucho. El respeto. No porque pienses diferentes te vas a callar Es un derecho. Y siempre lo he pensado de la misma manera.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Visitar un lugar así te da otra sensación. Te recoge y remese.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

Creo que está bien enfocado. En cada parte algo te dice. Me gustó. Bien claro y explicado.

#### Entrevista 14

Nombre: Juan Carlos Cruz Marín

Edad: 41 años

Ocupación: Ingeniero

Nacionalidad: Chilena

País de residencia: Chile

1. Se tomó la visita (  ) individualmente (  ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? (  ) Sí (  ) No (  ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? Una hora

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? Cuatro

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Lo más notable las veces que yo he venido, un poco a refrescar la memoria en el sentido de poder vivenciar e ver lo que realmente pasó y en el futuro que este tema nunca más se pueda repetir este tipo de cosas. El propósito es que la gente o generaciones que no tuvieron participación, yo nací en el 73 y mi mamá y papá tenían una ascendencia política de izquierda y un poco es venir a ver y lo otro porque me gusta venir, me siento... no es que me rejuvenezca, más es una energía que realmente para mí es positiva. Yo vivo en Antofagasta y las veces que vengo a Santiago trato de venir.

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

La motivación es un primo chico que nació en los 80, un poco por saber y que él entienda que es lo que sucedió y saber un poco más de historia porque realmente es distinto cuando se lo cuentan o lee un libro y saber cuál es el sector, donde aconteció.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

Yo viví mi infancia en 4 Álamos y siempre se escuchaba de esta casa de Villa Grimaldi, y después cuando se recuperó la democracia se hablaba de Villa Grimaldi, entonces mi idea era justamente saber y venir a ver.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Es ir al sector o al lugar donde acontecieron muchos hechos, ir a un lugar donde realmente uno vea o recuerde o asemeje cosas que uno ha leído con el sector donde sucedieron los hechos.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

La experiencia ha sido buena como le comentaba recién, a mí me hace bien venir a este lugar, me llena un poco de energía el recorrerlo, me gusta.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

He visitado muchos, yo vivo el tema en Antofagasta y he ido un par de veces a Chacabuco en la segunda región. En Antofagasta es muy chiquitito el lugar que hay, pero el más grande es en la oficina salitrera en Chacabuco, donde he ido un par de veces.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

Tengo una formación bastante clara en relación al tema de los derechos humanos. Venir a Villa Grimaldi no cambió mi forma de pensar. Anteriormente me he encontrado con gente que estuvo aquí en el lugar y a nosotros que no vivimos esa experiencia, el saberla en realidad y hacer que lo que sucedió nunca más se vuelva a repetir.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Yo no creo mucho en los diarios que hoy día circulan. Prefiero venir a estos lugares e informarme de forma más directa. No tengo mucha confianza en los medios.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

Lo que me fortalece es recorrer, sentarme y carrear las energías. El tema comunicacional es conmigo y la naturaleza.

## Entrevista 15

Nombre: Rocío González Jimenez

Edad: 42

Ocupación: Traductora

Nacionalidad: Chilena

País de residencia: Inglaterra

1. Se tomó la visita ( x ) individualmente ( ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? ( ) Sí ( x ) No ( ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 1h30min

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? Primera vez

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Yo vine con un propósito muy específico. La manera en como este parque invita a la reflexión, al esparcimiento, a la contemplación de un punto de vista de sanación y por ende el parque, las flores. Los árboles, la distribución de las cosas, como están distribuidas hace como que invitan a un paseo y con el audio pasas de un número a otro hay cosas por descubrir, hay cosas que sentir. Lo que me pasó es que con el audio guía yo solamente caminaba y me distraía con los loros, la uva. El parque es dinámico, pasan cosas, no es un museo, no es el espacio, esto es un espacio abierto, libre con las circunstancias del momento. Aquí en invierno puede ser increíble con lluvia o con viento. El jardín de las rosas. Y fue una cosa como bien específica porque yo vengo sintiendo energéticamente hablando, a sanar yo, a sanar el entorno y a sanar las almas de las mujeres que murieron acá. Yo estoy convencida que acá todavía hay almas que están estancadas. Y eso parte por un tema de los familiares, de generaciones nuevas que ya no sienten lo que la generación vieja sintió con la mamá o con la hija. Son cosas como de nietos que se va perdiendo un poco y quieren como retomar, reconectar eso. Ese es mi rollo y por eso vine acá a dar sanación y estar en ese jardín. Está muy bonito y muy representado simbólicamente el hecho de que las mujeres, las rosas, el poema, el olor

que los detenidos sentían. Cuando pierdes el sentido del tiempo si es día o noche por último te queda esto. Se identifica inmediatamente. El olor de rosas es el olor de rosas. Cuando pierdes todo te queda como instintiva, primitiva. Algún sentido queda más o menos cuerdo para ser tu norte. Eso el sentido del olfato.

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Para salvarme y salvar a las mujeres.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

Un lugar lúgubre, oscuro. Y ahora lo contrario. Hay mucha fuerza, mucha compasión. Muchas ganas de seguir adelante sin olvidar, ese es el gran mérito que tiene este memorial.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Es un sitio de reflexión y contemplación de los dos mundos, del que pasó y el mundo de ahora se juntan y se fusionan. Tu puedes pensar en el pasado, recordar el dolor sin quedarte pegado en el dolor sino que por el hecho de que está al aire libre y que cantan los pajaritos, por ejemplo, te reconecta con tu realidad, la cosa que está pasando en tu vivir. Y el mérito es ese. No importa en qué etapa de tu vida estés si estabas cuando pasó esto o no. Es la mancomunidad del pasado y del presente, de manera muy sutil y muy respetuosa a la vez.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Una experiencia bien iluminadora donde me convido más de la capacidad de los seres humanos por tratar de sanar interiormente sin olvidar. Eso hace falta aquí en este país.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

El campo de concentración en *Ravensbrück*, cerca de Berlín era un campo de concentración de mujeres. En *Imperial War Museum*, pero ahí me pasó una cosa diferente porque eso es como más museo y que te guían, que es cerrado, está demasiado hecho y hay mucha gente. El campo de concentración era diferente, abierto, como parque, en donde tenían muchas sillas donde tú querías conectarte. Afortunadamente yo no tengo parientes acá, pero entiendo a las otras personas que vienen acá y necesitan su espacio de tranquilidad.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

Se refuerza la idea de que falta las instancias de verdad y de acercamiento acerca de los derechos humanos, porque la verdad es la verdad es una sola, hay matices, enfoques. Y ese es el problema de la sociedad chilena, que defiende mucho el cómo enfrentar el tema de derechos humanos y te dan muchas "Ah, pero" y nos perdimos así como "bueno eran otras cosas, otros tiempos o la cosa estaba muy mala o inundados de marxistas". Si tomamos el punto de vista de derechos humanos como verdad tenemos que partir por lo que pasó y se necesita una instancia así como de callarnos un poquito y aceptar de buena vez lo que pasó aquí y que los derechos humanos son los derechos humanos y punto. No hay un tipo ni enfoque en derechos humanos, no. Son todos iguales. Por ende deben ser entendidos así.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Si y depende como los medios de comunicación estén dispuestos a transmitir este tipo de información, porque me da la sensación de que falta diga lo que se hace acá, una invitación por ejemplo. Acá hay otras conexiones y toda la gente puede entender.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

Con el audio guía me gustó la explicación porque fueron cosas históricas, tal cual y me imagino que fueron basados en hechos, números, estadísticas, cifras oficiales sin apoyarse en ningún mando ideológico político. Lo que dice fue lo que pasó y esa información impacta. Que tu no sabías y que por



medio de esta información como oficial, como factual, como hecho. Se comienza el proceso de internalización de reflexión. Hay un contexto y ese contexto se dijo. Lo encontré genial.

## Entrevista 16

Nombre: Maritza Vega Araya

Edad: 47

Ocupación: Dueña de casa

Nacionalidad: Chilena

País de residencia: Chile

1. Se tomó la visita ( ) individualmente ( x ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? ( ) Sí ( ) No ( x ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 1:h30min

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? Primera vez

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Recordar lo que pasó, darle a conocer a mi hija por ejemplo de que yo estaba pequeña y tenía nociones de lo que pasó en el momento pero no sabía que tan grande había sido. Todo. Y el tamaño de las celdas

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Para conocer. Habíamos ido antes al museo de la memoria.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora? No pensé nada. No me hice una idea de cómo iba a ser el lugar. Vine. Tal como decían era un lugar de descanso, de recreación, hermoso, lindo y en lo que lo transformaron. Según lo que nos contaban habían momento en que había gente divirtiéndose, disfrutando de la piscina y al otro lado estaba gente siendo torturada.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Detenerte y pensar en lo que pasó. Eso lo vivieron, eso se puede soportar? Eso me impresiona. A pesar de todo lo que sufrieron estaban ahí para seguir luchando.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Impactante. Fue como estar ahí. Yo me imaginaba los lamentos, gente acumulada en un espacio tan chico siendo torturada.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

El Museo de la Memoria, al Cementerio.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

Yo tengo unas dudas con los derechos humanos, porque yo estoy muy de acuerdo pero creo que de repente lo manosean mucho porque por ejemplo los delincuentes salen muy favorecidos con los derechos humanos, entonces ahí como que me choca la idea. Al final uno se siente y piensa y el derecho de uno? Donde está el derecho mío de pasearme por la calle tranquilamente sin estar pendiente de que puede venir alguien y arrebatarle la cartera. Entonces siento eso.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Transmite. Claro que transmite. Te sitúa en el lugar, por lo que me pasó a mí, me fui al momento, traté de imaginarme. Me entrego hartito.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

Clara. Entendí todo. Está informando y me estoy llenando de esa comunicación.

### Entrevista 17

Nombre: Alison Andrea Plaza Vega

Edad: 25

Ocupación: estudiante

Nacionalidad: chilena

País de residencia: Chile

1. Se tomó la visita ( x ) individualmente ( ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? ( ) Sí ( x ) No ( x ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 1h

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? Primera vez

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Un encuentro con esa historia. Para mí la veracidad de los hechos, lo que te explica no ocultando nada. Eso es lo más notable.

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Conocer más acerca del hecho histórico. Acercarme más a la veracidad de los hechos.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

Yo pensé que habían más estructuras de lo antiguo, de lo original. Me gusta. Creo que rescataron los lugares importantes y los fueron adecuando a memorias, ahora actual de una forma a darle un recuerdo.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Es un lugar donde tú reflexionas sobre una situación y tomas un valor sobre eso, una opinión personal de lo que significó. Una opinión personal.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Melancólica, una experiencia que volvería a repetir y la repetiría.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

En museo de los derechos humanos, el cementerio también.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

En una época no existían los derechos humanos. Y ahora están logrando recuperar de a poco. Por suerte hoy no hay nada parecido a lo que pasó en ese tiempo. Claro. A lo mejor para una persona que no conoce la magnitud de lo que pasó, claramente le puede ayudar en su opinión.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Si puedo recibir información de cómo fueron los hechos.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

Abierta, es rescatable la información que te puede llegar y verla. Es un hecho. Es estar aquí en el mismo lugar donde hubieron los hechos.

## Entrevista 18

Nombre: Norberto Urymkiewicz

Edad: 73

Ocupación: Jubilado - Profesor Universitario

Nacionalidad: Argentina

País de residencia: Argentina

1. Se tomó la visita (  ) individualmente (  ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? (  ) Sí (  ) No (  ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 45 min

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? Primera vez

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Dejar un testimonio de una época negra de este país, entiendo que todos estos testimonios tienen que quedar con el nunca más. Las celdas, la parte donde se imponían torturas, fueron las más duras.

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Me interesa conocer parte de la historia chilena.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

Tenía entendido que Villa Grimaldi era un lugar de tortura. Hoy la misma idea.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Un sitio para ver y recordar sucesos que atentaron contra los derechos humanos y para tener en cuenta las cosas que en alguna situación puede hacer el hombre. Esto y Auschwitz... y lugares en el Parque de la Memoria en Argentina yo creo que pretenden eso. Uno tiene que saber estas cosas que pasaron y pueden pasar. Pienso que cuanto más conciencia hay de esto menos chance hay de que se repitan.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Emotiva.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

Ayer estuvimos en el museo de la memoria y en Argentina El Parque de la Memoria. Monumento del holocausto en Washington.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

Me parece que nada justifica la violación de los derechos humanos. Que de ninguna postura ideológica puede haber justificación para violar los derechos humanos, maltratar a la gente. Creo que en mi opinión nada ha cambiado con la visita.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Sí, creo que transmite información y la difusión de esa información es muy buena.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

Yo creo que de lo que todo puedo decir de este sitio es comunicación yo he visto lugares en donde han estado personas torturadas, hay lugares donde los colgaron, lugares de escarmiento y tratamiento más duros asociadas a un período y a gente concreta. Eso es comunicación.

## Entrevista 19

Nombre: Rubén Marcelo Huenulef Ortega

Edad: 48

Ocupación: Pastor Luterano

Nacionalidad: chilena

País de residencia: Chile

1. Se tomó la visita ( ) individualmente ( x ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? ( ) Sí ( x ) No ( ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 1h30

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? seis veces

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Yo creo que la memoria de estos hechos no sea olvidada, es parte de nuestra historia en Chile y no debemos olvidar a las personas que fueron abusadas y que también fueron abusadores, es decir debemos recordarnos de esa historia para que no se vuelva a repetir. Lo que más me impresiona y nunca había entrado es a los rieles al monumento este, sabía de ellos pero no me atrevía a entrar, ahora lo hice y me pareció impresionante ver el botón pegado al riel como testimonio de esa barbaridad.

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Vinimos con una persona que llegó hace dos días de Puerto Rico, y la trajimos para que conozca el lugar.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

Como que iba a visitar una especie de Museo donde iba a ver lo que quedaba del centro de tortura más que nada por el cual es reconocido este lugar. Ahora es más que eso, ni siquiera queda tanto de los edificios de ese tiempo, de los edificios porque fueron demolidos. Es más bien como dice su nombre un parque por la paz, un homenaje a la paz y al diálogo entre las personas, eso me gustó mucho.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Es donde de alguna manera las personas pueden reflexionar acerca de lo que significa la paz, lo que significa el diálogo. Lo bueno que traen, la tolerancia, todos esos valores. Y lo malo que trae también la intolerancia, el odiar. Todo eso tiene consecuencias. Entonces que de alguna manera la gente al ver este lugar se dé cuenta de lo importante que es preservar la paz entre las personas.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Siempre es conmovedora para mí, yo pienso que el cielo y el infierno están en el corazón humano y depende de nosotros lo que liberemos de nosotros mismos. Podemos liberar el infierno y el horror como este o podemos liberar el amor, la paz, cosas hermosas que haga la vida, el mundo hermoso. No debemos olvidar que podemos liberar ambas cosas. Y ahí vamos que tener que hacer una elección.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

Varias de las casas de los derechos humanos, museos, en el sur, en Punta Arenas, acá en la Serena y también en otros países he visitado los lugares del holocausto en Berlín y algunos sitios que tienen que ver con.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

No ha habido un cambio tan fundamental respecto a lo que yo creo. Siempre es chocante ver que el corazón del ser humano puede volverse tan oscuro. Entonces, cada vez que visito la Villa y que veo

eso me asombra me choquea un poco. Entonces hay que asimilarlo. Cada visita es distinta e de alguna manera yo siento, me refuerza algunas cosas que creo y que me hace más consciente de lo que está pasando o de los límites de nuestro actuar como seres humanos, de cómo debemos mirarnos, estar siendo viendo que los derechos humanos son una realidad que debe ser cuidada y constantemente observada para que no traspasemos esos límites y como sociedad hagamos daño a las personas.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Claro, es más que una información de segunda mano, es estar aquí y vivir la experiencia, eso es difícil a través del diario o de la radio. Tú escuchas o lees. Al venir a Villa Grimaldi es una experiencia entonces, hay que ver La Torre, así es como pasaba todo, esos son los rostros, esa es la piscina, es decir es una experiencia y no puede ser equivalente. Es importante que las personas lo visiten, por ejemplo los niños, los escolares deberían todos pasar alguna vez por aquí. Es una obligación moral que tenemos con todas las personas que sufrieron los apremios ilegítimos de la dictadura. Y también es la manera de construir paz dentro del país. Que la gente se dé cuenta de las consecuencias de la intolerancia.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

Es bastante buena. Había varios sitios que estaban cerrados hoy día. Los textos guías son muy buenos, podrían haber letreros, se podrían mejorar algunas cosas. En general es muy bueno.

## Questionnaire 20

Name: Dirk Müller

Age: 43

Occupation: Associate University Professor

Nationality: German

Country of residence: Germany

1. The visit was made ( ) individually ( x ) in a group?

Was accompanied by monitors? ( ) Yes ( ) No ( x ) Audio guides

How long was the visitation? 1h

How many times, including this one, have you visited Villa Grimaldi? 1

2. In your opinion, what is the purpose of this memorial? What was more present for you?

As it says, it's a memorial, it's keeping the memory of things that happened here during the dictatorship. We have something similar in Germany. As you might know, we had this kind of dictatorship as well. Right wing dictatorship. So I absolutely understand the aim of the memorial and I think it's a good thing to do that.

Specially the chamber pattern tone in the right, where are the interrogations chambers, and the wall of names.

3. What is the motivation of your visit?

It's always good to see the most touristic spots...I'm not sure if many people come out here, because it's a little bit remote from Santiago and actually it's hard to find. We came with the help of a friend who is from Chile. Without him, we wouldn't have been here. We knew about the museum of Human Rights, in downtown Santiago, we are planning to go there next week. I didn't know about Villa Grimaldi. My wife did, she read about things to do in Santiago, what to visit. But we wouldn't have made it out here without his friends. You have to take the subway, and the bus, which is probably a little bit hard... We wouldn't be here without him.

4. What was your idea of Villa Grimaldi before this visitation? And now?

Blunt to speak, I had no idea. I thought it would be more of the old structure in here, but I found out it's almost all gone. I thought that was some type of complex, like we have in Germany, the concentration camps many of these are still intact, as they were originally, so I was surprised that this one here is just a park. (They removed the clues)

Now, I think it's more memorial and documentation.

5. For you, what is a site of conscience?

A site of conscience could be many things. Everything that makes you think about some kind of intention to create what you have in mind is a site of conscience I cannot phrase any specific thing... It could be like to bring up the German concentration camp again... It could be many things.

6. How would you describe the experience of your visit?

Once again, it makes you think about what happened in the past. You should stay alert always. It's a little hard for me to answer this question, because due to the German history we always have this in mind. There was nothing that made me think differently than before, there was no change in my opinion. But the experience is that it is definitely worth coming here, is a good thing. I think it's privately operated mostly, isn't it? There is no government funding? (I think there is. It's a national monument.) But it was initiated privately, right?

7. Have you visited other sites of conscience, memorials? Which ones?

In Chile, we have been planning to go the museum of Human Rights. In Germany, we went to Dachau, a Concentration camp in Munich. Any type of memorial? In Washington DC there is the Vietnam Veterans memorial. In Europe... When I was there, I've been to the imperial war museum. Of course, Berlin, the holocaust memorial. There is one in Washington DC as well. There's quite a lot of things in Europe. In France, the World War II memorial for the invasion of the allies...

8. What was your opinion on Human Rights before the visit? And now?

Did it change with the visit?

My personal? No, because I had it before already. I think it's an extremely important thing. It got better over the last years, but we still have things to do. So, it's not soft.

9. Do you believe that the memorial Villa Grimaldi can transmit information as well as other classic means of communication as radio or newspaper?

I find it hard to compare it. Because for me transmitting information could be many things and in transmitting information regarding a specific topic this kind of memorial is always better than radio and newspaper. They cannot compete with a memorial. Even if there's nothing here. You get connected with the place. Maybe a well-made TV documentation could transport this information, but radio and newspaper can't.

10. How do you see the communication in this site of conscience?

In general it's a well thought history. The only thing I would improve is: I find it hard to spot the locations. To find the marks. I did not see everything. I had to orient myself with the maps. When I got off the office, I was a little bit lost. The marking could be improved. The guidance could be improved. Everything was fine. Some of the sites were locked. This could be optimized. Maybe there is information that I missed because it was in Spanish. But in my opinion it is a little confusing, especially for the English-speaking visitor.

## Entrevista 21

Nombre: Cecilia Zamora Barrios

Edad: 48

Ocupación: Dueña de casa

Nacionalidad: chilena

País de residencia: Chile

1. Se tomó la visita ( ) individualmente ( x ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? ( ) Sí ( ) No ( x ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 1h

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? Primera vez

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Dar a conocer lo que sucedió acá. Yo lo había escuchado pero no sabía dónde estaba ubicado, me sentí ignorante cuando entré. Por eso quise venir. Está todo bien señalizado, todo en orden. Las celdas, donde hacían las torturas, los lugares, los espacios. Ingresé y me dio mucha pena.

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Saber. Porque tenía información de otras personas. Saber realmente las cosas que sucedieron. Está explicado por escrito, por imágenes, por dibujos que dejaron las personas, testimonios.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

Primero que era un lugar más pequeño, que era un parque. Es un lugar que me da tristeza. Que no entiendo por qué hicieron todo lo que hicieron.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

De conciencia de pensamiento, de darse cuenta realmente de las cosas que sucedieron.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Igual con pena, con tristeza. Me cuesta entender que hayan hecho tanta maldad, tanto daño. De saber que era algo distinto y lo tomaron de otra manera, en la mente de ellos no sé lo que pasó.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

No.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

Mi esencia, mi pensamiento es que uno tiene derechos humanos, uno no tiene por qué ser pasado a llevar. Cada uno tiene su pensamiento, su forma de ser. Tener otro pensamiento en el caso de la política o de la religión no tiene por qué molestarte. Mi esencia no es así. Yo voy por los derechos humanos de las personas.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Si de todas maneras porque está todo bien explicado. En secuencia, va llamando la atención a lo que realmente fue.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

Para mí está súper claro. Me quedó más claro lo que había escuchado, tenía la idea. Es impactante saber que sucedió algo que yo estando afuera nunca me imaginé.

## Entrevista 22

Nombre: Loreto Martínez Riquelme

Edad: 42

Ocupación: Administrativo

Nacionalidad: Chilena

País de residencia: Chile

1. Se tomó la visita ( ) individualmente ( x ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? ( ) Sí ( ) No ( x ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 1h20

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? Primera vez

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Evidenciar los abusos que ocurrieron en un tiempo determinado, en el caso mío, por la edad que tengo fueron casi imperceptibles. Yo tenía meses cuando pasó el Golpe de Estado. La verdad es que yo no lo viví. Es como hacerse consiente de las cosas que ocurren cuando existen abusos. Imaginé el dolor que sintió toda la gente que estaba acá que no sabía si iba a salir, si iba a vivir al otro día. Lo que me impresiona es que la gente haya podido olvidar y haya podido venir acá. Pienso que si yo tuviera un hecho así, jamás habría podido me parar de nuevo adentro. Esa valentía a mí me impresiona.

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Principalmente por historia, por enseñarles a mis hijas que la vida tiene muchas cosas y que el país también tiene historia y esa historia hay que conocerla.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

Me lo imaginaba más rural, fuera de Santiago. No asimilaba con esto. Es un lugar donde mucha gente sufrió. A nosotros no nos enseñaron historia de Chile, se saltaron esa época. Para mí es muy increíble, es muy bueno escuchar todas estas cosas y hacerme parte también. Incluso mi hija me dijo que estaba muy interesada en ir porque a ella le iban a pasar esta parte en este año. Me llamó la atención porque a mí jamás me pasaron esto en historia, nunca.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Es donde te haces consiente de todo lo que pasa, En mi caso habían comentarios habían percepciones pero yo nunca me había hecho parte de esto, porque para mí era como cuento. Nunca lo había vivido. Venir acá es vivir un poco lo que ellos vivieron.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Fuerte, Impactante! Uno no se imagina que pueda haber gente tan retorcida para hacer eso, porque finalmente es lo que yo le comentaba un poco a mi marido, o sea si los gallos eran malos ya mátalos pero no los tortures, porque hacer eso. Fue un abuso de poder, una mezcla de muchas cosas, locura y millones de cosas que tuvieron que vivir chilenos que son como nosotros, nos podía ocurrir a cualquiera de nosotros por pensar diferente. Que estabas en una fila y te preguntaban el nombre y si ellos querían sonaste no más. Eso yo lo había leído, había escuchado pero nunca siquiera me habría atrevido a acercarme a algo así. En el fondo fue cerrar el ciclo, hacerme consiente que estas cosas pueden pasar.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

No.



8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

Los derechos humanos hacen parte de cualquier ser humano, a decidir por donde vamos y tampoco tenemos derecho a quitarle la vida a alguien. Hoy día reafirmo lo que me enseñaron a respecto del tema.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Absolutamente. Creo que esto es más aún porque aquí tú ves. Nos marca más. Cuando uno ve la historia, lo que pasó, esa casa que estaba ahí donde habían como 5 personas se cree más al ver primero.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

Yo creo que es una buena forma de informar de comunicar a la gente de lo que pasó en Chile. Personalmente yo creo que lo mejor que existe es la recreación, cada vez que pasábamos por ahí leíamos las historias, me imaginaba caminando por ahí el dolor que ellos habían sentido. Es una buena forma de enseñar y transmitir a la gente que esto no fue broma, no fue cuento. Fue verdad.

### Entrevista 23

Nombre: Rodrigo Recabarren Jaque

Edad: 45

Ocupación: empresario

Nacionalidad: chileno

País de residencia: Chile

1. Se tomó la visita ( ) individualmente ( x ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? ( ) Sí ( ) No ( x ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 1h15 min

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? Primera vez

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Es que no se olvide lo que aquí pasó. Que es parte de nuestra historia, es una página triste que en todos los casos uno debería olvidar, pero por respeto y por honrar un poco a la gente que por aquí pasó y dejó su vida es el propósito de este memorial. Mantener vigente a estas personas que desaparecieron y que nunca más vuelva a ocurrir en nuestro país. Me gustó la forma como presentaron a la gente, a las mujeres. Lo más emotivo es el Jardín de las Rosas. Está muy bien representado, es muy bonito y no hay escenas dantescas, no hay escenas morbosas de lo que aquí pasó.

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Nosotros por las niñas (13 y 15 años) estamos explicando varios aspectos de la historia de nuestro país. Viajamos y cada vez que viajamos tratamos de ver un sitio histórico y esto a pesar de que comenzó hace poco ya es parte de nuestra historia. Aparte de conocer nosotros, contarles a nuestras hijas lo que aquí había pasado. Es importante que ellas sepan la verdad.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

Pensé que era un lugar reducido a escombros, que era un lugar más abandonado, que era un lugar más tétrico. Está muy bien mantenido, distinto de lo que yo pensaba. Pensé que iba a encontrar construcciones tipo ruinas que lo que hay ahora, memoriales, recordatorios.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

es justamente lo que acabamos de hacer ahora. O sea, tú llegas a un lugar, entras y sabes de qué se trata. Inmediatamente te pones a reflexionar y entras con actitud de respeto sobre el mismo lugar. Uno entra acá y toma una actitud de silencio inmediatamente, leyendo, interiorizándose y por ende uno siente hasta pena y emoción ver algunas partes de Villa Grimaldi, independiente de que ahora está todo reestructurado, con adornos, pero al final uno siempre sabe lo que pasó acá. Por lo tanto, eso es un sitio de conciencia, uno sale con una mirada distinta con la idea cierta de que esto no puede volver a repetirse.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Emocionante, me gustó, es distinto de lo que he visto. No hay fotos de gente muerta, no hay fotos de torturados, no hay fotos macabras sino que todo es sobre las personas y lo que vivió acá. Es triste pero a nosotros nos deja una experiencia agradable en el sentido de la reflexión, porque yo en mi infancia no tenía idea de que esto pasaba, me vine a enterar cuando ya se acabó el golpe militar y nosotros siempre nos criamos bajo el golpe militar, desde que entré al colegio hasta que salí prácticamente estuvimos bajo el golpe militar, entonces ignorábamos muchas veces lo que se pasaba a nivel de rumor y estar acá y darse cuenta de que si existió es una experiencia fuerte y deja una sensación de pena.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

Si yo he estado en el Cementerio General de Santiago, en el Memorial de los detenidos desaparecidos y de los ejecutados políticos. En el Cementerio hay un muro con muchos nombres, y lo que impacta es la edad de algunos fusilados que son niños.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

Los derechos humanos una vez que entró en democracia cambió el concepto. Se habló de derechos humanos desde el punto de vista del respeto a la vida y del respeto a la integridad física. Se desaparecieron todos estos rumores, estos comentarios de tortura, de malos tratos a nivel de gobierno, a nivel de policía, a nivel de Estado. Esto de los derechos humanos es un asunto de Estado. La frase derechos humanos se refiere a todas las dictaduras que han habido. No apunta al caso individual, al delincuente que causa daño. Yo creo que los derechos humanos es lo que debe conseguir cualquier país, más aún como nosotros, como Argentina, Perú, Uruguay, y otros en Sudamérica haber vivido en dictadura y haber sufrido este tipo de tortura y desaparición.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Yo pienso que no existe la difusión. Nosotros recorrimos varios museos y no estábamos al tanto de que este era de que este era memorial estaba abierto y no sabíamos que era como un museo, como un lugar de reflexión para venir a conocer. Pienso que Villa Grimaldi o este tipo de iniciativa tienen que ser más reforzadas a nivel de colegio, a nivel de cultura. Si nosotros vamos a un país o vienen turistas a Chile, decirles, mira estas son las cosas que existen en Santiago y nombrar estos memoriales como Villa Grimaldi para que la gente conozca y sepa lo que pasó acá. Por supuesto que Villa Grimaldi entrega comunicación, nosotros captamos todo. El audio guía va explicando bastante bien y con bastante detalle todo lo que pasa en todos los puntos y lo deja muy claro. No es necesario leer más.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

Excelente! El audio guía no lo conocía lo encontré genial, no sabía cómo se ocupaba pero al final ya lo entendí. Llega la información y es muy clara. Los letreros, los dibujos. Está todo bastante ordenado. El lugar no es muy grande entonces también se hace fácil entender.

## Entrevista 24

Nombre: Felipe Armando Hernández Esnida

Edad: 43

Ocupación: Técnico en Comercio Exterior

Nacionalidad: Chileno

País de residencia: Chile

1. Se tomó la visita ( ) individualmente ( x ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? ( ) Sí ( ) No ( x ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 1:h 20min

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? Primera vez

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Recordar a todas las personas que padecieron bajo el régimen totalitario de Chile en la época del gobierno militar.

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Conocer. Yo estaba chico cuando sucedió. Después sabíamos todas las cosas que pasaban pero en la época fuerte de tortura, de la detención y de la desaparición de gente, la verdad que yo no lo viví. La represión si pero la forma de tortura y de secuestro no.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

Sabía por las noticias que había sido un centro de detención. Tenía nociones de cómo iba a ser. Está bien estructurado, bastante accesible.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Un lugar donde la gente medite y analice las situaciones en que vivió la gente aquí en este recinto y que se vayan con un mensaje de ver las cosas de paz interior en el sentido de analizar las cosas, los errores que se cometieron con la gente que fue violentada aquí en este lugar y transmitan a sus generaciones posteriores de que el ser humano no debiera actuar de esa manera.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Una experiencia lógica de aprender un poco más de lo que se vivió aquí en Villa Grimaldi respecto a la gente, de cómo vivían, cuanto tiempo estuvieron y que pasó con las personas que pasaron por acá. Mucha gente no volvió a aparecer, está desaparecida en estos momentos. Otros aparecieron muertos en otros lugares y los enterraron y otra gente que también pasó por aquí fue torturada y están todavía vivos y aportando a la sociedad.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

Sí. En Alemania estuve visitando un campo de concentración que es uno de los más grandes del régimen nazi. Un sistema de vida muy similar.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

Son fundamentales que todas las personas tenemos. Lamentablemente las historias son cíclicas, tanto la historia nacional como universal, o sea va a seguir violentando. La esencia del hombre tiende al auto destrucción y a destruir otro tipo de ser vivo.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Claro que si no solamente este memorial físico, también tienen una página web y uno puede acceder a la información y puede consultarlo. Claro que transmite cosas que son útiles para la memoria

colectiva nacional y analizar la situación en el contexto que se produjo la operación de este centro y finalmente transmitir un mensaje de nunca más. Eso es lo más importante.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

La verdad es un tema de respeto de silencio que te transmite. Yo creo que es bien personal el tema de la comunicación. Se trata de entrar en el momento, un lugar de meditación en la situación que se vivió acá, tener respeto por el lugar de sufrimiento.

## Entrevista 25

Nombre: Antonella Cravari Beeza

Edad: 50

Ocupación: Educadora de Párvulos - Inspectora general

Nacionalidad: chilena

País de residencia: Chile

1. Se tomó la visita ( ) individualmente ( x ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? ( ) Sí ( x ) No ( x ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 45 min

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? Dos veces

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Que los chilenos no olvidemos, que siempre tengamos presente las cosas que pasaron y que pueden volver a pasar. Lo más notable para mí fueron las celdas, que las hecho de nuevo y que la gente las pueda ver realmente en sus dimensiones.

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Personal, volver a recordar y enseñarle a mis hijos parte de la historia que no pueden olvidar.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

El nombre dice Villa Grimaldi, una Villa bonita con prados y cuando uno se entera de que esto fue un centro de tortura, ya uno viene con una situación más distinta. Como es posible que chilenos contra chilenos nos hallamos echo eso, chilenos a chilenos. Además la gente que estuvo acá era gente joven.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Es un sitio donde la gente piensa antes de hablar, piensa antes de actuar, piensa y se instruye antes de tener una opinión. Que te despierta el conocimiento.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Congoja, rabia y esperanza de que no vaya a volver a pasar y si esto se mantiene, los pueblos no van a caer en lo mismo.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

Museo de la Memoria, la casa de Pablo Neruda.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

No, no ha cambiado todos tenemos derechos. Nadie tiene la libertad de opacar al otro porque los derechos son para todos.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Transmite más que otros medios de comunicación. Estos lugares entregan la información más verás.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

Buena, le falta como un guiamos igual al ser un lugar donde hubo tanta tristeza, tanto dolor, tampoco puede ser con grandes parlantes, nada de eso. Tiene que haber un estilo de recogimiento. Está bien.

## Questionnaire 26

Name: Gene Simon

Age: 70

Occupation: Psychotherapist

Nationality: Canadian

Country of residence: Canada

1. The visit was made ( x ) individually ( ) in a group?

Was accompanied by monitors? ( ) Yes ( ) No ( x ) Audio guides

How long was the visitation? Over 1h

How many times, including this one, have you visited Villa Grimaldi? 1

*(You're here in Chile to...?)*

I came because I wanted to come to Chile and I came to study Spanish at school. Then I'm going to Argentina on Friday to do the same thing.

2. In your opinion, what is the purpose of this memorial? What was more present for you?

Well, I think it's to remember and never to forget. It's very beautiful and very sensitive. Sadly, yes, to come back to the place where atrocity occurred, but to remember the atrocity and also to put it into a new context.

It reminds me: I grew up in South Africa, and in South Africa they've done the same thing. They took a prison that was in the area that I grew up, in Johannesburg, and they too have made it into an apartheid museum. It's incredible, it shows the cells, the torture... There's apartheid museum, which is in Soweto, and there's constitution hill, where the constitutional courts are, cellblocks where prisoners were held, not too similar to this, but it is in many ways more beautiful, because it's a park, in central Johannesburg. It's very powerful.

I really appreciate Mandela. Amazing man. 27 years in prison.

*(What took your attention during the visit?)*

All of it, really. The cells are terrible. The concept of people being blindfolded all of their time here. The deprivations. And the only thing they saw was the floor. To not be able to see anything, to be tortured, to live in tiny conditions. Five people in a hatch like that. Inhuman. It's impossible to understand.

3. What is the motivation of your visit?

My history. Because my parents were holocaust survivors. I grew up in a country where repression was every day, not for me, as a white person, but for black people. I very much remember election, and Pinochet regime – because I'm old enough. And the depression I've seen in films as well... It's a country that I admire and suffered so enormously.

Patricia has also been tortured and made disappear or was harmed by the Pinochet regime... The problem is that it doesn't stop. This is happening right now in Nigeria.

*(What happens now in Brazil for example is that the police is not prepared to contact with people. They have a military structure, so they act like they were in the 60s or 70s, and what they do now is not to give people security, but to search for black young men and kill them for no reason. The white people don't see this, because it doesn't happen in our neighborhoods. It's a terrible thing, they're killing our young.)*

It's happening in the United States. It happens in Canada.

For them, it's easier to kill the vulnerable.

You have a female president too, but she's not as liberal, she's not left wing... she's the wife of... Sorry, I'm getting confused with Argentina, but you have a female president to.

*(Yes, we have, Dilma.)* And you have a lot of events, the Olympics, and she needs to keep the country going. *(It's the system, we need to change it. She wants to change it.)* But this would take too much time.

4. What was your idea of Villa Grimaldi before this visitation? And now?

I didn't know very much. I knew that it was a torture site, but I didn't know that it had been a beautiful villa that Pinochet's regime took over. I have the guide, the Lonely Planet guide, it says in the front of book that Parque Por La Paz it is an important place, I came but I didn't know the history.

Now... to take this beautiful place and make it into a place of torture is hideous, but now they it comes back to beauty. It's a memory of a terrible time, but It's very beautiful, the trees and flowers, it's very sensitive.

I like the way they combine the old villa... they kept some of the sites... we can see all the three phases...

5. For you, what is a site of conscience?

I think it needs to involve nature. It helps a lot. Like the trees mark their cells. Somehow, the past become the present. That way you can remember. A site of conscience you can visit and go back many times to remind yourself. It's like a cemetery.

In a way, yes.

6. How would you describe the experience of your visit?

Very powerful but very sad. And tender, as well. The rose garden – it's very sensitive to have kept the garden that it was there, but to dedicate it to women who have been murdered here, so I think it has been done very sensitively.

7. Have you visited other sites of conscience, museums, memorials? Which ones?

Here, in Chile, Museo de la Memoria and Human Rights. Apartheid museum in South Africa... I made an appointment to visit the Jewish museum, in Berlin. In Canada, the native people have experienced torture... they aren't sites, they are more of memoirs... I used to live near an area of reservation for native people... but I can't think of any...

I lived in South Africa. I was born in 1945 and I left in 1969. So I was there after Mandela's Rivonia trials he was arrested. I was a student at university. So I protested, but like many countries in the world, if you protest you are in danger of being arrested or tortured, so I was not brave enough and we left. My ex-husband did his army training, because if you didn't do it you couldn't go back to South Africa... We went to London and then we went to Canada, where he did his Masters and I was pregnant, we had our children there.

8. What was your opinion on Human Rights before the visit? And now?

I've always been very socially conscious. .... But I have made a decision before coming that I need to become more active, As I'm now older and not working... I do volunteer. I work with women who are trauma survivors, who have been abused. I do a lot of work in that area, I used to be a member of Anistia International. I made a decision that I wanted again to get involved in human rights. Because the world is not changing. We need to fight.

9. Do you believe that the memorial Villa Grimaldi can transmit information as well as other classic means of communication as radio or newspaper?

Very definitely, on many levels. It's visual, physical. It's nature. It's very powerful. But I think they need to advertise it a little bit better.

10. How do you see the communication in this site of conscience?

Well I think the audio guide is very useful, I think it's very good. The placks, like Berlin, placks on the ground, that mark who has lived there. The visual is very good. The audio is beautiful. It's beautiful and sensitive. Fragments of memory, that's perfect. In Berlin it's the same, they put copper placks all around the street, in front of buildings. It's so important, because it means they were not forgotten.

## Entrevista 27

Nombre: Jaqueline Margas Torres

Edad: 55

Ocupación: Secretaria

Nacionalidad: chilena

País de residencia: Chile

1. Se tomó la visita ( ) individualmente ( x ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? ( ) Sí ( x ) No ( x ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 1h

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? Primera vez

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

La memoria que no ocurra el olvido y la paz. La pena que se siente. Uno quiere solidarizar con los ciudadanos chilenos, con lo que pasó en mi país. Es muy triste, pero este parque te da la esperanza de que nada es eterno todo se puede reparar.

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Inquietud de conocerlo.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

Mucho más triste, que mostraban instrumentos de tortura. Por eso no venía. Es diferente, súper diferente dentro de la pena que uno pueda sentir.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Pensar que se hizo mal se hizo daño pero se puede reparar.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Como de esperanza.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

No. Este es el primero. Es muy fuerte, es muy doloroso ver que a tus compatriotas, por pensar diferente tiene que sufrir vejaciones. Entonces eso es muy duro. Yo no consigo. También tengo hijos que piensan diferente y no por eso voy a dejar de amarlos. O de respetar. Es difícil ver lo que tú ves más películas por ejemplo, estas cosas de tortura.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

Es un derecho de las personas. Siempre he luchado por el derecho más básico, el de ser mujer y ser respetada y no violentada o el derecho que tienen los niños de jugar por ejemplo, esos derechos básicos han sido como muy fuerte en mi vida. Es un tema muy sensible para mí el derecho humano.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Sí.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

Esencial. Quedé maravillada con lo que el audio dice de por ejemplo los árboles. Porque uno lo puede mirar y ver árboles y no encontrar el sentido. Pero cuando uno va más allá le encuentra el sentido y lo encuentra maravilloso. El que los árboles sean fuertes y resistan no tener agua por ejemplo con la escasez de agua. Me gusta que las cosas tengan sentido. Este Parque tiene un sentido y me ha gustado el sentido que le han querido dar.

## Entrevista 28

Nombre: Pedro Isaac Salgado Linares

Edad: 56

Ocupación: Visitador médico

Nacionalidad: chilena

País de residencia: Chile

1. Se tomó la visita (  ) individualmente (  ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? (  ) Sí (  ) No (  ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 1h

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? Primera vez

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Crear conciencia. Yo viví entrando a la UTE. Ja tenía un juicio formado. Mi padre fue un sindicalista, estaba muy al tanto de lo que estaba ocurriendo en el país. Entonces creo que la finalidad es criar conciencia de que hay algo que efectivamente nunca más debe pasar. Lo que me llamó más la atención fue el muro de las columnas donde están los nombres de los que aquí desaparecieron.

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Darle un peso especial a las vacaciones y mi señora propuso visitar los lugares interesantes y dentro de eso, además porque siempre estuvimos ligados al acontecer político y nos interesa, este era un punto importante que nunca lo habíamos considerado.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

Me imaginaba un memorial un sitio de recuerdo y de respeto a los que aquí sufrieron, y que sufrimos todos en el fondo. Y No me lo imaginaba así. Yo pensé que efectivamente habían vestigios, ruinas. Me voy mucho más encantado que sea un parque de recuerdo y que da la esperanza de que la vida sigue.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Un sitio donde se pueda encontrar la verdad y testimonio.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Importante.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

Este es el primero.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

Es muy contradictorio porque cuando uno sabe las atrocidades que hicieron acá uno lo puede entender, lo puede defender. La sociedad que vivimos hoy día en que la historia se repite, nuevamente hay desigualdades, nuevamente hay situaciones en que por la seguridad personal hace que yo empiece a temer del otro, como ocurrió en el período de la dictadura porque el otro podía ser quien me delatara. Entonces, en la parte muy personal, no en lo colectivo, pienso como que estoy



pensando exclusivamente en lo que ocurre hoy día por ejemplo con la delincuencia. Que de repente, llevado por la ira puede hacer cosas que efectivamente traspasen los derechos humanos, porque muy delincuente será pero es un ser humano y al cual se le debe respetar y hoy día por las condiciones sociales muchas veces no está ocurriendo eso. El estar acá no me deja dudas de que en los derechos humanos, independiente de quien sea, piense lo que sea y haga lo que sea hay que respetarlo.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Sí. No sé si con el pasar del tiempo la historia vivida se haya ido aplacando un poco o que quede simplemente en el corazón y en la memoria de los que de alguna manera estuvimos con alguien cercano pero sí creo que puede transmitir y hay que hacerlo.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

Todo lo que aquí pude ver y escuchar me resultó muy doloroso. Triste poder corroborarlo. En lo que es impacto comunicacional, para mí altísimo.

## Entrevista 29

Nombre: María Lucia Villascencio

Edad: 55

Ocupación: Asistente Social - No trabajo.

Nacionalidad: chilena

País de residencia: Chile

1. Se tomó la visita (  ) individualmente (  ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? (  ) Sí (  ) No (  ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 30min

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? Segunda vez

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Que no se olvide lo que pasó aquí y al mismo tiempo un homenaje a todos los que sufrieron aquí. Bastante cuidado. Muy conmovedor la torre las casas corvi, las flores.

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Las dos veces he venido acompañando a una persona amiga.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

El horror, esta es la palabra. Hoy podríamos decir bonito. De todas maneras siento un peso aquí en la espalda, no puedo verlo emocionalmente libre.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Para mí es un lugar muy necesario que la gente conozca para que sepa lo que pasó. Especialmente la gente que no tuvo la experiencia, las generaciones posteriores, porque escuchan o leen algún documento sobre lo que pasó pero ver una cosa concreta es mucho más impactante.

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Una mezcla, me gusta lo que veo pero me da angustia pensar todos los horrores que vivieron la gente aquí, además gente de lo mejor que hubo aquí de nuestro pueblo. Son personas que hablaron o no hablaron, sufrieron mucho. Entonces si llegaron aquí es porque perseguían un ideal superior. Entonces eso los hace también mejores. Aunque llegaran a un momento que no pudieran aguantar y hablaron. También tienen mucho valor.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

El Museo de la Memoria en Quinta Normal y Londres 38. Estuve en Chipre, la parte ocupada por Turquía. Había un sitio de memoria donde mantenían un sitio de tortura tal como la habían dejado incluso en un lugar con sangre.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

Existe muy poco en el mundo. La gente cuando está en el poder se olvida.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Si se transforma también en un medio de comunicación, en la medida en que hacen actividades culturales, que convocan personas, que vienen y la gente aprende.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

En todo. Todo transmite e emocionalmente llega bastante. Es muy fuerte. Mucha gente que aparecen sus nombres y los conocía.

### Entrevista 30

Nombre: Marta Elena Quinteros Álamos

Edad: 60

Ocupación: Profesora Básica

Nacionalidad: chilena

País de residencia: Chile

1. Se tomó la visita (  ) individualmente (  ) o en un grupo?

Fue acompañado por los monitores? (  ) Sí (  ) No (  ) Audio guías

¿Cuánto tiempo duró la visita? 1h10

¿Cuántas veces, incluida ésta, han visitado Villa Grimaldi? 1

2. ¿En su opinión, cuál es el propósito de este memorial? ¿Lo que estuvo más notable para ti?

Enaltecer a todas las personas que fallecieron acá o fueron torturados. Y por otro lado mantener vivo estos lugares hacen con que la gente no olvide todo el desastre que pudo haber ocurrido y que fuimos causantes todos. Unos nos quedamos callados, otros no podíamos participar. Creo que es un llamado de atención para el mundo de que esto no puede volver a ocurrir. Las "casas corvi", el ver dimensiones donde metían hasta cinco personas.

3. ¿Cuál es la motivación de su visita?

Ninguna en particular y todas a la vez porque no soy partidaria de ningún partido, no soy política y siempre quise venir a conocer esto. Se había dado la oportunidad a través del colegio y no había podido venir. Creo que era un desafío que yo tenía venir a conocer.

4. ¿Cuál era tu idea de Villa Grimaldi antes de la visita? ¿Y ahora?

Ninguna. Había escuchado. No sabía nada a no ser que era un centro de detención. Ahora una sensación de sentimientos encontrados. Un lugar de Paz y por otro lado tratando de imaginar cómo habrá sido difícil la vida de las personas que estuvieron acá y sentir que ahora estamos en un lugar de paz pero por Dios que esconde un gran dolor, mucha decepción, mucha soledad y mucha impotencia.

5. ¿Para usted, qué es un sitio de conciencia?

Un lugar donde puedes encontrarte contigo misma. Cada persona es responsable

6. ¿Cómo describiría la experiencia de su visita?

Poca la interacción, me habría gustado con un guía. Hice con audio guía.

7. ¿Ha visitado otros sitios de conciencia, memoriales? ¿Cuáles?

No.

8. ¿Cómo ves los Derechos Humanos? ¿La visita fortaleció esta visión?

Yo creo que para la gente de mi edad siempre han estado presentes. Por lo menos en el ámbito que yo me muevo que es la educación. Por tanto es algo que estas motivando permanentemente. Pienso que se confunde mucho derecho con deber. Pensamos en los derechos y se olvidan los deberes y es ahí donde se hace elemental traer a los chicos a que vieran esto y que lo entendieran. Que no es un paseo, que es una situación donde se busca que recuerden a esas personas que estuvieron acá y crear unos derechos humanos donde no se valen, no sean vulnerados. Porque es muy fácil vulnerar un derecho cuando tú pasas a llevar, cuando sobrepasa tu libertad ya estás pasando a llevar el derecho de otro. A la gente de mi edad no es tan difícil eso, tenemos otra perspectiva de vida, otra mirada. Los jóvenes son tan individualistas. El individualismo no permite la entrada de los derechos humanos.

9. ¿Cree que el memorial Villa Grimaldi puede transmitir información, así como de otros medios de comunicación clásicos como la radio o un periódico?

Si, es un gran espacio.

10. ¿Cómo ve la comunicación en este sitio de conciencia?

Encuentro que la comunicación es bastante mala. Yo que estoy dentro del ámbito de la educación, recién vengo no hay una mayor motivación. Los profesores también deberían conocer no debería ser solamente para los chicos que se están integrando recién a la vida. La consciencia de ellos en cuanto a derechos humanos no está enraizada. Es indispensable que los profesores se enteran para pasarle a sus alumnos, principalmente los de historia, para que puedan responder las dudas de sus alumnos que hacen preguntas increíbles. Los chicos tienen que aprender que los derechos no solo están en un lugar físico sino que están toda la vida. Y eso es lo que se debe lograr con estas venidas acá.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – Villa Grimaldi na Comisión Valech

## d) Recinto DINA, Villa Grimaldi

Estaba ubicado en la calle José Arrieta a la altura de 8200, comuna de Peñalolén. Allí había funcionado un restaurante. A fines de 1974 la propiedad fue expropiada por Resolución Exenta N° 3.575 de la Corporación de Mejoramiento Urbano. Funcionó como el cuartel general de la Brigada de Inteligencia Metropolitana (BIM). Este recinto fue utilizado hasta 1977 por la DINA. Posteriormente lo utilizó la CNI. El mayor número de detenidos se registró en el año 1975. En la propiedad había varias edificaciones, a las que llevaban a los prisioneros. Además de la casa, había tres conjuntos: las *casas Corvi*, las *casas Chile* y la *torre*. Las *casas Corvi*, en alusión a las casas edificadas por la Corporación de la Vivienda, eran habitaciones de ochenta por ochenta centímetros, donde se mantenía durante un tiempo a los detenidos con el propósito de "ablandarlos". La sala de interrogatorios estaba cerca de esos cubículos. A las *casas Chile* llevaban a los detenidos después de la tortura, tenían dos por un metro y cada una de las cuales alojaba a cinco personas. La *torre* tenía unos seis metros de altura y fue acondicionada con nichos cuyas puertas medían aproximadamente sesenta centímetros. De acuerdo a los testimonios, en ella encerraban en aislamiento absoluto a los prisioneros que se negaban a colaborar.

Los testimonios recibidos permitieron establecer que hombres y mujeres eran ingresados en este recinto inmediatamente después de su detención o bien provenían desde otros recintos de la DINA de Santiago o habían sido interrogados en regiones por la DINA en algún regimiento. Durante los primeros tres días, y a veces por más tiempo, los detenidos no recibían alimentos, y la que les daban, era una alimentación deficiente. Tampoco existían condiciones higiénicas mínimas para el aseo personal: debían acudir al servicio higiénico a horas fijas.

Quienes estuvieron en este lugar señalan que estuvieron siempre vendados y sometidos a interrogatorios y torturas, durante toda su permanencia. Sufrieron golpes de pies y puños, como también con objetos contundentes; aplicación de electricidad, en ocasiones utilizando la *parrilla*. Algunos describieron una variante de este método. Se utilizaba un camarote metálico, en el cual se colocaba en cada catre a dos detenidos, parientes o amigos, se procedía a martirizar a uno de ellos, mientras se interrogaba al otro. Fueron obligados a escuchar y presenciar las torturas de otros detenidos; sufrieron colgamientos; fueron incomunicados por largo tiempo en espacios extremadamente reducidos (cajones o closet); sufrieron quemaduras con cigarrillos, simulacro de fusilamiento, *pau de arara*, el *submarino* seco y el mojado, aplicación de drogas, ya sea por intermedio de inyecciones o pastillas, padecieron vejaciones y violación sexual, en ocasiones con animales; extracción de las uñas, el *teléfono*, amenazas y manipulación psicológica, fueron obligados a permanecer de pie por largo tiempo, a veces durante toda la noche. Mujeres que estuvieron embarazadas durante su detención declararon ante la Comisión, que fueron conducidas a este recinto y sometidas al mismo trato que el resto de los prisioneros sin consideración alguna por su condición, más bien las hicieron objeto de vejaciones sexuales y en algunos casos de violaciones. También los declarantes coincidieron en denunciar la presencia de menores de corta edad, que fueron llevados para presionar a sus padres mientras eran interrogados y torturados. De los recintos de la DINA, éste es el que concentró el mayor número de detenidos (COMISIÓN VALECH, [2010], p. 531-532).

## ANEXO B – Villa Grimaldi na Comisión Rettig

### Villa Grimaldi

Ubicada en Santiago, en Av. José Arrieta a la altura del 8.200, comuna de La Reina, Villa Grimaldi fue el recinto secreto de detención y tortura más importante de la DINA. El local, conocido por los agentes de la DINA como Cuartel Terranova, ya estaba en funcionamiento en 1974, como sede de la Brigada de Inteligencia Metropolitana (BIM).

Progresivamente se fueron trasladando al local más unidades. Villa Grimaldi tiene un extenso terreno, y sus edificaciones, actualmente demolidas, se fueron ampliando para acomodar las distintas funciones que se le agregaban. Aparentemente, los primeros detenidos llegaron ya a mediados de 1974, aunque un flujo más regular no se produjo hasta fines de 1974. Hacia el verano de 1975, Villa Grimaldi pasó a convertirse en el centro de operaciones de la BIM, que ejercía la función de represión interna en Santiago. En Villa Grimaldi tenían su cuartel los equipos operativos; allí se llevaba a los prisioneros para sus primeros interrogatorios después de la detención y se mantenían lugares y artefactos especialmente dispuestos para las distintas formas de tortura; allí, también, se mantenía a los prisioneros a quienes ya no se torturaba, a veces por largos períodos, a la espera de posibles nuevos interrogatorios o de la decisión sobre su suerte futura. ©

A medida que el número de detenidos fue aumentando se fueron habilitando lugares para su permanencia, los que aparentemente se encontraban diferenciados según la calidad en que se encontraba el detenido y los efectos que se esperaba producir en él. En una visita de la Comisión a este recinto, aunque las principales edificaciones estaban demolidas, por la distribución de cimientos y ruinas se pudo confirmar la descripción que sigue.

Los lugares más característicos donde permanecían los detenidos dentro de Villa Grimaldi eran:

**"La Torre"**. Efectivamente se trataba de una construcción como torre, que sustentaba un depósito de agua. En su interior se construyeron unos diez estrechos espacios para la mantención de reclusos, de unos 70 x 70 centímetros y unos dos metros de alto, con una puerta pequeña en la parte baja por la que era necesario entrar de rodillas. En esa torre también había una sala de torturas. En cada una de estas celdas se mantenía a una o dos personas en un régimen de encierro permanente. En el caso de haber dos detenidos en una celda debían acomodarse de modos muy forzados para permanecer en el lugar y especialmente para dormir. Aparentemente las personas llevadas a La Torre eran detenidos de cierta relevancia que habían terminado su etapa de interrogatorios intensos. A muchos de los detenidos que permanecieron en "La Torre" no se los volvió a ver.

Por ejemplo, Ariel Mancilla, uno de los principales dirigentes socialistas desapareció, así como muchos otros, luego de ser llevado, torturado, a La Torre.

Las **"Casas Chile"**. Estas eran unas construcciones de madera destinadas al aislamiento individual de detenidos, que consistían en secciones verticales similares a closets donde el detenido debía permanecer de pie, a oscuras, durante varios días.

Las **"Casas Corvi"**. Eran pequeñas piezas de madera construidas en el interior de una pieza mayor. Dentro de cada una de ellas se ubicaba un camarote de dos pisos. Aparentemente era el lugar donde permanecían los detenidos que estaban siendo sometidos al régimen más intenso de interrogatorios y torturas.

Durante su permanencia en Villa Grimaldi los detenidos en general no tenían la posibilidad de asearse ni cambiarse de ropa, debían acudir al baño a horas fijas, sin excepciones, la

comida era muy mala y absolutamente insuficiente, todo lo cual, además de las torturas, producía deterioros notables en la salud de los detenidos.

Dentro de la Villa Grimaldi había habitaciones especialmente dispuestas para la tortura. Unos agentes aplicaban los distintos métodos de torturas y otros, generalmente oficiales, conducían los interrogatorios, aunque estos últimos también a veces manipulaban personalmente los instrumentos de tortura. En algunas ocasiones, durante los interrogatorios, con o sin tortura, un funcionario tomaba notas en una máquina de escribir.

La forma más habitual de tortura era la "parrilla", que consiste en un catre de metal sobre el que se amarra desnudo al detenido para proceder a aplicarle descargas de corriente eléctrica sobre distintas partes del cuerpo, especialmente aquellas más sensibles como los labios o los genitales, y aun sobre heridas o prótesis metálicas. Una modalidad particularmente cruel de este método consistía en la utilización de un camarote metálico de dos pisos; se colocaba al interrogado en el de abajo y en el de arriba se torturaba a un pariente o amigo suyo, como modo de presionarlo aún más.

Otro método de tortura muy empleado era el de los colgamientos. La víctima era colgada de una barra, ya sea por las muñecas o por las muñecas y las rodillas. En ambos casos, al dolor producido por el peso del cuerpo colgado por largo tiempo, se sumaba la aplicación de corriente eléctrica, de golpes, heridas cortantes y vejámenes. ©

También se aplicó frecuentemente en Villa Grimaldi el método de hundimiento de la cabeza de la persona en un recipiente con agua, generalmente sucia, o con otro líquido, manteniéndosele hundida hasta un punto cercano a la asfixia. Similar efecto se conseguía mediante el llamado "submarino seco", que consistía en la colocación de una bolsa plástica en la cabeza de la persona de modo de no permitirle la entrada del aire, también hasta un punto cercano a la asfixia.

Además de los métodos descritos era habitual la tortura y los malos tratos por medio de golpes de todo tipo, desde los muy violentos, con consecuencia de graves lesiones, hasta los múltiples golpes imprevistos dados a una persona con la vista vendada.

En Villa Grimaldi se emplearon drogas destinadas a obtener declaraciones. Durante un cierto tiempo se intentó hipnotizar a los detenidos, pero este método no parece haber dado resultados.

Además de las torturas descritas, que eran de aplicación general, algunos agentes emplearon en ocasiones otros métodos. Existen testimonios concordantes de que en una ocasión, en el caso de la familia Gallardo, narrado más adelante, se arrojó agua u otro líquido hirviendo a varios detenidos como un modo de castigarlos, y en anticipación a la muerte que luego les causaron. Se trataba de una represalia por la participación directa que uno de ellos tuvo en un acto de terrorismo: un ataque armado sobre seguro que costó la vida a un uniformado.

Villa Grimaldi mantenía una actividad permanente, prácticamente sin interrupciones. Los equipos operativos entraban y salían del lugar las veinticuatro horas del día, se traía a detenidos en cualquier momento y se torturaba a toda hora.

Al interior de Villa Grimaldi se daba un ambiente de degradación generalizada. Además de las torturas durante los interrogatorios, tanto los oficiales como los demás agentes operativos y algunos guardias permanentemente golpeaban y vejaban a los detenidos.

En su carácter de cuartel general de la BIM, Villa Grimaldi también albergó a un equipo de agentes que cumplía diversas labores de apoyo administrativo y logístico.

Fonte: Comisión Rettig (1996, p. 735).

## ANEXO C – Declaração Universal dos Direitos Humanos

CONSIDERANDO que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo,

CONSIDERANDO que o desprezo e o desrespeito pelos direitos do homem resultaram em atos bárbaros que ultrajaram a consciência da Humanidade, e que o advento de um mundo em que os homens gozem de liberdade de palavra, de crença e da liberdade de viverem a salvo do temor e da necessidade,

CONSIDERANDO ser essencial que os direitos do homem sejam protegidos pelo império da lei, para que o homem não seja compelido, como último recurso, à rebelião contra a tirania e a opressão,

CONSIDERANDO ser essencial promover o desenvolvimento de relações amistosas entre as nações,

CONSIDERANDO que os povos das Nações Unidas reafirmaram, na Carta, sua fé nos direitos do homem e da mulher, e que decidiram promover o progresso social e melhores condições de vida em uma liberdade mais ampla,

CONSIDERANDO que os Estados Membros se comprometeram a promover, em cooperação com as Nações Unidas, o respeito universal aos direitos e liberdades fundamentais do homem e a observância desses direitos e liberdades,

CONSIDERANDO que uma compreensão comum desses direitos e liberdades é da mais alta importância para o pleno cumprimento desse compromisso,

A Assembleia Geral das Nações Unidas proclama a presente "Declaração Universal dos Direitos do Homem" como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade, tendo sempre em mente esta Declaração, se esforce, através do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universais e efetivos, tanto entre os povos dos próprios Estados Membros, quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição.

### **Artigo 1**

Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

### **Artigo 2**

I) Todo o homem tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

II) Não será também feita nenhuma distinção fundada na condição política, jurídica ou internacional do país ou território a que pertença uma pessoa, quer se trate de um território independente, sob tutela, sem governo próprio, quer sujeito a qualquer outra limitação de soberania.

### **Artigo 3**

Todo o homem tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.



**Artigo 4**

Ninguém será mantido em escravidão ou servidão; a escravidão e o tráfico de escravos estão proibidos em todas as suas formas.

**Artigo 5**

Ninguém será submetido a tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

**Artigo 6**

Todo homem tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa perante a lei.

**Artigo 7**

Todos são iguais perante a lei e tem direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos tem direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação.

**Artigo 8**

Todo o homem tem direito a receber dos tribunais nacionais competentes remédio efetivo para os atos que violem os direitos fundamentais que lhe sejam reconhecidos pela constituição ou pela lei.

**Artigo 9**

Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado.

**Artigo 10**

Todo o homem tem direito, em plena igualdade, a uma justa e pública audiência por parte de um tribunal independente e imparcial, para decidir de seus direitos e deveres ou do fundamento de qualquer acusação criminal contra ele.

**Artigo 11**

I) Todo o homem acusado de um ato delituoso tem o direito de ser presumido inocente até que a sua culpabilidade tenha sido provada de acordo com a lei, em julgamento público no qual lhe tenham sido asseguradas todas as garantias necessárias a sua defesa.

II) Ninguém poderá ser culpado por qualquer ação ou omissão que, no momento, não constituíam delito perante o direito nacional ou internacional. Também não será imposta pena mais forte do que aquela que, no momento da prática, era aplicável ao ato delituoso.

**Artigo 12**

Ninguém será sujeito a interferências na sua vida privada, na sua família, no seu lar ou na sua correspondência, nem a ataques a sua honra e reputação. Todo o homem tem direito à proteção da lei contra tais interferências ou ataques.

**Artigo 13**

I) Todo homem tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado.

II) Todo o homem tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar.

**Artigo 14**

I) Todo o homem, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países.

II) Este direito não pode ser invocado em casos de perseguição legitimamente motivada por crimes de direito comum ou por atos contrários aos objetivos e princípios das Nações Unidas.

**Artigo 15**

- I) Todo homem tem direito a uma nacionalidade.
- II) Ninguém será arbitrariamente privado de sua nacionalidade, nem do direito de mudar de nacionalidade.

**Artigo 16**

- I) Os homens e mulheres de maior idade, sem qualquer restrição de raça, nacionalidade ou religião, tem o direito de contrair matrimônio e fundar uma família. Gozam de iguais direitos em relação ao casamento, sua duração e sua dissolução.
- II) O casamento não será válido senão com o livre e pleno consentimento dos nubentes.
- III) A família é o núcleo natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção da sociedade e do Estado.

**Artigo 17**

- I) Todo o homem tem direito à propriedade, só ou em sociedade com outros.
- II) Ninguém será arbitrariamente privado de sua propriedade.

**Artigo 18**

Todo o homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.

**Artigo 19**

Todo o homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios, independentemente de fronteiras.

**Artigo 20**

- I) Todo o homem tem direito à liberdade de reunião e associação pacíficas.
- II) Ninguém pode ser obrigado a fazer parte de uma associação.

**Artigo 21**

- I) Todo o homem tem o direito de tomar parte no governo de seu país diretamente ou por intermédio de representantes livremente escolhidos.
- II) Todo o homem tem igual direito de acesso ao serviço público do seu país.
- III) A vontade do povo será a base da autoridade do governo; esta vontade será expressa em eleições periódicas e legítimas, por sufrágio universal, por voto secreto ou processo equivalente que assegure a liberdade de voto.

**Artigo 22**

Todo o homem, como membro da sociedade, tem direito à segurança social e à realização, pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada Estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento de sua personalidade.

**Artigo 23**

- I) Todo o homem tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego.
- II) Todo o homem, sem qualquer distinção, tem direito a igual remuneração por igual trabalho.
- III) Todo o homem que trabalha tem direito a uma remuneração justa e satisfatória, que lhe assegure, assim como a sua família, uma existência compatível com a dignidade humana, e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social.

IV) Todo o homem tem direito a organizar sindicatos e a neles ingressar para proteção de seus interesses.

#### **Artigo 24**

Todo o homem tem direito a repouso e lazer, inclusive a limitação razoável das horas de trabalho e a férias remuneradas periódicas.

#### **Artigo 25**

I) Todo o homem tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda de meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle.

II) A maternidade e a infância tem direito a cuidados e assistência especiais. Todas as crianças, nascidas dentro ou fora do matrimônio, gozarão da mesma proteção social.

#### **Artigo 26**

I) Todo o homem tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnica profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.

II) A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.

III) Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada a seus filhos.

#### **Artigo 27**

I) Todo o homem tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do progresso científico e de fruir de seus benefícios.

II) Todo o homem tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autor.

#### **Artigo 28**

Todo o homem tem direito a uma ordem social e internacional em que os direitos e liberdades estabelecidos na presente Declaração possam ser plenamente realizados.

#### **Artigo 29**

I) Todo o homem tem deveres para com a comunidade, na qual o livre e pleno desenvolvimento de sua personalidade é possível.

II) No exercício de seus direitos e liberdades, todo o homem estará sujeito apenas às limitações determinadas pela lei, exclusivamente com o fim de assegurar o devido reconhecimento e respeito dos direitos e liberdades de outrem e de satisfazer as justas exigências da moral, da ordem pública e do bem-estar de uma sociedade democrática.

III) Esses direitos e liberdades não podem, em hipótese alguma, ser exercidos contrariamente aos objetivos e princípios das Nações Unidas.

#### **Artigo 30**

Nenhuma disposição da presente Declaração pode ser interpretada como o reconhecimento a qualquer Estado, grupo ou pessoa, do direito de exercer qualquer atividade ou praticar qualquer ato destinado à destruição de quaisquer direitos e liberdades aqui estabelecidos.